UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS

MARIA RITA DRUMOND VIANA

**“Não se pode lutar uma batalha com sussurros”: a prática epistolar de W. B.
Yeats e sua correspondência para periódicos no século XIX**

São Paulo
2015

MARIA RITA DRUMOND VIANA

“Não se pode lutar uma batalha com sussurros”: a prática epistolar de W. B. Yeats e sua correspondência para periódicos no século XIX

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de doutora em Letras.

Área de concentração: Literatura

Orientadora: Profa. Dra. Munira H. Mutran

São Paulo
2015

À minha Vó Darci, que era meu norte e que muito queria me ver doutora.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que apoiou o presente estudo com as bolsas, no país, processo n. 2010/19308-7 (DR) e em Oxford, processo n. 2013/09980-8 (BEPE).

Aos professores e colegas que tive na USP. À orientadora, Profa. Munira Mutran, grande pioneira, pelas oportunidades tão valiosas. À Profa. Laura Izarra, que tanto me estimulou a participar das mais diversas atividades, sempre disposta a ajudar. Aos professores visitantes, particularmente ao Prof. Lance Pettitt, cuja empolgação contagiosa e tutela foram essenciais em todos os estágios do doutorado. Também ao Prof. Shaun Richards: é um privilégio poder contar com seu olhar crítico no Brasil e sua companhia na Inglaterra. Ao apoio da Dra. Beatriz Kopschitz Bastos, madrinha de tantos de nós, generosa parceira. Ao Prof. Marcos de Moraes, por me mostrar os caminhos das cartas no Brasil e pela leitura, tão atenta e construtiva, do meu relatório de qualificação: suas sugestões e indicações de leitura me clarearam o caminho. Às colegas, “muniretes” e “lauretes”, companheiras dessa jornada, especialmente Mariana Bolfarine e Alessandra Rigonato, minhas grandes companheiras de outras viagens e presentes em momentos decisivos do percurso acadêmico: Mari, obrigada por me fazer sentir tão bem-vinda à USP em meu primeiro congresso em Curitiba e depois; Alê, minha coleguinha, sua visita me encheu de ânimo para escrever a tese na Inglaterra. Os relacionamentos que contruímos no Grupo de Estudos Irlandeses e na Cátedra de Estudos Irlandeses são o maior tesouro da USP.

To the amazing people I met at the University of Oxford. Most of all Prof. Roy Foster, whose invaluable advice was only matched by the warmth with which he received me. Every meeting filled me with enthusiasm and motivation and made me believe that the work I was doing was worth the effort. Prof. Foster’s support went beyond the confines of his office and included invitations to many Irish History events, where I both talked shop and made friends, and had the privilege of meeting Prof. John Kelly, as well as fellow students Ciska Neyts and Cecilia Biaggi. Prof. Dame Hermione Lee for accepting me as a Visiting Doctoral Student at Wolfson College and at the Oxford Centre for Life Writing. Dr. Rachel Hewitt, whose indefatigable work at the OCLW put me in contact with influential scholars and writers as well as amazing studies being done in the area of these “documents of the self”.

Also my dear friends, Chico, meu quase-irmãozinho; Liam, my deputy-researcher and permanent source of knowledge of all things Oxford; and my colleagues in life-writing and partners in culinary crimes, Natasja, Rachel and Christina.

Aos professores e amigos da UFMG, minha *alma mater*, que me deram fortes alicerces e a coragem de prosseguir. O Prof. Julio Jeha, que é ambos: professor e amigo querido, sempre generoso com seu tempo e conhecimento – desde que devidamente cafeinado. Profa. Sandra Almeida, exemplo de pesquisadora corajosa e administradora proativa.

À minha família. Primeiramente, minha querida mãe, que entre abraços e puxões de orelha me ajudou a conseguir o equilíbrio de que eu tanto precisava, mesmo tendo, ela mesma, de lidar com a perda e o luto. Ao meu pai, que acompanhou a jornada de perto e me amparou; além de ter me dado um irmãozinho tão especial quanto o Dudu, companheiro de viagens literais e metafóricas. Ao Ricardo, que aguentou me escutar, me apoiou durante as ausências e acreditou em mim até quando eu duvidava. Sua paciência e seu amor foram essenciais para o meu sucesso.

I was very well content when I read an unmeasured attack in the *Independent and Nation* on the Irish National Theatre. There had, as yet, been no performance, but the attack was confident, and it was evident that the writer's ears were full of rumours and whisperings. [...] The more open they are better. **One cannot fight a battle in whispers.**

Fiquei bem contente quando li o ataque desmedido que o *Independent and Nation* fez ao Teatro Nacional Irlandês. Não havia sequer ocorrido a estreia, mas o ataque tinha firmeza, e ficou evidente que as orelhas do escritor estavam cheias de rumores e sussurros. [...] Quanto mais abertos forem os ataques, melhor. **Não se pode lutar uma batalha com sussurros.**

(W. B. Yeats em carta ao jornal *United Irishman*, em 17 de outubro de 1903)

VIANA, Maria Rita Drumond. “**Não se pode lutar uma batalha com sussurros**”: a prática epistolar de W. B. Yeats e sua correspondência para periódicos no século XIX. 2015. 323 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

RESUMO

Uma das mais influentes figuras da literatura irlandesa, o escritor W. B. Yeats conta com uma vasta obra em diversos gêneros (poesia, prosa ficcional, ensaios, teatro, autobiografias) e que se estende por uma longa carreira, do final dos anos 1880 até sua morte, em 1939. Durante todos esses anos de intensa atividade, Yeats acumulou uma profícua correspondência, da qual quase oito mil cartas sobrevivem. Parte de um esforço de décadas, vêm sendo publicados volumes das *Collected Letters of W. B. Yeats*, um projeto de edição crítica completa da correspondência ativa do autor sob edição-geral de John Kelly para a Oxford University Press. Partindo de uma análise do histórico de publicação das cartas do escritor até o presente momento da edição de John Kelly, esta tese contextualiza as diferentes formas como o rico material das cartas foi utilizado pela crítica do autor e propõe uma exploração das epístolas que Yeats envia a periódicos de língua inglesa para publicação nas seções de “Cartas ao Editor”, ao final do século XIX. O recorte proposto e a abordagem adotada baseiam-se em um entendimento da correspondência de escritores como um campo de estudo distinto, regido por preocupações que remetem a características específicas do “gênero carta”. Ancorando-se em diversos outros estudos sobre a escrita epistolar, sejam eles de cunho mais teórico (como DIAZ, 2002), sejam aplicados a escritores específicos (como STANLEY, 2011), a presente pesquisa explora a correspondência aberta do jovem Yeats para ressaltar os usos políticos que ele faz desse tipo de texto. Considerando-se diferentes temas e controvérsias nas quais ele se envolve, parte-se de uma contextualização do conteúdo referencial das cartas para uma análise das formas como o escritor busca engajar-se com o leitor com o intuito de convencê-lo. O estudo revelou que o período escolhido é rico em material sobre a relação entre a literatura e a construção da identidade – seja a identidade pessoal e artística do próprio poeta, que busca definir-se em relação à tradição, seja a identidade de toda uma literatura nacional. Para o poeta, definir o cânone nacional irlandês era uma condição essencial para a independência política, uma antiga reivindicação de parcelas do povo irlandês e que volta a ter grande relevância com os movimentos nacionalistas dos séculos XIX e XX. A análise das estratégias utilizadas por Yeats nas cartas abertas revela uma crescente sofisticação de técnicas e no uso das potencialidades dialógicas e performativas da escrita epistolar e demonstra, concomitantemente, seu amadurecimento como escritor.

Palavras-chave: Cartas, Correspondências de escritores, Escrita Epistolar, W. B. Yeats, Periódicos no século XIX.

VIANA, Maria Rita Drumond. **“One cannot fight a battle in whispers”**: Yeats’s epistolary practice and the public letters sent to periodicals in the 19th Century. 2015. 323 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ABSTRACT

One of the most influential figures in Irish literature, the writer W. B. Yeats has produced a vast oeuvre spanning many genres (poetry, prose fiction, essays, theater, autobiographies) and extending over a long career, from the late 1880s until his death in 1939. During all these years of intense activity, Yeats accumulated a fruitful correspondence, of which nearly eight thousand letters survive. Part of an effort of decades that have been published as *The Collected Letters of W. B. Yeats*, an ongoing critical edition of the author’s correspondence under the general editorship of John Kelly for the Oxford University Press. From an analysis of the history of publication of the writer’s correspondence until John Kelly’s edition, this thesis contextualizes the different ways in which this rich material has been used by Yeats criticism and proposes an exploration of the letters Yeats sends to periodicals for publication in the “Letters to the Editor” section during the end of the nineteenth century. The proposed focus and approach are based on an understanding of the writers’ correspondence as a distinct field of study, governed by concerns that refer back to the specific characteristics of the “letter genre”. Anchored by several other studies on epistolary writing, both from a more theoretical nature (as DIAZ, 2002) or applied to specific writers (as STANLEY, 2011), this research explores the open correspondence of the young Yeats to highlight the political uses of this kind of text. Considering different issues and controversies in which he engages, the study includes a contextualization of the content of the letters and an analysis of the ways in which the writer seeks to engage with readers in order to convince them. The research found that the chosen period is rich in material dealing with the relationship between literature and the construction of identity – be it the personal and artistic identity of the poet, who tries to define himself in relation to tradition, or the identity of a national literature. For the poet, defining Irish national canon was an essential condition for political independence – a centuries-long aspiration of the Irish people that once again achieves great relevance among the nationalist movements in the nineteenth and twentieth century. The analysis of the strategies used by Yeats in open letters reveals a growing sophistication in terms of the techniques and his use of the dialogical and performative potentials of the epistolary writing, concomitantly revealing how he matures as a writer.

Keywords: Collected Letters, Writers’ Correspondences, Epistolary Writing, W. B. Yeats, 19th Century Periodicals

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Observação: citações das cartas de Yeats preservam sua grafia original, e eventuais erros, salvo engano de transcrição, são característicos das práticas editoriais.

CL1, 2, 3, 4	<i>The collected letters of W. B. Yeats: Volume I</i> , 1865-1895, ed. John Kelly and Eric Domville; <i>Volume II</i> , 1896-1900, ed. Warwick Gould, John Kelly, Deirdre Toomey; <i>Volume III</i> , 1901-1904, and <i>Volume IV</i> , 1905-1907, ed. John Kelly and Ronald Schuchard, Clarendon Press, 1986, 1997, 1994, 2005.
CL IntelLex	<i>The collected letters of W. B. Yeats</i> , gen. ed. John Kelly, IntelLex electronic edition, 2002.
CW3	<i>The collected works of W. B. Yeats: Volume III, autobiographies</i> , ed. William H. O'Donnell and Douglas N. Archibald, Scribner, 1999.
CW4	<i>The collected works of W. B. Yeats: Volume IV, early essays</i> , ed. Richard J. Finneran and George Bornstein, Scribner, 2007.
CW5	<i>The collected works of W. B. Yeats: Volume V, later essays</i> , ed. William H. O'Donnell, Charles Scribner's Sons, 1994
CW6	<i>The collected works of W. B. Yeats: Volume VI, prefaces and introductions</i> , ed. William H. O'Donnell, Macmillan, 1989.
CW7	<i>The collected works of W. B. Yeats: Volume VII, letters to the new island</i> , ed. George Bornstein and Hugh Witemeyer, Macmillan, 1989.
CW8	<i>The collected works of W. B. Yeats: Volume VIII, The Irish dramatic movement</i> , ed. Mary FitzGerald and Richard J. Finneran, Scribner, 2003.
CW9	<i>The collected works of W. B. Yeats: Volume IX, early articles and reviews</i> , ed. John P. Frayne and Madeleine Marchaterre, Scribner, 2004.
CW12	<i>The collected works of W. B. Yeats: Volume XII, 'John Sherman' and 'Dhoya'</i> , ed. Richard J. Finneran, Macmillan, 1991.
CW13	<i>The collected works of W. B. Yeats: Volume XIII, a vision, the original 1925 version</i> , ed. Catherine E. Paul and Margaret Mills Harper, Scribner, 2008.
Ex	<i>Explorations</i> , sel. Mrs W. B. Yeats, London: Macmillan, 1962; New York: Macmillan, 1963.
L	<i>The letters of W. B. Yeats</i> , ed. Allan Wade, London: Rupert Hart-Davis, 1954; New York: Macmillan, 1955.
RFF1	<i>W. B. Yeats: A life, I: The apprentice mage</i> , by R. F. Foster, Oxford University Press, 1997.
RFF2	<i>W. B. Yeats: A life, II: the arch-poet</i> , by R. F.

	Foster, Oxford University Press, 2003.
<i>UP1</i>	<i>Uncollected prose by W. B. Yeats</i> , Vol. I, ed. John P. Frayne, London: Macmillan; New York: Columbia University Press, 1970.
<i>UP2</i>	<i>Uncollected prose by W. B. Yeats</i> , Vol. 2, ed. John P. Frayne and Colton Johnson, London: Macmillan, 1975; New York: Columbia University Press, 1976.
<i>VP</i>	<i>The variorum edition of the poems of W. B. Yeats</i> , ed. Peter Allt and Russell K. Alspach, rev. 3 rd printing, Macmillan, 1966.
<i>VPI</i>	<i>The variorum edition of the plays of W. B. Yeats</i> , ed. Russell K. Alspach, Macmillan, 1966.
<i>Wade</i>	Allan Wade, <i>A bibliography of the writings of W. B. Yeats</i> , third edn, rev. and ed. Russell K. Alspach, Rupert Hart-Davis, 1968.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1: Um histórico da publicação da correspondência de Yeats: tipos de edição, suas características e escolhas editoriais	39
Correspondência passiva	43
Correspondência cruzada	47
Correspondência ativa	57
<i>The collected letters of W. B. Yeats: o projeto para a correspondance générale</i> do autor	65
CAPÍTULO 2: A fortuna crítica e as cartas de Yeats	70
Biografias	71
Biografias críticas	80
Estudos de crítica literária	84
CAPÍTULO 3: Processo criativo, fontes e (auto)definição	95
CAPÍTULO 4: O papel das sociedades literárias	119
CAPÍTULO 5: A revitalização da Biblioteca da Irlanda ou a Nova Biblioteca Irlandesa	140
CAPÍTULO 6: Formação de cânones literários	168
CAPÍTULO 7: O ataque a Dowden e a lista dos 30 melhores livros irlandeses	204
CONCLUSÃO	242
BIBLIOGRAFIA	259
APÊNDICE A: Cartas Traduzidas	280

INTRODUÇÃO

O escritor W. B. Yeats é uma das mais importantes figuras da cultura irlandesa e exerce imensa influência no campo das artes, tanto como criador individual quanto como fundador ou membro ativo de instituições e empreitadas que fomentaram a produção de outros artistas. Além de toda a sua obra particular (em poemas, peças, contos, ensaios e autobiografias), Yeats também teve papel crucial na promoção das artes como idealizador e criador do Teatro Nacional irlandês e em áreas como a pintura (por seu apoio à criação da Galeria Municipal de Dublin) e a música (em sua turnê com a atriz Florence Farr, que tocava um singular instrumento de cordas inspirado no saltério). Sua importância na política cultural irlandesa pode ser vista como uma das razões pelas quais, em 1922, o escritor foi convidado para servir como senador no recém-criado Estado Livre Irlandês.

Seu reconhecimento, no entanto, vai além das fronteiras da Irlanda ou mesmo do Império Britânico. Ganhador do Prêmio Nobel de 1923, Yeats é tido como um dos maiores poetas da língua inglesa, sendo sua originalidade e seu uso da forma lírica amplamente reconhecidos. Nascido nos arredores de Dublin em 1865, o escritor pôde, até a sua morte, em janeiro de 1939, criar obra extensa e de grande complexidade. Em sua longa carreira, Yeats vivenciou mudanças significativas tanto no cenário literário quanto no político; testemunhou não só o fim do Romantismo e o início do Modernismo, mas também a Grande Guerra na Europa e a Guerra de Independência da Irlanda.

Em seu discurso de aceitação do Prêmio Nobel, Yeats busca chamar a atenção para outros aspectos além de sua contribuição como poeta – certamente a principal fonte de seu reconhecimento –, enfatizando seus esforços como dramaturgo e seu papel na constituição da empreitada do que hoje é conhecido como o Abbey Theatre, um dos primeiros teatros subsidiados por um governo nacional do mundo. O projeto do Abbey ia além do entretenimento que proporcionaria, o que é evidenciado pelo apoio governamental: ele teria uma função crucial na formação da história cultural da Irlanda. Ao usar o discurso do Prêmio Nobel como plataforma política para a difusão de seu movimento em prol da identidade da história cultural da Irlanda, Yeats se torna seu porta-voz, um artista como pessoa pública.

A compreensão de toda uma produção cultural a partir da fusão do artista com sua vida pública e sua vida privada é, em Yeats, uma prática bastante frutífera – alguns diriam até essencial. T. S. Eliot, em uma famosa fala, disse que Yeats era “um dos poucos poetas cuja história é a história de seu próprio tempo, que são parte da consciência de uma época, que não pode ser compreendida sem eles próprios”¹ (ELIOT, 1920, p. 347). Essa relação não somente de continuidade entre “vida” e “obra”, mas também através dos gêneros é uma marca histórica dos estudos sobre Yeats. O trânsito livre entre poemas, peças, ensaios críticos, textos autobiográficos, palestras e também a correspondência é atributo do que o eminente crítico Declan Kiberd caracteriza como “a fase heroica” da crítica yeatsiana, em que se usavam

artigos e ensaios de Yeats de uma forma que os estudiosos de Eliot jamais poderiam empregar os seus – como contíguos aos textos criativos. Embora pareça tautológico colocar dessa forma, as melhores e mais profundas leituras são sempre as yeatsianas”² (KIBERD, 2006, p. 126).

Kiberd também comenta a reação de seu colega Seamus Deane ao reclamar do fato de que, para ser um crítico de Yeats de maior importância, seria indispensável aceitar absolutamente tudo nos termos do próprio Yeats, ressaltando a necessidade dessa “intimidade absoluta e incondicional”³ (KIBERD, 2006, p. 127) que o crítico precisa ter com todos os aspectos da obra e da vida do poeta. Parte importante de sua produção, a correspondência de Yeats é tão vasta quanto variada e ocupa um lugar privilegiado para um tipo de exploração crítica que busque justamente questionar divisões genéricas e disciplinares.

O objeto da presente pesquisa é o *epistolarium*⁴ do escritor irlandês W. B. Yeats, atualmente publicado na edição de John Kelly para a Oxford University Press

¹ “[...] one of those few poets whose history is the history of their own time, who are part of the consciousness of an age which cannot be understood without them”. Todas as traduções, a menos que indicado, são nossas. Reconhecendo suas limitações e seu caráter *ad hoc*, oferecemos sempre o texto em sua língua original nas notas de rodapé. No caso de poemas, será citado o original com tradução literal em nota de rodapé.

² “[All of these critics used] Yeats’s articles and essays in ways that scholars of Eliot could never employ his – as somehow continuous with the creative texts. Though it may seem tautological to put it like this, the best, fullest readings are Yeatsian”.

³ “[...] absolute, unconditional intimacy”.

⁴ *Epistolarium* é o termo usado pela estudiosa Liz Stanley para descrever “a totalidade da produção epistolar de alguém” (STANLEY, 2004, p. 204). Embora a autora reconheça a sobrevivência do *epistolarium* inteiro como uma impossibilidade prática, usaremos o termo nesta tese para descrever o todo da correspondência que ainda existe e esteve disponível para transcrição pelo projeto de John Kelly.

em coleção crítica intitulada *The collected letters of W. B. Yeats (CL)*.⁵ A escolha do *corpus* parte do nosso interesse pelo autor e pelos estudos de correspondências e da percepção de que, embora bastante usadas pela imensa fortuna crítica dos estudiosos de Yeats, as cartas ainda não receberam, por si sós, suficiente atenção, no exterior e muito menos no Brasil. Pretendemos, portanto, buscar preencher parte dessa lacuna nos estudos do autor em todo o mundo ao mesmo tempo que trabalhamos em sua divulgação no país.

A decisão de estudar as cartas de Yeats e não quaisquer outros escritos de sua vasta obra parte da apreciação da importância de se desenvolver essa área pouco explorada por estudos sobre autor em todo o mundo, especialmente nos países anglófonos. De fato, em pesquisa recente em dois dos maiores bancos de dados de teses e dissertações do mundo, o Dissertations International, mantido pelo ProQuest, e o Electronic Theses Online Service (EThOS), da Biblioteca Britânica, não foi encontrado nenhum projeto que lide especificamente com a correspondência de Yeats. Também não foram encontradas teses ou dissertações que tratem do assunto em bibliotecas digitais e diversos bancos de dados da produção realizada em programas de pós-graduação brasileiros.

Como explicar o aparente paradoxo entre a nossa afirmação da importância das cartas para os estudos sobre o autor e a percepção da ausência de trabalhos que explorem esse material levando em consideração seu *status* particular? Para responder essa pergunta, é necessário, primeiramente, sondar a fortuna crítica dos estudos de cartas.

A dificuldade começa com a definição do que é uma carta. Podemos conceitualizá-la provisoriamente como parte de um todo: a carta é a unidade básica que compõe toda uma correspondência, no nosso caso, cada uma das missivas que individualmente populam a coleção de mais de oito mil cartas transcritas para o projeto das *Collected letters of W. B. Yeats*. No entanto, o valor de tal definição é limitado, já que a carta como unidade precede sua coleção, e certamente sua publicação, como parte de uma *correspondance générale* como essa, especialmente

⁵ A lista de abreviações convencionais para as obras de Yeats pode ser consultada em seção dos elementos pré-textuais da presente tese. Adotamos a notação convencional de *CL* para a correspondência completa editada por John Kelly, seguida pelo número do volume, no caso daqueles já impressos (I a IV). Cartas não publicadas nos volumes impressos de *The collected letters of W. B. Yeats* (1986-2005) mas disponíveis no banco de dados eletrônico *InteLex*, acessado durante estágio na Universidade de Oxford no ano letivo de 2013-2014, serão identificadas pela numeração constante deste banco, precedidas pela denominação *CL InteLex*. O uso de *CL* sem indicação de volume ou do banco de dados indica o projeto como um todo.

dados que, a despeito de todo o esforço de incluir todas as cartas existentes nesse tipo de edição, é virtualmente impossível assegurar-se de que nenhuma deixou de ser incluída – e uma porventura excluída não perderia o seu *status* de carta em função de sua indisponibilidade.

Responsável também por vultosa correspondência,⁶ Samuel Johnson, cujo trabalho na edição do monumental *A dictionary of the English language* (1755) coloca-o em posição de especial autoridade para tentar definir o que seriam as cartas, pondera em seus ensaios periódicos colecionados em *The Rambler*:

Visto que cartas são escritas sobre todo tipo de assunto e nos mais variados estados mentais, não podem, portanto, ser satisfatoriamente reduzidas a regras fixas ou descritas por uma única característica. Podemos, assim, livrar nossas mentes de todo embaraço crítico ao determinarmos que a carta não tem nenhuma particularidade para além de sua forma, e que nenhum assunto considerado apropriado para ser tratado por outros métodos seja dela barrado⁷ (JOHNSON, 1798, v. 3, p. 238).

Para Johnson, então, não é o assunto, a função ou a razão da escrita o que identifica esse material: a característica definidora de uma carta é sua *forma*. De fato, trata-se de um tipo de escrita que segue diversos protocolos formais, desde sua disposição no papel, com elementos como endereço e/ou data normalmente marcando o início da comunicação, e a assinatura, sua conclusão. Considerando-se o quanto Johnson desconfiava da escrita epistolar, como veremos, não surpreende que ele busque limitar suas especificidades a uma questão puramente formal. Uma definição mais completa acrescenta outras considerações importantes ao aspecto formal:

A carta é, fundamentalmente, um documento que toma alguma forma material (como papel, palavras na tela ou outros meios) e que sinaliza uma finalidade epistolar através de sua forma ou estrutura, por ser dirigida a uma pessoa e assinada por outra (Caro A, Assinado: Z), embora nem remetente (ou escritor) nem destinatário (ou leitor) tenham, necessariamente, de ser apenas um. [...] A carta,

⁶ Em sua exemplar biografia do lexicógrafo, James Boswell relata a declaração de Johnson de que “publicar cartas está tão em voga que para evitar que o façam com as minhas, coloco nelas o mínimo possível” (“[i]t is now become so much the fashion to publish letters, that in order to avoid it, I put as little into mine as I can”. BOSWELL, 1934, v. 4, p. 102), o que, felizmente, não aconteceu: as cartas de Johnson também estão passando pelo mesmo processo cuidadoso de edição que as de Yeats pela Oxford University Press, já estando, inclusive, disponíveis no mesmo banco de dados disponibilizado pelo *InteLex* (JOHNSON, 2006).

⁷ “As letters are written on all subjects, in all states of mind, they cannot be properly reduced to settled rules, or described by any single characteristick; and we may safely disentangle our minds from critical embarrassments, by determining that a letter has no peculiarity but its form, and that nothing is to be refused admission, which would be proper in any other method of treating the same subject”.

então, é aquilo que sinaliza uma “intenção epistolar”, e a forma epistolar ou da carta pode ser facilmente reconhecida e distinguida de outros tipos de escrita, porque existem em um contexto social marcado por convenções comuns, e em grande parte estáveis, que regem sua forma⁸ (STANLEY, 2004, p. 207).

Destacaremos a questão da materialidade, do remetente e do destinatário – cuja possível pluralidade é considerada nesta definição e constitui algo de grande importância para o presente estudo –, a noção da “intenção epistolar” e a interação entre o contexto social de sua escrita e a recepção, que embora mutável é suficientemente convencional para que protocolos sejam reconhecidos como tal como elementos que distinguem a carta e que podem guiar a presente discussão.

Interessa-nos, portanto, identificar as especificidades da carta para justificar a escolha desse material em meio a toda uma produção escrita do autor-objeto deste estudo. Partimos então para um entendimento do que seria o gênero epistolar; no entanto, fica rapidamente claro que mesmo a denominação de “gênero” é questionada por estudiosos da área, de modo que frequentemente utiliza-se o termo somente com o recurso a aspas (BONNAT; BOSSIS, 1983). Brigitte Diaz, importante teórica de cartas e cujo trabalho inovador informa muito dos estudos do campo, explica:

As correspondências são textos híbridos e impacientes com todas as identificações genéricas. Gênero literário abscondito, elas flutuam entre categorias fluidas: arquivos, documentos, testemunhos. A crítica do século XIX colocou-as nas fronteiras da literatura e amou-as desde que elas não cruzassem essa fronteira⁹ (DIAZ, 2002, p. 6).

Mesmo quando não se questiona o *status* do gênero epistolar e dispensam-se as aspas, aparecem em destaque as dificuldades da classificação:

Na verdade, a carta pertence ao gênero que, provavelmente, tem o maior número de subgêneros, já que sua forma é ditada por sua natureza e ocasião. [...] E dadas as subdivisões e modulações desse

⁸ “Fundamentally, a letter is a material document of some kind (paper, words on a screen or taking other forms) that signals its epistolary purpose through its form or structure by being addressed to one person and signed by another (Dear A, Yours Z), although neither signatory (or writer) nor the addressee (or reader) need necessarily be singular. [...] A letter, then, is that which signals an ‘epistolary intent’, and the epistolary or letter form can be easily recognized and distinguished from other kinds of writing, because of existing in a social context with shared and largely stable conventions governing its form”.

⁹ “Les correspondences sont des textes hybrides et rétifs à toutes les identifications génériques. Genre littéraire introuvable, elles flottent entre des catégories floues: archives, documents, témoignages. Le XIX siècle critique les a situées aux frontières du littéraire; et il les a aimées pour autant qu’elles ne franchissaient pas cette limite”.

gênero, seu conteúdo é tão variado que desafia qualquer tentativa de catalogação¹⁰ (McKENZIE, 1993, p. 19).

Embora encontrem-se estudos que busquem alguma forma de catalogação, normalmente trata-se de investigações de cunho mais retórico, especialmente aquelas que partem de perspectivas mais clássicas e classicistas. Tal prática também remonta ao modelo prescritivo de manuais de cartas, chamados *Secretaires*,¹¹ ou aquelas “antologias de autores classificadas de modo a fornecer modelos ‘em todos os gêneros de escrita’ [epistolar]” (DUCHÊNE, 1978, p. 983). Reconhecendo as dificuldades mas também os benefícios de uma rotulação, Claudine Gothot-Mersch tece as seguintes considerações:

Cada carta ou a correspondência de certo pertencem a um *gênero*, no sentido de que usamos o termo para descrever uma charada ou também um romance. [...] No entanto, para Simone Lecointre, em sua comunicação ao simpósio de Nantes (1982), embora a correspondência obedeça a leis *genéricas*, não podemos falar que constitua um gênero *literário*¹² (GOTHOT-MERSCH, 1991, p. 15).

Quando falamos portanto de um “gênero epistolar”, estamos nos referindo, a princípio, àquela concepção mais ampla, e não a um gênero necessariamente literário – embora uma correspondência possa ser pensada também pelo prisma da literatura, como é possível ver no trabalho seminal de Bernard Bray acerca de uma das mais importantes escritoras de cartas do mundo ocidental, Mme. de Sévigné (em artigo de 1969, entre outros).

Para além da questão da “literariedade” das cartas, encontramos a necessidade de interrogá-las como transmissoras e registros de verdades. Em suas “Notas de pesquisa”, Luiz Felipe Baêta Neves adverte quanto aos perigos do uso do conteúdo de correspondências como fonte história de forma pouco crítica:

Para um tratamento acadêmico das cartas, enquanto “fonte” histórica; [*sic*] é preciso evitar especialmente duas falácias. A primeira identificaria a “autoria” da carta a uma ideia de sujeito “livre e instaurador de si”. A segunda identifica carta a *verismo*, a realismo

¹⁰ “Indeed, the letter is probably the genre with the most subgenera of any because its genre, like its form, is dictated by character and occasion. [...] And if its genre subdivides and modulates, its content is so various as to utterly defy cataloguing”.

¹¹ É natural que o nome que mais facilmente identifica esse tipo de manual seja francês, já que é na França que, há muitos séculos, se concentram os mais reconhecidos escritores epistolares e, por consequência, seus críticos e estudiosos.

¹² “La lettre, ou la correspondance, constitue assurément un *genre*, au sens où on peut le dire de la devinette comme du roman. [...] Mais pour Simone Lecointre, qui cite dans sa communication au colloque de Nantes (1982), si *genre* il y a dans la mesure où la correspondance obéit à des lois, on ne peut pas parler d’un genre *littéraire*”.

ou naturalismo, em um exercício de expulsão necessária da carta de todo imaginário (como se este fosse “fonte” de deformação e/ou falsidade histórica) (NEVES, 1988, p. 192).

Não se trata, como veremos, de negar a referencialidade da escrita epistolar, mas sim de reconhecer que o seu dialogismo fundador parte da existência de remetentes e destinatários. Enquanto as discussões que se seguiram à colocação de Bray sobre o *status* da correspondência de Sévigné tenderam a divergir entre o pragmático e o literário, coube a Duchêne, adepto de uma leitura mais clássica do ponto de vista biográfico, chamar a atenção para um importante aspecto da realidade epistolar:

Não é possível separar, pelo menos neste caso, a crítica baseada em uma perspectiva do autor da crítica que enfoca o texto, uma vez que é a relação entre autor (nosso “escritor de cartas”) e seu remetente que determina o texto de uma forma tão essencial que ela pode, por si só, determinar sua significação¹³ (DUCHÊNE, 1976, p. 37).

A relação entre os dois polos da relação epistolar no momento da escrita nos parece ser a marca mais distintiva do gênero epistolar, uma posição que marcaria também a individualidade de cada carta: “O forte reconhecimento de ocasião, público e autor – um senso reiterado explicitamente em quase todas as letras já escritas – define uma carta para além de outro e qualquer carta para além de muitos outros textos que atraem a atenção da crítica”¹⁴ (McKENZIE, 1993, p. 3). Trata-se, para Danièle Pouban, também de uma relação especular:

Uma das características do texto epistolar é a classe essencial firmada – sem trocadilhos – tanto pela pessoa que assina como pela que lê. A carta é uma fonte de informação, certamente, mas é também um retrato do autor e uma imagem refletida (mais ou menos distorcida pelo espelho) do destinatário¹⁵ (POUBLAN, 1996, p. 15).

No entanto, no caso de escritores famosos, como Yeats, muito frequentemente temos somente o lado escrito pela figura mais pública – com algumas exceções, entre elas a correspondência com outros artistas, uma situação

¹³ “On ne peut donc séparer, du moins dans ce cas, la critique du point de vue de l’auteur et la critique du point de vue du texte, car c’est la relation de l’auteur (notre ‘épistolier’) au destinataire qui a déterminé le texte de façon si essentielle qu’elle peut seule en livrer la signification”.

¹⁴ “A strong sense of occasion, audience and author – a sense reiterated explicitly in almost every letter ever written – sets one letter apart from another and any letter apart from many other texts that attract critical attention”.

¹⁵ “Une des caractéristiques du texte épistolaire est la classe essentielle assignée – sans jeu de mots – à la personne qui signe comme à celle qui lit. La lettre est source d’informations, certe, mais aussi portrait de l’auteur et image en miroir (plus ou moins déformée) du destinataire”.

que será mais explorada no Capítulo 2. Sem recurso às cartas dos correspondentes, a que serve entender essa relação?

Se, por um lado, como problematiza Neves (1988), o *verismo* deve ser evitado como pressuposto da investigação de uma correspondência, a existência de todo um *corpus* epistolar abre a possibilidade de se fixarem verdades provisionais em função das relações que ali se veem representadas, uma vez que:

[o] conjunto de uma correspondência revela um “eu”; pode até mesmo revelar aspectos de uma “personalidade verdadeira”. Mas a personalidade, o eu que se revela é especificamente um eu escritor que adquire sua própria identidade a partir de sua dialética com outros eus¹⁶ (SPACKS, 1988, p. 56).

Não só o “eu” que escreve deriva da função relacional, mas também o seu texto, de acordo com Margaretta Jolly e Liz Stanley (2005, p. 93):

Opera, neste nível, um contrato textual entre as funções *leitor* e *escritor* em condições que mais se assemelham às da ficção que às da história, não somente porque seu potencial como entretenimento sobrepõe-se à noção de uma verdade, mas também porque, para simplificarmos, a verdade para o leitor define-se como uma particularidade, não como generalidade. Assim, porquanto pode-se valorizar a carta familiar por sua personalidade, autenticidade ou intimidade, o significado desses efeitos é específico não apenas a seu tempo e lugar, mas também a seu destinatário. [...] A “verdade” da escrita encontra-se, essencialmente, no relacionamento em que ela se insere, em vez de no assunto de que trata.¹⁷

Comparada à ficção, aspectos da escrita epistolar como “autenticidade” e “intimidade” perdem seu papel como características definidoras do que a carta é e passam a ser efeitos criados a partir de estratégias de sua composição. Pouco importa, no entanto, a consciência do escritor acerca do uso dessas estratégias:

As cartas são tanto construções ficcionais quanto reflexos transparentes. Missivistas representam tanto seus sentimentos como os eventos que observam, transformando-os, consciente ou inconscientemente, em textos escritos, cuja organização, estilo,

¹⁶ “A collection of correspondence reveals a self; it probably even reveals aspects of ‘true character’. But the character, the self, revealed is specifically a *writing* self that gains its very identity from its dialectic with other selves”.

¹⁷ “On this level, the textual contract between reader and writer functions on terms more similar to those of fiction than history, not only because the truth is often less at issue than entertainment, but more simply, because the truth, with the reader, is defined as particular rather than general. Thus, while the familial letters letter may be valued for its personality, authenticity or intimacy, the meaning of those effects is specific not just to time and place but addressee. [...] Put simply, the ‘truth’ of the writing is in the relationship rather than its subject”.

vocabulário, e ponto de vista geram significados específicos¹⁸ (MacARTHUR, 2014, p. 118).

Podemos ver nessa transformação justamente o potencial literário das cartas, uma vez que as características elencadas configuram artifícios no sentido literário do termo, cujo objetivo é, em sua grande parte, a sedução do destinatário.

Possivelmente mais do que “grande parte”. A sedução do leitor pode ser entendida como o principal intuito pragmático da troca epistolar, se tal sedução é entendida para além do contexto amoroso – não que a correspondência de amantes não seja, por si só, razão de muito interesse no gênero. Diversos autores tratam desse intuito sedutor na relação entre correspondentes, relacionando-o ao ato comunicativo e suas estratégias:

É em função de ser a carta um ato de comunicação que seu estilo pode ser definido como uma estratégia individual, a serviço de um reconhecimento mútuo, um desejo de agradar ou convencer. Único texto a esperar outro em troca de si, todo gesto epistolar é forma de sedução¹⁹ (GRASSI, 2005, p. 151).

Expressões como “reconhecimento mútuo” e “desejo de agradar” parecem confinar a sedução da carta ao foro íntimo desse tipo de interação. Esse é, de fato, um foco frequente dos estudos de textos epistolares, especialmente os mais históricos, dada a grande variação do conceito de intimidade e mesmo de individualidade antes do século XIX (ver, por exemplo JOVICIC, 2010).

No entanto, mesmo em estudos focados em uma correspondência do foro íntimo, como no caso da já mencionada Mme. de Sévigné, que escreve cartas principalmente à sua filha, cujo casamento significa uma mudança de Paris para a *Provence*, as barreiras entre o público e o privado são necessariamente questionadas:

Mesmo se por vezes nos parece a carta uma forma de escrita estritamente privada ou íntima, capaz de unir duas pessoas e ninguém além delas, a situação é muito mais complexa na imaginação epistolar. [As mediações epistolares são] os espaços, estruturas ou figuras intermediadoras que tornam possível a representação da sociedade nas trocas sociais, criando

¹⁸ “Letters are as much fictional constructions as they are transparent reflections. Letter writers do not merely represent the sentiments they feel and the events they observe; they transform them, whether consciously or unconsciously, into written texts whose organization, style, vocabulary, and point of view generate particular meanings”.

¹⁹ “C’est parce que la lettre est un acte de communication que son style peut être défini comme une stratégie individuelle, au service d’une reconnaissance mutuelle, d’un désir de plaire ou de convaincre. Seul text qui attend un autre en retour, tout geste épistolaire est une forme de séduction”.

comunidades epistolares e a produção de um discurso capaz de modificar, por sua vez, as relações e representações sociais. A comunicação por carta requer ferramentas que levem em conta o seu dinamismo constitutivo²⁰ (MELANÇON, 1998, p. 7).

Se, por um lado, a definição de Melançon para as “mediações epistolares” (como capazes de influir nas convenções sociais da prática epistolar) não é muito diferente da apresentada por Stanley, por outro, tais mediações revelam a possibilidade da influência do discurso epistolar nas representações sociais.

A título de exemplo, podemos considerar o caso da correspondência da própria Mme. de Sévigné, cuja publicação e grande apreciação pelo público leitor influenciou a prática social da própria escrita epistolar, marcando definitivamente uma mudança do modelo formal clássico e neoclássico para a apreciação de uma “estética da negligência”, um estilo aparentemente natural e espontâneo que já aponta para o Romantismo (ver DUCHÊNE, 1970, entre outros). Além dessa retroalimentação da prática do gênero por meio da evolução dos modelos, podemos considerar que o sucesso da publicação da correspondência também tenha influenciado nas relações, epistolares mas também reais, entre mães e filhas.

Ainda a respeito do caso de Mme. de Sévigné, retomaremos um dos pontos de contenção dos debates que se desenrolaram nas páginas da *Revue d'Histoire Littéraire de la France* nos anos 1970, em um momento fundador de tantas reflexões sobre o gênero epistolar: o conceito da “intenção epistolar” a que a carta acenaria:

Diferentemente [do autor de uma obra literária], o escritor de correspondências escreve apenas para seu único destinatário; qualquer outro leitor é um estranho que penetra, invasivamente, uma intimidade. Ao contrário do livro, em que se trata apenas do autor e do leitor, a carta publicada ou divulgada supõe três pontas: o autor, o destinatário e o público. De modo a clarear as ideias, chamaremos de *escritor de cartas* aquele não leva em conta a existência de um público e de *autor epistolar*, por conseguinte, aquele que se preocupa mais com um público eventual do que com aquele para quem está supostamente escrevendo²¹ (DUCHÊNE, 1971, p. 12).

²⁰ “Même si on a parfois l'impression que la lettre est une form d'écriture strictement privée ou intime, unissant deux personnes et rien qu'elles, les choses sont beaucoup plus complexes dans l'imaginaire épistolaire. [Les médiations épistolaires sont] Des espaces, structures ou figures intermédiaires qui rendent possible la représentation de la société dans les échanges sociaux, la création de communautés épistolaires et la production d'un discours modifiant à son tour les relations e représentations sociales. La communication par lettre exige des outils qui prennent en compte son dynamism constitutif”.

²¹ “L'auteur d'une lettre au contraire [du écrivain d'une œuvre littéraire] a pu ne l'écrire que pour son seul destinataire; tout autre lecteur est un étranger qui pénètre par effraction dans une intimité. A la

Para Duchêne, Mme. de Sévigné seria uma *épistolière*, uma escritora de cartas, cuja intenção jamais fora se tornar uma “autora epistolar”, com sua correspondência publicada e circulada para além de seu círculo íntimo – o que negaria um projeto literário, para este crítico. No entanto, para Bray, assim como para este estudo, ainda que essa “intenção epistolar” fosse de fato acessível, ela pouco importa para a leitura e o estudo de correspondências hoje.

A publicação e a ampla circulação podem ser vistas como uma evolução do processo de exteriorização que a escrita inicia. Para Neves, essa passagem do interno ao externo é importante característica da carta e simboliza outras ambivalências que ela engendra:

A carta constitui uma ambivalência; é a exterioridade de uma interioridade. E ainda: é a exibição de uma invisibilidade. Materializa uma gama muito variada e ampla de sentimentos e pensamentos. É, a carta, uma forma de tornar público o privado, de lançar, na sociedade, o indivíduo (NEVES, 1988, p. 191).

Pelo ato de se transferir para o papel, com o intuito de se comunicar com o outro, o escritor epistolar inscreve-se no âmbito do público, ainda que não tenha a “intenção” de alcançar um público leitor em grande escala. De toda forma, ainda dentro do que Duchêne vê como os leitores-modelos, podemos inscrever a prática usual da leitura em voz alta como uma forma de publicização do íntimo, já que sabidamente as cartas, originadas, como eram, da corte e do seio da sociedade parisienses, tornavam-se públicas dentro do círculo provincial por ação de Mme. de Grigné, sua filha, como importante fonte de notícias da capital no centro periférico de Aix-en-Provence – em uma situação comparável, como veremos, à de Yeats na metrópole londrina e a amiga Katharine Tynan, residente de Clondalkin, nos arredores de Dublin.

Por essas razões a correspondência torna-se um campo fecundo para o questionamento não só da divisão entre o público e o privado, mas também de outros binarismos:

As cartas perturbam as distinções binárias: existem entre o falar e o escrever, entre o privado e o público, bem como entre o aqui e o ali, o agora e o antes, a presença e a ausência. Assemelham-se à conversa, mas não são de fato conversas, e mesmo quando se

différence du livre, où il n'est question que de l'auteur et du lecteur, la lettre publiée ou divulguée suppose trois termes: l'auteur, le destinataire et le public. Pour clarifier les idées, nous appellerons *épistolier* celui qui ne tient pas compte de l'existence du public et *auteur épistolaire* celui qui, au contraire, se soucie plus d'un public éventuel que de celui à qui il est censé écrire”.

intercalam em tomada de turnos, tais trocas acontecem de formas relativamente fixas, diferentes do falar. A correspondência trespassa o privado e o público e possui características de ambos, sendo capaz de ocupar um “espaço intermediário” em que missivas “particulares” podem ser escritas e lidas em situações públicas²² (STANLEY, 2004, p. 209).

Entre os binarismos que as cartas questionam, interessa-nos particularmente aquele que força uma separação entre o pessoal e o político. Importante objeto de indagação no campo das ciências humanas, essa separação vem sendo problematizada há já algumas décadas, marcando uma mudança de foco até mesmo nos estudos da História, e coloca a correspondência em posição privilegiada como objeto de estudo:

A publicação de coletâneas de cartas anotadas e comentadas vem crescendo como fenômeno editorial paralelo ao da oferta de biografias, iniciado na década de 1980. Uma nova perspectiva historiográfica levou ao florescimento da narrativa, à revalorização do indivíduo, da vida privada e dos estudos sobre cultura, abrindo um espaço importante para os escritos biográficos e autobiográficos. A menor ênfase na História quantitativa e serial e nos grandes modelos explicativos e o “retorno” do político juntamente com o da curta duração do evento singular possibilitaram essa mudança (MALATIAN, 2011, p. 195).

É portanto na contramão de estudos como o de Jelena Jovicic (2010) que esta tese busca abordar a correspondência do escritor W. B. Yeats: não em seu aspecto íntimo, mas no que ela tem de *político*. Para entendermos melhor o que significa o político neste contexto e partirmos para o recorte específico que os Capítulos 3 a 7 apresentarão, faz-se necessária uma conceituação do que seja a dimensão política das cartas.

Assunto do Colóquio da Associação Interdisciplinar de Pesquisa sobre o Epistolar (AIRE, em francês), um dos mais importantes eventos da área, promovido na cidade de Calais, em 1993, “A carta e o político” é um fecundo campo de investigação. Em sua introdução, Danièle Pouban explica o uso do substantivo no masculino e diferencia essa conceituação da visão mais restrita de “a política”:

O gênero gramatical da palavra “política” por si só deu lugar a um debate. Se a escolha do masculino ganhou, é porque parece abranger tanto o campo de pensamento e quanto da ação. [...] Para

²² “Letters disturb binary distinctions: between speaking and writing and private and public, as well as between here and there, now and then, and presence and absence. They are conversation-like but not actually conversations; and while they involve turn taking, these exchanges have a relatively fixed form that talk does not. Letters traverse private and public, having the qualities of both and occupying a ‘middle space’ in which ‘private’ letters may be both written and read in public situations”.

nós, o político se expressa tanto no discurso sobre o Estado e as instituições como nas narrativas de eventos históricos que tecem a vida das nações, ou, de uma forma mais difusa, nas descrições da vida social e das relações humanas²³ (POUBLAN, 1996, p. 12).

Trata-se, portanto, de um entendimento do *fazer político*, não da figura do político como ator eleito por um sistema partidário de representação. Se a mudança do gênero amplia as possibilidades semânticas da política como prática, a interpenetração desse aspecto da vida em sociedade e o gênero epistolar já seria suficiente para justificar um estudo entre cartas e os sistemas políticos. Janet Altman, pioneira da “epistolaridade” em língua inglesa, ressalta a convergência dos tipos de história:

A história das cartas no sentido que interessa a este colóquio – a *história da prática epistolar* – alia-se a várias outras histórias: à história da educação em diferentes meios sociais, à história do acesso de cada um deles aos correios e à história das literaturas que circulam nesses meios, para citar apenas alguns. De maneira igualmente sutil, a história da prática epistolar alia-se à história dos sistemas políticos em que regem os modos de representação no seio de uma dada sociedade²⁴ (ALTMAN, 1992, p. 106).

Trata-se não somente do tipo de retroalimentação apontado por Duchêne, mas também de formas mais constitutivas. A crítica, cujo trabalho busca uma abrangência para além da literatura francesa, identifica os pontos de interseção entre a história dos sistemas políticos e a das cartas:

No Ocidente, herdeiro da cultura greco-romana, a carta desempenha seu papel na constituição do poder nos grupos sociais. Sabemos bem: é só pensarmos na importância de epístolas na formação das primeiras comunidades cristãs, na importância das trocas epistolares no movimento humanista do século XVI, no papel das correspondências na formação do Iluminismo europeu do século XVIII²⁵ (ALTMAN, 1992, p. 106).

²³ “Le genre grammatical du terme « politique » avait seul donné lieu au débat. Si le choix du masculin l’avait emporté, c’est parce qu’il semble a recouvrir à la fois le champ de la pensée et celui de l’action. [...] Pour nous, le politique s’exprime aussi bien dans les discours sur l’Etat et les institutions que dans les récits des faits historiques qui tissent la vie des nations ou, de façon plus diffuse, dans les descriptions de la vie sociale et des rapports humains”.

²⁴ “L’*histoire des lettres* dans le sens qui a intéressé ce colloque – l’*histoire de la pratique épistolaire* – a partie liée avec plusieurs histoires: l’histoire de l’éducation des divers milieux sociaux, l’histoire de leur accès à la poste, et l’histoire des littératures qui circulent dans ces milieux, pour en nommer que quelques-unes. D’une manière également subtile, l’histoire de la pratique épistolaire a partie liée avec l’histoire des systèmes politiques qui régissent les modes de représentation au sein d’une société particulière”.

²⁵ “Dans l’Occident qui hérite de la culture gréco-romaine, la lettre a joué son rôle dans la constitution du pouvoir des groupes sociaux. Nous le savons bien: il n’y a qu’à songer à l’importance de la circulation des lettres dans la formation des premières communautés chrétiennes, à l’importance de

Tal coincidência também ocorre em situações em que a coesão social faz-se necessária, como no caso de culturas em movimento:

Da mesma forma, a constituição da correspondência de toda uma família fortalece uma identidade coletiva que a separação ameaçaria destruir. Através das coleções de correspondência de famílias na América do século XIX, por exemplo, percebemos o valor dado às trocas epistolares durante o assentamento dos pioneiros nos Estados Unidos²⁶ (ALTMAN, 1992, p. 106).

Embora a autora aluda especificamente ao caso da colonização dos Estados Unidos, as potencialidades das cartas dentro da área de Estudos Irlandeses vêm sendo exploradas especialmente em estudos sobre a diáspora, que incluem tanto antologias das correspondências cruzadas entre os emigrantes e suas famílias que permanecem na Irlanda (especialmente após a Grande Fome, na metade do século XIX) quanto estudos sociológicos e históricos dessas trocas epistolares.²⁷

Parte determinante da eficácia da carta e de sua utilidade como instrumento político é a sua acessibilidade. Sobre o período Romântico na Europa, Mary A. Favret considera o papel das cartas nos dois lados do Canal da Mancha:

A carta havia se tornado, de fato, uma ferramenta política fenomenalmente útil, disponível a qualquer pessoa capaz de empunhar uma caneta. A política fornecia o combustível para as cartas incendiárias enviadas por camponeses a senhores de terra e magistrados despóticos, uma tática terrorista comum durante este período e que se torna mais acentuada em anos de extrema tensão entre as classes. Ações políticas causaram e decorreram de cartas da Sociedade Londrina de Correspondência, fundada em 1792 como a primeira organização política de trabalhadores da Inglaterra e declarada ilegal em 1794 por conspiração e traição à pátria. A partir do momento que as cartas carregam em si sementes de rebelião organizada ou “conspiração”, descobrimos “ligações perigosas” dentro e fora do âmbito do romance sentimental²⁸ (FAVRET, 2004, p. 9).

l'échange épistolaire dans le mouvement humaniste au XVI^e siècle, au rôle des correspondances dans la formation de l'Europe des Lumières au XVIII^e siècle”.

²⁶ “De même, la constitution d'une correspondance familiale renforce une identité collective que la séparation menacerait de détruire. A travers les recueils de correspondances familiales de l'Amérique du dix-neuvième siècle, par exemple, nous saisissons la valeur que l'échange épistolaire a assumée dans l'établissement de pionniers aux Etats-Unis”.

²⁷ Entre os diversos estudos da área que fazem uso de documentos pessoais e de cartas, especificamente, destacamos *Oceans of consolation: personal accounts of Irish migration to Australia* (FITZPATRICK, 1994) como uma bem-sucedida mistura de antologia e estudo de imenso rigor acadêmico.

²⁸ “The letter had, in fact, become a phenomenally useful political tool, available to anyone with a pen. Politics provided the fuel for the incendiary letters peasants sent to oppressive landlords and magistrates, a terrorist tactic common during this period which became more pronounced in years of extreme class tension. Political activity was the cause and effect of letters of the London

Com foco especial na prática epistolar das mulheres no período (incluindo todo um capítulo sobre Mary Wollstonecraft e suas *Cartas suecas*), a abordagem utilizada por Favret em muito se parece com a orientação do Colóquio da AIRE de 1993 (o livro de Favret, inclusive, foi originalmente publicado nesse mesmo ano). Novamente em sua Introdução, uma das organizadoras explicita os objetivos das comunicações:

Não nos interessa, a princípio, desenvolver teorias acerca das ideias políticas que as cartas veiculam, ou completar o que sabemos dos acontecimentos [...] mas sim como se expressam as opiniões políticas no suporte particular da carta – diferente dos discursos na Assembleia, das memórias de embaixadores ou de tratados teóricos²⁹ (POUBLAN, 1996, p. 12).

Como suporte, as cartas aparecem como um material especialmente adequado para a ação política, não apenas pelo que elas possam conter (como as ideias políticas), mas também pelas funções que desempenham. A organizadora esclarece que, por meio da correspondência, os escritores epistolares:

recrutam simpatizantes, desenvolvem programas e verdadeiros instrumentos de propaganda, organizam-se para eleições ou escolhas políticas, servem como mediadores entre partidos ou entre as autoridades locais e o governo central, participam dos assuntos de Estado³⁰ (POUBLAN, 1996, p. 16).

Note-se que diversas dessas funções dependem justamente da condição de *dialogismo* do gênero epistolar, que ressaltamos como uma das especificidades que mais o definem. É a capacidade de convencer, de seduzir, da comunicação epistolar que a torna um importante instrumento político.

Dentro da política, no entanto, importa também o alcance. Como forma de comunicação entre remetente e destinatário singulares, ainda que lida em pequenos grupos, como no caso da Mme. de Grignan, a carta pode ter sua eficácia política

Correspondence Society, founded in 1792 as the first working-man's political organization in England, and outlawed in 1794 as treasonous conspiracy. When letters carry the seeds of organised rebellion or 'conspiracy', we discover *les liaisons dangereuses* inside and outside the realm of sentimental romance".

²⁹ "Pour nous il ne s'agit pas, en priorité, d'élaborer en théories les idées politiques véhiculées par les lettres, ou de compléter notre connaissance des événements, [...] [mais] comment s'expriment, aussi, les opinions politiques sur ce support particulier qu'est une lettre – différent des discours à L'Assemblée, des mémoires d'ambassadeurs ou des traités théoriques".

³⁰ "Ils recrutent des sympathisants, élaborent des programmes et de véritables outils de propagande, ils préparent des élections ou des choix politiques, servent d'intermédiaires entre les partis ou entre pouvoirs locaux et pouvoir central, ils participent aux affaires de l'Etat".

diminuída. Como forma de engajamento de um grande público, a carta aberta também se beneficia de uma noção de transparência:

Em sua luta por símbolos, os grupos a favor e contra a revolução reconhecem o valor da carta: a *lettre de cachet* da monarquia francesa, as epístolas secretas de um direito absolutista tornam-se símbolos da tirania, em oposição à “carta aberta”, símbolo de um governo representativo e prova da tolerância e da isonomia de um sistema de justiça – e de uma forma de comunicação³¹ (FAVRET, 2004, p. 9).

Essa modalidade de correspondência complica o entendimento do destinatário e configura uma situação epistolar especial, de que fala Neves (1988, p. 194):

Ha situações epistolares especiais que – ainda não estudadas em detalhe – servem para assinalar a variedade possível em um “gênero” habitualmente visto como monolítico. Dentre estas situações: 1) carta a desconhecido(s); 2) carta a si mesmo (cf. com o “diário”); 3) a carta a X (não importa quem); 4) A carta “selada” (que só pode ser aberta em determinada situação); 5) a “carta aberta” (o “público” toma conhecimento quer antes, quer coincidentemente, quer depois do destinatário e este pode até mesmo não tomar conhecimento – e até no sentido figurado da expressão).

Adepto do uso das aspas para assinalar sua suspeita quanto à classificação de gênero, o antropólogo social elenca a carta pública e a carta a desconhecido(s) entre os “subgêneros” menos estudados de cartas. Certamente menos típicas entre as possibilidades comunicativas das correspondências, as cartas abertas fixaram-se na presente pesquisa como textos de especial interesse para o estudo da dimensão política na prática epistolar de Yeats.

Para melhor definir o objeto da pesquisa, buscamos na literatura definições e indicações dos princípios que regem esse subgênero, encontrando diversas coincidências entre a conceituação da carta “pública” e a da “aberta”, assim como a da carta “polêmica” – termo que retomaremos a seguir. Em alguns casos, o uso de um ou de outro parece intercambiável:

Para além de um destinatário real ou imaginário, a carta polêmica é frequentemente uma carta fictícia, “aberta”, escrita anonimamente em um desafio à censura e destinada a convencer o grande público [...] O princípio de abertura deste tipo de missiva baseia-se no alargamento progressivo do destinatário, do privado ao público, e

³¹ “In the struggle over symbols, both pro- and counter-revolutionary groups recognised the value of the letter: the French monarchy’s *lettre de cachet*, the hidden letters of absolute law, became the symbol of tyranny, in contrast to the ‘open letter’, symbol of representative government and evidence of a tolerant, equitable system of justice – and of communication”.

nas infindáveis modulações deste dialogismo. Três traços podem caracterizar a carta polêmica e panfletária: o dialogismo aberto, o tom irônico, de estilo simples, o argumento refinado que objetiva, essencialmente, o convencimento³² (GRASSI, 2005, p. 109).

No esquemático estudo de Marie-Claire Grassi, as *Provinciales*, escritas por Blaise Pascal na França entre 1656 e 1657, ilustram tanto sua perspectiva histórica do gênero quanto a seção sobre os “Tipos de Cartas” sob a rubrica de “Cartas Polêmicas e Panfletárias”. Não nos cabe detalhar a história fascinante da publicação dessas 18 cartas, mas é necessário entender algumas características desse arquétipo de *carta aberta*, termo que usaremos de forma prioritária para discutir a forma.

Como explicita Grassi, a característica principal da carta é o *status* do destinatário, cuja real existência pode pouco importar. O que a faz ser *aberta* é a ausência do “segredo epistolar” que geralmente marca as trocas de correspondência privada e cuja importância encontra sua expressão no uso de envelopes e selos, responsáveis por *fechar* a carta e assegurar a sua inviolabilidade para o destinatário. A carta aberta pode ser lida por qualquer um e, conseqüentemente, por todos.

No caso de Pascal, as *Provinciales* começaram sendo publicadas clandestinamente e sob o uso de pseudônimo, assim assegurando o anonimato do cientista. A condição da ficção do nome não é, no entanto, necessária para esse tipo de carta e é, de fato, abandonada ao longo do curso da correspondência.³³

Considerando-se que um maior alcance é o objetivo desse tipo de escrita epistolar, é preciso atentar para a circulação do material, já que o modelo de carta autógrafa teria uma praticidade limitada para a divulgação do conteúdo. Stanley também define esse subgênero:

“Cartas abertas”, publicadas em livros ou jornais e revistas, ocupam um espaço que as coloca entre escritos “públicos” e as missivas “particulares” e diversos exemplos interessantes aparecem em publicações dentro de uma abordagem de política feminista. Da mesma forma que as Epístolas do Novo Testamento, cartas abertas são geralmente didáticas, escritas por alguém de *status* elevado ou mesmo em uma posição de eminência em determinada comunidade,

³² “Au-delà d’un destinataire imaginé ou réel, la lettre polémique est souvent une lettre fictive, ‘ouverte’, écrite dans l’anonymat en bravant la censure et destinée à convaincre un large public [...] Le principe d’ouverture de ce type de lettre est fondé sur l’élargissement progressif du destinataire, du privé au public, et sur les infinies modulations du dialogisme. Trois traits peuvent caractériser la lettre polémique et pamphlétaire: un dialogisme ouvert, un ton ironique, un style simple, une argumentation affinée car il s’agit essentiellement de convaincre”.

³³ Além de Grassi, ver PLAINEMAISON (2007), para uma discussão sobre a diversidade e a evolução das *Provinciales* e suas estratégias de interpelação do público.

que se dirige a essa comunidade coletivamente. Cartas abertas se pautam em valores e significados compartilhados e, apesar de terem finalidades comunicativas, não ensejam réplica, uma vez que são pronunciamentos a serem lidos e não respondidos por escrito³⁴ (STANLEY, 2004, p. 207).

Dado que seu exemplo são as *Epístolas* do Novo Testamento, tal definição nos parece desconsiderar aspectos centrais das cartas abertas como as *Provinciales* e as do tipo que aqui nos interessa. Limitando-as a uma função didática e inserindo-as numa hierarquia de *status* entre remetente/autor e destinatários/público, Stanley também pressupõe que a tais cartas não se esperariam respostas – uma conclusão com que discordamos.

A nós interessa mais a colocação de Poublan (1996, p. 23):

Escritas em folhas avulsas ou folhetos, as cartas abertas são convocadas em seu propósito polêmico para provocar a reflexão e a reação, para denunciar comportamentos, instituições ou indivíduos, para criar (já que a publicação de uma epístola engendra a redação de outras) um movimento de propaganda a favor de uma causa.³⁵

A polêmica (ou a controvérsia) aparece aqui como objetivo principal da carta aberta, sendo um desdobramento fascinante da função comunicativa e dialógica da correspondência que, diferentemente da carta aberta de cunho mais didático favorecida por Stanley, estimula o movimento de resposta, gerando situações de réplica e tréplica que, por sua vez, exigem um realinhamento das estratégias do escritor epistolar. Grassi, de forma similar, defende essa característica, fazendo também referência à noção do “alargamento dos destinatários”:

O princípio da correspondência polêmica é responder, expor e convencer de que há uma outra verdade. A multiplicação dos interlocutores, o tom irônico e os argumentos dão à escritura deste tipo de carta uma forma privilegiada de liberdade de pensamento.

³⁴ “‘Open letters’ published in books or newspapers/magazines occupy a space between being ‘public’ writings and ‘private’ letters, with interesting examples provided by those published within a feminist political frame. Like the biblical New Testament Epistles, open letters are usually didactic, written by someone with a high status if not a pre-eminent position in relation to a particular community, with the community collectively being addressed. Open letters trade on values and meanings shared in common; but although having communicative purpose, they are not directly responded to because they are pronouncements to be read but not to be answered by writing back”.

³⁵ “Sur feuilles volantes ou en livrets, [les lettres ouvertes] sont sollicitées dans un but polémique pour provoquer réflexions et réactions, pour dénoncer comportements, institutions ou personnes, pour créer (la publication de l’une entraîne la rédaction d’autres lettres) un mouvement de propagande en faveur d’une cause”.

Este pensamento livre e contestador introduziu a polêmica na literatura³⁶ (GRASSI, 2005, p. 111).

O desejo de contestação é, como vimos em Favret, um dos motivos por que a carta pública torna-se um instrumento de tanta relevância política durante o período revolucionário romântico. No entanto, nem toda revolução parte da tensão de classes, e, no caso irlandês, muitas vezes tal aspecto é, efetivamente, desatendido.³⁷ No contexto irlandês contemporâneo a Yeats, destaca-se principalmente a tensão entre defensores da independência irlandesa (seja pela solução parlamentar do *Home Rule*, ou Autogoverno, seja pela instituição de uma república realmente independente) e aqueles que desejam que a União com o restante da Grã-Bretranha se mantenha. Soma-se a essa tensão também o sectarismo religioso, muito anterior à instituição da União, em 1800, mas que também complica os termos da divisão política.

Em uma sociedade tão dividida, até se esquivar da discussão política configura uma posição política. Yeats, que no século XIX defendia abertamente o *Home Rule*, tinha uma atuação considerável, um fato que sua biografia e, mais importante para nós, suas cartas atestam sem sombra de dúvida. No entanto, o presente estudo não busca traçar a trajetória política do escritor, mas sim os usos políticos de sua correspondência. No caso de escritores, tais preocupações frequentemente mesclam-se com questões relativas à estética e aos movimentos a que eles se filiam. Mesmo na correspondência íntima, dá-se o destaque à configuração de polêmicas:

A correspondência comporta trocas de ideias, elaboração de projetos, sela pactos, expõe polêmicas, fixa rupturas. Pode-se detectar por meio dela as intrincadas redes sociais que reúnem os seus autores. Isto é particularmente importante para o caso dos intelectuais, pois envolve sua rede profissional, onde ocorrem trocas de livros, opiniões, sentimentos diversos e firmam-se estratégias de atuação entre os pares (MALATIAN, 2011, p 208).

³⁶ “Le principe de la lettre polémique est de répondre, de dénoncer et de convaincre d’une autre vérité. La multiplication des interlocuteurs, le ton ironique et l’argumentation, font de l’écriture de ce type de lettre une forme privilégiée de liberté de pensée. Cette pensée libre et contestataire a introduit la polémique dans la littérature”.

³⁷ Uma série de fatores determinou que, a despeito de movimentos trabalhistas e da grande agitação agrária, principalmente no século XIX, a reestruturação social que se seguiu à Guerra de Independência da Irlanda contra o Reino Unido tivesse um caráter majoritariamente conservador e de classe média (FOSTER, 1988). Esse caráter também influenciou gerações de historiadores que tenderam a negligenciar a classe como um dos pontos de tensão no período revolucionário irlandês. Aos poucos, questões de classe, tão cruciais para a historiografia britânica, reentraram no campo (ver, por exemplo, o trabalho pioneiro de PAŠETA, 1999, sobre a elite católica, entre outros).

Até o momento, em observância aos elementos da retórica, viemos obedecendo o uso de “polêmica” para caracterizar não só a função que as cartas podem desempenhar (especialmente as abertas), mas também o diálogo que elas ou criam ou passam a integrar – as discussões, normalmente acaloradas, entre pessoas que discordam e querem convencer-se mutuamente ou pelo menos convencer o máximo de pessoas possível para que se juntem a eles em contraponto ao grupo com o qual discorda. No entanto, daremos, nesta tese, preferência à palavra “controvérsia” como o resultado dessas divergências.

O uso de “controvérsia” é consagrado na área de Estudos Irlandeses para descrever os diversos episódios de desavenças públicas, envolvendo dois ou mais partícipes, que se desenvolveram com nem tão surpreendente frequência durante o período de grande ebulição política e cultural da virada do século XIX e parte do XX. O especial apreço pelas controvérsias públicas aparece de forma significativa no título de um importante livro da crítica norte-americana Lucy McDiarmid, *The Irish art of controversy* (2005). Além disso, o termo também aparece de forma consistente nas cartas de Yeats em que ele relata seu envolvimento nas diversas controvérsias de que aqui tratamos – ainda que com as mais estranhas grafias: “*contraversy*” e até mesmo “*contravisy*”. O emprego frequente da palavra pelo próprio Yeats desencadeou sua adoção por inúmeros biógrafos e críticos da obra do escritor e assegurou seu uso para designar não somente os embates dos quais ele foi parte, mas todo um fenômeno cultural, que se desenvolveu, em grande parte, nos jornais e em outros meios de comunicação impressos, como revistas e tabloides de periodicidade variada, a que chamamos coletivamente de periódicos. A relação entre o gênero epistolar e os jornais é antiga e permanece em seu jargão – até hoje chamamos de “correspondentes” os jornalistas que “despacham” reportagens de outros países, além do título de jornais como o *Correio Braziliense*, entre outros. Roger Duchêne identifica em estratégias das incipientes gazetas francesas do século XVII a aproximação desses dois meios de comunicação de novidades/notícias.³⁸

A ficção adotada na apresentação dos artigos no *Mercure* mostra que carta e jornal eram considerados meios de informação análogos ou mesmo rivais. [...] Ao dirigir-se ao público na segunda pessoa, o habilidoso diretor dessa nova publicação quer passar a impressão de

³⁸ Tanto em inglês quanto em francês, utiliza-se a mesma palavra nos dois sentidos, como notícias de jornal e novidades que uma pessoa conta para outra: *news* e *nouvelles*, respectivamente.

que se interessa por cada um dos leitores pessoalmente, a fim de lhes revelar, ainda que nos cafundós da província, as “particularidades” da capital. Não é mais necessário haver correspondente bem posicionado e responder-lhe: o *Mercur* *Galant* “democratizara” os benefícios da carta.³⁹

Em sua constituição, assim como diversos outros gêneros, meios e instrumentos, o jornal apropria-se de características do dialogismo da carta para seduzir seu público leitor. Uma das comunicações apresentadas no colóquio sobre “As cartas e o político” considera, inclusive, que o jornal como um todo e até mesmo a imprensa podem ser entendidas como análogos à seção de correspondência:

O sistema formado pelas cartas em um jornal e então em toda a imprensa é um microcosmo da própria imprensa: elas funcionam da mesma forma e têm a mesma função. Longe de ser um reflexo da opinião pública, as cartas buscam criá-la e direcioná-la. O público existe apenas midiatisado, e quando ganha o direito à fala vê-se privado daquele para dar significado a esta⁴⁰ (CHENET-FAUGERAS, 1996, p. 254).

Trata-se justamente da função polêmica e que busca informar e convencer o leitor de que falamos em relação à carta pública. E embora Stanley distinga a carta aberta da carta enviada a jornais em sua consideração da grande variedade do gênero epistolar, a autora acerta, mais uma vez, em suas considerações sobre as particularidades desse tipo de correspondência:

As “cartas ao editor” de jornais têm características semelhantes conquanto diferentes, já que são escritas por vários indivíduos, poucos dos quais devem conhecer-se ou ao editor de jornal em questão. No entanto, ao mesmo tempo que, num sentido formal, a correspondência é endereçada ao editor, um indivíduo real, tais missivas são, na verdade, dirigidas ao “público”, a uma coletividade de destinatários. As páginas de cartas em jornais também são testemunhas frequentes de uma coletividade emergente de correspondentes preocupados com assuntos específicos: através de suas mensagens, os membros do público unem-se em (ou ajudam a construir) uma comunidade de expressão ao usarem esse meio

³⁹ “La fiction adoptée pour présenter les articles du *Mercur* montre bien que lettre et journal étaient considérés comme des moyens d’information analogue, voire rivaux. [...] En parlant au public à la seconde personne, l’habile directeur de la nouvelle publication veut donner à chacun l’impression qu’on s’intéresse à lui personnellement pour lui révéler, jusqu’au fond de la province, les ‘particularités’ de la capitale. Plus besoin désormais d’avoir un correspondant bien placé e lui répondre: *Le Mercur galant* ‘démocratisera’ les avantages de la lettre”.

⁴⁰ “Le système que forment les lettres dans un journal puis dans l’ensemble de la presse est le microcosme de la presse elle-même: elles en ont le même fonctionnement et la même fonction. Loin d’être le reflet de l’opinion publique, elles sont destinées à la créer et à l’orienter. Le publique n’existe que médiatisé et quand il gagne le droit à la parole, c’est pour être privé de celui de lui donner un sens”.

público para proferir opiniões pessoais que, presume-se, sejam compartilhadas interpessoalmente⁴¹ (STANLEY, 2004, p. 207).

É interessante notar que a estudiosa inglesa ressalta a coletividade que se forma nas seções de cartas de jornais: mais do que mensagens isoladas, destaca-se a formação de comunidades virtuais ao redor de interesses comuns, ainda que os correspondentes discordem em pontos específicos.

O foco em comunidades ou em *redes* faz parte de diversos estudos sobre a prática epistolar. Desenvolvendo o conceito de Jean-François Sirinelli (2003), Teresa Malatian explica como se dá a constituição e a dinâmica das *redes de sociabilidade*:

Em ambos os casos [dos intelectuais criadores e mediadores e daqueles engajados na vida política como atores], a análise das correspondências possibilitará esclarecer a difusão das ideias entre eles, a fixação de certas visões como dominantes numa dada época e seu poder de influir nos acontecimentos. A compreensão dessa dinâmica de influências, matrizes, interpretações e estratégias, assim como da constituição de redes e do peso da afetividade na difusão das ideias, poderá ser mapeada pelas cartas (MALATIAN, 2011, p. 209).

No caso daquelas publicadas em periódicos, embora seja mais difícil traçar a influência no público leitor, anônimo e em grande parte mudo (a exceção são, claro, aqueles que escrevem de volta para o jornal), é importante manter em mente a questão da difusão e da fixação de ideias dominantes por meio da correspondência, já que a aceitação das opiniões do remetente é uma das principais razões do envio da carta ao jornal.

Ainda em relação às redes e à função polêmica das controvérsias que se desenvolvem nas páginas de correspondentes dos periódicos, destacamos aspectos do estilo epistolar que se desenvolve a partir delas. De acordo com Jovicic, o tipo de reflexão e a própria retórica que a relação epistolar engendra lembra outro tipo de escrita reflexiva:

Estimulada pelo efeito polêmico próprio à relação epistolar, a rede desenvolve uma retórica de confronto verbal, de retomada de

⁴¹ “‘Letters to the editor’ of newspapers have similar but also dissimilar characteristics, being written by diverse individuals, few if any of whom will know each other or the newspaper editor concerned; and while in a formal sense such letters are addressed to an editor, a real individual, they are actually addressed to ‘the public’, to a collectivity of addressees. Newspaper letter pages also frequently witness an emergent collectivity of correspondents concerned with particular topics: through their letters, members of the public join (or help construct) a community of utterance by using this public medium for expressing private but presumptively interpersonally shared views”.

argumentos, de sequências de afirmações e negações, enquanto se exibem manifestos das diferentes escolas literárias. Graças a estes elementos concepcionais, a carta de escritor se aproxima do gênero do ensaio teórico⁴² (JOVICIC, 2010, p. 88).

A aproximação da carta, especialmente a de escritores, a outros gêneros textuais não se resume ao ensaio, obviamente. A prática dessa escrita oferece um campo para o treino das mais variadas técnicas. É por isso que o texto epistolar de jovens escritores se revela tão profícuo, uma característica que Brigitte Diaz explora com grande lucidez:

Para os escritores-aprendizes, a correspondência se oferece como uma cena em miniatura que reuniria todos os polos da comunicação literária: um remetente-autor que se dirige a um destinatário-público, e, entre os dois, circulam estes “diminutivos de livro” – parafraseando Sainte-Beuve – que são as cartas. Ademais, é também a forma epistolar que esses escritores em potencial adotam em seus primeiros ensaios⁴³ (DIAZ, 2002, p. 73).

Além do desenvolvimento da técnica literária, é também nas cartas, especialmente naquelas para amigos e colegas de profissão, que o escritor-aprendiz tem espaço e interlocutores atentos para seus argumentos. A grande importância da correspondência para a formação do autor justifica a nossa escolha do período inicial da carreira de Yeats, compreendido até o seu 35º aniversário, no emblemático ano 1900.

Os anos de juventude são de extrema importância para o poeta, que declararia ele mesmo em 1922, em uma seção de suas autobiografias, que estava “convencido de que nossos intelectos contêm, aos 20 anos, todas as verdades que jamais encontraremos”⁴⁴ (CW3, p. 163). A relação entre esse período formador, a reflexão autobiográfica e a correspondência de juventude como escrita de si é fundamental para a formação do sujeito escritor, também de acordo com Diaz (2002, p. 187):

⁴² “Stimulé par l’effet polémique propre à la relation épistolaire, le réseau développe une rhétorique de l’affrontement verbal, des reprises d’arguments, des séries d’affirmations et de négations, tout en affichant des manifestes de différentes écoles littéraires. Grâce à ces éléments conceptualisateurs, la lettre d’écrivain se rapproche du genre de l’essai théorique”.

⁴³ “Pour les épistoliers apprentis écrivains, la correspondance s’offre comme une scène en miniature qui rassemblerait tous les pôles de la communication littéraire: un destinataire-auteur s’y adresse à un destinataire-public, et, circulant entre les deux, ces ‘diminutifs de livres’ – comme dirait Sainte-Beuve – que sont les lettres. C’est souvent d’ailleurs la forme épistolaire que ces écrivains en puissance adopteront pour leurs premiers essais”. É importante ressaltar o duplo sentido de *premiers essais* no original, que remete tanto ao gênero ensaístico quanto ao ensaio como “experimento”, relacionado às primeiras tentativas de escrita por parte dos escritores-aprendizes.

⁴⁴ “I am persuaded that our intellects at twenty contain all the truths we shall ever find”.

Se podemos dizer que “uma das motivações essenciais da autobiografia é demonstrar a consistência da própria personalidade e da vida”, parece justo sugerirmos que a principal motivação para a correspondência de juventude é aspirar a essa consistência e tentar programá-la, tanto de forma racional, a partir de um trabalho consigo mesmo, quanto fantasticamente, através de cenários imaginários e mitologias pessoais. “Escrevo, logo existo”, ou melhor, “existirei”: tal é o credo do jovem escritor de cartas, animado por uma fé inabalável no poder da escrita.⁴⁵

As cartas abertas publicadas em jornais que fazem parte do recorte do presente estudo tratam todas de algum aspecto do “poder da escritura” ou da importância da literatura, especialmente em sua inserção dentro de um quadro cultural nacional. Os anos de atividade do poeta no século XIX também marcam um período de maior participação na imprensa como um todo: são os anos em que Yeats mais publica contribuições em periódicos de língua inglesa, seja com resenhas de livros, seja com artigos e ensaios. Com o passar dos anos e o aumento de seu prestígio, não só as cartas aos editores de jornais diminuem de frequência, mas também seus demais aportes à imprensa.

Por fim, o ano 1900 também tem um significado especial para Yeats. Em ensaio introdutório a sua controversa edição de *The Oxford book of modern verse* (1936), Yeats marca a virada do século como um importante ponto de corte para sua definição do moderno: “Em 1900, todos desceram de suas pernas de pau; dali em diante ninguém mais bebia absinto com seu café; ninguém ficou louco; ninguém se suicidou; ninguém se converteu à Igreja Católica; ou se o fizeram, já me esqueci”⁴⁶ (CW5, p. 185).

Antes de fecharmos o foco nas cartas ao editor e no período até 1900, faz-se oportuna uma análise do histórico de publicação do universo das cartas de Yeats, ou seja, da forma como elas foram disponibilizadas para o grande público, assim como do uso que foi dado às correspondências (seja em manuscritos, seja nas edições impressas) pela fortuna crítica do autor e da área de Estudos Irlandeses.

⁴⁵ “Si l'on peut dire ‘qu'une des motivations essentielles de l'autobiographie, c'est démontrer la cohérence de sa personnalité et de sa vie’, il semble juste de penser qu'une des motivations essentielles de la correspondance de jeunesse, c'est rêver à cette cohérence et de tenter de la programmer, à la fois rationnellement, par un travail sur soi, mais aussi fantastiquement, par des scénarios imaginaires et des mythologies personnelles. ‘J'écris, donc je suis’ ou plutôt ‘je serai!’: tel est le credo du jeune épistolier, animé d'une foi indéfectible dans les pouvoirs de l'écriture”.

⁴⁶ “[...] in 1900 everybody got down off his stilts; henceforth nobody drank absinthe with his black coffee; nobody went mad; nobody committed suicide; nobody joined the Catholic church; or if they did I have forgotten”.

CAPÍTULO 1

Um histórico da publicação da correspondência de Yeats: tipos de edição, suas características e escolhas editoriais

Organizada inicialmente em uma série de autógrafos transformada em tesouro, depois num conjunto de cópias frequentemente feitas por mãos estranhas, [a carta] atinge algumas vezes a plena dignidade editorial quando, conforme lógicas que variam ao longo da história, ela se torna livro. A partir daí, desde que entra na cadeia bibliográfica, poderá ter várias edições – mais ou menos expurgadas ou fiéis, com mais ou menos erros ortográficos.

(DIAZ, 2007, p. 119)

O interesse pelas cartas de Yeats antecede sua morte e está, como no caso de diversas outras personalidades, ligado ao reconhecimento da obra do autor e a sua notoriedade como figura pública. Existem, obviamente, muitas outras razões que levam à publicação das mais variadas correspondências, mas a relação entre o culto à celebridade e a avidez por esse tipo de material é notável. Graeme Turner identifica no regime discursivo da celebridade o impulso de transpor as barreiras entre o público e o privado:

É possível mapear o momento exato em que a figura pública torna-se uma celebridade. Isso ocorre precisamente quando há uma mudança do foco de interesse por parte da mídia, que deixa de produzir reportagens sobre as atividades do sujeito em sua função pública (como suas realizações específicas, seja na política ou no esporte) para investigar detalhes de sua vida privada⁴⁷ (TURNER, 2004, p. 8).

Embora Turner não faça aqui menção específica a escritores, no panorama europeu e norte-americano da primeira metade do século XX, especialmente, Yeats certamente era uma celebridade artística e também política. Trechos de cartas são usados em memórias de amigos e conhecidos como parte da caracterização do poeta “como eu o conheci” ou de suas opiniões e seu papel no

⁴⁷ “We can map the precise moment a public figure becomes a celebrity. It occurs at the point at which media interest in their activities is transferred from reporting on their public role (such as their specific achievement in politics or sport) to investigating the details of their private lives”. Embora trate principalmente do período contemporâneo em seu *Understanding Celebrity*, Turner traça um histórico do fenômeno em que relaciona o culto romântico à personalidade e à figura do gênio com os desenvolvimentos sociais do século XIX.

contexto de certos acontecimentos que, julga-se, merecem ser comemorados e lembrados.

Como exemplo do primeiro tipo de objetivo, temos a transcrição de excertos de antigas mensagens trocadas entre o poeta e sua amiga Katharine Tynan – importante destinatária das cartas de juventude de Yeats, como veremos no próximo capítulo – e publicadas nos diversos livros de memórias que ela escreveu. Quando Tynan inclui, em *Twenty-five years: reminiscences* (1913), longas citações de trocas epistolares do final dos anos 1880 para caracterizar o poeta, naquele momento mais famoso e bem-sucedido que ela, ele reage com certo incômodo. Em 9 de novembro do ano da publicação de *Twenty-five years*, Yeats confessa a Lady Augusta Gregory, uma de suas mais importantes amigas e colaboradoras:

Quero que você pegue na biblioteca o livro da Sra. Hinkson, “Twenty Five Years Reminiscences”, que contém – sem minha autorização – páginas de cartas minhas escritas quando eu tinha vinte um ou vinte e dois anos, para mim agora muito estranhas. Reconheço o pensamento, mas a personalidade parece-me de outra pessoa⁴⁸ (CL *InteLex* #2287)⁴⁹.

É notável que Yeats faça questão de frisar que a publicação fora feita sem sua autorização – não só uma quebra do pacto epistolar entre os amigos de juventude, mas também em possível contradição com seu próprio esforço memorialista, já que ele também estava escrevendo a primeira parte de suas autobiografias. A dualidade da autoria de uma correspondência não é uma questão que se levanta com frequência nos estudos de cartas, mas o caso da publicação em memórias, como fez Tynan, revela essa complexidade:

Muito tem sido escrito sobre a inseparabilidade entre a autobiografia e a biografia e de como a decisão de se revelarem aspectos pessoais da própria vida invariavelmente descortina a responsabilidade de se revelarem detalhes dos outros também. No entanto, uma correspondência possui, literalmente, autoria dupla, fazendo surgir diversas outras questões éticas e legais⁵⁰ (JOLLY, 2007, p. 110).

⁴⁸ “I want you to get from the library Mrs Hinksons book ‘Twenty Five Years Reminiscences.’ It contains – without permission – pages of my letters when I was twenty one or two, to me now very curious letters. I recognize the thought, but the personality seems to me someone else

⁴⁹ A carta citada ainda aguarda publicação em volumes posteriores da versão impressa e anotada de *The collected letters of W. B. Yeats*, mas está disponível no banco de dados eletrônicos do *InteLex* e é identificada por número de acesso.

⁵⁰ “Much has been written on how autobiography cannot be separated from biography, and in that respect, the decision to reveal personal aspects of one’s life invariably raises responsibilities towards

Há também uma dissociação entre a imagem que o poeta tem de si em 1913 e aquela que se projeta a partir das cartas selecionadas por Tynan. Para além das considerações sobre a forma como se deu a publicação de *Twenty-five years*, o comentário de Yeats salienta um importante questionamento do presente estudo: a noção de que o eu representado nas cartas seria um retrato fidedigno do eu que as escreve.

Podemos observar o segundo tipo de objetivo sendo perseguido pela já mencionada Lady Gregory, mecenas do escritor e figura central do Renascimento Literário Irlandês. É justamente a percepção da centralidade da colaboração entre os amigos que leva Lady Gregory a aludir partes de sua correspondência pessoal em *Our Irish theatre*, suas memórias sobre a fundação do Abbey Theatre, também publicado em 1913. Tentativa de escrever algo como uma “biografia” do movimento pela criação de um Teatro Nacional irlandês, *Our Irish theatre* liga os esforços individuais de seus idealizadores (com grande destaque ao papel de Yeats) ao sucesso da empreitada e usa de fontes primárias como diários e cartas para contar sua história.

Outro volume de Gregory, *Hugh Lane's life and achievement, with some account of the Dublin galleries* (1921), é, ao mesmo tempo, uma biografia que honra postumamente a memória de seu sobrinho Hugh Lane e uma apologia ao seu legado como colecionador de arte, assim como aos seus esforços conjuntos na campanha pela criação da Galeria Municipal de Dublin, onde ficaria exposta a importante coleção de quadros impressionistas por ele adquirida. É no contexto da tentativa de obter fundos para a criação da galeria que aparecem as cartas de Yeats, um dos maiores defensores da fundação do espaço para exposições de arte. A documentação com as cartas ressalta o empenho do poeta em obter apoio para o projeto e demonstra os diversos argumentos a favor do estabelecimento de um novo espaço dedicado às artes.

É interessante assinalar que a citação de cartas em *Hugh Lane* serve como indicativo da dificuldade de sobrevivência das correspondências, ou sua “duração material”, termo utilizado por Luiz Felipe Baêta Neves, que questiona: “A duração material da carta se articula a regras de coleção, preservação, continuação da memória social. Quais as que devem ser guardadas, mutiladas ou destruídas;

revealing those of others. But a correspondence is literally dual-authored, and many more ethical and legal issues arise from this”.

onde se guardam as cartas?” (NEVES, 1988, p. 194). As cartas de Yeats em posse de Lady Gregory, apesar de importantes o suficiente para serem incluídas no livro, tiveram seus originais perdidos e não se encontram na coleção dos papéis de Lady Gregory. Sua inclusão no imenso banco de dados *InteLex* das *CL* somente foi possível pela transcrição dos trechos citados na biografia.

Não é, portanto, nada surpreendente que diversas edições da correspondência do autor existam hoje. Uma análise quase filológica do formato das publicações focadas na correspondência de Yeats faz-se necessária para considerarmos o caso específico de *The collected letters of W. B. Yeats*, editadas por John Kelly, e suas potencialidades para estudiosos do escritor hoje, bem como para justificar o uso dessa *correspondence générale* como *corpus* primário deste estudo. Consta da bibliografia desta tese uma lista separada com os títulos aqui analisados, além da lista de abreviaturas das edições mais citadas.

Primeiramente, podemos dividir edições de cartas em função de seu escopo, já que existem livros de correspondência passiva, cruzada e ativa do escritor. A edição da correspondência passiva, isto é, das cartas enviadas a uma dada figura, normalmente pressupõe a seleção dos espécimes incluídos, em geral pela importância dos correspondentes (no caso de Yeats, personalidades literárias como James Joyce) ou por seu conteúdo. A correspondência passiva de escritores e críticos literários suscita interesse para os estudos literários em função das redes de sociabilidade que ilumina e da centralidade do gênero epistolar como fórum de discussão entre personagens de importância para a literatura.⁵¹

A forma que melhor ilustra o diálogo epistolar entre correspondentes é certamente a correspondência cruzada, também chamada recíproca ou dialógica, em que são incluídas missivas que seguem a ordem cronológica em que foram escritas pelos diversos partícipes da “conversa escrita”. Tal organização só é, novamente, possível mediante a escolha de um recorte específico, seja temático, seja por destinatário, como veremos.

No entanto, a maior parte das edições inclui a correspondência ativa como foco principal, seja durante um dado período, acerca de um certo tema, em seleção ao longo da vida ou uma mistura desses e de outros princípios, que são

⁵¹ Ver, por exemplo, estudos de correspondência passiva como o que gerou a dissertação de mestrado de André da Costa Cabral, *Escritores brasileiros na correspondência passiva do crítico literário Plínio Barreto*, defendida na Universidade de São Paulo em 2009.

ditados pelos objetivos e pelos alvos da publicação: o leitor comum, que tem interesse na vida e na obra de Yeats e seus contemporâneos, ou estudiosos da área.⁵²

Correspondência passiva

Entre as publicações da correspondência passiva do autor, *Letters to W. B. Yeats* (1977), editado por Richard J. Finneran, George Mills Harper e William M. Murphy em dois volumes, é a principal fonte para quem busca trabalhar com esse tipo de material. Organizada cronologicamente e por correspondente, os critérios de seleção são delineados na curta introdução:

Embora tenhamos intencionalmente selecionado cartas escritas por um número considerável de pessoas ao longo de um amplo período de tempo (1886-1939), nossos critérios principais, em primeiro lugar, foram representar a gama de interesses de Yeats e, em segundo, dar a entender, através da correspondência de artistas, escritores e críticos, o desenvolvimento da estética do próprio Yeats⁵³ (FINNERAN, 1977, p. ix).

Como não poderia deixar de ser no caso de uma publicação de correspondência passiva, o foco da seleção é o destinatário das cartas, cujos interesses e cujo desenvolvimento determinam as escolhas dos editores – delimitando, inclusive, o período coberto, que vai desde as primeiras cartas recebidas por Yeats, aos 21 anos, até sua morte, em 1939. A escolha da interrupção em face do falecimento parece óbvia, mas não necessariamente o é: seria possível incluir o que se chamam de “cartas de terceiros”, como aquelas escritas à viúva do poeta, das quais ele seria o foco. Tais cartas, em especial as de condolências, muitas vezes contêm interessante material de reminiscências, em que se ressaltam as redes de sociabilidade nas quais o recém-falecido se inseria, além de constituírem um gênero bastante protocolar, regido por rígida etiqueta e por formas de polidez um tanto convencionais.

⁵² Estuda-se também a chamada “correspondência de terceiros”, ou seja, trocas epistolares que têm destinatários e remetentes distintos daquele que as arquiva. Menos usual, tal correspondência geralmente insere-se no contexto do colecionismo, seja profissional, seja amador.

⁵³ : “Although we have consciously selected letters from a considerable number of people writing over a broad chronological span (1886-1939), our chief criteria were, first, to represent the range of Yeats’s interests and, second, to imply through the letters from artists, writers, and critics the development of Yeats’s aesthetic”.

O segundo critério sobreleva o que justifica, para uma grande parcela de leitores, a publicação das correspondências de escritores: a possibilidade de visualizar o desenvolvimento, quase “em tempo real”, de sua estética. Diferentemente de outros artistas, a correspondência de escritores implica uma camada adicional de interesse para o estudo da crítica literária, como revela Claudine Gothot-Mersch (1991, p. 23):

Ressalto: [a correspondência] de escritores. Trata-se pois do meu último comentário. É claro que, de fato, os estudos aqui apresentados e as extensões que a mim sugeriram são somente interessantes e até mesmo passíveis de existir em função do fato de que a correspondência do artista e sua obra são da mesma natureza verbal. Embora a correspondência de um pintor ou músico possa revelar as teorias do artista sobre sua arte, apenas a correspondência de um escritor pode ser estudada como parte de sua obra, ou como seu laboratório.⁵⁴

Ao explicitar a coincidência entre a natureza da correspondência e a obra principal de escritores, Gothot-Mersch demonstra uma sofisticação que provavelmente ultrapassa o horizonte de preocupações dos editores da correspondência passiva de Yeats. No entanto, embora não discutida de forma explícita, tal coincidência informa o entendimento mais amplo das cartas como “laboratório do escritor”, um conceito de ampla circulação em estudos da epistolografia.

Aos editores também interessa explicitar o que distingue tal publicação de outras que já haviam disponibilizado ou viriam a disponibilizar cartas de remetentes específicos da correspondência passiva de Yeats. Tal preocupação é relevante, uma vez que entre os correspondentes havia diversas figuras centrais aos movimentos culturais e políticos de países anglófonos e europeus, a quem se dedicavam “edições abrangentes”, já publicadas ou em processo de edição. A lista dos escritores por esse motivo excluídos inclui nomes de peso como T.S. Eliot, James Joyce, Sean O’Casey, Lady Gregory e Ezra Pound. Entre as figuras mencionadas nesse prefácio de 1977, somente Lady Gregory ainda não teve sua correspondência

⁵⁴ “Je dis bien: d’écrivains. Ce sera ma dernière remarque. Il est clair en effet que les travaux présentés et les prolongements qu’ils m’ont suggérés ne trouvent leur intérêt, et même leur possibilité d’existence, que dans le fait que la correspondance de l’artiste et son œuvre sont de la même nature verbale. La correspondance d’un peintre ou d’un musicien peut nous révéler les théories de l’artiste sur son art. Seule la correspondance d’un écrivain peut être étudiée comme une partie de son œuvre, ou comme son laboratoire”.

completa publicada. Os editores comentam as instâncias de ineditismo e algumas de suas escolhas editoriais:

Embora desejássemos que esta coleção fosse composta inteiramente de cartas nunca antes publicadas em sua completude, estamos cientes de que um número pequeno delas pode já ter sido impressa. Também sabemos que excertos de um número considerável delas foram citados em livros e periódicos que não referenciamos. Objetivando incluir o máximo de cartas possível, mantivemos os cabeçalhos sucintos e evitamos identificar nomes e títulos demasiadamente conhecidos a que as mensagens fazem referência, bem como as fontes das citações breves usadas em nossas notas⁵⁵ (FINNERAN, 1977, p. ix).

Impedidos de incluir toda a correspondência passiva de Yeats, os editores revelam preocupações que inserem seu trabalho na esfera das edições críticas e de cunho mais acadêmico: a insistência na completude ressalta a atenção aos efeitos da prática da seleção de trechos isolados e à questão da contextualização da correspondência, assim como a preservação de sua integridade. Em sentido oposto a essas características, limitações provavelmente impostas pela editora, como o número total de volumes dedicados à correspondência passiva, cerceiam a possibilidade de melhores práticas, como a inclusão de cabeçalhos completos e, mais importante, a devida documentação das fontes citadas. A atitude pragmática dos editores resulta portanto em escolhas que dão mais destaque ao texto das cartas que ao aparato crítico que as apoia:

A fim de manter o aparato editorial a um mínimo, adotamos as seguintes políticas: uma vez que erros ortográficos, de construção gramatical e a ausência de pontuação padrão muitas vezes acabam por projetar o caráter do escritor, evitamos, com poucas exceções, o uso do *sic*; corrigimos, ocasionalmente, erros ortográficos de palavras comuns, títulos e nomes (especialmente quando aparecem em cartas datilografadas e se estão grafadas corretamente em outras partes da mesma carta); em alguns poucos casos, incluímos recuo de parágrafo, principalmente quando não podíamos ter certeza da intenção do autor; finalmente, fizemos uso parcimonioso de colchetes, principalmente para suprir palavras necessárias a uma maior clareza, e não apenas para sugerir dúvidas de transcrição,

⁵⁵ “Although it is our intent and hope that this collection should consist entirely of letters never before published *in toto*, we are aware that some few may already be in print. We are also aware that passages from a sizeable number of them have been quoted in books and periodicals which we have not cited. Because we attempted to include as many letters as possible we have kept the headnotes succinct, and we have avoided identifying well-known names and titles referred to in the letters as well as the sources of many brief quotations in our notes”.

embora algumas poucas palavras tenham permanecido indecifráveis, a despeito de nossos esforços⁵⁶ (FINNERAN, 1977, p. x).

Trata-se, de fato, de uma edição em que pouco aparecem as marcas dos editores – o que não significa que por trás do texto “limpo” não haja uma série de decisões editoriais, incluindo, nesse caso, os três princípios destacados por Gothot-Mersh como “regras” das edições modernas: *exhaustivité*, *ordre chronologique* e *fidelité à l'autographe* (GOTHOT-MERSH, 1991, p. 5), embora a “fidelidade”, nesse caso, não fique clara, já que são feitas correções de “grafadas corretamente em outras partes da mesma carta”, o que ignora a idiossincrasia da escrita de Yeats – e, por extensão, de seu “caráter”, segundo os próprios editores.

Podemos incluir também na categoria de correspondência passiva a edição *The Gonne-Yeats letters, 1893-1938: always your friend* (1992), já que inclui 372 cartas de Maud Gonne e somente 30 de Yeats. Introduzida pela neta de Maude Gonne, Anna MacBride White, a correspondência é também precedida por um longo ensaio do editor A. N. Jeffares, em que se apresenta o contexto biográfico do relacionamento de Gonne e Yeats. A inclusão do paratexto é importante, já que a história do amor entre o poeta e sua musa “rebelde” (tanto no sentido de relutante quanto em relação às suas atividades como nacionalista irlandesa) define muito da recepção do escritor pelo grande público – leitor, majoritariamente, da poesia lírica e de amor de Yeats.

Em sua resenha à publicação de *Gonne-Yeats letters*, o eminente teórico britânico do Romantismo e do Modernismo Frank Kermode insere longa consideração sobre a figura de Maud Gonne e sua família, inclusive sua filha, Iseult Gonne, e seu cunhado, Francis Stuart, e defende o lugar da musa de Yeats dentro da história do nacionalismo irlandês. Kermode também alude à especulação a respeito da existência de cartas “escondidas” de Yeats e Gonne, mantidas fora de circulação até a publicação do volume:

⁵⁶ “In order to keep the editorial apparatus to a minimum, we have adopted the following policies: because misspellings, ungrammatical construction, and the absence of standard punctuation marks often project the character of the writer, we have, with few exceptions, avoided the use of *sic*; we have occasionally corrected misspellings of common words, titles, and names (especially if they appear in typed letters and if they are spelled correctly elsewhere in the same letters); in some few instances we have supplied paragraph indentation, chiefly when we could not be certain of the author’s intention; finally, we have used square brackets very sparingly, chiefly to supply words necessary for clarity rather than to suggest uncertainty with transcription, though some few words have defied our best efforts”.

Levenson, no prefácio de sua biografia [de Gonne], questiona a existência do “baú de tesouro” da correspondência de Yeats e Gonne, embora acreditasse que a família estaria de posse de algumas cartas, muito deterioradas ou triviais para merecer atenção delongada⁵⁷ (KERMODE, 1992, p. 12).

Podemos considerar que tanto a supervalorização das cartas remanescentes quanto seu descrédito como “triviais” são posições possíveis em relação ao volume. Se, por um lado, a disponibilização do material revelou muito sobre Gonne e suas interações com Yeats, servindo, inclusive, de base para a reconstrução das cartas deste pelos editores das *CL*, por outro, como veremos, não deixa de ser uma decepção que tão poucas cartas do próprio escritor tenham sobrevivido e que a maioria delas seja de seu período tardio e de fato algo triviais – convites e notas de leitura. É por isso que consideramos que, a despeito da sugestão de uma correspondência cruzada em *The Gonne-Yeats letters*, trata-se de um exemplo da correspondência passiva do autor. Em suas considerações finais, Kermode conclui de forma impecavelmente crítica: “E assim, no final, toda uma família fascinante acaba, mais uma vez, reduzida a *Yeatsiana*”⁵⁸ (KERMODE, 1992, p. 12). A observação aplica-se a diversos outros volumes de correspondência cruzada.

Correspondência cruzada

O primeiro volume de correspondência cruzada de Yeats é impresso no ano seguinte à sua morte por sua amiga e colaboradora Dorothy Wellesley, a duquesa de Wellington. Intitulado *Letters on poetry from W. B. Yeats to Dorothy Wellesley* (1940), trata-se, no entanto, de um livro de correspondência cruzada entre os dois poetas. Diferentemente dos excertos publicados por Katharine Tynan, a publicação do material por Wellesley, a quem Yeats fora apresentado poucos anos antes, obtivera o consentimento dele e de sua viúva, algo que a autora e organizadora faz questão de ressaltar.

A despeito do título enganador quanto à natureza da correspondência, o livro denota com precisão o foco da seleção: trata-se de trocas epistolares que

⁵⁷ : “Levenson, in the Preface to his biography, doubted the existence of a ‘treasure-trove of Yeats-Gonne letters’, though he believed there were in the family some that were too dilapidated or trivial to merit attention”.

⁵⁸ : “And so, in the end, the whole fascinating family is once again reduced to *Yeatsiana*”.

ocorreram em função do papel central de Yeats como divulgador do trabalho de Wellesley no final dos anos 1930. Embora diversos volumes de poesia da aristocrata já tivessem sido publicados antes de ela se tornar amiga íntima de Yeats,⁵⁹ segundo o *Oxford dictionary of national biography* (DNB) o endosso do poeta foi fundamental para estabelecer sua reputação literária (SACKVILLE-WEST; TAYLOR, 2004). A maior parte das cartas é fruto da colaboração para a edição de *Selections from the poems of Dorothy Wellesley* (1936), capitaneada por Yeats, e portanto inclui interessantes reflexões sobre o fazer poético. Wellesley chama a atenção justamente para esse aspecto em seu prefácio ao volume:

As cartas incluídas não apenas contêm muito do pensamento de Yeats sobre a técnica poética, mas também refletem o funcionamento natural de sua mente acerca de vários outros assuntos. [...] É por essas razões, e por causa da forte impressão que sua produção tardia vem causando nessa nova geração de escritores, que pensamos que esta correspondência geraria interesse suficiente para justificar sua publicação: ela abre a cortina e revela os processos criativos de um grande poeta⁶⁰ (WELLESLEY, 1940, p. v).

Aos méritos próprios de Yeats e de sua obra junta-se como justificativa da publicação da correspondência tardia do autor o seu legado junto a poetas mais recentes, incluindo expoentes da poesia modernista de língua inglesa, como Pound e Eliot. Mais que uma ruína do *fin-de-siècle* ou da *Celtic Toilette* (termo usado por Joyce e Flann O'Brien para fazer troça com *Celtic Twilight*, título de um dos livros de Yeats apropriado para caracterizar o movimento a que ele pertencia), Wellesley realça aquilo que torna o velho poeta contemporâneo e vigoroso, mesmo aos mais de 70 anos:

Aqui podemos ver, mês a mês ou mesmo, frequentemente, semana a semana, o fluxo espontâneo da extraordinária vitalidade intelectual de Yeats durante os últimos quatro anos de sua vida, aqueles em que mostrou não só que seu poder criativo continuava tão vigoroso como sempre mas também que estaria, ainda, buscando a

⁵⁹ O primeiro contato dos dois poetas deu-se, inclusive, em função da pesquisa empreendida por Yeats para a seleção de poetas contemporâneos para sua antologia *Oxford book of modern verse* (1936).

⁶⁰ : "Not only do [the letters included] contain many of Yeats's views on the technique of verse, but they also reflect the fresh informal workings of his mind on a variety of subjects. [...] It is for this reason, and because of the great impression his later work has made upon the new generation of writers, that this correspondence has been thought to have sufficient interest to justify its publication. It lifts a curtain on the creative processes of a great poet".

vanguarda em novas formas de expressão⁶¹ (WELLESLEY, 1940, p. v).

A noção da cortina e do funcionamento natural do excerto anterior, assim como o “fluxo espontâneo” deste, revela certa ingenuidade crítica por parte da amiga, mas está em total acordo com a fisionomia memorialista do volume, em que curtos ensaios de cunho biográfico introduzem as seções separadas por períodos de um a dois anos, das quais a derradeira, “Last days” (“últimos dias”), tem tom ainda mais elegíaco.

Para além da celebração da figura do poeta, a correspondência editada por Wellesley trai suas intenções de autopromoção: a editora não apenas inclui suas próprias cartas ao poeta, como também opta, diversas vezes, por manter os poemas de sua autoria incluídos nelas. Afora o fato de efetivamente orquestrar sua republicação nas páginas do volume, ao incluir os poemas no contexto da troca epistolar com Yeats, a aristocrata salienta sua própria relevância e sua apreciação pelo consagrado autor, que mesmo em seu leito de morte estaria disposto a investir na arte da amiga e a lhe dedicar atenção e elogios. Podemos perceber isso também na inserção de material extrínseco à correspondência dos dois, como a introdução escrita pelo mestre quando da publicação de *Selections from the poems of Dorothy Wellesley* e seções com “comentários e conversas” dos dois (sem documentação adequada). A poeta mostra-se bastante consciente da tradição das escritas biográficas inglesas e, ao recontar o fluxo intenso da conversa com o irlandês, pergunta: “O que faria Boswell? Aprenderia taquigrafia”.⁶² A referência a James Boswell, considerado o mais importante autor da biografia moderna inglesa com sua magnífica *The life of Samuel Johnson, LL.D.* (1791), decerto traria à mente do leitor contemporâneo da edição a relação de amizade e admiração de Johnson e Boswell. Inserindo-se na linhagem de Boswell, Wellesley repisa o seu papel como amiga íntima do poeta e sua posição privilegiada para observá-lo e entendê-lo. Para o leitor atual, contudo, a alusão parece ainda mais apta: a recepção crítica do “Johnson de Boswell” move-se cada mais em direção à apreciação do “Boswell em Johnson”, ou

⁶¹ “Here may be seen, month by month, often week by week, the spontaneous flow of his extraordinary intellectual vitality during the last four years of his life; those years when he showed not only that his creative power was as vigorous as ever, but also that he was still reaching forward into new forms of expression”.

⁶² “What would Boswell do? Learn shorthand”.

seja, ao papel do biógrafo e sua inscrição na vida do amigo biografado.⁶³ Retratando Yeats em sua correspondência cruzada, Wellesley retrata a si mesma.

Roger McHugh, cujo volume da correspondência ativa com a amiga Katharine Tynan será discutido na próxima seção, é também responsável por *Ah, sweet dancer: W. B. Yeats and Margot Ruddock, a correspondence* (1971). Embora trate-se também de uma correspondente poeta, a relação de Yeats com Ruddock é diferente da sua colaboração com Wellesley ou com outros artistas como Thomas Sturge Moore, discutida a seguir. No caso de Ruddock, a relação mestre-pupila dita a tônica da correspondência cruzada entre o já idoso Yeats e sua jovem amante de 27 anos, com quem ele se envolveu no período de 1934 a 1937. Embora Ruddock fosse uma poeta aspirante, as cartas revelam a fusão entre a discussão estética e conselhos editoriais e a corte amorosa.

O interesse pela correspondência cruzada entre artistas também norteia a seleção de Ursula Bridge, *W. B. Yeats and T. Sturge Moore: their correspondence 1901-1937*, publicada em 1953, que trata da correspondência entre os dois artistas, que se conheceram em 1898 e mantiveram fortes laços de amizade até a morte de Yeats, em 1939. Sturge Moore, também poeta, é frequentemente associado à obra de Yeats por sua colaboração com projetos gráficos para a ilustração de diversos volumes publicados, sendo o mais emblemático e memorável o trabalho da capa do volume de poesia *The tower* (1928).

Essa troca epistolar aborda a colaboração de dois artistas e foi selecionada pela relevância do período retratado, embora a organizadora considere que o interesse em Yeats, por ser este o artista mais famoso, deva sempre ser maior. As cartas são apresentadas em ordem cronológica, tentando seguir sempre a lógica da resposta, intercalando-se as cartas de Yeats com aquelas de Sturge Moore, salvo algumas exceções. A organizadora apresenta algumas poucas notas explicativas ao fim do texto, dando contexto às referências mais obscuras e em indexação à carta como um todo, sendo que as mesmas são numeradas de 1 a 165. A ortografia de Yeats é padronizada e os erros corrigidos.

A questão da ortografia também é um ponto crucial nos livros de correspondência editados por Ann Saddlemyer. Em *Theatre business* (1982), incluem-se as trocas epistolares dos fundadores e três primeiros diretores do Abbey

⁶³ Ver, por exemplo, *Designing the life of Johnson*, de Bruce Redford (2002), para uma reflexão sobre o papel de Boswell como biógrafo, e *Body parts: essays on life-writing*, de Hermione Lee (2008, p. 1).

Theatre: Yeats, Lady Gregory, sua mecenas e também dramaturga, e J. M. Synge, autor de três dos maiores sucessos dos anos iniciais do teatro, *In the shadow of the glen* (1903), *Riders to the sea* (1904) e *The playboy of the western world* (1907). A morte precoce de Synge privou o teatro irlandês de um de seus mais originais autores, e nessa perda centra-se o importante ensaio de Yeats, intitulado “J. M. and the Ireland of his time” (CW4, p. 226-247).

O título completo, *Theatre business: the correspondence of the first Abbey Theatre directors* revela o princípio organizador da edição: são cartas trocadas pelos três diretores no que diz respeito às questões artísticas e administrativas do teatro, desde 1897, ano em que Yeats conhece Lady Gregory e passa a discutir, juntamente com Edward Martyn, a criação de um “Teatro Celta”, até a morte de Synge, em 1909.

O volume presta-se a uma consideração mais delongada a respeito das possibilidades de seleção de correspondência cruzada entre mais de dois correspondentes. Em sua “Nota acerca da edição”, Saddlemyer explica os princípios de organização de sua edição:

Devido ao enorme número de cartas entre Yeats e Lady Gregory [...] e planos para a publicação da correspondência completa de ambos, decidiu-se fazer das cartas de e para Synge o princípio organizador da presente edição, indicando-se por meio de citações em notas as demais e variadas trocas de ideias dessa correspondência tripla e atividades que a ela se relacionam⁶⁴ (SADDLEMYER, 1982, p. 20).

A correspondência ativa e passiva de Synge fornece a guia para a edição, que passa a ser organizada tanto por correspondentes (todas as cartas incluídas são dos três diretores do Abbey Theatre, exceto quando cartas de terceiros são citadas ou incluídas como parte de uma missiva deles próprios) quanto tematicamente, já que, em sua maior parte, as cartas estão circunscritas ao período de 1904 a 1909, um período de “importância histórica não só para o movimento literário irlandês, mas também para movimentos de arte e dos pequenos teatros locais que marcam os primeiros anos do século XX”⁶⁵ (SADDLEMYER, 1982, p. 9). O próprio título da edição, *Theatre business*, referência ao poema “The fascination of

⁶⁴ “Because of the enormous number of letters between Yeats and Lady Gregory [...] and plans for publication of larger collections of letters by both, it was decided to make the letters to and from Synge the controlling pattern for this edition, giving an indication through quotations in the notes of the other numerous exchanges in this threefold correspondence and its encircling activities”.

⁶⁵ “the four years from the opening of the Abbey Theatre in December 1904 to Synge’s death in March 1909 is of historical significance not only to the Irish literary movement, but to the little theatre and art movements which mark the early years of the twentieth century”.

what's difficult", escrito por Yeats, explicita seu foco temático, ou seja, a concepção e o gerenciamento do teatro em sua primeira fase, coincidente com o período representado na seleção.

Podemos, ademais, levantar também uma hipótese mais prática para a escolha de Synge como fio condutor: Ann Saddlemyer estava, quando da publicação de *Theatre business*, em 1982, já bastante avançada na editoração de toda a correspondência ativa de Synge, publicada em dois volumes em 1983 e 1984. Embora Saddlemyer tenha, mais recentemente, editado a correspondência cruzada de Yeats, sua mulher e seus filhos, discutida a seguir, seu interesse, ao final do século XX, era principalmente Synge. O próprio *Theatre business* surge como desdobramento de *Some letters of John M. Synge to Lady Gregory and W. B. Yeats*, publicado em 1971⁶⁶ pela própria editora da família de Yeats, a Cuala Press. Além de limitada a apenas 500 cópias, trata-se de uma seleção bastante enxuta, com 56 cartas de Synge para Yeats e Lady Gregory.

O novo projeto de Saddlemyer, levado a termo em 1984, também lhe propicia corrigir erros dos trabalhos anteriores. Em sua introdução a *The collected letters of John Millington Synge*, a editora esclarece que havia corrigido "transcrições, datas e referências de todas as suas publicações anteriores"⁶⁷ (SADDLEMYER, 1984, p. xvii), também chamando a atenção para o seu acesso a originais e para a comparação entre estes e cópias de outras coleções. A questão da normatização ortográfica também é mencionada e suscita algumas reflexões:

Apesar de dizer a Molly que ele comete poucas falhas em suas cartas, erros gramaticais e ortográficos são prevalentes em sua escrita e são aqui reproduzidos, acompanhados de emendas

⁶⁶ No mesmo ano de 1971, Saddlemyer também publicou nos Estados Unidos o volume *Letters to Molly: John Millington Synge to Maire O'Neill, 1906-1909*, com a correspondência privada do escritor com a sua futura noiva, a atriz cujo nome de batismo era Molly Allgood. A troca epistolar entre os amantes, frequentemente separados pelas internações do escritor, assim como pelas turnês do teatro, interrompe-se justamente quando da morte de Synge, aos 37 anos, vítima de Linfoma de Hodgkin.

⁶⁷ No parágrafo original: "I have been able to correct transcriptions, dates and references in all these earlier publications. In doing so, I have been greatly assisted by access to the Synge papers in the possession of the Stephens family and in Trinity College, Dublin, Library, especially Synge's own diaries and those of Mrs Kathleen Synge and the complete text of Edward Stephens's 'Life', and to the complete Joseph Holloway diaries and other relevant manuscript collections in the National Library of Ireland".

editoriais e acréscimos somente quando absolutamente necessários e sinalizados por colchetes ([])⁶⁸ (SADDLEMYER, 1984, p. xviii).

Tal justificativa marca forte contraste com asserção anterior da mesma editora, que, no volume da correspondência com Molly, dissera que (SADDLEMYER, 1971, p. xxiv):

A fim de preservar ao máximo o sabor e o imediatismo das cartas de Synge, transcrevo erros gramaticais, travessões, marginália e tudo mais. Embora Synge seja um escritor descuidado e emocional, há poucos erros de ortografia.⁶⁹

Podemos entender essa mudança de abordagem por dois pontos de vista: primeiramente, como decorrente da conferência, transcrição e eventual retranscrição dos originais, parte do processo de edição da correspondência geral de Synge. Em segundo lugar, é possível relacioná-la a questões de cunho mais social – em especial por causa da referência a Molly. Assim como seu conterrâneo e quase contemporâneo James Joyce, Synge também escolhe como companheira uma moça de classe inferior à sua, e essa diferença de classe acaba por colorir muito da representação do relacionamento entre escritor e amada.⁷⁰

Perguntamo-nos se a insistência nos erros de Synge na introdução da correspondência completa não parte de uma rejeição da representação tradicional de Molly, cujos erros ortográficos eram frequentemente execrados pelos críticos. Ao ressaltar que até o grande escritor comete erros em sua escrita, as falhas da escrita

⁶⁸ “Despite Synge’s disclaimer to Molly that he made few mistakes in his letters, grammatical and spelling errors are prevalent and have been reproduced, with editorial emendations and additions provided only where absolutely necessary, in square brackets ([])”.

⁶⁹ “In order to preserve as much of the flavor and immediacy of Synge’s letters as possible, I have transcribed grammatical errors, dashes marginalia and all. Although Synge was a careless and emotional writer, there are few spelling errors”.

⁷⁰ Autora da biografia revisionista de Nora Barnacle, mulher de Joyce, publicada em 1988, a crítica feminista Brenda Maddox viria a comentar quando uma recém-descoberta carta do escritor foi a leilão pela Sotheby’s, em 2004, causando furor entre estudiosos do autor e colecionadores: “A admiração por Nora Barnacle Joyce só tende a aumentar depois de ontem. Nora não era meramente musa, mas mentora da carta obscena que Joyce lhe escreve em 1º de dezembro de 1909. Foi ela quem iniciou a correspondência explicitamente erótica que os amantes trocaram durante o afastamento do período de 1909. A carta de 1º de dezembro pertence à notória sequência conhecida, dentro do jargão acadêmico dos joyceanos, como “as cartas imundas” (“Admiration for Nora Barnacle Joyce can only increase after yesterday. Nora was not merely the muse but the mentor for the obscene letter Joyce wrote to her on December 1 1909. It was she who initiated the explicit erotic correspondence they exchanged when separated in 1909. His December 1 letter comes in the notorious sequence known in Joycean scholarly parlance as ‘the dirty letters’”. MADDUX, B. Ah yes – but what ever happened to Nora’s side of the correspondence?. *The Guardian*, 9 July 2004). Conquanto sua afirmação de que as informações contidas na carta “aumentariam a admiração” do público por Nora, o que é certamente contestável, destaca-se o papel da carta em alterar a percepção da mulher de Joyce como mera musa semianalfabeta: seria ela a iniciadora desse controverso mas importante subgênero da correspondência dos dois, revelando também seu domínio das expectativas dessa escrita.

de Molly parecem ser menos expressão de sua ignorância e falta de educação, características que a desqualificariam como companheira de Synge, e mais uma consequência natural da escrita epistolar empreendida em meio à turbulência emocional. O sucesso dessa possível empreitada feminista é duvidoso, como podemos ver em resenha do *New York Times* escrita por Richard Ellmann, biógrafo de diversas figuras da literatura irlandesa, incluindo o próprio Joyce, assim como Yeats:

Molly e Synge apaixonaram-se quando ele tinha 36 anos e ela, 19. Ele formara-se na universidade; ela tinha suas dificuldades com ortografia e pontuação. Ele desejava que ela lesse bons livros e estudasse poesia para que pudesse aconselhá-lo e dizer-lhe se seus versos eram bons. Como aluna, no entanto, ela era algo recalcitrante⁷¹ (ELLMAN, 1984, [s.p.]).

O contraste entre os dois correspondentes é posto de forma a explorar as diferenças gritantes entre os noivos e reforça a visão prevalente da disparidade da relação – assim como a complacência em relação à atriz e a certeza da superioridade do escritor. Tais observações acerca da existência de erros na escrita são relevantes para o estudo das cartas de Yeats, já que é difícil encontrar sequer uma carta autógrafa sem uma série de erros. No entanto, o tratamento dos erros do escritor jamais recebe o mesmo escrutínio que os erros das correspondentes de Joyce e Synge, uma vez que as realizações literárias de Yeats asseguravam-no em seu lugar de “gênio”, posição jamais ocupada por essas mulheres, frequentemente relegadas à posição de musas, ainda que inadequadas.

O mais recente livro de Saddlemyer, *W. B. Yeats and George Yeats*, lançado em 2011, foca em outro tipo de mulher: não a musa idealizada, a “mulher inalcançável”, e sim o amor correspondido, o que podemos ver como uma resposta à pergunta que o poeta introduz em “The tower” ou “A torre”, em bela tradução de Augusto de Campos: “Acaso a fantasia é compelida/À mulher ganha ou à mulher perdida?”⁷² (1987). Fonte importante para a escrita da biografia de George Yeats⁷³, publicada por Saddlemyer como *Becoming George: the life of Mrs W. B. Yeats*

⁷¹ “She and Synge fell in love when he was 36 and she 19. He was a university man; she had her troubles with spelling and punctuation. He longed for her to read better books, to study poetry so she could tell him whether or not his verse was any good. As a pupil, however, she was recalcitrant”.

⁷² “Does the imagination dwell the most/Upon a woman won or woman lost?” (VP, p. 413).

⁷³ Batizada como Bertha Georgina Hyde-Lees, a moça de 25 anos casou-se com Yeats em 1917, quando o poeta tinha 52 anos. O apelido mais feminino de “Georgie” foi substituído por “George” por influência de Ezra Pound, então já casado com a prima de Georgina. O apelido masculino é amplamente usado por Yeats e normalmente adotado como o nome da Sra. Yeats.

(2002), a correspondência cruzada entre Yeats, sua mulher e seus filhos, desde anos antes do casamento até as últimas cartas trocadas com a filha Anne em 1939, quando Yeats morre, na França, demorou muitos outros anos para vir a público. Focada na vida familiar e especialmente na figura da esposa, essa edição segue muitos dos princípios editoriais estabelecidos por John Kelly nas *CL*, extensamente discutidos a seguir, revelando a influência da coleção da Oxford University Press em edições posteriores.

A correspondência cruzada da família de W. B. Yeats inclui mais cartas do poeta, 436, que de sua mulher, 149. Além destas, o livro conta com 29 missivas escritas para seus filhos, a maioria delas guardadas pela primogênita, Anne. Foram, inclusive, os herdeiros que determinaram a edição do volume da “correspondência marital” (como ela veio a ser reconhecida no meio) concomitantemente à das *CL* por John Kelly. A relação entre os esforços de Kelly, Roy Foster e da própria Saddlemyer é explicitada em seu prefácio, em que ela menciona que “com a permissão de John Kelly, editor geral das *Collected letters*, e após a publicação de biografias de W. B. Yeats por Roy Foster e de George Yeats por mim, comecei o trabalho lento de transcrição e anotação”⁷⁴ (SADDLEMYER, 2011, p. vii). A ênfase na demora da transcrição menciona as dificuldades do tipo de anotação cujo padrão Kelly estabeleceu, assim como a circulação do casal em esferas que iam além de seu contexto irlandês. A crítica e editora também responde a algumas perguntas quanto ao papel da correspondência no relacionamento do casal, justificando a existência da grande quantidade de material:

Por que escreveram tantas cartas? Mesmo durante suas aventuras amorosas após a operação de Steinach, WBY esforçava-se para manter seu relacionamento, para continuar a amizade com George. [...] Através de suas cartas e o telegrama ou telefonema eventual, ambos mantiveram uma presença durante a ausência. Apesar da mudança gradual em modos e conduta, de carinho à familiaridade, existe um reconhecimento de que precisavam um do outro⁷⁵ (SADDLEMYER, 2011, p. viii).

⁷⁴ “With the permission of John Kelly, general editor of *The Collected Letters*, and after the publication of biographies of W. B. Yeats by Roy Foster and mine of George Yeats, I began the slow work of transcription and annotation”.

⁷⁵ “Why did they write so many letters? Even during his post-Steinach amorous adventures, WBY worked at sustaining a relationship, to continue a friendship with George. [...] through their letters and the occasional telegram or telephone call, both maintained a presence during absence. Despite the gradual change in mode and manner from endearment to familiarity, there was an acknowledgement that they needed each other”.

A menção aos efeitos da operação para “rejuvenescimento sexual” exemplifica como a passagem do tempo e o falecimento dos envolvidos favorece a publicação de correspondências sem a imposição de censura – embora tal censura seja sempre possível pelos herdeiros. Para além da biografia, o interesse na figura de George e na dinâmica do casamento tem gerado novos estudos de grande impacto, como *Wisdom of two: the spiritual and literary collaboration of George and W. B. Yeats* (2006), de Margaret Mills Harper.

Harper, cujas credenciais incluem também seu papel como herdeira do primeiro grande estudioso da produção ocultista de Yeats, George Mills Harper, é hoje responsável pelas duas edições do tratado místico *A vision*, cuja primeira versão foi lançada em 2008 (CW13), e a segunda, prevista para maio de 2015, o que a colocou em posição privilegiada para entender esse verdadeiro casamento místico. Para tanto, o acesso aos papéis pessoais do casal, assim como a sua correspondência, antes e depois da publicação de Saddlemyer, foi essencial.

Por muito tempo subestimada, a participação de George na escrita de *A vision* e nas metáforas que alimentavam a imaginação do marido estendeu-se também para um reconhecimento, ainda que de forma relutante, de seu papel como interlocutora. É graças a essa percepção que a “correspondência marital” sobrevive:

Assim como fez com todos os manuscritos e documentos de seu marido (pelo menos aqueles que ela tivera em mãos), George Yeats preservou toda a sua correspondência, escrupulosamente armazenando-a em grandes envelopes pardos. Ao mesmo tempo que generosamente abria sua casa para estudiosos ou “buscadores”, tentou proteger sua própria privacidade. No seu entendimento, a biografia não era tão importante quanto a obra – e esposas e filhos não tinham lugar naquela narrativa. No entanto, ela preservou suas cartas. Em missiva a seu filho em 1958, depois de aturar mais uma trabalhosa temporada de verão com os estudiosos, disse-lhe que iria “pensar sobre as minhas próprias cartas para WBY, mas acho que não devo mudar de ideia. Já as dele, lhes entregarei em um pacote fechado com os dizeres ‘não abrir até depois de minha morte’”(1)⁷⁶ (SADDLEMYER, 2011, p. vii).

⁷⁶ As she did with all her husband's manuscripts and papers (at least, those she could lay her hands on), George Yeats preserved their correspondence, scrupulously storing it in large brown envelopes. At the same time, while generously opening her home to scholars or 'seekers', she tried to protect her own privacy. As far as she was concerned, biography was not as important as the work—and wives and children had no place in that narrative. But she did preserve her letters, writing to her son in 1958, after suffering a demanding summer scholars' season, 'will think about my own letters to WBY, but do not think I shall change my mind. His to me will be handed over to you in a sealed package 'do not open until after my death' (I)".

O histórico da transmissão desse material salienta as tensões entre privado e público, vida e obra, vida e morte e, muito importante para nós, destinatário e remetente. O papel privilegiado de Yeats como escritor também explica por que a maior parte das edições de sua correspondência foca em sua faceta ativa.

Correspondência ativa

Um exemplo interessante da interação entre escritores e do papel da mulher nos meios artísticos irlandeses e ingleses do final do século XIX e início do XX é o livro *Florence Farr, Bernard Shaw, W. B. Yeats letters*, editado por Clifford Bax em 1941 pela Cuala Press (Dublin) e em 1942 nos EUA.⁷⁷ Temos aqui outro caso de título passível de causar equívocos, já que não se trata de uma edição de correspondência cruzada entre artistas, no caso uma atriz e seus dois admiradores, ambos escritores e dramaturgos irlandeses. O livro traz apenas a correspondência passiva da atriz Florence Farr Emery escrita por Shaw e por Yeats, com quem ela trabalhou em diversas peças e outros projetos. Shaw contribuiu com várias peças para produções do Irish Literary Theatre e suas posteriores denominações até o estabelecimento do Abbey Theatre, do qual Yeats era um dos diretores.

O volume, publicado também postumamente e apenas dois anos após a morte de Yeats, traz as cartas escritas pelos dois autores e cuidadosamente guardadas pela atriz. A edição inclui prefácio do editor e explicações de Shaw (ainda vivo quando da publicação) e de George Yeats, então já responsável pelo legado literário do marido. No prefácio, Bax levanta a importante questão da procedência do material por meio de uma anedota em que relata a surpresa de Shaw ao contatá-lo acerca do projeto: “Mas como diabos você veio a possuir essas cartas?”⁷⁸ (BAX, 1942, p. v). A surpresa advém do fato de que a amizade da atriz com Bax e sua esposa era recente e aparentemente superficial. A história dos originais, enviados pela atriz em uma Caixa Preta (capitalizações usadas pelo próprio Bax) para a

⁷⁷ Assim como muitos dos livros de autoria do próprio Yeats, esse volume de correspondência tem datas de publicação diferentes dependendo da editora e do público, sendo a primeira publicação normalmente feita em baixa tiragem pela Cuala Press, em Dublin, para o público “coleccionador”, com posteriores edições sendo impressas por gigantes como a Macmillan no Reino Unido e, posteriormente, nos EUA.

⁷⁸ “The reader, however, may be disposed to ask, as Mr. Shaw asked, ‘How the dickens did they come into your possession?’”.

residência do editor logo antes de sua partida para o Ceilão e com instruções para ser aberta somente após sua morte, soa tão misteriosa quanto “All Souls’ Night”, poema místico em que Yeats relembra a amiga e invoca seu espírito na noite do Dia de Finados:

On Florence Emery I call next,
Who finding the first wrinkles on a face
Admired and beautiful,
And knowing that the future would be vexed
With ‘minished beauty, multiplied commonplace,
Preferred to teach a school
Away from neighbour or friend,
Among dark skins, and there
Permit foul years to wear
Hidden from eyesight to the unnoticed end.⁷⁹
(VP, p. 472)

A representação da amiga como uma mulher que abandona os conhecidos por orgulho e vaidade pareceu um pouco cruel para aqueles que conheciam suas circunstâncias, já que Farr partira aos recantos do império vítima de câncer e viria a falecer pouco tempo depois. No entanto, para além das circunstâncias biográficas de seu exílio autoimposto, Yeats parece lamentar no poema a decadência física e moral de todo um ideal de beleza, uma visão apocalíptica que a também ocultista Farr certamente endossava. Originalmente publicado no esotérico livro de filosofia mística *A vision* (1925), este poema seria posteriormente incluído no grande volume modernista de Yeats, *The tower* (1929), e pode ser entendido nesses dois contextos.

Embora a atriz seja o princípio organizador do volume, ele é dividido em dois: a primeira parte com as cartas de Shaw, e a segunda com as cartas de Yeats. Em sua nota explicativa, Shaw diz que a correspondência entre eles era um monólogo, já que ele não se lembra se ela alguma vez lhe respondeu.⁸⁰ Após considerar a razão (ou falta de razão, segundo ele próprio) da ausência da voz de Farr, o editor concede:

Reputações literárias são mercadoria perecível; mas é difícil para mim imaginar uma época em que o público não vá interessar-se por

⁷⁹ Minha tradução literal: “Florence Emery invoco a seguir,/Que ao encontrar as primeiras rugas em um rosto/Admirado e belo,/E sabendo que o futuro seria fustigado/Por beleza diminuída, mediocridade multiplicada,/Preferiu lecionar em uma escola/Longe de qualquer vizinho ou amigo,/Entre peles escuras, e ali/Permitir aos odiosos anos passar/Afastada dos olhares até seu fim, despercebida”.

⁸⁰ “[F]or some years we saw a great deal of one-another, and I wrote the letters which follow. It was a onesided correspondence; for I cannot remember that she ever wrote to me” (BAX, 1942, p. xi).

Yeats e Shaw. Talvez, também, este pequeno livro preserve a memória de uma mulher capaz de inspirar homens notáveis⁸¹ (BAX, 1942, p. viii).

Apesar de incluir algumas notas, o caráter mais informal dessa coleção procede desse objetivo memorialista. Não se trata aqui de uma edição acadêmica que pretenda apresentar ao público as cartas de autores consagradíssimos e servir como fonte de pesquisa. A tiragem baixa e os ricos aspectos gráficos do volume reforçam a ideia de que este é um livro para o consumo de poucos. Tais características desse volume de correspondência ativa de Yeats não destoam de sua prática mais ampla de publicar sua poesia e outros gêneros em edições limitadas pela Cuala Press, editora capitaneada por suas irmãs e que produzia belíssimos livros de colecionador, inspirados pelo movimento das *Arts and Crafts* e especialmente por William Morris, importante figura para toda a família Yeats, como veremos.

Na mesma linha focalizada na colaboração entre artistas, podemos classificar a correspondência ativa de Yeats com outra colega poeta. O primeiro livro de Roger McHugh, *Letters to Katharine Tynan*, de 1953, contém todas as cartas enviadas por Yeats à amiga Tynan, constantes do acervo da Huntington Library, e excertos de cartas pertencentes a outros arquivos. Mais volumosa durante os primeiros anos de sua vida em Londres, a comunicação entre os dois tornou-se parte de coleção especial, e seus originais estão atualmente nesta biblioteca localizada em San Marino, nos Estados Unidos. As mensagens trocadas com Tynan revelam a sua importância como correspondente irlandesa de Yeats, um importante elo para ele com sua terra natal e seu antigo círculo de amigos. Além do aspecto pessoal das cartas, os poetas também discutem seu plano maior de estabelecer e divulgar a “escola de poetas celtas” a que eles julgavam pertencer.

Em extensa introdução, o editor contextualiza a amizade entre os dois jovens poetas irlandeses por meio de uma narrativa biográfica que se apoia nas próprias cartas, mas também nos escritos autobiográficos de ambos, especialmente de Tynan. Uma análise crítica da colaboração dos dois e da importância continuada da amiga segue as considerações biográficas e discute a relevância do folclore e dos mitos irlandeses na escrita de ambos, levando também em conta o papel do

⁸¹ “Reputations in literature are a perishable commodity; but it is hard for me to imagine a time when the public should have no interest in Yeats and Shaw. Perhaps, too, this little book will preserve the memory of a woman who could inspire remarkable men”.

nacionalismo em sua estética. A introdução termina, assim como o volume dedicado à correspondência enviada a Florence Farr, com uma discussão sobre a proveniência do material publicado. Para além da introdução, este volume conta com concisos parágrafos ao começo de cada ano da correspondência, já que o princípio de organização é, assim como em muitos outros volumes, cronológico.

Outras formas de paratexto incluem notas explicativas de pé de página (principalmente para referências a obras publicadas) e a descrição da localização física de certas passagens (como um *postscriptum* na aba do envelope, assim como informação sobre os endereços incluídos na carta e de onde Yeats estaria escrevendo). Algumas outras notas ao final do livro dão mais detalhes biográficos, sociais e históricos dos diversos nomes e alusões das missivas. McHugh justifica a publicação das cartas, das quais alguns excertos já haviam sido transcritos por Tynan em suas autobiografias:

O arranjo das cartas em seu texto integral e em ordem cronológica acrescenta ao nosso entendimento de W. B. Yeats durante esses anos. Excertos de cartas raramente conseguem transmitir a personalidade de seu autor, e quando são apresentados fora de sua ordem certa, há um deslocamento desnecessário das impressões transmitidas ao leitor⁸² (McHUGH, 1953, p. 21).

O editor corrobora o seu argumento com evidências contidas em outra correspondência, a já parcialmente citada troca entre o poeta e Lady Gregory, acerca da publicação da primeira das autobiografias de Tynan. A continuação do texto contém interessantes reflexões sobre o que o poeta pensava da publicação de sua correspondência privada e merece ser citada diretamente:

O livro, que se mostra descuidado e por vezes simplório, contém muita coisa que me move, pois é uma imagem muito nítida da Dublin de minha juventude. [...] No entanto, embora sentimentalize um pouco as pessoas e as coisas, o livro não é insincero. Não me lembrava com tanta precisão depois de tantos anos. [...] Haverá mais dois volumes, mas da próxima vez tomarei providências para que minhas cartas sejam discretas⁸³ (CL *InteLex* #2287).

⁸² "The arrangement of the letters in their complete form and in chronological order adds something to our knowledge of W.B Yeats during those years. Letters in extract are seldom satisfactory in conveying the personality of their writer and when they are presented out of their proper order there is an unnecessary dislocation of the impressions conveyed to the reader".

⁸³ "The book which is careless & sometimes stupid contains a great deal that moves me, for it is a very vivid picture of that Dublin of my youth. [...] However, allowing for a little emotionalizing of people & things the book is not untrue. I could not remember so accurately after so many years. [...] There are to be two more volumes but next time I shall see to it that my letters are discreet".

A problemática da quebra do pacto epistolar alimenta a desconfiança de Yeats, que faz questão de frisar que tal fato não deverá ocorrer novamente em publicações futuras e que, para isso, ele pretende assegurar o acesso a elas de modo a garantir que “indiscrições” não sejam incluídas. Esse tipo de preocupação, que certamente assombra a publicação de correspondência íntima entre indivíduos vivos ou recentemente mortos, tende a se dissolver com o tempo e pode ser percebida na presença de nomes censurados ou obscurecidos, como no livro de Dorothy Wellesley, publicado, como vimos, tão próximo à morte do poeta.

Por fim, algumas cartas de Yeats aparecem selecionadas em coleções da correspondência passiva de outras figuras, como seu pai, John B. Yeats, amigos como George Russell (conhecido como “AE”) e patronos como John Quinn. Embora tais volumes contenham missivas escritas por Yeats, sua relevância é menor para os estudos do escritor, já que estão muito mais focados nas figuras titulares das coleções.

Um interessante exemplo desse fenômeno, no entanto, é *Poets to a poet, 1912-1940: letters from Robert Bridges, Ernest Rhys, W. B. Yeats, Thomas Sturge Moore, R.C. Trevelyan, and Ezra Pound to Rabindranath Tagore*, publicado em 1998 na cidade de Calcutá. Além de revelar o interesse dos diversos poetas residentes da metrópole imperial pela obra do poeta indiano, a coleção em si ressalta a questão da dispersão geográfica de cartas em sua realidade material. Objeto em que se trava o diálogo entre membros pertencentes a uma rede de sociabilidade supranacional, as cartas alcançam destinatários e destinos geograficamente distintos, e sua permanência física muitas vezes determina o local de sua publicação. Assim como nos casos da “Caixa Preta” de Bax ou da venda da correspondência de Tynan para a universidade de San Marino, nos Estados Unidos, a correspondência passiva de Tagore não voltou às mãos de seus remetentes e tornou-se pública por meio de uma edição feita na própria Índia.

Certas particularidades do contexto indiano desta publicação merecem nossa atenção por levantarem questões que não aparecem nas outras edições feitas no Ocidente. Em sua introdução, Bikash Chakravarty aborda um problema que, a despeito das diversas dificuldades de datação comuns à edição de correspondências gerais da maioria dos contextos ocidentais, complica ainda mais essa tarefa: no caso das cartas de e para Tagore, é necessário fazer a equivalência entre os calendários bengali e gregoriano.

Para além da datação, a introdução também apresenta alguns princípios editoriais que se aplicam de formas diferentes aos vários correspondentes – uma prática que nos parece um pouco tendenciosa. Declara-se que certas abreviações são expandidas (como no uso do sinal gráfico “&”) e que erros são corrigidos “silenciosamente”. No entanto, essa regra não se aplicaria uniformemente a todas as cartas do volume, numeradas de um a 18, já que, “no caso das cartas de Ezra Pound, as abreviações foram mantidas por serem parte do estilo de sua escrita”⁸⁴ (CHAKRAVARTY, 1998, p. vii). A decisão do que constitui o “estilo” de cada autor pode ser bastante subjetiva, e, como veremos na edição de John Kelly, há um forte argumento para a manutenção da grafia autoral também no caso de Yeats. O que causa estranhamento no livro indiano é a decisão algo arbitrária de se criar a exceção somente no caso Pound.

Se por um lado a introdução aborda com bastante propriedade a carreira de Tagore na Inglaterra, por outro os remetentes de sua correspondência passiva recebem também um tratamento biográfico em sua relação com o poeta de modo a contextualizar as cartas incluídas. Além disso, as cartas de Yeats são acompanhadas de notas explicativas, de modo a explicitar as referências do texto epistolar. Por fim, o valor simbólico do texto autógrafo faz-se notar pela inclusão da reprodução xerográfica de uma carta ilustrando a caligrafia e o estilo de cada um dos correspondentes no corpo do livro.

Em última instância, o interesse pela existência material das cartas estimula a publicação de edições como *Some letters from W. B. Yeats to John O’Leary and his sister*, organizada por Allan Wade em 1953. O livro resulta da exposição de cartas autógrafas de Yeats pertencentes à coleção da Biblioteca Pública de Nova York (NYPL), responsável também pela publicação do volume, feita tanto no formato de livro quanto como parte do *Bulletin of the New York Public Library*.

Patrimônio localizado na Henry W. and Albert A. Berg Collection of English and American Literature, uma divisão do acervo principal que reúne manuscritos raros cuja consulta é limitada, as cartas selecionadas consistem de uma pequena fração do tesouro da NYPL, que inclui também grande parte dos papéis de Lady Gregory e provém da ação do advogado norte-americano John Quinn. No caso

⁸⁴ “However, in the case of Ezra Pound’s letters, abbreviations have been maintained as part of his style of writing”.

desta edição, não se trata somente de transcrições das cartas, e sim de cópias fac-similares dos originais, preservando as marcas de sua identidade como documentos manuscritos. Numeradas de I a XI, as cartas são acompanhadas de esparsas notas explicativas, uma vez que o foco dessa publicação é a sua fisicalidade.

Levantamos a hipótese de que esta edição fac-similar seja um prelúdio para a publicação da mais importante seleção das cartas de Yeats antes de *The collected letters*, já que foi editada pelo mesmo estudioso de Yeats, Allan Wade. É possível que em sua pesquisa para a organização de *The letters of W. B. Yeats* (1954) Wade tenha sido responsável pela catalogação e pela avaliação do material que viria a ser exposto e então impresso pela NYPL, já que a maioria delas foi reimpressa no volume de *Letters*, que discutimos a seguir.

The letters of W. B. Yeats (L), volume editado por Allan Wade, aparece primeiramente em 1954, em Londres, e em 1955, em Nova York. O livro serviu de fonte para muitas gerações de estudiosos de Yeats, apesar de alguns problemas inerentes à sua situação de seleção e a outros problemas editoriais. Como seleção, *L* é muito influenciada pelas decisões do editor, tanto na escolha de quais cartas seriam incluídas como pelos excertos dispostos. Diversas cartas encontram-se apenas parcialmente publicadas, fazendo com que os excertos apareçam por vezes descontextualizados. Além disso, existem alguns erros de datação das missivas, o que, embora seja desculpável pelos péssimos hábitos de Yeats, também pode levar a mal-entendidos. A data da publicação original também limita um pouco o desenvolvimento das notas e a divulgação de certos aspectos da biografia de Yeats, uma vez que alguns dos envolvidos ainda estavam vivos àquele momento. Outros trabalhos pioneiros sobre Yeats também sofreram dessa limitação, como no caso do emprego de “Diana Vernon”, codinome usado para a amante Olivia Shakespear, cuja correspondência cruzada figurou nas páginas do *Yeats Annual* em artigos de John Harwood antes de serem usadas na biografia da escritora (HARWOOD, 1989).

Como editor, Allan Wade fez diversas escolhas que nos parecem bastante felizes. A inclusão da lista de destinatários ajuda a guiar o pesquisador, assim como o leitor casual, e retrata bem quem são os correspondentes mais frequentes. Um índice bastante completo complementa essa informação e revela, mais uma vez, o escopo do envolvimento de Yeats. A divisão em seis partes não segue um número definido de anos (enquanto a quinta e a sexta cobrem 10 anos cada, a segunda cobre apenas quatro) e parece guiada por preocupações temáticas

e, em menor escala, pelo volume de cartas selecionadas. A separação temática possibilita ao editor incluir relatos biográficos parciais antes do início de cada seção, com o objetivo de colocar o leitor a par dos acontecimentos da vida do escritor e contextualizar as cartas.

O interesse na biografia do autor e sua relação com a correspondência fica explícito logo na introdução geral: Wade declara ter escolhido, entre os documentos aos quais teve acesso, aqueles que poderiam ser considerados “autobiográficos”:

Felizmente Yeats está entre os mais comunicativos dos missivistas; tudo o que lhe acontece, tudo o que ele faz ou escreve, as opiniões que ele forma – tudo isso tem de ser dito a alguém. É provável que se toda a sua correspondência tivesse sobrevivido, ela formaria uma autobiografia quase completa.⁸⁵ (L, p. 11)

Os perigos de se lerem as cartas como autobiografia são muitos e derivam da dificuldade de se chegar a um “eu verdadeiro” por esse caminho dialógico e performativo, como apresentamos na Introdução. No entanto, é necessário reconhecer na data de publicação, em meados dos anos 1950, o peso de toda uma tradição de edições de *life & letters*, amálgama de biografia e correspondência, ou relato da vida via correspondência, bastante prevalente principalmente na tradição inglesa a partir do século XIX (TURNER, 2004).

Wade dedica toda uma seção de sua introdução para descrever das ressentidas ausências de sua seleção⁸⁶: não se trata, obviamente, daquelas que ele excluiu conscientemente mas das missivas perdidas, irrecuperáveis, e cuja falta ele vê como pontos-cegos na representatividade da coleção. Embora ele não use o termo, são certamente “fantasmas” da correspondência:

É o caso – não tão excepcional como este – no qual o *corpus* epistolar é ainda mais incompleto: refiro-me ao que denominamos os “fantasmas”, no jargão dos editores de correspondências. Alguém poderia sonhar com uma nomenclatura mais deliciosa? Em matéria epistolar, os fantasmas são cartas hoje perdidas, que não possuem senão uma existência hipotética, mas cuja presença virtual se deduz, certamente, através de outras cartas que fundamentam a sua

⁸⁵ “Fortunately Yeats is among the most communicative of letter-writers; whatever happened to him, whatever he did or wrote, what opinions he formed – all must be told to somebody. It seems probable that if all his correspondence had survived it might form an almost complete autobiography”.

⁸⁶ Em conversa informal durante o estágio de pesquisa na Universidade de Oxford, em 2013-2014, o editor da correspondência completa de Yeats, Prof. John Kelly, expressou sua constatação da propriedade e representatividade da seleção de Wade, pela qual seu respeito só teria crescido com o andar do projeto das *Collected letters*.

existência – seja pela simples alusão, seja às vezes por citações (DIAZ, 2007, p. 129).

Pensamos que Yeats certamente apreciaria a nomenclatura e se deliciaria com os *revenants* que são as cartas reconstituídas. O contexto da prática editorial de *L*, no entanto, impede que tais retornos sejam possíveis. Mesmo em cartas sobreviventes, é necessário omitir partes, capazes de “desagradar pessoas ainda vivas”⁸⁷ (*L*, p. 15). Com sua publicação muito mais recente, a edição de John Kelly pode beneficiar-se tanto da passagem do tempo e do falecimento dos personagens históricos quanto do desenvolvimento da indústria crítica de Yeats, que pode ir revelando, cada vez mais, materiais de coleções privadas e concentrando-os em bibliotecas universitárias. Mesmo assim, novos exemplares ainda vêm à tona e são incluídos nos apêndices de volumes posteriores, como veremos a seguir em nossa análise dessa empreitada hercúlea.

The collected letters of W. B. Yeats: o projeto para a correspondance générale do autor

Atualmente, estão publicados quatro volumes dos cerca de 12 inicialmente previstos de *The collected letters of W. B. Yeats*. É uma coleção ambiciosa que busca incluir todas as cartas de correspondência ativa de que se tem notícia, seja por sua existência física em arquivos públicos ou particulares, seja por referências em outras cartas da correspondência ativa, passiva ou de terceiros.⁸⁸ Acompanhadas por notas copiosas, as cartas são inseridas em um contexto histórico, social e cultural mais amplo. As notas remetem a ensaios, diários, respostas dos correspondentes, eventos, menções prévias e biografias resumidas de personagens a que se referem.

⁸⁷ “[...] give displeasure to people still living”.

⁸⁸ Importante crítico de teatro irlandês, Nick Grene ressalta que na coleção “estão registrados todos os atos de escrita de carta feitos por Yeats e dos quais há provas, mesmo quando as próprias cartas foram perdidas, reconstruindo-as a partir de referências existentes nas cartas de correspondentes de Yeats. [...] Cada cartão-postal de uma linha, cada recusa polida de encontro no almoço (geralmente com semanas de atraso, Yeats tendo perdido o convite original), cada fragmento de carta, não importa quão indecifrável, estão todos lá” (“records every act of letter-writing by Yeats of which there is evidence, even when the letters themselves are lost, working back from references in the extant letters of Yeats’s correspondents. [...] Every one-line postcard, every polite refusal to a lunch engagement (generally weeks late, Yeats having lost the original invitation), every fragment of a letter however indecipherable, they are all here”. GRENE, 1995, [s.p.]).

O padrão editorial imprimido por John Kelly e seus colaboradores é extremamente rigoroso, o que faz com que a tarefa de publicar as quase sete mil cartas transcritas seja trabalho nada menos que hercúleo. As dificuldades inerentes a empreendimentos dessa monta justificam, mesmo que parcialmente, a longa duração do projeto e o intervalo entre a publicação de cada volume: o primeiro (cobrindo o período de 1865-1895) saiu em 1986, o terceiro⁸⁹ (1901-1904), em 1994, o segundo (1896-1900), em 1997 e o quarto (1905-1907), em 2005. O quinto volume já está pronto⁹⁰ e deverá ser publicado em breve.

Em *The collected letters of W. B. Yeats* descrevem-se as mais diversas características, até mesmo físicas, das cartas, compondo-se cuidadoso trabalho editorial que pode ser analisado em seus quatro componentes principais. O primeiro refere-se ao uso de uma transcrição quase fac-similar das mensagens: são mantidos as excisões e os cancelamentos feitos por Yeats, frases que porventura tenham sido inscritas às margens, abreviaturas e usos de sinais gráficos como o “&” e, mesmo, os erros ortográficos do autor. De acordo com os editores, tenta-se mostrar a “fisionomia” das cartas, com “suas verrugas ortográficas” incluídas (KELLY, 1986, p. xxvii).⁹¹ Emendas são feitas apenas quando se julga serem absolutamente necessárias para o entendimento, geralmente na forma de suplementos como letras faltantes, conjunções e pontuação. Essas emendas são feitas por meio de colchetes claramente indicados no texto, de modo que o leitor possa reconstruir com facilidade a forma original, sem a necessidade de se incluírem infundáveis “sic”. Um exemplo desse tipo de emenda pode ser encontrado na página 447 do primeiro volume, em que consta “always [*for almost*]”, indicando que a palavra “*always*” (sempre) fora erroneamente grafada, quando o sentido claramente indica que deveria ser “*almost*” (quase). Os editores também têm o cuidado de marcar com pontos de interrogação as hipóteses por eles sugeridas, quando o contexto ou a letra do autor deixa margem à dúvida.

O segundo componente é a padronização das cartas no que diz respeito ao endereçamento e à datação. Diferentemente de outros livros, as cartas das *CL* não são numeradas, refletindo o reconhecimento dos editores de que, por mais

⁸⁹ A publicação do volume 3 precedeu a do 2.

⁹⁰ Informação obtida diretamente do editor John Kelly em conversa informal.

⁹¹ Exceto quando o texto das cartas é citado diretamente (e sua localização nos volumes publicados ou no banco de dados identificada pelas abreviações *CL 1 a 4*, seguidas do número de página, ou *CL InteLex #*, respectivamente), excertos do aparato crítico da edição de Kelly, como notas, introduções e apêndices bibliográficos serão identificados por citação no formato autor-data.

exaustivo que eles tentem ser a cada publicação, novas cartas sempre podem emergir e tornar confusa a ordenação imposta. Dessa forma, as cartas são identificáveis pelos campos do destinatário, da data (como escrita no original ou reconstruída a partir de outras provas documentais) e também do endereço de envio, apresentados sempre ao topo de cada carta. Os pós-escritos são sempre apresentados ao final da carta, respeitando sua temporalidade de composição, mesmo quando incluídos em outras partes da carta, como margens, topo, verso de envelopes, etc. Nesses casos, a localização original do PS é devidamente descrita em nota entre colchetes.

No caso de destinatários desconhecidos ou duvidosos, o nome é precedido por ponto de interrogação ou descrito como “*unknown*”. As datas conjecturais são analogamente identificadas, ou pelo mesmo ponto de interrogação ou por um *c.*, indicando que a pesquisa dos editores permite datar aquele exemplar como sendo de *circa* (cerca de) certa data, sempre tentando-se o máximo de precisão, mas tendo às vezes de se contentar com “outono de 1876”.

A identificação da proveniência constitui o terceiro elemento editorial e está relacionada também à identificação das características físicas de cada uma das cartas. Ao final do texto principal, os autores descrevem os originais com as seguintes abreviações:

Abreviação	Significado (original)	Significado (tradução)	Descrição
AD	Autograph draft	Rascunho autógrafo	Rascunho manuscrito de carta, do próprio punho de Yeats.
ALS	Autograph letter signed	Carta autógrafa, assinada	Carta manuscrita, do próprio punho de Yeats e por ele assinada.
APS	Autograph postcard signed	Cartão-postal autógrafo, assinado	Cartão-postal ⁹² manuscrito, do próprio punho de Yeats e por ele assinado.
MS copy	Handwritten copy in another hand	Cópia manuscrita por outrem	Cópia manuscrita por outra pessoa que não Yeats. Pode indicar transcrição posterior de original ou transcrição/escrita por amanuense (normalmente Lady Gregory ou Annie Horniman).
TS copy	Typewritten copy	Cópia datilografada	Cópia digitada em máquina de escrever. Idem acima. Em tese, poderia indicar transcrição feita pelo próprio Yeats ou por serviço de secretariado.

A essa descrição segue-se a proveniência propriamente dita, começando pelo acrônimo ou forma curta da instituição-fonte do manuscrito (por exemplo, “Berg” para a já mencionada Henry W. and Albert A. Berg Collection, da Biblioteca Pública de Nova York), seguido por sua ocorrência em publicações anteriores (descritas acima e em outras publicações como biografias, diários, etc.). Caso a carta já tenha sido editada, juntamente à forma curta da publicação original coloca-se a página em que se localiza. Em alguns casos, quando o manuscrito encontra-se em coleções privadas, a carta é identificada como, por exemplo, “ALS Private”. Assim, cada uma das cartas pode ser encontrada e investigada em seu original e em posteriores aparições em versão impressa.

As notas são o quarto elemento principal dessa edição crítica das cartas de Yeats. A cada página encontram-se pelo menos duas notas ao texto, as quais por vezes ocupam metade da página, ou até mais. A mesma preocupação enciclopédica revela-se na inclusão de uma cronologia da vida de Yeats antes do texto das cartas⁹³ e de apêndices biográficos e históricos, que ocupam quase 100 páginas. Todo o paratexto oferecido pelos editores das *CL* forma um aparato crítico potente,

⁹² Cartões-postais eram muito usados em correspondência urgente, uma vez que chegavam ao destino em prazo menor que cartas.

⁹³ A cronologia completa foi publicada em formato de livro por John Kelly como parte da série *Author chronologies*, da editora Palgrave Macmillan, em 2003.

cuja autoridade pretendida faz-se notar inclusive na disposição da página, um espaço disputado entre texto e notas. Analisaremos, em maior detalhe, a importância dos paratextos das edições de correspondência de Yeats no Capítulo 2.

Esses quatro componentes principais do trabalho editorial de John Kelly e os outros editores estão relacionados ao que parece ser seu objetivo primordial: tornar disponível essa fonte primária de pesquisa riquíssima que são as cartas. Todo o cuidado e esmero despendido nessa coleção faz com que ela, ao mesmo tempo, aproxime-se o máximo possível de uma fonte arquivística e também se beneficie de toda uma fortuna crítica que se apoie justamente nesse tipo de pesquisa de arquivos para além da fonte primária. Somente a transcrição das cartas já é um grande feito,⁹⁴ mas a edição de John Kelly vai além ao trazer para o leitor diversas interligações com outras fontes, muitas vezes de tão difícil acesso quanto as próprias cartas.

O próximo capítulo parte desse levantamento sobre a transmissão e a recepção das cartas de Yeats nas mais diferentes edições para analisar como a crítica do autor e os estudos irlandeses em geral vêm usando desse material primário, assim como os pressupostos que guiam sua utilização, para demonstrar a originalidade da presente abordagem.

⁹⁴ As cartas transcritas podem ser visualizadas no banco de dados do *InteLex Past Masters* mediante assinatura institucional.

CAPÍTULO 2

A fortuna crítica e as cartas de Yeats

Entretanto – é preciso admiti-lo – para os críticos voyeurs que somos, um dos principais usos das correspondências de escritores é o de servir comumente para acompanhar os diversos estados da criação de uma obra particular. Úteis aos biógrafos, que querem se assegurar de um fato ou que procuram o “homem” por detrás de seus rascunhos, úteis aos “bisbilhoteiros históricos” (Barbey d’Aurevilly) em busca de “informações”, as cartas sempre foram resguardadas como preciosos arquivos de criação.

(DIAZ, 2007 p. 123)

Fruto de um esforço de décadas e ainda em andamento, o projeto *The collected letters of W. B. Yeats* soma-se a outras coleções que buscam apresentar aos leitores e estudiosos de Yeats a produção integral desse importante autor irlandês que viveu entre os séculos XIX e XX. Tal impulso de abarcar a totalidade dos escritos do autor precede até mesmo sua morte, na França, em 1939 – fatalidade que frustra os planos do autor de ver publicada a edição *de luxe*, em 12 volumes, de toda a sua obra: lírica, dramática, ficcional, autobiográfica, crítica, jornalística e filosófica. O colecionismo de Yeats baseia-se em uma crença arraigada no conceito de Unidade do Ser,⁹⁵ desenvolvido e discutido em diversos ensaios, como *Per amica silentiae lunae* (1917), e cuja expressão lírica pode ser percebida em poemas como “Among schoolchildren”.

Embora o conceito de Unidade do Ser ganhe proeminência e definição mais completa naqueles que são entendidos como os períodos intermediário e tardio⁹⁶ da carreira de Yeats, seu desenvolvimento pode ser pressentido no mantra relatado em seu ensaio “If I were four-and-twenty” (1919), que, embora publicado no século XX, trata da juventude do autor, na segunda metade do século XIX: “Malhe

⁹⁵ No original, “*Unity of Being*”.

⁹⁶ A crítica yeatsiana normalmente divide os períodos como *Early* (até 1910), *Middle* (de 1910 a 1928) e *Late* (de 1928 até sua morte, em 1939). Embora haja algumas divergências quanto à classificação dos ensaios e outros gêneros, a maioria dos críticos concorda com a divisão dos períodos de acordo com a publicação de *The green helmet* (1910) como marco do período intermediário e de *The tower* (1928) como início da produção tardia do autor. Essas divisões apoiam-se, principalmente, nos temas que dominam a produção de Yeats nos respectivos períodos, assim como em aspectos formais e retóricos por ele adotados, mais que em sua idade e outras considerações biográficas.

seus pensamentos até a unidade”⁹⁷ (CW5, p. 34). Tal frase, que ele diz ter vindo à sua mente num estado de transe, tornou-se uma fixação e, por anos, o padrão-ouro de tudo que fez. É portanto natural que yeatsianos de todo o mundo sigam o seu exemplo nesse empreendimento unificador (RADCLIFFE, 1985, p. 109)⁹⁸ e busquem o entendimento de sua obra e sua vida como uma unidade que aspira à coesão. As CL alinham-se à essa concepção ampla da unidade de vida e obra e pertencem à gigantesca empreitada de catalogar e disponibilizar tudo o que Yeats produziu, que vem revolucionando os estudos do autor há décadas.

Por essas razões, a correspondência de Yeats há muito faz parte dos estudos do autor e dos Estudos Irlandeses em geral, especialmente devido à sua característica de foco multidisciplinar. Para melhor explicitar a originalidade do presente estudo, é necessário analisar, primeiramente, as formas como as cartas de Yeats vêm sendo usadas pela fortuna crítica.

Biografias

O primeiro lugar em que o uso da correspondência de Yeats torna-se essencial é a escrita de suas diversas biografias: há um número surpreendente de estudos biográficos sobre a figura do autor irlandês. Tal profusão reflete, primeiramente, sua relevância como partícipe central do Renascimento Literário Irlandês e como inspiração para movimentos tão distintos quanto o Simbolismo e o Modernismo, seu reconhecimento como um dos maiores poetas líricos da literatura ocidental e até mesmo seu papel como senador do Estado Livre Irlandês. Além disso, a existência de tantas biografias torna-se também possível pela forte relação entre sua vida e sua obra – relação que ele mesmo ressalta e que encontra sua mais famosa expressão em um texto que pode ser visto como seu testamento artístico, “A general introduction for my work”, escrito em 1937 para a já mencionada e natimorta edição *de luxe* e finalmente publicado em 1961. Em seção intitulada “First principles”, temos o seguinte predicado, que merece ser citado em sua completude:

⁹⁷ “Hammer your thoughts into unity”.

⁹⁸ “Critics of Yeats have often sought to unify, or at least to connect, the various aspects of his career. In this endeavor they have been following an example set by Yeats himself, for unifying his life and work was one of his principal projects”.

O poeta escreve sempre a partir da própria vida, o melhor de sua obra faz-se de sua tragédia, seja ela qual for: remorso, amor não correspondido ou mera solidão. Ele nunca fala diretamente como a alguém à mesa do café, há sempre uma fantasmagoria. Dante e Milton tinham suas mitologias; Shakespeare, os personagens da história inglesa ou de romances de cavalaria. Mesmo quando mais parece consigo mesmo, [...] o poeta nunca é o amontoado de acaso e incoerência que se senta para o café da manhã: ele renasce como um ideal, algo planejado, completo. O romancista pode descrever suas casualidades, suas incoerências, o poeta não: ele é mais tipo que homem, mais paixão que tipo. Ele é Lear, Romeu, Édipo, Tirésias, recém-saído de uma peça; mesmo a mulher que ama é Rosalind, Cleópatra, nunca a *Dark Lady*. O poeta faz parte de sua própria fantasmagoria, e nós o adoramos porque a natureza faz-se, assim, inteligível e, dessa forma, torna-se parte do nosso poder criativo⁹⁹ (CW5, p. 204).

De extrema complexidade devido ao grande número de alusões à obra de Shakespeare e outros escritores ingleses e à alta densidade conceitual, podemos elencar no trecho verbetes fundamentais do vocabulário yeatsiano: tragédia, remorso, solidão, “fantasmagoria”, renascimento como algo ideal, completude, paixão, tipo. Mais que simples substantivos, os verbetes destacados tomam corpo na obra do autor e tornam-se suas imagens, suas metáforas e seus símbolos.¹⁰⁰

Embora no texto em questão Yeats concentre-se na figura do poeta, em postulação anterior ele considera que tal interesse pela “personalidade” seria também proveitoso para outros tipos de artista, como podemos ver no curto mas profícuo prefácio a *The trembling of the veil* (1922), republicado em sua coleção de textos biográficos, adequadamente intitulada no plural, *Autobiographies*:

Exceto um ou outro detalhe trivial, para os quais tenho autorização tácita das amizades antigas, não cito, sem a devida permissão, nenhuma conversa ou fato relatado acerca da vida privada de pessoas nomeadas ou reconhecíveis e que ainda estejam vivas. Minha liberdade não foi, no entanto, por demais cerceada, já que a maioria dos meus amigos de juventude encontram-se mortos, e

⁹⁹ “A poet writes always of his personal life, in his finest work out of its tragedy, whatever it be, remorse, lost love, or mere loneliness; he never speaks directly as to someone at the breakfast table, there is always a phantasmagoria. Dante and Milton had mythologies, Shakespeare the characters of English history or of traditional romance; even when the poet seems most himself, when he is Raleigh and gives potentates the lie, or Shelley ‘a nerve o’er which do creep the else unfelt oppressions of this earth,’ or Byron when ‘the soul wears out the breast’ as ‘the sword outwears its sheath,’ he is never the bundle of accident and incoherence that sits down to breakfast; he has been reborn as an ideal something intended, complete. A novelist might describe his accident, his incoherence, he must not; he is more type than man, more passion than type. He is Lear, Romeo, Oedipus, Tiresias; he has stepped out of a play, and even the woman he loves is Rosalind, Cleopatra, never The Dark Lady. He is part of his own phantasmagoria and we adore him because nature has grown intelligible, and by so doing a part of our creative power”.

¹⁰⁰ A distinção entre esses três termos é assunto de parte do capítulo dedicado aos “grandes temas” de Yeats no livro de John Unterecker (1996), mas não se faz necessária para a presente discussão.

sobre os mortos tenho o direito do historiador. Eram artistas e escritores e alguns deles até mesmo gênios. A vida de um homem de gênio, por ser ele mais sincero, muitas vezes torna-se uma experiência digna de registro e análise. Ou pelo menos assim pensava a minha geração, que tanto valor dava à personalidade. Relato tudo o que sei, todo o bem e todo o mal: não omito nada necessário à compreensão¹⁰¹ (CW3, p. 111).

Magistral em seu comando de indeterminações, o prefácio envolve em brumas questões de verdade histórica (o “direito” do historiador) e a noção de que velhas amizades lhe dariam “carta branca” para a composição de seu relato, além de ressaltar seu poder de editor para selecionar o que seria necessário para assegurar o entendimento. Ao aparentemente declarar sua total franqueza, Yeats está, de fato, calçando a empreitada com a segurança de não poder ser desmentido pelos amigos, seja por aqueles silenciados pela morte, seja pelos íntimos, que se veem impedidos de fazê-lo sob pena de trair a noção da autorização tácita das velhas amizades.

Além disso, a questão da veracidade da memória também é invocada para justificar imprecisões com os fatos, em uma atitude bastante anti-historicista, já que se baseia no conceito de verdade autobiográfica, em que a memória, e não os fatos, ocupa o palco central da narrativa. Extensamente estudado, o campo da autobiografia, embora seja outra forma de “documento do eu”, não é o foco do presente estudo sobre a correspondência de Yeats. No entanto, a confluência de interesses sobre a questão da memória em ambos os tipos de escrita faz com que o estudo de clássicos como as *Confissões*, tanto de Santo Agostinho quanto de Jean-Jacques Rousseau, seja bastante proveitoso para ressaltar tais paralelos. Não é coincidência que um dos maiores estudiosos do gênero autobiográfico dentro da tradição inglesa, James Olney, tenha também se dedicado à análise de Yeats e suas *Autobiografias* em seu estudo original de 1980, *The rhizome and the flower*.¹⁰²

¹⁰¹ “Except in one or two trivial details, where I have the warrant of old friendship, I have not, without permission, quoted conversation or described occurrence from the private life of named or recognizable living persons. I have not felt my freedom abated, for most of the friends of my youth are dead and over the dead I have an historian’s rights. They were artists and writers and certain among them men of genius, and the life of a man of genius, because of his greater sincerity, is often an experiment that needs analysis and record. At least my generation so valued personality that it thought so. I have said all the good I know and all the evil: I have kept nothing back necessary to understanding.

¹⁰² Yeats aparece, juntamente com Santo Agostinho, Rousseau e até mesmo Samuel Beckett, em *Memory and narrative: the weave of life-writing* (OLNEY, 1998), que, assim como outras importantes obras do autor (OLNEY, 1972; 2014), foca em escritos autobiográficos e suas características

A vida da pessoa de gênio como algo que merece ser analisado é a forma como o artista em Yeats quer que sua vida seja considerada. Ao falar do amigo Lionel Johnson (cuja caracterização é parte central da empreitada memorialista de *The trembling of the veil*) em rascunho de palestra proferida em 1910, a noção do “experimento” é ainda mais clara:

Falo dele [Johnson] com total sinceridade, de um jeito que ele mesmo provavelmente desaprovava. No entanto, eu espero que se fale de mim dessa forma quando eu morrer. Não tenho nenhuma simpatia pelo pensamento vitoriano, apoiado por Tennyson, de que as preocupações da vida do poeta não interessam a ninguém além dele mesmo. O poeta é, por sua própria natureza, um homem que vive com toda sinceridade, ou melhor, quanto melhor sua poesia, mais sincera é sua vida. Sua vida é uma experiência em viver, e os que virão depois têm o direito entendê-la¹⁰³ (YEATS *apud* ELLMANN, 1978 p. 5).

Não é portanto nada surpreendente que George Yeats tenha autorizado a escrita da primeira biografia do marido poucos anos após sua morte. Redigida por Joseph Hone e publicada originalmente em 1942, trata-se de um calhamaço cujas estruturas são estoicamente factuais: Hone, amigo de Yeats e biógrafo de outras figuras irlandesas como Thomas Davis, Jonathan Swift e George Moore, usa de seu acesso privilegiado à família e aos amigos do poeta para obter relatos de primeira mão, além de seus amplos arquivos pessoais, incluindo correspondência, para produzir uma biografia focada na trajetória pessoal do escritor.

Por vezes considerada uma inevitabilidade metodológica (HOLMES, 1985), a proximidade entre biógrafo e biografado, especialmente quando somada a circunstâncias de proximidade temporal, geográfica e social, pode gerar uma série de problemas, como aponta Conor Cruise O’Brien, cujo controverso ensaio “*Passion and cunning: an essay on the politics of W. B. Yeats*” marcou o início de um novo impulso crítico mais abrasivo à figura do poeta, ao final dos anos 1960. Nem o próprio Hone, como biógrafo de Yeats, escapa ao crivo de O’Brien:

“Podemos supor”, escreveu o falecido J. M. Hone [...] “que Yeats não era movido apenas por um fervor humanitário”. Podemos, de fato – como veremos a seguir. No entanto, o próprio comentário do biógrafo precisa ser visto com reserva. Hone era amigo de Yeats e

¹⁰³ “I am speaking of him very candidly; probably he would not wish to be spoken of in this way, but I wish to be spoken of with just such candour when I am dead. I have no sympathy with the mid-Victorian thought to which Tennyson gave his support, that a poet’s life concerns nobody but himself. A poet is by the very nature of things a man who lives with entire sincerity, or rather, the better his poetry the more sincere his life. His life is an experiment in living and those that come after have a right to know it”.

concordava com os seus pontos de vista políticos, ainda que seu conservadorismo fosse de uma variedade mais intelectual e fria que o de Yeats. A julgar pelas referências de Hone ao *Lock-out* [impasse gerado pela greve dos sindicatos de trabalhadores em 1913] – ele tece elogios ao capitalista Murphy pelos serviços prestados a Dublin –, torna-se evidente que os empregadores, e não os trabalhadores, eram capazes de gerar alguma simpatia que fosse por parte do biógrafo.¹⁰⁴ (O'BRIEN, 1988, p. 23).

Alvo do juízo do crítico, as tendências antidemocráticas e a antipatia pela classe média irlandesa são estendidas, ainda que de forma limitada, a Hone. Embora não expressamente dito por O'Brien, o princípio que enfraquece o papel de Hone como crítico é falta do distanciamento em relação a seu objeto de estudo – um pré-requisito que, embora passível de problematização, ainda sustenta discussões menos analíticas e informadas das escritas biográficas.

O outro problema da proximidade não tem a ver com os laços sociais entre biógrafo e seu objeto, mas com sua contemporaneidade. Michael Faherty aponta consequências do aspecto temporal da proximidade:

Também limitou consideravelmente o trabalho de Hone o fato de que a maioria das pessoas que conheciam Yeats melhor e que tinham desempenhado os mais importantes papéis em sua vida ainda estavam bastante vivas quando o livro foi publicado pela primeira vez – em especial a Sra. Yeats. É compreensível que ele pudesse dizer muito pouco, ou, por vezes, absolutamente nada, sobre relacionamentos íntimos do poeta com figuras cruciais como Maud Gonne e Olivia Shakespear¹⁰⁵ (FAHERTY, 2005, p. 11).

Apesar da “permissão” dada pelo próprio sujeito da biografia e até mesmo da disponibilidade de materiais como a correspondência de Olivia Shakespear, a sensibilidade de outras figuras envolvidas na vida do poeta significa que, em uma época menos sensacionalista, certos assuntos fiquem, por necessidade, excluídos da narrativa da vida do poeta, assim criando pontos-cegos.

A próxima biografia a ser publicada recebe, com efeito, duas versões suficientemente distintas que merecem títulos diferentes. Resultado de sua tese de

¹⁰⁴ “‘It may be surmised’, wrote the late J. M. Hone [...] ‘that Yeats was not actuated solely by humanitarian zeal’. It may indeed – as we shall see – but Hone’s comment needs itself to be treated with some reserve. Hone was a friend of Yeats, and in tune with his political views, but his conservatism was of a colder and more intellectual stamp than Yeats’s. It is clear from Hone’s references to the Lock-out – he pays tribute to Murphy’s service to Dublin – that the employers, rather than the workers, commanded such store of sympathy as he possessed”.

¹⁰⁵ “[Hone] was also considerably constrained by the fact that most of the people who knew Yeats best and who had played the most important roles in his life were still very much alive when the book was first published, particularly Mrs Yeats. It is understandable that he could say very little, or sometimes nothing at all, about the poet’s intimate relationships with such crucial figures as Maud Gonne and Olivia Shakespear”.

doutoramento homônima defendida na Universidade de Oxford, Norman Jeffares publica *Yeats: man and poet* em 1949. Similar à biografia de Hone no que tange à abordagem, além do acesso, via a viúva George Yeats, ao papéis de W. B. (incluindo sua correspondência), o trabalho de Jeffares também contou com material obtido por meio de longas entrevistas com a família – parte do qual ele só pôde publicar em sua segunda biografia, intitulada *W. B. Yeats: a new biography* (1988). A distância temporal significou que muitos dos envolvidos não estavam mais vivos, o que torna o tratamento “franco” proposto por Yeats mais facilmente alcançável – ainda mais com a permissão dos filhos do poeta.

A despeito de seu acesso aos papéis da família, o estudo de Jeffares não era efetivamente uma biografia autorizada do autor. Tal empreitada ficou a cargo de F.S. Lyons e, posteriormente, após sua morte súbita, de seu discípulo e também historiador R. F. Foster. Muito se falou da formação de Foster e o papel que seu foco imprime ao trabalho:

[Foster] decide adotar a mesma abordagem de Lyons e examinar Yeats a partir de uma perspectiva mais histórica do que do ponto de vista literário, chegando a se descrever como um “historiador intrometido” no campo dos estudos de Yeats. Para Foster, Yeats é mais que um poeta: é um ator no drama da história irlandesa moderna, membro da ascendência protestante cada vez mais marginalizada e que, de repente, passa a ocupar papel central na luta nacionalista pelo autogoverno e pelo Estado Livre Irlandês. Foster alega que se faz necessária outra biografia que não mais tente compreender a influência da vida de Yeats em sua poesia, mas que tente compreender a influência que sua vida teve sobre a biografia da Irlanda¹⁰⁶ (FAHERTY, 2005, p. 14).

A ideia de uma “biografia da Irlanda” é certamente muito fecunda e explica a preferência do historiador por material primário e contemporâneo a cada um dos períodos cobertos. O aval da família também significa que, além do acesso, o autor tem a permissão de citar amplamente de todo o material pesquisado, trazendo ao público, muitas vezes pela primeira vez, trechos de escritos pessoais do poeta – incluindo-se, obviamente, a correspondência.

¹⁰⁶ “[Foster] decided to take the same approach as Lyons and look at Yeats more from an historical perspective than from a literary perspective, even describing himself as an ‘interloping historian’ in the field of Yeats studies. For Foster, Yeats is not so much a poet as he is an actor in the drama of modern Irish history, a member of the increasingly marginalised Protestant Ascendancy who suddenly took centre stage in the nationalist struggle for Home Rule and the Irish Free State. Foster argues that what is needed is not another biography that tries to understand the influence his life had on his poetry but one that tries to understand the influence his life had on the biography of Ireland”.

As cartas ganham destaque em contraponto a outros escritos, em especial as *Autobiographies*, publicadas nesse formato plural em 1926. Foster reconhece o perigo de adotar as estruturas e os fatos do texto autobiográfico, parcialmente seguidos por outros biógrafos e críticos. Segundo o historiador, é muito fácil “aceitar as *Autobiographies* como registros descomplicados, em vez de vê-las nos termos da época em foram escritas”¹⁰⁷ (*RFF1*, p. xxvii). Para além das questões da relação entre memória e texto autobiográfico a que aludimos anteriormente, no caso de Yeats, a situação da escrita do eu é complicada ainda mais por seu interesse em organizar e dar sentido e unidade à sua trajetória e à sua obra, além de sua predisposição natural à revisão, nesse caso não aplicada somente a poemas e peças, mas também aos fatos de sua vida.

Podemos considerar que essa tensão entre a narrativa reorganizada pelo impulso memorialista do poeta em seu texto autobiográfico e a narrativa algo fragmentária e ocasional da correspondência cria os dois eixos principais dessa excelente biografia. Em sua introdução, Roy Foster declara sua dívida para com a fortuna do material das cartas:

A maioria dos estudos biográficos de WBY são, principalmente, sobre o que ele escreveu; este é principalmente sobre o que ele fez. Os volumes maravilhosamente anotados de suas *Collected Letters*, à medida em que aparecem, reconstroem quão intensamente ele combinava diferentes preocupações, envolvimento, vidas, *personae*, círculos de amigos¹⁰⁸ (*RFF1*, p. xxvii),

e ressalta:

Dá a importância de cartas e jornalismo efêmero, escritos antes da intervenção do pensamento retrospectivo. Em alguns casos, cito manifestos ou cartas com excisões e rasuras que indicam um pensamento em processo de formação (com a ortografia e a pontuação erráticas de Yeats preservadas sempre que possível). [...] Em uma tentativa de recapturar esse imediatismo, muitas vezes cito a primeira versão de poemas, na forma original como WBY lançou-os ao mundo – ou a amigos, incorporados ou anexados a uma carta¹⁰⁹ (*RFF1*, p. xxx).

¹⁰⁷ “to accept his autobiographies as straightforward records rather than to see them in terms of the time they were composed”.

¹⁰⁸ “Most biographical studies of WBY are principally about what he wrote; this one is principally about what he did. The marvelously annotated volumes of his *Collected Letters*, as they appear, reconstruct how intensely he combined different preoccupations, involvements, lives, *personae*, circles of friends”.

¹⁰⁹ “Hence the importance of letters and ephemeral journalism, written before hindsight. In some cases I have quoted a manifesto or a letter with the excisions and cancellations which indicate a thought in the process of formation (with Yeats’s erratic spelling and punctuation preserved whenever possible).

Nos dois volumes de *W. B. Yeats: a life* (1997 e 2003), Foster transcreve diversos trechos da correspondência do autor e faz uso documental das cartas analisadas, muitas vezes buscando nelas comprovação de tendências e pensamentos desenvolvidos por Yeats mais à frente em sua carreira. Nas cartas ele busca informações sobre o cotidiano dos Yeats, elaborações ainda não completas do autor, conseguindo assim produzir um relato bastante claro da vida do poeta, um fato louvável dada a tendência do escritor de se reinventar e impor causalidade onde por vezes não poderia haver, ou seja, Foster consegue “investigar a relação entre as formas de autorrepresentação de Yeats e a vida que ele efetivamente levou”¹¹⁰ (HOLDEMAN, 2006, p. 117). O trabalho minucioso com as fontes afasta a crônica da vida de uma narrativa que propõe uma única interpretação e rapidamente estabeleceu sua reputação como a biografia “definitiva” do poeta.

Yeats e sua correspondência também aparecem nas biografias de pessoas ligadas a ele, em especial sua mulher, Georgie Hyde-Lees, a quem Brenda Maddox, autora de outras biografias revisionistas e feministas, dedica seu volume *George's ghosts: a new life of W. B. Yeats* (1999a). Publicada como *Yeats's ghosts: the secret life of W. B. Yeats* nos Estados Unidos, trata-se na verdade de uma biografia do casamento e do papel central de George na concepção do pensamento yeatsiano na segunda metade de sua vida. No entanto, é com a publicação de *Becoming George: the life of Mrs W. B. Yeats*, em 2002, que se dedica à mulher do poeta uma atenção mais delongada. Como já mencionamos, o trabalho empreendido por Ann Saddlemyer para a biografia tem como um de seus pilares a correspondência cruzada entre os cônjuges. Se tanto Saddlemyer quanto Foster usam as mesmas cartas como fonte importante para suas respectivas biografias, a existência de dois livros tão profundamente diferentes certamente indica a riqueza interpretativa desse tipo de material. Em sua resenha à *New biography* de Jeffares, a eminente crítica norte-americana Helen Vendler declara:

O que a biografia de Jeffares sugere é que eventualmente teremos várias biografias de Yeats. Realmente precisamos de uma biografia intelectual de Yeats como leitor, sem o *parti pris* do estudo de F. A. C. Wilson. Precisamos também de uma “biografia estilística” de Yeats como poeta (“estilo” aqui entendido de forma ampla, como o funcionamento da imaginação por meio da linguagem). Beneficiar-

[...] In an effort to recapture immediacy, I have often quoted a poem in the first version WBY released to the world – or to a friend, embedded in or alongside a letter”.

¹¹⁰ “[...] investigated the relationship between his self-presentation and the life he actually lived”.

nos-famos muito de uma biografia política de Yeats, que o posicionasse como sujeito britânico, bem como anglo-irlandês, irlandês nacionalista e europeu. [...] Precisamos também de uma biografia teatral, e talvez outra sobre Yeats, o ocultista [...]. A escrita de uma biografia erótica talvez fosse frustrada pela ausência das cartas para Maud Gonne, mas ilustraria de forma interessante a persistência da fantasia romântica na arte de Yeats¹¹¹ (VENDLER, 1992, p. 327).

Desde a publicação da resenha de Vendler, estudos que podem ser considerados “biografias teatrais” e mesmo “ocultistas” já foram escritos, mas é interessante notar que uma dificuldade de se escrever uma biografia erótica advém justamente da indisponibilidade das cartas a Maud Gonne, uma questão que trataremos no próximo capítulo. As cartas são vistas por Vendler como materiais cruciais para a escrita dessas possíveis biografias temáticas.

Por fim, pudemos notar que, como no caso de Saddlemyer, é frequente que a produção de uma biografia corra paralela ao trabalho da edição da correspondência dos sujeitos pesquisados. Além de George Yeats e a colaboração de R. F. Foster e John Kelly, ambos pesquisadores da Universidade de Oxford e publicados por aquela editora, também o biógrafo de W. B., Joseph Hone, viria a publicar a correspondência de John B. Yeats, pai do poeta, em *Letters to his son W. B. Yeats and others 1869-1922* (1944). Como o próprio título indica, grande parte das cartas tem como destinatário seu filho mais famoso. A edição da correspondência passiva de John B. Yeats toma emprestado não só o título, mas também o princípio didático das famosas cartas de Lorde Chesterfield a seu filho, publicadas pela primeira vez em 1774. O precedente histórico e a propensão própria para mitologização nos parecem informar a escrita epistolar do pai, cômico do valor do material para publicação. Como interessante recurso, pouco usual em edições de correspondência mais recentes, Hone também inclui, após a data da escrita, os principais assuntos tratados.

No caso de biografias de artistas, em especial de escritores, além de estudos mais factuais ou historicistas como o de Hone e o de Foster, apesar de suas

¹¹¹ “What Jeffares’ biography chiefly suggests is that we might eventually have several biographies of Yeats. We badly need an intellectual biography of Yeats as a reader, one done without the *parti pris* of F.A.C. Wilson. We also need a ‘stylistic biography’ of Yeats as a poet (with ‘style’ understood in the broadest terms as the workings of the imagination through the medium of language). We could use a political biography of Yeats, tracking him as British as well as Anglo-Irish, as nationalist Irish as well as Anglo-Irish, and as European [...]. We need a theatrical biography too, and perhaps one about Yeats the occultist [...]. An erotic biography would perhaps come to grief on the absence of letters to Maud Gonne, but would be an interesting illustration of the persistence of romantic fantasy in Yeats’s art”.

imensas diferenças, abre-se também espaço para o gênero da “biografia crítica”, seja por exegese da obra a partir do ângulo biográfico, seja sobre o desenvolvimento estético do autor. No que diz respeito a esse grande nome da poesia lírica, esse tipo de estudo mostrou-se bastante profícuo.

Biografias críticas

Paradigma das biografias críticas do poeta até hoje, *Yeats: the man and the masks*, de 1948 e reeditado diversas vezes, marca o *début* de Richard Ellmann como um dos mais importantes biógrafos¹¹² da segunda metade do século XX. O maior trunfo desse estudo divisor de águas foi o acesso aos materiais do arquivo pessoal de George Yeats, que incluía “50.000 páginas de materiais inéditos”, entre “anotações autobiográficas, rascunhos de poemas, diários” e, claro, também a correspondência do autor (ELLMANN, 1978, p. v). Um aspecto interessante de sua introdução é o agradecimento a George Yeats, ainda viva, que lhe teria permitido acesso ao arquivo do marido. A sua dívida para com a viúva é clara e deixa patente o quanto a pesquisa de arquivos é por vezes complicada, seja pela dispersão geográfica das cartas – tanto em função dos destinatários originais como da posterior aquisição e do tráfego das cartas e coleções –, seja por sua dificuldade de localização, em especial no caso de coleções privadas sem catálogos públicos, seja, ainda, pela necessidade de negociar o acesso aos documentos.

Para Ellmann, os extremos da dicotomia entre privado e público levam, inclusive, à separação das atividades do poeta no fim do século XIX e início do XX nas figuras de Owen Aherne e Michael Robartes – originalmente personagens de contos do livro *The secret rose* (1897) e que depois viriam a permear toda a sua obra, adquirindo o status de arquétipos em extremos opostos e portanto muito usados em poemas dialógicos. Alinhando Aherne às atividades para a promoção do nacionalismo na arena mais pública da cena cultural irlandesa e inglesa, cabe ao místico Robartes personificar o lado ocultista e mais escondido de Yeats, em suas manobras não menos políticas, mesmo que tomadas a portas fechadas. Os lados

¹¹² Outras biografias seminais de Ellmann incluem *James Joyce* (1959) e *Oscar Wilde* (1987), ambas premiadas (inclusive com um Pulitzer) e consideradas até hoje, a despeito de certos erros factuais e suposições infundadas, o padrão-ouro de biografias desses escritores.

público e privado aparecem totalmente distintos na introdução de *The man and the masks*:

Se, por um lado, Yeats era reticente em público, em particular era até mesmo indiscreto: confiava quase tudo a seus livros manuscritos, diários e cartas. A partir deles forma-se outra imagem que une os fragmentos e episódios díspares de sua vida, revelando-o sob uma luz completamente diferente, despido do casaco bordado ¹¹³ (ELLMANN, 1979, p. 4).

A alusão ao “casaco bordado” remete ao poema “A coat”, que discutiremos em relação às fontes usadas pelo poeta, mas neste contexto ela pode ser entendida em analogia também às “máscaras” do título da biografia: os artifícios que adornavam e informavam a percepção das diversas *personas* públicas de Yeats. Para Ellmann, no entanto, o escritor se revelaria em sua correspondência despido dessas camadas artificiais, uma hipótese que o presente estudo questiona: nos parece que o poeta, diferentemente do rei, jamais está nu. Teresa Malatian ressalta o jogo das máscaras que escondem e revelam em sua consideração das cartas e conclui que no desenvolvimento de uma correspondência

um jogo sutil se estabelece entre o público e o privado, o íntimo e o ostensivo. Longe de serem espontâneas, as cartas ocultam e revelam seus autores conforme regras de boas maneiras e de apresentação de si, numa imagem pessoal codificada (MALATIAN, 2011, p. 197).

A divisão entre as facetas nacionalista e esotérica de Yeats revela certa dificuldade que a crítica em geral tem em se conciliar com os interesses místicos do poeta, e por muito tempo esse aspecto permaneceu como um nicho distinto.¹¹⁴ Publicado pouco depois do primeiro volume da biografia autorizada de Foster, o estudo de biografia crítica de Terence Brown, intitulado simplesmente *The life of W. B. Yeats* (1999), busca uma compreensão sóbria do papel do ocultismo para a vida e a obra do escritor.

Em seu epílogo, cujo subtítulo algo esotérico é “Afterlife”, uma referência à vida após a morte, Brown explicita onde vê falhas na prolífica indústria de estudos do autor:

¹¹³ “For if he was reticent in public, Yeats was indiscreet in private. He confided almost everything to his manuscript books, diaries, and letters, and from them another picture can be elicited which joins together the disparate fragments and episodes of his life, and reveals him in quite a different light, the embroidered coat removed”.

¹¹⁴ Ver, por exemplo, a crítica inclemente de W. H. Auden às “bobajadas” de Yeats no próximo capítulo.

Isso [o que Yeats chama de “mágica”] continua, sem dúvida, a ser uma questão crítica fundamental para a recepção de Yeats que, apesar do grande volume de estudos (muitos deles realizados nos Estados Unidos) que sua obra atrai, desdobrando-se em questões tão diversas quanto a sua relação com o Romantismo, o Modernismo, a política, o pós-colonialismo e o feminismo, faz-se ainda mais premente mediante a disponibilização de informações detalhadas sobre a centralidade do esoterismo e da experiência espiritualista para a imaginação de Yeats¹¹⁵ (BROWN, 1999, p. 379).

Embora o crítico não mencione a fonte de tais “informações detalhadas” neste trecho, sua introdução deixa clara a importância das *Collected letters* e seu aparato crítico: os apêndices são chamados de “baús de tesouro de informação e dados” (BROWN, 1999, p. ix), assim como as cronologias e outras biografias focadas nos fatos da vida de Yeats. O crítico ressalta o que distingue sua biografia crítica dos esforços anteriores e de estudos como o de Ellmann:

O presente volume buscou contribuir para a discussão desta questão crítica [o esoterismo], permitindo que sua centralidade desponte em suas páginas, sugerindo que não é mais possível simplesmente dizermos que as crenças de Yeats ofereciam-lhe meios metafóricos e simbólicos de expressão dos sentimentos essencialmente humanistas que ele teria manifestado caso não se envolvesse com tais preocupações “exóticas”. Fez-se aqui um estudo de um escritor para quem a magia, os rituais e a “comunicação” com mortos e espíritos eram parte integral de sua experiência e influenciavam o que ele sentia e pensava sobre a vida humana, sobre suas paixões e os seus significados. E cujas consequências artísticas nem sempre são agradáveis para a sensibilidade humanista liberal¹¹⁶ (BROWN, 1999, p. 379).

Para um estudioso da correspondência de Yeats, é impossível não se recordar de uma carta em que ele explica justamente a centralidade do pensamento ocultista para sua vida, escrita em resposta ao ceticismo de seu pai, expresso ao mentor John O’Leary, a quem o poeta escreve na semana do dia 23 de julho de 1892:

¹¹⁵ “That undoubtedly remains a critical key issue in Yeats’s reception – despite the voluminous scholarship (much of it conducted in the United States) his work has attracted on issues as diverse as his relationship to Romanticism, Modernism, politics, post-colonialism, feminism – made all the more pressing as detailed information has been made available on the centrality to Yeats’s imagination of esotericism and spiritualist experiment”.

¹¹⁶ “The present volume has sought to contribute to the discussion of this critical issue by allowing that centrality to appear in its pages, to suggest that it is no longer possible simply to say that Yeats’s beliefs offered him the metaphoric and symbolic means of expression for essentially humanist feelings he would have had without such ‘exotic’ preoccupations. This has been a study of a writer for whom magic, ritual and ‘communication’ with the dead and with spirits were profoundly experiential things that affected how he felt and thought about human life, about its passions and its meanings. And the artistic consequences were not always congenial to liberal humanist feeling”.

Agora, quanto a Magia. É certamente absurdo considerar-me “fraco” ou pior porque escolhi persistir no estudo de algo que decidi tornar, deliberadamente, há quatro ou cinco anos, juntamente com minha poesia, a busca mais importante de minha vida. Se isso é ou não ruim para minha saúde só poderá ser decidido por alguém que saiba o que é a magia, e não por qualquer amador. Consigo entender seu cartão-postal meio insolente já que estive em Bedford Park & certamente ouviu meu pai discursando sobre minhas atividades mágicas, das profundezas de sua ignorância quanto a tudo o que faço e penso. Se eu não tivesse feito da magia meu estudo constante, não poderia ter escrito uma palavra sequer do meu livro sobre Blake e tampouco teria criado [a peça] “The Countess Kathleen”. A vida mística é o centro de tudo o que faço, penso e escrevo¹¹⁷ (CL1, p. 303).

Talvez por ser bastante famoso, o trecho da carta não é citado diretamente por Brown, mas podemos ouvir com clareza os ecos da descompostura que o poeta passa em seu amigo – cuja importância o biógrafo considera não ter atingido grande parte da crítica até a publicação de sua biografia crítica.

Além desse exemplo, encontramos poucas citações diretas da correspondência de Yeats no livro de Brown. Levantamos a hipótese de que o grande destaque que esse material teve na biografia de Foster constitua uma das formas pelas quais Brown buscou distanciar-se daquele estudo que fora, de certa forma, seu competidor dentro do mundo das letras irlandesas, já que ambos foram publicados na mesma época.

Além disso, o tipo de estudo em que se usa a correspondência do autor determina em grande parte a maneira como esse material é encarado. Para além da biografia, e embora uma divisão taxonômica force uma separação não necessariamente tão clara em cada um dos estudos se considerados individualmente, discutiremos agora trabalhos que se inserem de forma mais evidente dentro do paradigma da crítica literária com foco, principalmente, na obra do próprio autor.

¹¹⁷ “Now as to Magic. It is surely absurd to hold me ‘weak’ or otherwise because I chose to persist in a study which I decided deliberately four or five years ago to make next to my poetry the most important pursuit of my life. Whether it be, or be not, bad for my health can only be decided by one who knows what magic is & not at all by any amateur. The probable explanation however of your somewhat testy post card is that you were out at Bedford Park & heard my father discoursing about my magical pursuits out of the immense depths of his ignorance as to everything that I am doing & thinking. If I had not made magic my constant study I could not have written a single word of my Blake book nor would ‘The Countess Kathleen’ have ever come to exist. The mystical life is the centre of all that I do & all that I think & all that I write”.

Estudos de crítica literária

Embora por vezes considerado outro exemplo de biografia crítica, Richard Ellmann produz, pouco tempo depois de *The man and the masks*, o estudo *The identity of Yeats*, de 1954. Além da implausibilidade de o crítico produzir, em menos de seis anos, dois livros com o mesmo objetivo, as diferenças entre eles colocam o segundo de forma ainda mais firme no terreno da crítica literária, a começar pela divisão dos capítulos: enquanto a biografia apresentava divisões cronológicas e apoiadas em períodos da vida do poeta, *The identity of Yeats* divide-se em tópicos de maior relevância literária, como “Iconografia”, “Estilo e retórica” e, mesmo quando adota uma instância cronológica, foca na produção artística, como em “Símbolos e rituais na poesia tardia”. O próprio Ellmann explica a diferença em seu prefácio à segunda edição¹¹⁸:

Em *The identity of Yeats* tentei mostrar padrões na poesia de Yeats da mesma forma que em meu livro anterior, *Yeats: the man and the masks*, tentei entender a sua vida. A biografia deve necessariamente enfatizar os começos, os esforços e as incursões, enquanto o trabalho crítico pode ponderar as realizações¹¹⁹ (ELLMAN, 1964, p. xxii).

Não surpreende, portanto, a diminuída importância da correspondência no novo estudo, cujo foco é uma leitura cuidadosa principalmente da poesia, em geral considerada a maior realização do escritor. As cartas aparecem de forma mais consistente somente no que toca à discussão das questões estéticas que preocupavam Yeats e revelam também a disponibilização das edições da correspondência com Katharine Tynan (McHUGH, 1953), Florence Farr (BAX, 1942), John O’Leary e suas irmãs (WADE, 1953) e a seleção de Allan Wade (L, 1954), já discutidas.

Distanciando-se ainda mais das questões biográficas, críticos como Thomas Parkinson (1951) e Jon Stallworthy (1963, 1969, 1982) fizeram uso da

¹¹⁸ *The man and the masks* também ganhou uma segunda edição, em 1979, usada nesta tese. É importante ressaltar que o novo prefácio, escrito após a morte de George Yeats, cumpre a função de uma minibiografia dos anos após o casamento e toca, ainda que de forma superficial, no papel da mulher e sua colaboração com o poeta. Tal prefácio ajuda a preencher lacunas do texto principal da biografia, que perde um pouco sua densidade de detalhes a partir do evento das núpcias. O novo prefácio revela um pouco mais do que as fontes documentais testemunhavam, mas o trato com a família proibia, por uma questão de tato, publicar.

¹¹⁹ “In *The Identity of Yeats* I attempted to display the patterns of Yeats’s poetry as in my earlier book, *Yeats: The Man and the Masks*, I tried to understand his life. A biography must necessarily emphasize beginnings, efforts, forays, while a critical work can dwell upon accomplishments”.

correspondência e de outros materiais manuscritos para desvendar os estágios de composição de poemas e outros escritos deste autor cujo hábito de revisão é tão intenso e arraigado que não para nem mesmo com a publicação de seus livros – e merece justificação nos famosos versos incluídos em *The collected works in verse and prose of William Butler Yeats* (1908):

The friends that have I do it wrong
Whenever I remake a song,
Should know what issue is at stake:
It is myself that I remake.¹²⁰

Certas características da prática da reescrita do poeta reforçam o interesse da crítica genética tanto nos manuscritos de versões-rascunho dos poemas quanto nas cartas. Na conclusão de seu primeiro estudo¹²¹ sobre Yeats, *Between the lines: Yeats's poetry in the making*, Stallworthy sintetiza quanto à natureza das revisões:

Uma característica importante e consistente de revisão de Yeats é sua tendência de cortar o material com que começa: raramente acrescentar a ele. Ele trabalha para dentro, em direção ao centro, em vez de para fora, afastando-se dele. De acordo com o que sugeri no início deste capítulo, ele tendia a podar detalhes específicos, assim tornando mais objetiva sua construção final¹²² (STALLWORTHY, 1965, p. 252).

Partindo dos manuscritos, o crítico recompõe os detalhes objetivos, cujos referentes por vezes encontram-se justamente nas cartas. Além disso, Yeats com frequência explicava certas imagens de seus poemas, em especial para correspondentes com quem ele compartilhava seus interesses místicos. Para além dessa função referencial, elas também eram, por vezes, o meio em que essas versões preliminares circulavam e portanto fazem parte da história da gênese dos poemas em seus estágios de criação. Diferentemente da analogia mais usual do “laboratório do escritor”, Stallworthy alude ao trabalho do jardineiro:

Seus manuscritos trazem em si provas da ação constante do podão, criteriosamente utilizado em toda madeira morta ou detalhe

¹²⁰ Em tradução literal: “Os amigos que me julgam faltoso/Sempre que refaço um verso,/Deveriam saber o que está em jogo:/Refaço-me a mim mesmo”.

¹²¹ Haveria outros, como *Vision and revision in Yeats's last poems* (1969), assim como a expansão da análise em um estudo comparativista com outro poeta irlandês em “The poet as archeologist: W. B. Yeats and Seamus Heaney” (1982).

¹²² “An important and consistent feature of Yeats's revision is his tendency to cut the material with which he begins: seldom to add to it. He works inwards towards a centre, rather than outwards and away from it. As I have suggested earlier in this chapter, he tended to prune particular detail, thus making the finished design more objective”.

irrelevante: eles demonstram que de todas as ferramentas da oficina do poeta, a mais importante é um tino afiado para a autocrítica¹²³ (STALLWORTHY, 1965, p. 253).

Além de se vincularem à crítica genética, os estudos, os estudos de Parkinson e Stallworthy revelam sua inserção também no paradigma do *New Criticism*, condizente com a época da escrita dos livros, no início dos anos 1950 e 1960 (primeiras edições em 1951 e 1963, respectivamente). A valorização do que seriam as características “objetivas” do poema, de uma ideia de seu “cerne”, assim como a imagem do jardineiro, revisita os conceitos de organicidade da poesia, defendidos por críticos dessa escola. Tal persuasão determina também a forma como esse crítico-poeta encara o material das cartas, usado de forma bastante instrumental, basicamente para ajudar na datação de manuscritos, explicar certos aspectos tópicos das versões preliminares da poesia e discutir escolhas estéticas de Yeats.

Em pesquisa desenvolvida pouco tempo depois da de Stallworthy, Curtis Bradford usa de abordagem similar em *Yeats at work* (1965), em que extrapola a definição do principal movimento das revisões de Yeats:

As revisões de Yeats movem-se em três direções, embora a terceira não entre em operação em sua poesia de juventude. A primeira busca correção: trata-se do esforço para aproximar o poema em andamento, por exemplo, uma balada como “The hosting of the Sidhe”, do que Yeats tem como o ideal abstrato ou a norma do que seria uma balada. Um segundo tipo de revisão [...] envolve a tentativa de tornar a cena ou ação imaginada em um poema mais vívido e sensorial. [...] O terceiro tipo de revisão preocupa-se com o manejo das *personas* ficcionais ou em processo de ficcionalização em um dado poema. Tais revisões demonstram como Yeats busca controlar a expressividade dessas *personas*, de forma a modular corretamente o eu-lírico que dá voz ao poema¹²⁴ (BRADFORD, 1965, p. 15).

Embora cite relativamente pouco da correspondência de Yeats, podemos constatar, especialmente no terceiro tipo de revisão, o desenvolvimento da

¹²³ “His manuscripts show constant evidence of the pruning knife, judiciously used on any dead wood and inessential detail: they show that of all tools in the poet’s workshop the most important is a razor-sharp self-critical faculty”.

¹²⁴ “Yeats’s revisions move in three directions, though the third is not operative in his early poetry. The first is toward correctness, toward an effort to make a poem in process, say a ballad such as ‘The Hosting of the Sidhe’, conform more fully with Yeats’s abstract ideal or norm of what a ballad should be. A second type of revision [...] involves an effort to make the imagined scene or action of a poem increasingly vivid sensuously. [...] A third type of revision is concerned with the management of the personae invented or being invented for a particular poem; such revisions demonstrate Yeats’s effort to control the expressiveness of these personae, to properly modulate the voice speaking the poem”.

habilidade de Yeats em projetar *personas* no lugar do eu-lírico em sua poesia. De forma análoga, podemos identificar tais *personas* ou figuras também na correspondência, como discutiremos adiante.

Citamos o estudo de Bradford também porque ele estabelece um diálogo interessante com Stallworthy, em cuja argumentação uma citação de cartas é utilizada. O autor de *Yeats at work* cita a afirmação, presente em *Between the lines*, a respeito da irregularidade da pontuação do poeta (STALLWORTHY, 1965, p. 12). Stallworthy justifica sua declaração citando diretamente uma carta de Yeats em que ele admite suas dificuldades com os sistemas da língua. A essa “prova” Bradford junta citação de conversa relatada no livro da correspondência entre Yeats e Dorothy Wellesley, em que ela confessa não entender nada do funcionamento da sintaxe: “‘Nem eu entendo’, respondeu-me. Após discutirmos o assunto por cinco minutos, ele disse: ‘Vá pegar um dicionário! Acho que talvez devêssemos saber o que é sintaxe’”¹²⁵ (WELLESLEY, 1940, p. 193). Bradford não indica, no entanto, que a menção parte de uma interação ao vivo entre os dois poetas, lembrada por Wellesley, e não de uma carta escrita. Para aqueles que não conhecem o volume editado pela amiga, seria fácil presumir que o peso documental das duas afirmativas parta da correspondência.

A dificuldade de se reconhecerem as especificidades da escrita epistolar e das formas como uma correspondência estabelece seus significados pode ser notada em importantes estudos críticos, como *Imagining Ireland* (KIBERD, 1996), cujo viés historicista e pós-colonialista assegura a esse tipo de material um lugar de destaque. Um marco do desenvolvimento dos Estudos Irlandeses, o livro de Declan Kiberd apresenta uma reflexão de amplíssimo escopo sobre as relações literárias e culturais da Irlanda em relação, principalmente, à Grã-Bretanha, abrangendo não só mais de dois séculos da literatura irlandesa, mas também uma imensa gama de escritores e atores das cenas cultural e política. Dessa forma, são citadas cartas de figuras como Oscar Wilde, James Joyce, J. M. Synge e, claro, Yeats, umas das figuras centrais do volume. É de Kiberd a observação, incluída na Introdução à esta tese, de que o trânsito entre os diferentes gêneros da escrita de Yeats se faz necessário para entendimento de sua obra e importância cultural – observação que o crítico segue à risca nessa que é, possivelmente, sua obra mais influente até hoje,

¹²⁵ “‘Neither have I understood it’, he replied. At the end of five minutes’ discussion upon this subject he said: ‘Go and fetch a dictionary! I think perhaps we ought to know what syntax is’”.

de modo que as cartas (citadas, em sua maior parte, a partir das *L* de Allan Wade) funcionam como uma entre várias fontes possíveis.

Embora tal abordagem mostre-se bastante profícua para o objetivo dessa vasta obra, perdem-se algumas importantes distinções. Parte da correspondência pessoal de Yeats, como a missiva enviada ao amigo íntimo George Russell (“AE”) por volta de 5 de maio de 1919, é citada, sem nenhum tipo de identificação no corpo do texto, como argumento a favor da identificação Yeats com a burguesia. Ainda que as notas façam referência à página das *L* em que se encontra a citação, o tom assertivo do trecho escolhido mascara seu contexto particular – como carta particular, enviada a amigo íntimo, em resposta a outra, e mesmo na relação entre o excerto e o resto da carta. Para demonstrar possíveis ressalvas a esse tipo de uso da correspondência de Yeats, típico não apenas do trabalho de Kiberd, mas de todo um tratamento, citaremos toda a carta, como transcrita nas *CL*,¹²⁶ excluído o seu cabeçalho, com o trecho escolhido pelo crítico destacado:

Meu querido Russell: Muito obrigado, mas não foi Maud Gonne e sim Iseult que você citou. Ela desgosta do comunismo russo tanto quanto eu. Ela disse: “Mas o Sr. Russell me diz que tem informações de uma confiável – ou algo assim – que eles só teriam executado 400 pessoas” É por isso que lhe enviei alguns comentários russos sobre os números, bem como na figura de 13000 que foi publicado há algum tempo como vindo do próprio governo russo. Há razões financeiras por que comentários americanos agora podem ser por vezes tendenciosos. Thomas disse no Parlamento há umas semanas atrás que “Todo representante responsável do Partido Trabalhista Inglês está convencido, em função de informações que possui, que o atual governo russo é pior que uma Autocracia”. O que desejo é que a Irlanda mantenha-se impedida de se dar (sob a influência de sua faculdade lunática de reagir contra ela acredita que Inglaterra apoia) à revolução Markiana [por Marxista], ou da efígie Markiana de valores, sob qualquer forma. Considero o critério Markiano de valor a ponta da lança do materialismo que levará a assassinatos inevitáveis. É desse critério que se deriva a conhecida frase de que “poderia ser o burguês inocente?”

Atenciosamente,
W B Yeats

És capaz de se lembrar de alguma questão europeia em que a Irlanda não tenha tomado o lado contrário à Inglaterra? – Bem, isso

¹²⁶ Optamos pelo texto das *CL* por seu maior rigor editorial, embora Kiberd cite o texto das *L*. Nesse caso, não há grandes diferenças na transcrição, e o texto integral também consta das *L*, de modo que não é possível justificar a seleção feita em função de uma eventual indisponibilidade.

mata toda possibilidade de reflexão e incentiva o tipo mais horrível de retórica para as massas¹²⁷ (CL *InteLex* #3603).

O contexto dado por Kiberd faz referência à ação do líder sindical James Connolly e ao anticomunismo dos editoriais do jornal conservador *The Irish Times* (KIBERD, 1996, p. 319), considerações sem dúvida pertinentes, mas que deixam de reconhecer o relacionamento que existe não só entre Yeats e AE (que havia sido importante agitador pela reforma agrária), mas também entre aquelas que haviam incitado a discussão, Maude e Iseult Gonne. Além disso, a crítica contra a Revolução Russa também acontece em censura a notícias de execuções e revela seu conhecimento das discussões do Parlamento Britânico. É importante também ressaltarmos que um importante argumento que Yeats tem contra o apoio ao comunismo, o argumento que ele considera relevante o suficiente para repetir em seu *post scriptum*, é que o impulso de se opor à rejeição britânica do comunismo simplesmente para contrariá-la, sem refletir devidamente sobre a questão, seria um erro.

De forma similar, ao incluir excerto de uma das cartas que fazem parte do *corpus* desta pesquisa (carta traduzida e identificada como 3G em nosso Apêndice A), o crítico não a distingue como missiva enviada ao jornal *United Ireland* e portanto destinada a alcançar um público amplo e de inclinação nacionalista-parlamentar. A afirmação de que Yeats teria “resolvido o problema [do paradoxo linguístico] de forma que satisfizesse a si mesmo ainda em 1892”¹²⁸ (KIBERD, 1996, p. 155) aceita como “solução” uma declaração dada com um objetivo muito claro em vista: a defesa do uso do inglês como linguagem viável no Renascimento Irlandês para um

¹²⁷ “My dear Russell: Many thanks but it was not Maud Gonne who quoted you but Iseult. She likes Russian Communism no more than I do; & she said ‘But Mr Russell tells me that he has information from a source which can be relied on – or some such phrase – that they have only executed 400 people’ that is why I sent you certain Russian comments on that figure, as well as on the figure of 13000 which was published some time ago as coming from the Russian government itself. There are financial reasons why American comment is just now sometimes biased. Thomas said in the house of Commons a couple of weeks ago ‘Every responsible representative of English labour is convinced, owing to information come into their possession that the present Russian government is worse than that of the Autocracy’. What I want is that Ireland be kept from giving itself (under the influence of its lunatic faculty for reaction against everything which it believes England to affirm) to Markian revolution, or Markian definitions of value, in any form. I consider the Markian criterion of value, as in this age the spear-head of materialism & leading to inevitable murder. From that criterion follows the well known phrase ‘can the bourgeois be innocent?’ Yrs ev, W B Yeats

Do you ever remember a European question on which Ireland did not at once take the opposite side to England? – well that kills all thought & encourages the most miserable kind of mob rhetoric”.

¹²⁸ “Though many in decades to come would scoff at the patent contradiction of an Irish National Theatre staging plays in the English language, Yeats had solved that problem to his own satisfaction as far back as 1892”.

público que viria a dar apoio à Liga Gaélica. Diversas outras declarações provariam que a questão não estava resolvida a contento para Yeats “desde 1892” e ainda por muitos anos – suas tentativas de aprender inglês, sua apologia do uso de recriações artísticas do *hiberno English* ou dialetos do inglês falados em diferentes partes da Irlanda contam uma história diferente.

Kiberd não está sozinho entre os críticos e historiadores que acabam por descontextualizar as cartas de Yeats em suas citações – ele é apenas um dos vários possíveis exemplos. Não se trata, certamente, de exigir desse tipo de trabalho a preocupação que guia a nossa abordagem, mas de reconhecer os efeitos que a desconsideração das características específicas da escrita epistolar pode engendrar. Podemos, no entanto, perceber um avanço em recente publicação da coleção *The collected works of W. B. Yeats*, que reedita parte do material que John P. Frayne e Colton Johson reuniram nos dois volumes de *Uncollected prose* (1970 e 1976).

Os dois volumes foram de imenso interesse para toda uma geração de yeatsianos por agruparem diversas resenhas e outros textos de prosa não ficcional, especialmente jornalística, que Yeats nunca mais buscara republicar em suas coleções de ensaios. Amparados por sucintos mas preciosos resumos, tais textos tornaram-se fonte crucial para diversos outros trabalhos após sua publicação. Entre as resenhas e outras peças publicadas principalmente em jornais, os editores escolheram reproduzir também as cartas aos editores de autoria sabida e suposta de Yeats – o primeiro volume é, inclusive, a fonte para a citação de Kiberd, acima.

Optamos por não incluir *UP1* e parte do *UP2* em nosso exame das edições no Capítulo 1 justamente porque, embora apareçam com indicação de destinatário e assinatura, as cartas abertas são consideradas, como indica o título, parte da prosa jornalística do escritor pelos editores. Em sua introdução, Frayne comenta a importância de se incluir o máximo possível desse material do início da carreira e em especial a prosa, posteriormente excluída por Yeats de sua “obra oficial”, enca(de)rnada no projeto da edição *de luxe* dos *Collected works*.

É portanto algo irônico que o atual projeto dos *CW* da editora Scribner inclua entre os volumes editados um livro dedicado a esse material em *Early articles and reviews: uncollected articles and reviews written between 1886 and 1900* (2004, *CW9*). Reconhecendo o trabalho de Frayne como editor original de *UP1*, Madeleine Marchaterre atualiza a edição e imprime o padrão editorial dessa extensa coleção, ainda em andamento. Uma importante atualização, que reforça o acerto de nossa

escolha, é a decisão de se excluírem as cartas abertas da reedição: não constam de *CW9* nenhuma das cartas abertas selecionadas por Frayne e por Frayne e Johnson para inclusão em *UP1* e *UP2*, respectivamente. Embora seja possível considerar-se como razão dessa exclusão a atual disponibilização de parte desse material nas *CL* de John Kelly, acreditamos que também pese na decisão o reconhecimento da diferença de gênero e de função entre os artigos e resenhas incluídos e as cartas abertas, por mais que ambos os tipos de texto tenham sido veiculados em periódicos.

É importante também ressaltar que, em diferentes graus, tanto *The collected letters of W. B. Yeats* quanto as várias outras seleções de cartas apresentam a seus leitores relevante material de pesquisa, na forma de introduções e notas ao texto. Esse aparato crítico disponibilizado pelos editores e organizadores é visto nesta pesquisa como parte essencial da fortuna crítica existente sobre as cartas e sobre Yeats em geral. Mencionadas de forma pontual no Capítulo 1 em relação às diferentes edições de carta em que aparecem, as diferentes formas de intervenção dos editores com frequência vão além de simples declarações de política editorial para efetivamente transformarem a experiência de leitura e compreensão das cartas, tornando-se, elas também, ensaios críticos, biográficos e históricos não apenas de Yeats, mas de todo um contexto em que ele se inseria. Finalizaremos a discussão da fortuna crítica gerada pelas cartas com uma consideração desse material paratextual.

Primeiramente, é necessário entender que a configuração de edições de correspondência é, em si mesma, um exercício crítico – trata-se, afinal de contas, de um arranjo artificial, imposto a um material que não fora, a princípio, concebido como grupo:

Um *epistolarium* atua como uma força radical ao reunir, ou, de forma mais crucial, ao *criar*, algo que não existia: “por natureza”, as cartas são escritas uma de cada vez, ao longo de períodos de tempo por vezes muito longos, e em diálogos com direito a réplica, quer em papel ou pessoalmente; nem o escritor da carta, nem seus leitores/correspondentes enquanto grupo, jamais veem o todo do *epistolarium*, ou mesmo as partes do mesmo permanecem disponíveis e arquivadas. [...] Seleção, transcrição e explicação nas edições de cartas de um *epistolarium* para publicação criam

reverberações que afetam sua contextualização ¹²⁹ (JOLLY; STANLEY, 2005, p.108).

Aspectos discutidos no Capítulo 1, como os princípios de seleção (tipo de correspondência: ativa, passiva, cruzada) e de transcrição (diplomática, silenciosa) e o uso de notas (seu número e variedade), caracterizam as diferentes edições e são pensados em função da interação entre o público leitor esperado (leitor geral ou estudiosos de Yeats) e a evolução das práticas editoriais ao longo do tempo (havia, como vimos, uma tendência de se corrigir os erros de grafia e gramática de Yeats, hoje, em grande parte, abandonada).

Presentes na grande maioria das edições, prefácios e introduções quase sempre apresentam não só os princípios adotados pelos editores em sua seleção e transcrição, mas também, frequentemente, relatos biográficos e históricos que remetem ao contexto de produção da correspondência. Essa é uma característica marcante de edições como a de McHugh, de Yeats para Katharine Tynan, ou das trocas entre um grupo restrito de escritores em um dado período, caso de *Theatre business*, como ressalta Gothot-Mersch (1991, p. 8):

As correspondências cruzadas, da mesma forma que coleções de cartas para um destinatário único, também têm uma tendência a se transformar em uma obra ambígua, que vão desde edição pura e simples até “história de uma amizade”: não é preciso muito para as notas biográficas transformem-se em mini-histórias congregando grupos de cartas. E por que não, se vemos como principal preocupação a publicação correta dos próprios textos? Com as intervenções sutis de Alphonse Jacobs, a correspondência entre Sand e Flaubert reencontra, em parte, o contexto vivaz, sensível, que a gerou.¹³⁰

Esse tipo de contextualização parece ter migrado das introduções para o meio das edições, tornando-se assim parte integrante da leitura de cartas individuais, seja como as “mini-histórias” apresentadas por Allan Wade periodicamente em suas *L*, seja por meio das diversas e longas notas tanto das *CL*

¹²⁹ “An epistolarium acts as a radical force in bringing together, indeed more strongly in *creating*, what never was: “by nature”, letters are written one at a time, over sometimes lengthy time-periods, and in dialogue with replies, whether on paper or in person; and neither the letter-writer, nor their readers/correspondents as a group, ever see the whole or even that part of which remains extant and archived. [...] Selection, transcription and explication in editing letters from an epistolarium for publication have consequential reverberations for contextualisation”.

¹³⁰ “Les correspondances croisées, comme les recueils de lettres à un seul destinataire, ont d’ailleurs tendance à se transformer en un ouvrage ambigu, oscillant entre l’édition pure et simple et l’« histoire d’une amitié » : il n’en faut pas beaucoup pour que les notices biographiques se transforment en mini-récits reliant des groupes de lettres. Pourquoi pas, si l’on gardé comme souci premier la publication correcte des textes eux-mêmes ? Grâce aux interventions discrètes d’Alphonse Jacobs, l’échange de correspondance entre Sand et Flaubert retrouve en partie le contexte vivant, sensible, qui fut le sien”.

quanto do mais recente volume de Ann Saddlemyer, *W. B. Yeats and George Yeats: The letters* (2011).

Quanto às notas, diferentemente das justificativas e promessas de um aparato crítico “enxuto” de Finneran, Haper e Murphy (1977), sua proliferação nas edições críticas é o que justifica, pelo menos no caso das *CL*, a ansiedade que a lenta publicação gera: não é suficiente que as cartas estejam transcritas, datadas e disponibilizadas como *CL IntelLex*; muito interessa a todos o primoroso trabalho de pesquisa que as anotações das edições impressas das *CL* disponibilizam, ressaltam diversas das resenhas quando da publicação de cada novo volume. George Bornstein, um dos editores da não menos ambiciosa edição dos *CW*, é um dos poucos resenhistas que levanta a questão do público para as *CL* e a riqueza das notas (2007, p. 157):

Introdução, apêndice e anotações são exuberantes. Os editores habilmente rastreiam alusões e circunstâncias, as quais esclareçam detalhadamente. Pesquisadores agradecerão a enorme paciência editorial e energia exibida, embora modernistas mais gerais e leitores de todos os tipos podem sentir que o aparato por vezes domina o texto. [...] A prodigiosa extensão da anotação sugere um problema óbvio da extraordinário erudição apresentada aqui: será que o material chegará ao público amplo que estes importantes textos yeatsianos merecem? [...] A série está projetada em quinze volumes, mas pode facilmente tomar mais, confirmada a tendência atual. No presente ritmo, isso pode significar um total de mais de quinze mil páginas, e um custo mais de US\$ 2.500 para seu conjunto. Obviamente, poucas pessoas poderão investir tal quantia, e no atual clima poucas bibliotecas também. Sem dúvida prodigiosa, a edição corre o risco de se marginalizar.¹³¹

Para o presente estudo, no entanto, o aparato editorial das *CL* foi uma verdadeira cornucópia de informações, especialmente por recuperar a cadeia de respostas, por vezes reconstituindo grandes frações do diálogo epistolar – o que nos leva a considerar que as “notas” de edições como as de Kelly (1986-) e Saddlemyer (2011) sejam efetivamente parte da tradição de “belas notas” a que alude Gothot-

¹³¹ “The introduction, appendix, and annotation are lavish. The editors expertly track down allusions and circumstances, both of which they clarify at length. Researchers will be grateful for the enormous editorial patience and energy on display here but more general modernists and readers of all sorts may feel that the apparatus sometimes overwhelms the text. [...] The prodigious length of the annotation suggests an obvious problem with the extraordinary scholarship presented here: will it reach the broad audience that it deserves and bring these important Yeatsian texts to a wider public? [...] The series projects fifteen volumes but may well run longer if the current trend continues. At the present rate, that will total over fifteen thousand pages, and cost over \$2500 for the set. Obviously, few individuals will invest that sum, and in the present climate few libraries will too. Marvelous as it is, the edition runs a danger of marginalizing itself”.

Mersch em sua consideração das práticas de anotação na tradição francesa (1991, p. 6):

Louis Le Guillou, editor da correspondência de Lamennais, é de uma abordagem minimalista: ele se recusa a fornecer as informações que podem ser encontradas em obras de referência atuais. Esta é também a atitude de Theodore Besterman, editor da de Voltaire. James Austin, editor de Mallarmé, também quer limitar-se a “esclarecimentos essenciais”, embora admita que o conceito seja algo elástico e não se furte a excluir, *a priori*, explicações extraídas de livros de amplo acesso: “Se eu mesmo aprendi [com a pesquisa], por que privar o leitor do fruto de meus esforços?”. Madeleine Ambrière, editora da correspondência de Vigny, deseja que não se economizem esclarecimentos, mas que se banam, definitivamente, os comentários, e distingue claramente e com grande propriedade o trabalho do editor daquele do crítico. Colette Becker, coeditora da correspondência de Zola, posiciona-se como o extremo oposto de Le Guillou ao marcar sua preferência pela “bela nota”: uma carta em que Flaubert relata ter quebrado a perna cria uma oportunidade para descrever a relação do mestre com os naturalistas; ou mesmo para evocar a condição do escritor acerca das dificuldades materiais em que se encontra o autor de Madame Bovary. Em última análise, em tal projeto, a nota poderia prevalecer em interesse sobre a própria carta.¹³²

As notas dos dois projetos da correspondência de Yeats da Oxford University Press certamente subscrevem à noção da “bela nota”, sendo, por vezes, responsáveis por causar espécie a esta pesquisadora, que se viu rindo alto, sozinha no silêncio da biblioteca, quando da leitura das *CL*, em mais de uma ocasião.

O problema colocado por Bornstein continua sem solução no caso das *CL*, mas a multitude de edições certamente sugere que sempre existiu interesse na correspondência de Yeats. Em vista das diversas formas como o material tornou-se disponível e em função do reconhecimento de seu uso ainda limitado, do ponto de vista das possibilidades do gênero epistolar, apresentamos a seguir o recorte específico do presente estudo.

¹³² “Les avis sont très partagés, on le sait, sur l’annotation d’une correspondance. Louis Le Guillou, éditeur de la correspondance de Lamennais, adopte une attitude minimaliste: il refuse de fournir les renseignements qu’on peut trouver dans un ouvrage de références courant. C’est aussi l’attitude de Théodore Besterman, l’éditeur de Voltaire w. James Austin, éditeur de Mallarmé, souhaite également se limiter aux ‘éclaircissements indispensables’, tout en avouant que cette notion est élastique, et en ne refusant pas a priori l’explication tirée d’un ouvrage acces sible: ‘Si je me suis renseigné moi-même, pourquoi priver le lecteur du fruit de mes peines?’ Madeleine Ambrière, éditrice de la correspondance de Vigny, en souhaitant qu’on ne lésine pas sur les éclaircissements mais qu’on bannisse sans hésiter les commentaires, distingue nettement, et fort à propos, le travail de l’éditeur de celui du critique. Colette Becker, co-éditrice de la correspondance de Zola, se situe à l’opposé de Le Guillou ; elle marque sa préférence pour la ‘belle note’: une lettre à Flaubert qui vient de se casser la jambe sera l’occasion de décrire les rapports du Maître avec les Naturalistes; celle aussi d’évoquer la condition de l’écrivain, à propos des difficultés matérielles où se débat l’auteur de Madame Bovary. A la limite, dans cette conception, la note pourrait l’emporter en intérêt sur la lettre elle-même”.

CAPÍTULO 3

Processo criativo, fontes e (auto)definição

A correspondência de juventude retrata, ao vivo e em tempo real, a gênese de um “eu”, ou seja, a entrada simultânea de um sujeito na vida e na escrita, enquanto a autobiografia, escrita da memória, a reconstitui em retrospecto, geralmente por um relato que ainda corre o risco de ser pouco mais que ou nada além de um “simulacro persuasivo”.¹³³

(DIAZ, 2002, p. 77)

Também incluída em *Letters*, de Allan Wade, a primeira carta enviada por Yeats para um periódico é datada de 23 de novembro de 1887 e ilustra como a questão dos referentes pode ser problematizada no contexto de correspondência publicada na imprensa.¹³⁴ Em suas respectivas notas ao texto da carta, tanto John Kelly quanto Allan Wade chamam a atenção para o descompasso, que poderia passar despercebido por um leitor menos atento, entre a data e o suposto destinatário da carta, neste caso o jornal *The Gael*, e os dados acerca da proveniência do texto, indicado como tendo sido publicado pelo *Irish Monthly* quase quatro anos depois. A reimpressão da missiva dá-se em contexto da celebração daquele jornal, então extinto, e cuja importância este buscava ressaltar.

Após qualificar o *The Gael*, cuja circulação cessara em janeiro de 1888, como um periódico “inteligente mas peculiar”, o *Irish Monthly* introduz o texto da carta ressaltando a estratégia de Yeats para responder ao editor do *The Gael* sobre a publicação de seu poema nas páginas da edição de 19 de novembro de 1887, impressa com diversos erros. O editor do *Irish Monthly* ressalta o bom humor de Yeats, que, em vez de “reclamar com nervosia, demonstrando que pertencia ao *genus* irritável, [...] finge não reconhecer seus próprios versos, obscurecidos como

¹³³ “La correspondance de jeunesse décrit, sur le vif et en temps réel, la genèse d’un ‘je’, c’est-à-dire, l’entrée simultanée d’un sujet dans la vie et dans l’écriture, tandis que l’autobiographie, écriture de la mémoire, la reconstruit à terme échu, le plus souvent dans un récit qui encourt toujours peu ou prou le risque de n’être qu’un ‘simulacre persuasif’”.

¹³⁴ Para facilitar a leitura, e com o intuito de disponibilizar esse riquíssimo material em português, foi incluída, no Apêndice A desta tese, uma seleção das principais cartas abertas, publicadas em periódicos, de que tratam cada um dos próximos capítulos. Todas as cartas traduzidas são identificadas por código alfanumérico que explicita o capítulo em que elas figuram e a ordem em que aparecem.

estavam por tantos erros de impressão”¹³⁵ (KELLY, CL1, p. 42, n. 1). Na curta missiva, originalmente publicada no *The Gael* (presume-se que na edição de 26 de novembro de 1887, da qual não se tem registro) e transcrita pelo *Irish Monthly* de julho de 1891, lê-se:

PREZADO SENHOR – Escrevo para corrigir um erro. Aquele curioso poema em sua 19ª edição não foi escrito por mim, mas pelo tipógrafo, que é, comprovadamente, um imitador de Browning. Felicito-o pelo maravilhoso discernimento com o qual capturou parte das confusões do seu mestre. Tenho interesse no assunto pois tenho um poema com o mesmo título ainda não publicado.

Atenciosamente,
W B Yeats¹³⁶
(CL1, p. 42, 3A)

O expediente a que se refere o editor do periódico mensal resulta da forma lúdica como Yeats substitui o objeto passível de correção: em vez dos óbvios erros de impressão,¹³⁷ o “erro” do jornal teria sido sua atribuição ao poeta-correspondente. Soma-se a essa brincadeira o reconhecimento do suposto autor (o tipógrafo) como um poeta derivativo, um “imitador” do estilo do poeta romântico inglês Robert Browning (1812-1889), considerado um dos mestres do monólogo dramático, forma a que o poema “The protestant’s leap”, publicado no *The Gael*, parece afiliar-se.

O exemplo da brincalhona intervenção junto ao *The Gael*, assim como não só a reimpressão da carta, mas também seu paratexto gracioso no *Irish Monthly*, demonstra uma das formas como Yeats interage com a imprensa. Deve-se ressaltar, no entanto, que o tom jovial da carta é pouco usual nesse período e mesmo em outros da carreira do autor. Uma das hipóteses para tal leveza é o fato de que o *The Gael*, periódico ligado à Associação Atlética Gaélica (Gaelic Athletic Association, GAA em inglês) era então editado por um amigo íntimo de Yeats, seu antigo mentor John O’Leary. Além disso, trata-se de um jornal cuja principal linha editorial era de cunho esportivo, em consonância com os objetivos da GAA, ramificação da Liga Gaélica (Gaelic League) que busca a reafirmação da cultura

¹³⁵ “[...] any angry remonstrance, showing that he belonged to the ‘genus irritabile’, the poet pretended not to recognise his own verses through the disguise of so many printer’s blunders”.

¹³⁶ “DEAR SIR – I write to correct a mistake. The curious poem in your issue of the 19th inst. was not by me, but by the compositor, who is evidently an imitator of Browning. I congratulate him on the exquisite tact with which he has caught some of the confusion of his master. I take an interest in the matter, having myself a poem of the same name as yet unpublished./Yours faithfully,/W B Yeats”.

¹³⁷ A irmã de John O’Leary, então editor do *The Gael*, não hesita em chamar os erros de “misprints” em sua apologética carta a Yeats, datada de 20 de novembro de 1887.

ancestral irlandesa por meio da recuperação de esportes tradicionais como *hurling*, *camogie*, *Gaelic football*, *handball* e *rounders*.¹³⁸

John Kelly, o editor-geral de *The collected letters*, trata do estranhamento causado pela presença de Yeats em um periódico desportivo em seu artigo “Aesthete among the athletes: Yeats’s contributions to *The Gael*”, ressaltando a interligação dos projetos culturais nos campos do esporte e da literatura (KELLY, 1984). É importante, portanto, ressaltar o papel político da GAA no contexto do nacionalismo irlandês para melhor entender a relevância e a circulação de um periódico como o *The Gael*. A prática de esportes considerados históricos, patrocinada e organizada pela GAA, fazia parte de uma estratégia que começara com os esforços para a recuperação e a divulgação do gaélico e para o aprendizado dessa língua entre não falantes, assim como para o resgate da música tradicional e dos festivais (*feis*). Embora o ensino do gaélico irlandês (atualizado e sistematizado, chamado hoje simplesmente de “irlandês” e distinto do gaélico histórico e de outras variedades nacionais e regionais, como o gaélico escocês¹³⁹) seja sancionado pelo governo irlandês e constitua disciplina obrigatória do currículo escolar na república, é possível considerar que a GAA foi o braço de maior sucesso do movimento da Liga Gaélica, sendo que a popularidade dos esportes, especialmente do futebol gaélico e do *hurling*, mantém-se alta nos dias de hoje e atrai público considerável para o estádio de Croke Park¹⁴⁰ e outros.

A segunda instância da amostra de cartas enviadas a jornais é datada de 29 de julho de 1889, seis meses depois da publicação do primeiro volume de poesia de Yeats, intitulado *The wanderings of Oisín and other poems*, e trata-se justamente de resposta a uma resenha de *Oisín*:

¹³⁸ Ver informação contida no site da associação: <<http://www.gaa.ie/about-the-gaa/>>.

¹³⁹ Embora trate principalmente das origens e da relevância da Liga Gaélica ao final do século XIX e início do XX, o recente estudo de Timothy G. McMahon traz também um curto histórico da renovação do interesse pela revitalização da língua irlandesa em seus diversos estágios, concluindo que tal empreendimento “triunhou e falhou, simultaneamente” (McMAHON, 2008, p. 8).

¹⁴⁰ O estádio de Croke Park foi palco de um marcante confronto na Guerra de Independência irlandesa, quando foi invadido por membros da Polícia Real Irlandesa (Royal Irish Constabulary), ajudados pelos famigerados soldados e ex-soldados britânicos conhecidos como *Black and Tans*. Planejada em represália a um ataque do Exército Republicano Irlandês (IRA, em inglês), a manobra incluiu a invasão do estádio durante um jogo de futebol gaélico, quando as forças de apoio ao governo britânico abriram fogo contra os espectadores do jogo, matando 14 civis. A reação da população contra esse primeiro Domingo Sangrento (Dublin, 21 de novembro de 1920) é considerada como um marco do apoio da opinião pública aos rebeldes. A escolha do estádio como alvo também indica a associação entre a prática do esporte e o elemento nacionalista extremista na psique das forças de repressão britânicas.

Senhor, – em cordial nota sobre o meu volume de poemas, o seu resenhista indaga onde consegui os materiais para “The wonderings of Oisin”. As primeiras páginas são baseadas em um belíssimo poema antigo, escrito por um dos inúmeros poetas gaélicos quase esquecidos que viveu na Irlanda no século passado. Nas disputas entre o santo e o guerreiro cego, utilizei as sugestões dos diversos diálogos em forma de balada entre Oisin e São Patrício, publicados pela Sociedade Ossiânica. As páginas que lidam com as três ilhas, incluindo a segunda citação do seu resenhista, são inteiramente minhas, não tendo nenhuma base na tradição, exceto a ideia camponesa irlandesa de que Tir-u-au-oge (o País dos Jovens) é composto por três ilhas fantasmas. – Atenciosamente, Senhor, etc.,

W B YEATS¹⁴¹
(CL1, p. 176, 3B)

É interessante notar o tom usado por Yeats nessa carta ao *The Spectator*, um semanário conservador britânico, publicado até hoje na forma de revista. O poeta define a resenha como *kindly* (“gentil”), uma marca da civilidade entre correspondentes mas que também informa ao leitor da revista a respeito da opinião favorável do resenhista acerca do livro de poesias. Podemos contrastar a atitude do jovem poeta e seu livro primogênito com as palavras mais duras em carta a sua irmã, Susan Mary Yeats (também conhecida como Lily), cerca de 10 anos depois, em 1º de novembro de 1899. Estabelecido na propriedade de Coole Park, já há muitos meses na Irlanda, o poeta está sedento de notícias sobre a recepção na imprensa britânica de seu mais novo volume de poesias, *The wind among the reeds*, publicado em Londres em abril de 1899, e pede à irmã que “continue enviando jornais, quaisquer que sejam, com a exceção de ‘The Spectator’, que eu leio & detesto”¹⁴² (CL2, p. 460). A aparente indiferença de Yeats ao periódico (já que, apesar de “detestá-lo”, continua lendo-o, mesmo que não o compre ou guarde) que aparece em carta pessoal à irmã reflete algumas mudanças no seu *status* literário e sugere um poeta mais seguro de seu lugar. No entanto, a preocupação com a recepção de seus livros pela crítica continua.

¹⁴¹ “Sir, – In a kindly notice of my volume of poems, your reviewer asks where I got the materials for ‘The Wanderings of Oisin’. The first few pages are developed from a most beautiful old poem written by one of the numerous half-forgotten Gaelic poets who lived in Ireland in the last century. In the quarrels between the saint and the blind warrior, I have used suggestions from various ballad Dialogues of Oisin and Patrick, published by the Ossianic Society. The pages dealing with the three islands, including your reviewer’s second quotation, are wholly my own, having no further root in tradition than the Irish peasant’s notion that Tir-u-au-oge (the Country of the Young) is made up of three phantom islands. – I am, Sir, &c.,/W B YEATS”.

¹⁴² “[...] go on sending the papers, any papers except ‘The Spectator’ which I see & detest”.

A Biblioteca Nacional da Irlanda mantém diversos cadernos e folhas avulsas com recortes de jornais guardados por Yeats. O material relativo à publicação de *Oisín* é dos mais completos e demonstra a forma quase obsessiva como Yeats colecionava seus *clippings*. A correspondência com Katharine Tynan neste início de suas respectivas carreiras é salpicada de referências a resenhas e todo tipo de resposta a poemas, ensaios e narrativas publicados, sob a alcunha de *bookish news* (“notícias livrescas”).

No caso específico de *The wanderings of Oisín and other poems*, e diferentemente dos volumes de prosa, de cuja rentabilidade o jovem escritor dependia mais diretamente, a reação de Yeats demonstra, assim como na carta ao editor da *The Spectator*, um tom surpreendentemente seguro – quase profético. Nem “o desnível das avaliações ou a lentidão das vendas”¹⁴³ (FOSTER, 1997, p. 87) afetam a certeza de seu poder como poeta, ainda que o esforço de *Oisín* não tenha conseguido traduzir todo o seu potencial. Se antes da publicação final ele dissera a Tynan:

não estou muito esperançoso acerca do livro. Temo ter sido meio inarticulado. Tinha algo a dizer e não sei se o disse. Tudo parece confuso inarticulado incoerente. *No entanto, sei bem que não sou mero poetastro. Minha vida está em meus poemas.* Para escrevê-los, eu como que triturei minha vida em um morteiro. Moí nele juventude e amizade, paz e esperanças mundanas¹⁴⁴ (CL1, p. 93, grifo meu),

alguns meses depois ele anunciaria que “[a]inda irei vender bem, embora não agora”¹⁴⁵ (CL1, p. 191). A imagem do morteiro é extremamente adequada por invocar o processo de criação por meio da pulverização do material da vida e de sua transformação alquímica – ou para possivelmente usar a vida como argamassa¹⁴⁶ do que será (re)construído ou (re)constituído na composição estrutural do poema. É importante considerarmos quais outros componentes Yeats considera necessários para essa edificação ou poção.

O objetivo principal da carta enviada ao *The Spectator* é responder ao escritor da resenha original, que pede esclarecimentos a respeito das fontes usadas

¹⁴³ “His own reaction, both to the uneven reviews and slow sales, showed remarkable assurance”.

¹⁴⁴ “I am not very hopeful about the book. Somewhat inarticulate have I been I fear. Some thing I had to say. Dont know that I have said it. All seems confused incoherent inarticulate. Yet this I know I am no idle poetaster. My life has been in my poems. To make them I have broken my life in a mortar as it were. I have brayed in it youth and fellowship peace and worldly hopes”.

¹⁴⁵ No original da carta enviada a Katharine Tynan em 10 de outubro de 1889: “I shall sell but not yet”.

¹⁴⁶ São sentidos de *morter* [sic], ou, na grafia correta do substantivo, *mortar*, “morteiro” e “argamassa”.

no poema-título da coleção, “The wanderings of Oisín”. A réplica de Yeats apresenta os dois lados do processo criativo que deu origem a esse poema e que pode ser extrapolado para muitos outros, desse período e de outros. Primeiramente, quando ele alude a um “belíssimo poema antigo, escrito por um dos inúmeros poetas gaélicos quase esquecidos que viveu na Irlanda no século passado” (CL1, p. 176, 3B), a imprecisão da fonte esconde o fato de que Yeats não sabia irlandês e dificilmente teria lido tais poetas no original, ao mesmo tempo que evoca um passado longínquo e talvez até mítico – Yeats relega a obediência a exatidões de fontes e citações para outras mentes mais científicas,¹⁴⁷ como veremos em outra carta tratada, 3D. Na segunda parte de sua resposta, ele descreve as porções do texto que seriam sua contribuição original, ainda que “enraizadas na tradição”.

A comprovação do uso de fontes faz-se, por vezes, muito importante para que Yeats seja capaz de justificar algumas de suas escolhas – especialmente no que tange à questão religiosa. Em resposta a uma crítica ao seu conto “The crucifixion of the outcast”, o poeta apresenta uma grande variedade de textos de grande autoridade para se defender da acusação de preconceito religioso e de cometer erros típicos de escritores protestantes:

[O resenhista] critica minhas descrições dos monges irlandeses em “The crucifixion of the outcast” e diz que “os antigos monges irlandeses representavam a gentileza e a paz em uma época cruel e selvagem.” “The crucifixion of the outcast” fundamenta-se em um romance irlandês do século XI e é bastante fiel a esse original. Além deste antigo romance, tenho aqui ao meu lado o testemunho de Giraldus Cambrensis, que fala da ferocidade de nossos próprios santos, compreensível mediante a grande dificuldade que tinham para preservar suas propriedades em terra tão violenta. [...] Afirmando aqui que “The crucifixion of the outcast” é uma representação bastante verdadeira de certas coisas e emoções naquele tempo de decadência, embora recontar a história não seja parte do meu propósito. O conto é apenas uma das várias narrativas em meu livro sobre santos e monges irlandeses, e o único em que o enredo, e o simbolismo que está no coração desse enredo, me obriga a enfatizar a ferocidade dos santos e monges, em vez de seu êxtase e piedade.

Sinceramente,
W B Yeats
(CL2, p. 100, 3C)

¹⁴⁷ John Kelly, o meticolosíssimo editor das CL, por sua vez, lista todas as fontes usadas de forma extremamente precisa, incluindo a versão traduzida a que Yeats teve acesso (KELLY, CL1, p. 176, n. 2).

Embora o escritor insista nas fontes históricas de *The vision of MacConglinne*, uma lenda anônima da tradição dos *aislings* irlandeses (THOMPSON, 1990) e nos relatos do clérigo galês conhecido como Giraldus de Barri (KELLY, CL2, p. 100, n. 5) ele reforça a importância do simbolismo da representação em sua função dentro da criação artística do conto: trata-se de literatura, e não de história, e o interesse maior de Yeats é a sua criação.

A interação entre originalidade e tradição (ou tradição e talento individual, como T.S. Eliot (1920) exploraria a questão em ensaio histórico) é de extrema importância para Yeats como um autor que busca sua própria voz dentro de um projeto de nacionalismo cultural: para o jovem Yeats, é essencial nesse momento pertencer a uma estirpe de escritores irlandeses, reforçando a ideia de uma herança literária de mérito artístico. Em estágios posteriores de sua carreira, o escritor buscaria no passado mais intelectualizado do período georgiano e também nas figuras de Jonathan Swift, Oliver Goldsmith e Edmund Burke a sua linhagem, mas nesse primeiro momento o folclore e a mitologia irlandesa seriam as suas maiores inspirações.

Na conexão com o passado (ainda que inventado) estariam o presente e o futuro da literatura nacional irlandesa: a busca pela sistematização do passado alimentaria a controvérsia da “Batalha dos Livros”,¹⁴⁸ a valorização de sua produção artística e da de seus companheiros buscava trazer à tona o presente; enquanto a organização de sociedades para a divulgação da cultura e da literatura irlandesas fomentaria a emergência de novas vozes, como os dramaturgos do Teatro Literário Irlandês (ILT, em inglês) e suas diversas encarnações até a empresa atual, a Abbey Theatre Limited.

Os objetivos de Yeats nesse período podem ser definidos em duas áreas aparentemente distintas, como uma rejeição do racionalismo cientificista do final do período vitoriano e o desejo de se identificar especificamente como um escritor irlandês, sustentando a validade da identidade irlandesa como identidade cultural distinta da britânica – e do resto do mundo. Segundo James Pethica (2006, p. 130):

¹⁴⁸ A referência swiftiana serve de título para capítulo da biografia de R. F. Foster em que as disputas de Yeats tanto com Gavan Duffy quanto com Dowden figuram de forma proeminente. Além de Foster, outros historiadores, biógrafos e críticos trataram das duas controvérsias e suas ramificações (URE, 1974; SKELTON, 1967; MARCUS, 1987; e mais, recentemente, KELLEHER, 2006; HOLDEMAN; LEVITAS, 2010 e ARMSTRONG, 2014), com maior ou menor ênfase dada às cartas.

Por volta de 1889, sua crença na necessidade de uma tradição literária vigorosa para a construção da identidade nacional havia se transformado em uma máxima – “não há nacionalidade distinta sem literatura e [...] não há literatura distinta sem nacionalidade” [...] O esforço de se construir uma tradição dos produtos divergentes daquela cultura colonizada se tornaria uma preocupação constante de Yeats na década seguinte [1890]. A partir de 1889 ele iria repetidamente urgir os escritores irlandeses para que “usassem temas irlandeses”.¹⁴⁹

Podemos perceber pelas cartas, no entanto, que desde antes da data mencionada por Pethica Yeats já buscava essa identificação de si próprio como distintamente irlandês e também com uma tradição, ainda que incipiente, de outros escritores que demonstrassem essa nova tendência na produção literária irlandesa.

Em seu livro sobre o início do Renascimento Irlandês, Phillip L. Marcus defende que Yeats almejava ser mais do que um exemplo para outros escritores por meio de suas produções criativas, buscando fazer com que seus ideais literários das décadas de 1880 e 1890 fossem efetivamente transmitidos a eles. Ele divide os esforços de Yeats da seguinte forma: “Sua propaganda literária possui três públicos-alvo distintos: o pequeno grupo de escritores irlandeses que já trabalhavam, escritores irlandeses em potencial e o público, real ou potencial, da literatura irlandesa”¹⁵⁰ (MARCUS, 1987, p. 62). O autor também destaca quatro estratégias em dois eixos principais, usadas por Yeats para influenciar esses diferentes públicos: uma, mais direta e imediata, seria pelo empréstimo de livros sobre temas irlandeses; a segunda, também pessoal, seria pela correspondência; a terceira, segundo o autor “mais pública”, seria pela formação de sociedades literárias irlandesas; a última, também intrinsecamente pública, seria pela palavra escrita, na forma de escrita não criativa – ensaios, cartas a jornais, resenhas e um amplo *corpus* de escritos publicados em livros e periódicos (MARCUS, 1987, p. 62-70). Os bastidores de todos esses esforços podem, no entanto, ser acompanhados pelas cartas, onde Yeats reconta o envio de livros e poemas a amigos e conhecidos, suas atividades em sociedades literárias e discute tanto ideias que depois se tornariam ensaios quanto os efeitos das publicações desses textos.

¹⁴⁹ “By 1889 his belief in the necessity of a vital literary tradition for the construction of national identity had become a settled dictum – ‘there is no fine nationality without literature, and [...] no fine literature without nationality’ [...] The effort to construct a tradition from these divergent literary products of a colonized culture would be Yeats’s constant concern, and difficulty, over the next decade. He would repeatedly urge from around 1889 that Irish writers ‘ought to take Irish subjects’”.

¹⁵⁰ “His literary propaganda had three distinct targets: the little group of Irish writers already at work, potential Irish writers, and the audience or potential audience for Irish literature”.

Yeats valorizava a visibilidade em periódicos tanto para se tornar figura conhecida na cena literária quanto para ele próprio poder publicar resenhas. Dependente dessa fonte de renda para ajudar no sustento da família, a notoriedade trazida pelo reconhecimento de suas publicações ajudava também em suas vendas. O ano 1888 foi marcado pela publicação de dois importantes livros que exemplificam o trabalho que Yeats buscava desenvolver quando em Londres. O primeiro, *Poems and ballads of Young Ireland*, reúne a poesia da nova geração de poetas que se identificava com os criadores originais do movimento conhecido como Jovem Irlanda e que foi por eles brevemente ressuscitado nos anos 1880.

O livro, dedicado a John O'Leary, considerado força motriz desse renascimento, inclui T. W. Rolleston, Douglas Hyde, John Todhunter e George Sigerson, além de Tynan e Yeats, se não os maiores expoentes do movimento, certamente seus propagadores mais fiéis. A associação com os membros originais da Jovem Irlanda aparece explicitamente no poema "To Ireland in the coming times", publicado originalmente no volume *The Countess Kathleen and various legends and lyrics*, segunda coleção de Yeats. No poema, então intitulado "Apologia addressed to Ireland in the coming days" (VP, p. 137, com variações em publicações posteriores), Yeats proclama:

Know that I would accounted be
True brother of that company
Who sang to sweeten Ireland's wrong,
Ballad and story, rann and song;
Nor be I any less of them,
Because the red-rose-bordered hem
Of her whose history began
Before God made the angelic clan,
Trails all about the written page.
[...]
Nor may I less be counted one
With Davis, Mangan, Ferguson,
Because to him who ponders well,
My rhymes more than their rhyming tell
Of the dim wisdoms old deep,
That God gives unto man in sleep.¹⁵¹

¹⁵¹ "Faça-se saber que eu gostaria de ser listado/Como irmão de sangue daquele séquito/Que cantava para abrandar o mal feito à Irlanda./Em baladas e histórias, *rann* [tipo de estrofe típica da poesia gaélica] e canções;/Que eu não seja excluído da companhia deles,/Por causa da barra, vermelha como a rosa/[do vestido] Daquela cuja história se inicia/Antes de Deus criar seu clã angelical,/ E que trilha por toda minha página escrita./.../Que eu também não seja separado/De Davis, Mangan, Ferguson,/Porque para aquele que bem os examina,/Meus versos mais do que suas rimas revelam/Os insondáveis saberes, velhos e profundos,/Que Deus dá ao homem durante o sono."

Tradicionalmente entendido como um poema que explora as tensões entre o nacionalismo, o misticismo e a poesia de amor de Yeats, tais versos buscam problematizar o binarismo entre o político e o espiritual na herança e na prática literária do poeta. Em seu *A new commentary on the poems of W. B. Yeats*, Norman Jeffares (1984, p. 40) explica que

Este poema busca, em parte, defender a obscuridade trazida pela “paixão pelo simbolismo da rosa mística que entristece meus amigos”; em parte, explicar a atitude de Yeats acerca do papel da literatura na luta pela independência da Irlanda; e em parte um poema de amor dedicado a Maud Gonne. O eu-lírico roga que seu patriotismo não seja considerado como menos verdadeiro que o dos membros originais da Jovem Irlanda e de escritores patrióticos do passado.¹⁵²

Foi justamente essa associação com Thomas Davis, James Clarence Mangan e Samuel Ferguson, figuras icônicas e ligadas à produção cultural do movimento que levou à Rebelião de 1848 e cuja principal publicação era o jornal *The Nation* (1842-1848), que o resenhista anônimo do jornal *Sunday Sun* contestou, alegando que Yeats era jovem demais para se considerar igual a eles (KELLY, CL1, p. 315, n. 1). Escrevendo ao editor do *United Ireland* em 10 de setembro de 1892 (CL1, p. 315, 3D), Yeats tenta explicar:

PREZADO SENHOR, – Duas ou três das resenhas a meu livro “Countess Kathleen” estão equivocadas quanto à minha declaração de que as rimas seriam consideradas “iguais às de Davis, Mangan, Ferguson”, sendo que uma dessas resenhas tomou como base este equívoco para reprovar a minha suposta falta de modéstia. Não tive a mínima intenção de alegar igualdade de eminência – nem o contexto permite tal leitura – mas tão somente nossa comunhão ao tratar de assuntos irlandeses seguindo uma abordagem irlandesa. Envio-lhe esta carta já que o assunto é do interesse dos meus leitores nacionalistas, se é que seja do interesse de alguém, e talvez um pouco dos leitores dos jornais que fizeram o comentário. – Atenciosamente,

“W B Yeats”¹⁵³

¹⁵² “This poem is in part a defence of the obscurity caused by a ‘passion for the symbolism of the mystical rose which has saddened my friends’, in part an explanation of Yeats’s attitude to the role of literature in the struggle for Irish independence, in part a love poem to Maud Gonne. He argued that his patriotism was to be considered as being no less than that of the Young Irishmen and patriotic writers of the past”.

¹⁵³ “DEAR SIR – Two or three of the reviews of my ‘Countess Kathleen’ have misread my rhyming claim to be considered ‘one with Davis, Mangan, Ferguson,’ and one of them has based on this misconception a reproof for my supposed lack of modesty. I did not in the least intend the lines to claim equality of eminence, nor does the context bear out such a reading, but only community in the treatment of Irish subjects after an Irish fashion. I send this letter to you as the matter concerns my

Trata-se de uma mensagem extremamente codificada e que contém diversas camadas, revelando aspectos do partidarismo praticado pela imprensa irlandesa. Primeiramente, é importante ressaltar que a missiva é endereçada não ao editor de qualquer um dos jornais onde as críticas aos versos foram publicadas, e sim ao *United Ireland*, cuja linha editorial era sabidamente nacionalista e constitucionalista e que era um dos jornais de grande circulação que mais defendia o político Charles Stewart Parnell.¹⁵⁴

O infatigável editor das *CL* revela em suas notas que, embora publicada anonimamente, a resenha original fora identificada pelo *United Ireland* como tendo sido escrita por Justin McCarthy, “líder do partido anti-parnellita” (KELLY, *CL1*, p. 315, n. 2), o que explica o apelo de Yeats àquele jornal. Assim como no caso da carta enviada ao *The Gael*, também esta revela interações entre o remetente, a linha editorial e a figura do editor como destinatário da carta e o público leitor, a quem a carta passa a se destinar quando publicada.

Explicitamente mencionados na carta, os leitores do *United Ireland* são interpelados e comparados aos dos outros jornais em que as críticas apareceram. Dirigindo-se a uma parcela dos leitores como “meus leitores nacionalistas”, o poeta, ao declarar que a questão talvez somente dissesse respeito a eles e definitivamente não fosse da alçada dos leitores dos outros jornais, implicitamente estabelece para quem ele escreve. Embora sua relação com o jornal não fosse sempre marcada por tal camaradagem, nesse caso a carta foi precedida por uma declaração de apoio.

Outro aspecto importante da explicação é a clareza com que Yeats descreve a sua estética nacionalista: ele estaria em comunhão com seus predecessores ao “tratar de assuntos irlandeses seguindo uma abordagem irlandesa” (3D). A ênfase pode parecer pleonástica numa primeira leitura, mas é essencial para o escritor diferenciar o tratamento de assuntos irlandeses realizado não pelo irlandês e para o irlandês, mas determinado por uma lógica de consumo estrangeira, particularmente britânica. Yeats repisa essa questão diversas vezes em sua correspondência com colaboradores, e em especial com Katharine Tynan, a

Nationalist readers, if it concerns anybody at all, and but little the readers of the papers that made the comment. – Yours very truly, W B Yeats”.

¹⁵⁴ Informação sobre as linhas editoriais, circulação e afiliação política dos periódicos e seus editores se baseiam, principalmente, nos apêndices históricos das *CL* em contraponto com o valioso estudo *Yeats, the Irish literary revival and the politics of print* (CHAUDHRY, 2001), o capítulo “Poems, paintings, and the newspaper: nation and class in *Responsibilities* (1914)” (BRADLEY, 2011), além de estudos mais gerais sobre o mercado dos periódicos no Reino Unido (BRAKE; JONES; MADDEN, 1990; BROWN, 1990).

quem declara: “tenho como ambição ser considerado um romancista irlandês, e não um romancista inglês ou cosmopolita que escolhe a Irlanda como um plano de fundo”¹⁵⁵ (CL1, p. 275), e: “[n]o futuro, muito pode vir a depender de a Irlanda desenvolver agora escritores que saibam como expressar com clareza certos sentimentos vagos – atualmente dispersos no exterior – e formulá-los para uso da Irlanda, e não da Inglaterra”¹⁵⁶ (CL1, p. 191). Mais importante do que explicitar o que seriam esses “sentimentos vagos” (que acreditamos ter a ver com a noção de *moods*, discutida em maior detalhe no Capítulo 7) é entender a importância do desenvolvimento, no presente, desses escritores que viriam a influenciar o futuro, assim como o engajamento de suas habilidades em prol da Irlanda. A ideia de esforço conjunto também merece destaque nessa colocação.

De acordo com Phillip L. Marcus, Yeats sempre tentava “criar uma impressão de esforço conjunto em seus artigos ao tratar de vários escritores em conjunto e listar, sempre que possível, um catálogo de nomes”¹⁵⁷ (MARCUS, 1987, p. 74). Esse uso constante de referências cruzadas valeu ao grupo algumas acusações de “amiguismo” e troca de favores. Yeats reconhece essa possibilidade em carta a John O’Leary:

Ele [William Morris] sugere inclusive que façamos alusões uns aos outros em nossos respectivos livros, nos prefácios (vamos ter um prefácio?), o que temo que seja “amiguismo”. No entanto, se o livro [do outro autor] for um bom livro, não vejo por que me opor¹⁵⁸ (CL1, p. 32).

A atitude de Yeats em relação ao venerado líder do fenianismo, um de seus mais importantes mentores na questão nacionalista, é muito mais cuidadosa que em suas conversas com amigos do mesmo grupo de poetas emergentes. Em suas cartas a Katharine Tynan, ele frequentemente ressalta a importância das formas de chamar a atenção para os trabalhos uns dos outros.

Seu segundo trabalho como editor, *Fairy and folk tales of the Irish peasantry* traz à tona o seu interesse pela fortuna folclórica de seu país como outra

¹⁵⁵ “I have an ambition to be taken as an Irish novelist not as an English or cosmopolitan one choosing Ireland as a background”.

¹⁵⁶ “Much may depend in the future on Ireland now developing writers who know how to formulate in clear expressions the vague feelings, now abroad – to formulate them for Irelands not for Englands use”.

¹⁵⁷ “[...] he [Yeats] tried to create a sense of group effort through articles treating a number of writers together, and by listing, whenever possible, catalogues of names”.

¹⁵⁸ “He suggests by the way that we should allude to each others ballad books [Irish Minstrelsy and PBYI] in our prefaces (are we to have a preface?) which I fear is ‘log-rolling’. However if his book is a good book I see no objection”.

forma de expressão da identidade irlandesa. De fato, até o ano seguinte, 1889, com a publicação do já mencionado *The wanderings of Oisín and other poems*, Yeats é reconhecido mais como folclorista que como poeta. Em função da publicação de *Fairy and folk tales*, ele é por diversas vezes requisitado para escrever resenhas sobre outros trabalhos folclóricos.

É na *persona* do editor de folclore que Yeats escreve ao editor da *The Academy*, um semanário literário cujo título completo, na época da publicação da carta, era *The Academy: A Weekly Review of Literature, Science, and Art*. Diferentemente da prática de outras revistas similares, a *The Academy* geralmente incluía o nome de seus críticos, portanto Yeats podia referir-se diretamente ao autor:

O Rev. Percy Myles, em resenha a *Ancient cures, charms, and usages*, de Lady Wilde (ACADEMY, 27 de setembro), faz elogiosa menção à minha pequena compilação, *Fairy and folk tales of the Irish peasantry*. Ele, no entanto, interpretou erroneamente o que eu disse sobre folcloristas científicos na Introdução. Eu não quero que o coletor de contos de fadas nos diga “o que ele pensa ter ouvido, ou o que ele acha que seu público gostaria de ouvir”. No entanto, fico extremamente desapontado quando leio algum folclorista que seja meramente científico e não possua a necessária e sutil simpatia imaginativa para contar bem suas histórias¹⁵⁹ (CL1, p. 229, 3E).

Embora seja possível considerarmos que Yeats escreve à revista impulsionado pelo *esprit de corps* e pela lealdade a Lady Wilde, a quem ele admirava tanto como colecionadora de folclore quanto pelos escritos nacionalistas sob a alcunha de “Speranza” e cujos encontros ele frequentava,¹⁶⁰ é importante pensar em sua estratégia de visibilidade em periódicos e na oportunidade de tornar públicas as suas ideias a respeito do processo de coleção e transcrição do folclore irlandês.

A ideia de *imaginative sympathy* (“simpatia imaginativa”) seria usada novamente em ensaio a respeito das ilustrações de William Blake para a *Divina comédia* e estaria diretamente relacionada a um ideal de arte:

¹⁵⁹ “The Rev. Percy Myles, in a review of Lady Wilde’s *Ancient Cures, Charms, and Usages* (ACADEMY, Sept. 27), makes complimentary mention of my little compilation, *Fairy and Folk Tales of the Irish Peasantry*. He misunderstands, however, what I said about scientific folk-lorists in the Introduction. I do not want the fairy-tale gatherer to tell us ‘what he thinks he might have heard, or what he thinks his audience would like to hear’. But I deeply regret when I find that some folk-lorist is merely scientific, and lacks the needful subtle imaginative sympathy to tell his stories well”.

¹⁶⁰ Yeats foi formalmente apresentado a Lady Wilde em 28 de julho de 1888 por meio de uma carta de apresentação obtida graças à sempre solícita Katharine Tynan (L1Y, p. 77). O jovem tornou-se presença marcante nas reuniões que Lady Wilde promovia aos sábados em sua casa na região de Chelsea, Londres.

Nossa imaginação nada mais é que fragmentos da imaginação universal, partes do corpo universal de Deus, e à medida que a ampliamos por meio de uma simpatia imaginativa e transformamos com a beleza e a paz de arte as tristezas e as alegrias do mundo, despimo-nos cada vez mais do limitado homem mortal e admitimos nossa envergadura ilimitada de “homem imortal”¹⁶¹ (CW4, p. 103).

Embora esteja tratando do pensamento blakeano em contraste com o dantesco, Yeats revela muito do seu entendimento do papel da imaginação na criação artística. Sua dívida para com os românticos, não só Blake mas também John Keats, e seu conceito de *negative capability* (“capacidade negativa”, descrito a seus irmãos em carta de dezembro de 1817, incluída em KEATS, 2002, p. 60) ficam ainda mais claros nesse contexto, especialmente em sua rejeição à ideia do colecionador de folclore “meramente científico”. Na mesma carta à *The Academy* (3E), ele argumenta:

O homem das ciências é muito frequentemente alguém que troca a alma por uma fórmula; e quando ele coleta narrativas folclóricas, apesar de todo o seu empenho, pouco lhe resta além de uma coisa infeliz e sem vida, sua lanugem extirpada e um alfinete atravessando-lhe o corpo, outrora tão vivo. Oponho-me ao “folclorista honesto”, não porque suas versões sejam precisas, mas porque são imprecisas, ou melhor, incompletas. Qual amante da sabedoria celta nunca se viu cheio de ira sagrada ao se deparar com uma estória sublime, prezada desde sua infância, registrada em um inglês jornalístico e sob a alcunha de ciência?¹⁶² (CL1, p. 229, 3E).

A abordagem científica não seria capaz de conter toda a arte da tradição oral, segundo Yeats. O pensamento yeatsiano desse período é marcado por sua desilusão com a ciência (é interessante contrastar com as suas cartas de infância, em que é possível vislumbrar um naturalista amador, extremamente interessado na fauna local, como em CL1, p. 3 e 5), mas seu anticientificismo também possui importante marca romântica, novamente de Keats mas também de William Wordsworth¹⁶³: a imagem do caçador de borboletas que, impulsionado pelo

¹⁶¹ “Our imaginations are but fragments of the universal imagination, portions of the universal body of God, and as we enlarge our imagination by imaginative sympathy, and transform with the beauty and peace of art the sorrows and joys of the world, we put off the limited mortal man more and more and put on the unlimited immortal man”.

¹⁶² “The man of science is too often a person who has exchanged his soul for a formula; and when he captures a folk-tale, nothing remains with him for all his trouble but a wretched lifeless thing with the down rubbed off and a pin thrust through its once all-living body. I object to the ‘honest folk-lorist,’ not because his versions are accurate, but because they are inaccurate, or rather incomplete. What lover of Celtic lore has not been filled with a sacred rage when he came upon some exquisite story, dear to him from childhood, written out in newspaper English and called science?”

¹⁶³ Embora a maioria dos estudos a respeito de Yeats e a ciência concentrem-se no século XX e em ideias de eugenia, as declarações do autor em rejeição à ciência vitoriana foram assunto da tese de

coleccionismo e pelo desejo de fixar seu objeto, acaba por matá-lo. O paralelo com o ensaio a respeito de Blake reforça esse ponto e sua relação com a arte:

A arte verdadeira é expressiva e simbólica e faz de toda forma, todo som, toda cor, todo gesto a assinatura de alguma essência imaginativa intederminável. A arte falsa não é expressiva, mas mimética, não parte da experiência, mas observação, e é a mãe de todos os males, convencendo-nos de salvar nossos corpos a qualquer custo, mesmo que por pilhagem e fraude¹⁶⁴ (CW4, p.104).

A distinção entre a arte verdadeira e a arte falsa, entre o tipo de trabalho com o material folclórico defendido por Yeats e o tratamento mais científico fora também discutida entre o escritor e seu amigo George Coffey. É possível perceber uma diferença de tom entre a carta privada, enviada ao amigo, e a carta pública, veiculada na revista, mesmo que o assunto seja o mesmo. Escrevendo em 14 de fevereiro de 1889, o escritor relata:

O *Atheneum* trouxe uma resenha com três colunas e 1/4 sobre meu livro de contos de fadas – com elogios à minha introdução e reclamações sobre a natureza não científica de minha seleção. Tais pessoas não conseguem entender que contos de fadas devem sempre existir essencialmente como literatura. A ciência é uma preocupação bem secundária, seu propósito original sendo a literatura. O *Atheneum* diz que eu deveria ter incluído contos que representassem a estupidez, da mesma forma que a sua esperteza, do campesinato. Eu deveria tomado “cuidado, acima de tudo, para não escolher apenas o que nos parece pitoresco ou engraçado ou profundo”. Pergunto-me se alguém teria lido o livro se eu tivesse procedido assim – nem mesmo o sujeito do *Atheneum*, penso eu. Oh, esses folcloristas! e o que fizeram eles – assassinaram alguns contos de fadas inocentes¹⁶⁵ (CL1, p. 145).

Mais à vontade para expressar a sua frustração, o poeta vê a literatura tanto como função original do folclore, o que aproxima uma tradição oral, de menor prestígio, aos domínios mais rarefeitos das Altas Literaturas, como o meio de sua

doutoramento *Yeats's prose and its engagements with certain aspects of Victorian Science*, defendida na Universidade de Cambridge (EDWARDS, 1999).

¹⁶⁴ “True art is expressive and symbolic, and makes every form, every sound, every colour, every gesture, a signature of some unanalysable imaginative essence. False art is not expressive, but mimetic, not from experience but from observation, and is the mother of all evil, persuading us to save our bodies alive at no matter what cost of rapine and fraud”.

¹⁶⁵ “The *Atheneum* had a long review 3 1/4 columns on my book of fairy tales – praised my introduction and blamed the unscientific nature of my selection. These people will not see that fairy tales must always exist mainly as literature. That science is quite secondary in the matter, their original purpose being literature. The *Atheneum* says I should have made the tales representative of the peasant in his stupidity as well as his cleverness. I should have been ‘beware above all of picking out only what strikes us as picturesque or humorous or profound’. I wonder who would have read the book had I done so – not even the *Atheneum* man I think. Oh these folklorists! and what have they done – murder a few innocent fairy tales”.

melhor divulgação para aqueles que não têm acesso direto a ele. Podemos ver também o recurso à imagem da ciência como assassina, ecoando o “matamos para dissecar”¹⁶⁶ wordsworthiano (WORDSWORTH, 2011, p. 367). A análise dos três textos traz à tona um exemplo revelador de como a correspondência funciona como laboratório de ideias do escritor: ideias que surgem primeiramente em comunicações privadas são então reelaboradas em pronunciamentos públicos e por fim encontram sua expressão em ensaios críticos.

Em cartas a colegas poetas, ele ressaltava também outro aspecto importante dessa empreitada colecionista: resgatar, da tradição oral e de versões em gaélico irlandês, lendas e personagens da mitologia irlandesa, assim como histórias tradicionais de personagens reais, com o intuito de inspirar a si próprio e aos outros. No que tange à questão linguística e ao conhecimento do (gaélico) irlandês, é necessário retomar o tema mencionado no Capítulo 2: o paradoxo de Yeats afirmar-se um poeta irlandês, herdeiro das tradições de seu país, advogando por uma literatura nacional independente da inglesa, mas que escrevia em inglês e defendia o uso dessa língua como modo de expressão viável para o Renascimento Irlandês. Em contraponto à afirmação do crítico Declan Kiberd de que Yeats teria resolvido a contento a questão linguística em 1892 (KIBERD, 1996, p. 155), data de carta que analisaremos a seguir (3G), apresentamos a seguinte transcrição de carta enviada à revista americana *Gael*, homônima da revista irlandesa mas impressa em Nova York:

O SENHOR W. B. YEATS escreve-nos de Gort, no condado de Galway, a respeito de nosso artigo sobre ele:

“Agradeço muito pelo o artigo no GAEL. Fico ainda mais satisfeito porque muitas pessoas a quem respeito não reconhecem que sempre escrevi como um autor irlandês e com a Irlanda em minha mente. Comecei a estudar o gaélico novamente e embora saiba que jamais terei o domínio do idioma, espero ser capaz de desenvolver alguma sensibilidade para a língua ... Permanecerei na Irlanda até terminar de compor um longo poema ... Devo estar em Dublin em fevereiro para a estreia do Teatro Literário Irlandês”¹⁶⁷ (CL2, p. 445, 3F, reticências no original).

¹⁶⁶ “We murder to dissect”.

¹⁶⁷ “MR. W. B. YEATS writes from Gort, County Galway, apropos of our article upon himself:

‘A thousand thanks for the article in THE GAEL. I am all the better pleased because many people whom I respect do not recognize that I have always written as an Irish writer and with Ireland in my mind. I have taken up Gaelic again, and though I shall never have entire mastery of it, I hope to be able to get some of the feeling of the language ... I shall stay on in Ireland until I have finished a longish poem ... I shall be in Dublin in February for the performance of the Irish Literary Theatre’”.

Publicada em 1º de agosto de 1899, a carta enviada em resposta um artigo muito elogioso escrito por um amigo de J. M. Synge e, ele também, falante de irlandês indica que a falta de fluência no idioma ainda era uma questão complicada para Yeats. Mesmo que não tivesse de fato retomado as lições, o fato de ele se ver compelido a afirmá-lo perante o público irlandês norte-americano prova que o paradoxo não havia se resolvido a contento. Outras declarações reforçam esse ponto: em reunião para o estabelecimento de uma filial da Liga Gaélica na região de Kiltartan, em 16 de junho de 1899, é feito o mesmo anúncio de que ele estaria aprendendo irlandês (KELLY, 2003, p. 60) – o que faz bastante sentido, já que ele chegara ao oeste da Irlanda em abril e se tornaria hóspede de Lady Gregory em sua residência de Coole Park por diversos meses, só partindo definitivamente em novembro. Em companhia de Gregory, falante de irlandês, ele faria diversas expedições para registrar o folclore local, e essa seria uma situação em que sua falta de domínio da língua dos camponeses seria sentida de forma ainda mais intensa. As duas preocupações, com suas credenciais perante o público nacionalista e com a falta de acesso e “sensibilidade” para as particularidades linguísticas dos falantes de irlandês, ressurgem aqui, mais de sete anos depois da data mencionada por Kiberd, para indicar que não saber irlandês ainda era um problema com o qual Yeats lutava.

Do que trata, então, a carta cujo excerto é usado em *Imagining Ireland*? É uma missiva de extrema complexidade, que lida com uma gama de assuntos para além da já intrincada problemática linguística. Embora conste o texto completo da carta do Apêndice A, interessa-nos neste capítulo considerar a questão da tradução, um assunto que irá reaparecer no Capítulo 7:

Ai de nós, pois temo que [Douglas Hyde] tenha dito a verdade e que a língua gaélica em breve não será mais ouvida, exceto aqui e acolá em aldeias remotas e nas costas fustigadas pelo vento de Connaught. Será, então, que não resta nenhuma esperança para a desanglicização do nosso povo? Será que não somos capazes de construir uma tradição nacional, uma literatura nacional, que seja irlandesa em espírito ainda que inglesa no idioma? Não somos capazes de manter a continuidade da vida da nação, não tentando fazer o que o Dr. Hyde afirmou ser praticamente impossível, mas traduzindo ou recontando em inglês, que terá uma característica irlandesa indefinível de ritmo e estilo, o que há de melhor na literatura antiga? Não somos capazes de escrever e persuadir outros a escreverem histórias e romances sobre os grandes homens gaélicos do passado, desde o filho de Nessa a Owen Roe, até que

tenha sido construída uma ponte dourada entre o antigo e o novo?¹⁶⁸ (CL1, p. 338, 3G).

São perguntas que revelam não uma despreocupação com o destino da língua, mas um comprometimento de manter viva uma cultura ainda que por meio da língua inglesa. Em diversas cartas a Katharine Tynan, sem dúvida sua correspondente mais frequente dessa época, Yeats propusera que eles, como proponentes e praticantes do movimento do Renascimento Irlandês, buscassem criar tal “ponte dourada por meio da adaptação e da recriação de lendas e obras tradicionais. Esse tipo de conselho ele também repete a Elizabeth White, uma correspondente desconhecida e a primeira a enviar a ele poesia própria para sua apreciação:

Você talvez ache uma boa ideia fazer versos sobre lendas irlandesas e lugares irlandeses e assim por diante. Vai ajudar na originalidade e torna os versos mais sinceros, além de dar concorrentes menos numerosos. Além disso, ama-se mais o que está mais próximo e mais entrelaçado com a nossa vida¹⁶⁹ (CL1, p. 131).

O conselho para a poeta iniciante reexamina alguns dos pontos discutidos mais detalhadamente com Katharine Tynan, com uma importante mudança de ênfase. Em carta em que avalia criticamente poemas específicos escritos pela amiga, ele reconhece:

Seus poemas mais recentes são lindos, todos que me enviou, tão cheio de calma e temperança, bem como as antigas qualidades de energia e beleza. Acho que fará bem se transformar sua balada em [um tema] irlandês, será assim muito mais original – deve-se sempre ter uma especialidade. Você tem a sua na Irlanda e em sua Religião¹⁷⁰ (CL1, p. 66).

A insistência de Yeats na originalidade (cuja grafia é em si mesma bastante original) por meio da identidade irlandesa aparece aqui mitigada por especificidades que diferenciam a obra de Tynan não só da de outros escritores, mas também da dele próprio: a ênfase no catolicismo repisa suas divergências religiosas, especialmente em um momento em que os interesses do poeta voltavam-

¹⁶⁸ “Your recent poems have been beautiful, any you send me, so full of calm and temperance as well as the old qualities of energy and beauty. I think you will be right to make your ballad Irish, you will be so much more original – one should have a speciality. You have yours in Ireland and your Religion”.

¹⁶⁹ “You will find it a good thing to make verses on Irish legends and places and so forth. It helps originality and makes one’s verses sincere and gives one less numerous competitors. Besides one should love best what is nearest and most interwoven with one’s life”.

¹⁷⁰ “Your recent poems have been beautiful, any you send me, so full of calm and temperance as well as the old qualities of energy and beauty. I think you will be right to make your ballad Irish, you will be so much more original – one should have a speciality. You have yours in Ireland and your Religion”.

se cada vez mais para o misticismo, passando pelo folclore e por leituras sobre a história e a mitologia irlandesas nas obras de Standish O'Grady e outros.

Uma postura mais pragmática é adotada em face do que a amiga vê como plágio. Tendo ouvido falar da poeta Nora Hopper, Yeats, em outra instância de tráfico/tráfego de livros entre os amigos, pede uma cópia de sua poesia em mensagem escrita a Tynan em 15 de janeiro de 1885. O livro chega às mãos do poeta, então instalado em Sligo, em apenas alguns dias, e no dia 20 de janeiro ele contemporiza antes de admitir:

Muito obrigado pelo livro. Foste realmente muito mal plagiada em "The lay brother", causa-me espanto. Posso apenas conceber que a autora tenha, por algum capricho ou fantasia, escolhido considerar-te como um "documento", uma autoridade, e usar-te da mesma forma como usei os poemas irlandeses antigos de "Oisín & Patrick" em meu "The wanderings of Oisín" [...] Sinto-me menos inclinado a ser severo do que tu, pois ela parece possuir grande sensibilidade artística, além de uma imaginação considerável. Além disso, nos fez aquela que é "a melhor forma de elogio". Muito me apraz ela ter obviamente utilizado minhas duas antologias de folclore, já que eu as organizei para que pudessem influenciar a literatura irlandesa e ajudá-la a se desagarrar da retórica¹⁷¹ (CL1, p. 425).

Rogando à amiga que lhe empreste o livro por mais um tempo, ele profere seu julgamento pouco mais de dois meses depois, demonstrando como mesmo um livro pouco original afetara seus conhecidos em Sligo, conseguindo, inclusive, converter novos entusiastas em meio aos membros da elite local:

O mais importante me parece ter sido convencê-los de que somos críticos & escritores acima de tudo & não apenas entusiastas impetuosos & sem discernimento. Cada novo escritor irlandês aumentará o público para cada outro escritor irlandês. Sua cópia [do livro] de Miss Hopper está, neste momento, em plena cruzada na casa de Lady Gore Booth, e toda a família tomou apego pelas coisas irlandesas¹⁷² (CL1, p. 455).

Aparentemente, dando prioridade à quantidade em detrimento da qualidade – opinião que viria a repensar em seu período intermediário, em poemas

¹⁷¹ "Many thanks for the book. You are certainly very badly plagerized in 'the lay brother' which amazes me. The only way I can account for it is that the author has, by some freke of fancy, elected to consider you as a 'document' an authority, & to use you much as I have used the Middle Irish 'Oisín & Patrick' poems in 'The Wanderings of Oisín' [...] I feel less inclined to be severe than you, for she seems to have great artistic fealing, & very considerable imagination. Besides she has paid us 'the sincerest form of flattery'. I am greatly delighted with her evident use of my two folklore Anthologies for I compiled them, that they might influence Irish literature & help lift it out of rhetoric".

¹⁷² "The great thing I thought was to convince them that we were critics & writers before all else & not heady & indiscriminating enthusiasts. Every new Irish writer will increase the public for evry other Irish writer. Your copy of Miss Hopper is at this moment crusading at Lady Gore Booths & the whole family have taken to Irish things".

como “To a poet, who would have me praise certain bad poets, imitators of his and mine” e, com menos ironia, em “A coat” –, o uso da ideia belicosa (ainda que cristã) de uma “cruzada” como a função principal do livro, em meio àqueles a quem a poesia deveria agir como agente de proselitismo literário, recorda a frase original usada para descrever Hopper em carta enviada também a Tynan: “No entanto, ela é um ótimo <recruta para> a nova promessa ao nosso pequeno <regimento> grupo & há de ajudar a fomentar o gosto por nossos artigos celtas”¹⁷³ (CL1, p. 426). A política de transcrição cuidadosa, detalhada na edição crítica das *Collected Letters*, não revela, neste caso específico, se as duas palavras que pertencem a uma dicção mais militarista foram cortadas e substituídas após a escrita de toda a oração (com as substituições em sobre ou subscrito) ou se foram ocorrendo uma após a outra.

A quinta e última carta enviada a periódicos e que trata da temática de fontes integra as CL em seu estágio de rascunho. Como já discutimos em relação às práticas de seleção das CL, os editores favorecem material manuscrito sempre que disponível, fazendo uso de notações que indicam palavras e frases excluídas no processo de composição do texto da carta. A prática desse tipo de política editorial chama a atenção para o aspecto processual dessa escrita e é muito útil para estudos como este em que se consideram as especificidades do gênero epistolar e dos conjuntos de correspondências:

Organizada inicialmente em uma série de autógrafos transformada em tesouro, depois num conjunto de cópias frequentemente feitas por mãos estranhas, [a carta] atinge algumas vezes a plena dignidade editorial quando, conforme lógicas que variam ao longo da história, ela se torna livro. A partir daí, desde que entra na cadeia bibliográfica, poderá ter várias edições – mais ou menos expurgadas ou fiéis, com mais ou menos erros ortográficos (DIAZ, 2007, p. 121).

Trata-se quase de uma tentativa de se contar a “biografia da carta”, por meio de abordagens trazidas da crítica genética. É, novamente, a noção de “fidelidade ao autógrafo” e aos aspectos materiais da carta, inclusive aos erros de grafia que populam as notas de rodapé do presente estudo.

Além do caso analisado anteriormente, em que uma dicção mais militarista foi substituída por construções mais neutras, a existência de variações entre o texto manuscrito e a carta finalmente publicada ilumina o pensamento por trás de algumas colocações e por vezes permite acesso a considerações que são

¹⁷³ “However she is a fine <recruit to> new coming in our little <regiment> group & can only help to foster a taste for our Celtic wares”.

postas de forma mais explícita antes da ação do censor – seja ele externo¹⁷⁴ ou interno.

Allan Wade, no volume único de sua seleção de *Letters of W. B. Yeats*, publicado apenas 15 anos após a morte do escritor, também inclui a segunda carta enviada a *The Academy*, em sua versão impressa. A escolha pelo texto “final” está, por sua vez, de acordo com as políticas editoriais deste volume, que opta pela correção ortográfica, gramatical e de pontuação do por vezes difícil texto de Yeats. O aspecto seletivo do volume, tanto em termos da escolha de apenas algumas cartas a serem publicadas como da escolha por excertos das próprias cartas escolhidas, algumas marcadas por diversas elipses e elisões, marca a evolução (sem que o uso da palavra denote necessariamente progresso, mas apenas a mudança ao longo do tempo) das práticas editoriais envolvidas na publicação da correspondência de figuras públicas, especialmente de escritores.

Transcrevendo, portanto, uma versão manuscrita da carta, ao que tudo indica, não disponível anteriormente, os editores das *CL* mantêm elementos textuais como a inclusão do título do poema a que a carta se refere, “Father Gilligan”, o que não aparece na versão publicada na revista nem, conseqüentemente, na seleção de Wade. Temos então na versão ALS (carta autógrafa, assinada):

“Father Gilligan”

16 de março

Prezado senhor,

Agradeço a seu correspondente anônimo por me dar esta oportunidade de explicar que a balada de “Tristram [sic] St. Martin” e a minha própria têm uma origem comum, embora eu só tenha visto “He sent his angel” pouco depois de ter escrito “Father Gilligan”. O próprio autor de “Christ in London” contou-me a história em que se baseiam ambos os poemas como uma curiosa lenda folclórica relatada por um amigo. Embora tenha escrito “Father Gilligan” logo depois e por saber que o próprio “Tristram St. Martin” pretendia escrever uma balada sobre o tema, guardei o poema por um tempo a fim de lhe dar a “cortesia” da vantagem de publicar primeiro. Quando finalmente o publiquei, há aproximadamente dois anos no “The National Observer”, contei-lhe que o tinha feito e dei-lhe a data do jornal; desde então, jamais me foi dito, por ele ou qualquer outra

¹⁷⁴ No caso da carta aqui considerada, certas emendas e exclusões foram feitas por terceiros, perceptíveis pela diferença de caligrafia. Em nota, os editores das *LT* sugerem que se trata do trabalho editorial para a publicação na *The Academy* (KELLY, *CL1*, p. 291, n. 1).

peessoa, até onde sei, que ele se considerava injustiçado¹⁷⁵ (CL1, p. 291, 3H).

Escrita como réplica à carta publicada anonimamente em 12 de março de 1892, a mensagem de Yeats busca livrar-se da acusação, ainda que velada, de plágio. Sua defesa baseia-se em duas estratégias principais: no desconhecimento da balada escrita por “Tristram St. Martin” (pseudônimo não identificado) antes da composição de “Father Gilligan” e, principalmente, no fato de ambas as baladas possuírem a mesma origem, uma história recontada pelo próprio “Tristram” a Yeats. Recontando a história da escrita e da publicação da balada (ele teria escrito mas não publicado logo em seguida), Yeats evade-se de questões de precedência, além de se mostrar “cortês” (“cortesia” fora uma das palavras posteriormente cortadas do texto publicado).

Além disso, o escritor usa a oportunidade para demonstrar que conhece o outro autor, de quem figura como amigo. Em sua nota, John Kelly apresenta indicações de que o próprio “Tristram” poderia ser o correspondente anônimo, fazendo com que a manobra de Yeats pareça mais forçada, especialmente quando ele declara que, após a publicação, “contei-lhe que o tinha feito e dei-lhe a data do jornal; desde então, jamais me foi dito, por ele ou qualquer outra pessoa, até onde sei, que ele se considerava injustiçado”. Sugerindo que o silêncio do outro autor quando da publicação original fosse prova de sua anuência e seu conhecimento, Yeats contorna a possibilidade de que tenha sido somente com a emergência da antologia *The book of the Rhymers’ Club* (1892), disponibilizada no mês anterior, que um público teria tido acesso à balada.

Por fim, Yeats demonstra a sua cautela ao incluir a fonte da balada em ambas as publicações, ressaltando, no entanto, que a fonte não seria o poema de “Tristram”, mas sim a tradição oral que informou ambos os poetas:

Nunca reivindiquei a história como minha e, tanto no “The National Observer” quanto no “The book of the Rhymers’ Club”, creditei-a a seus devidos autores, no caso, os camponeses de Castleisland,

¹⁷⁵ “I thank your anonymous correspondent for giving me this opportunity of explaining that ‘Tristram St. Martins’ ballad & my own have a common origin, although I never saw ‘He sent his angel’ until some time after writing ‘Father Gilligan’. The author of ‘Christ in London’ himself told me the story on which both poems are founded as a curious piece of folklore given him by a friend. I wrote ‘Father Gilligan’ at once; but knowing that ‘Tristram St Martin’ himself intended a ballad on the subject, kept it back for some time in order to give him the <courtesy> advantage of prior publication. When I did at last publish it, about two years ago in ‘The National Observer’ I told him that I had done so and gave him the date of the paper; & from that day to this he has never told me or any one else so far as I know that he considered himself illtreated”.

Kerry. As passagens citadas por seu correspondente são, quase palavra por palavra, a história conforme a ouvi.

Pode ser, porém, que sirva de consolo a “Um amante da originalidade” saber que ainda que tivesse lido a balada de “Tristram St. Martin” antes de escrever a minha e nunca tivesse ouvido a história a não ser em tal balada, ainda assim eu teria me considerado perfeitamente no direito de me apropriar de uma história que não pertence a nenhum de nós dois, mas ao povo irlandês¹⁷⁶ (CL1, p. 291, 3H).

De fato, em ambas as versões o poema inclui como seu subtítulo “Uma lenda contada pelo povo de Castleisland, Kerry”, defletindo a questão da autoria específica (a partir da ideia do conhecimento compartilhado pelo “povo”) e aludindo a uma fonte tradicional, dando, inclusive, seu *pedigree* por meio da geografia.¹⁷⁷ Desconstruindo o próprio argumento do desconhecimento da balada de “Tristram”, Yeats por fim declara que pouco importaria se ele tivesse lido a versão do outro autor, já que a autoria coletiva da lenda pertence “a nenhum deles, e sim ao povo irlandês”, assim desarmando a suposta precedência, e ao mesmo tempo homenageando a riqueza cultural da tradição popular nacional.

Não satisfeito, Yeats parte para o ataque, ressaltando que para além da questão da originalidade (um conceito que ele acaba de desqualificar nesse caso específico) existe também o mérito artístico, fechando a carta com mais que uma alfinetada:

“Tristram St. Martin” escreveu uma balada <toleravelmente> interessante, mas não penso que ele seja tão triunfalmente bem-sucedido no presente caso a ponto de ter tornado a história sua para todo o sempre. Estou até mesmo inclinado a dizer que ele é, na verdade, “mal-abençoado” por ter um defensor tão ardoroso ao ponto de oferecer citações que certamente não mostram um entendimento muito sutil das peculiaridades do folclore irlandês. Em outros assuntos ele se mostra mais entendido e mais digno de citação.

¹⁷⁶ “I have never claimed the story as mine, but both in ‘The National Observer’ & in ‘The Book of the Rhymers’ Club’ have given full credit where it is due, namely to its inventors the peasantry of Castleisland, Kerry. The passages quoted by your correspondent are almost word for word from the folktale as I heard it./It may comfort ‘A lover of originality’ however to know that even if I had seen ‘Tristram St Martin’s’ ballad before writing mine and had never heard the story apart from the ballad I would none the less have considered myself perfectly justified in taking a legend that belonged to neither of us but to the Irish people”.

¹⁷⁷ O uso quase encantatório do nome de cidades, condados, acidentes geográficos e sítios é característica marcante da poesia de Yeats e uma das formas que ele usa para “ancorar” sua herança irlandesa – além de compensar o fato de ele não saber falar a língua ancestral. Em sua peça *Translations* (1981), Brian Friel faz da adequação dos nomes irlandeses a suas denominações em inglês ponto de forte tensão dramática, ressaltando a importância dos nomes como foco de resistência e de identidade. No caso específico de Yeats, o volume *Place names in the writings of William Butler Yeats* (McGARRY, 1976) elenca o uso de tais referências e seu contexto.

Não é possível afirmar se a excisão do advérbio *tolerably* (“toleravelmente”) parte da mão de Yeats ou do editor da revista, mas, mesmo sem o benefício da qualificação, fica claro que o poeta irlandês considera a balada do colega inferior – inferior em referência ao potencial do material usado e provavelmente à sua própria versão. O uso da expressão *illy blest* (“mal-abençoado”), retirada do poema de “Tristram”, ilustra o ponto da falta de qualidade da balada, sugerindo uma dicção antiquada e preciosista, que contrasta com a suposta simplicidade do folclore irlandês.

Esse descompasso com as “peculiaridades” da real fonte das baladas serve de xeque-mate para Yeats e conclui a nossa análise das cartas enviadas a periódicos e que tratam do tema das fontes usadas para a obra do poeta no período coberto. Podemos então ver como, em função da sua face pública e da defesa do cânone irlandês, que, em suas explicações sobre seu processo criativo, suas fontes e sua estética em geral, Yeats favorece as questões que ressaltam seu compromisso com a defesa da literatura nacional. Uma das formas como esse compromisso faz-se notar é em seu engajamento com sociedades literárias, tanto em Dublin quanto em Londres, assunto de nosso próximo capítulo.

¹⁷⁸ “‘Tristram St Martin’ has done one <tolerably> intereseting ballad but I do not think he is so triumphantly successful in the present instance as to have made the story his until Time shall end. I am even inclined to say that he is but ‘illy blest’ in having so ardent a champion ready to come forth with quotations that certainly do not show a very subtle sense of the peculiarities of Irish folk lore. On other subjects he is more at home & more worthy of quotation./Yours sny/W B Yeats”.

CAPÍTULO 4

O papel das sociedades literárias

Quanto ao estatuto da carta: qual poder tem de falar pela pessoa; de ratificar seu nome, suas posições, suas ações? A isto se articula a questão da permanência, da vigência legítima da carta: ela só poderia ser desmentida por seu autor (e – em que circunstâncias – por outra carta). A carta “dura” enquanto não for legitimamente contradita...

(NEVES, 1988, p. 194)

De acordo com Philip L. Marcus em trecho já discutido, um eixo importante da empreitada de Yeats em seu esforço pelo Renascimento Literário Irlandês foi a formação e o fortalecimento de organizações para a promoção do capital cultural irlandês, especialmente a Sociedade Literária Irlandesa, em Londres, e a Sociedade Literária Nacional, em Dublin. Muito da experiência do jovem escritor advém de sua participação em organizações já existentes, e uma carta ao semanário *Light*, dedicado a assuntos espiritualistas (assunto em grande voga na sociedade britânica ao final do século XIX), justifica o calor dos debates no Clube de Bedford Park, que ele frequentava.

Instigado por uma série de missivas enviadas ao periódico, começando em 2 de novembro de 1889, o escritor opina acerca da suposta “hostilidade” com que certos palestrantes eram tratados nos debates promovidos pelo Clube de Bedford Park. Yeats sustenta seu argumento com a afirmação de seu *status* não só como frequentador do clube, mas também como morador de Bedford Park, importante centro artístico associado aos ideais de figuras como John Ruskin e William Morris. Em seu apêndice histórico, o editor das *Collected letters* (CL) reconhece que, embora mais ocupacional e estilisticamente diverso do que a imagem que essa “cidade-jardim” projeta, “o subúrbio era popularmente considerado como descendente direto do Movimento Estético, podendo, de fato, gabar-se do fato de que abrigava mais artistas e escritores por hectare do que qualquer outra área equivalente em Londres”¹⁷⁹ (CL1, p. 480). Estabelecido em 1875-1876, o Bedford Park já não tinha, ao final dos anos 1880, o mesmo *glamour* de outrora, mas ser

¹⁷⁹ “Nevertheless, the suburb was popularly regarded as entirely the product of the Aesthetic Movement, and in fact it probably did boast more artists and writers per acre than any other comparable area in London”.

morador desse subúrbio era questão de grande honra para a família Yeats, não só pela associação com o Movimento Estético e outros valores boêmios, mas também, em especial para seu filho primogênito, pela possibilidade de um oásis verde em meio à realidade árida da metrópole londrina.

Localizando-se portanto no centro da questão, como parte do público do clube e frequentador usual das reuniões, o jovem W. B. Yeats defende que o que o correspondente identificara como “hostilidade” era a atitude comum dos participantes e que a combatividade seria consequência do objetivo do clube: a disseminação de novos conceitos. Em 28 de dezembro de 1889, ele envia a seguinte missiva ao periódico:

SENHOR, – Um correspondente na sua edição do fascículo 21 menciona a recepção extremamente hostil dada ao Coronel Olcott por vários oradores no Clube de Bedford Park, relatada no fascículo 7. Não foi o caso de forma alguma.

Moro no Park e é raro o dia em que não tome conhecimento de alguém extremamente indignado com os oradores, ou melhor, com dois deles; os outros não são nem mais hostis nem mais amigáveis do que os que se encontram em qualquer reunião com o intuito de propagar novas ideias – políticas, religiosas ou de outro tipo.

W. B. YEATS¹⁸⁰
(CL1 p. 204, 4A)

Apontando para o debate, ainda que bastante caloroso, como estágio importante para o desenvolvimento de novas ideias, Yeats defende a relevância do diálogo entre membros, em consonância com sua fé nos ditames de seu ídolo, William Blake, para quem “sem contrários não há progressão” (BLAKE, 2007, p. 111). Embora ele mesmo não colocasse nesses termos, o autor irlandês fazia importante uso do método dialético, o que ele chamava de *vacillation* (“vacilação”).

Não tendo podido formar-se na prestigiosa universidade de Trinity College Dublin como seu pai, W. B. também dependia dos espaços criados dentro de tais organizações para poder desenvolver-se intelectualmente, já que a construção do conhecimento por meio de debate era possivelmente mais congenial ao seu estilo de aprendizado que o trabalho intelectual solitário. No entanto, sua defesa da

¹⁸⁰ “SIR, – A correspondent in your issue of the 21st inst. mentions the extremely hostile reception given to Colonel Olcott by various speakers in the Bedford Park Club, on the 7th inst. This was by no means the case./I live in the Park, and hardly a day goes by without bringing to me a word of someone extremely indignant with the speakers, or rather with two of them, the others being neither more hostile nor friendly than one finds at any meeting for the spread of new notions – political, religious, or other./W.B. YEATS”.

importância dessas sociedades vai além de seus interesses próprios. Em carta enviada ao *Daily Express* de Dublin em 2 de junho de 1892, Yeats defende, pela primeira vez, que se dê continuidade ao esquema editorial da Biblioteca da Irlanda (explorado com mais detalhes posteriormente neste e no próximo capítulo) e explica o papel de divulgação das sociedades:

SENHOR – O povo irlandês tem orgulho de se considerar um povo mais imaginativo que o inglês e, no entanto, não lê mais do que alguns poucos livros de canções e histórias de segunda categoria. Muitos bons conhecedores acreditam que a culpa não é tanto do povo irlandês, mas sim da grande dificuldade de fazer circular livros em uma nação onde não há órgãos reconhecidos de opinião literária e na qual as pessoas estão espalhadas aqui e ali, longe das livrarias e das “perguntas centrais” e do “culto literário” da vida instruída. [...] Um grande número de irlandeses na Irlanda e na Inglaterra, e alhures, estão fazendo a mesma pergunta e propondo uma tentativa de fazer circular uma nova “Biblioteca da Irlanda” através das sociedades literárias existentes e criando novos órgãos para esse propósito. [...] Como passo inicial, pretendemos formar uma robusta “Sociedade Literária Nacional” em Dublin que se comunicará com as sociedades literárias de toda a Irlanda¹⁸¹ (CL 1, p. 299, 4B).

Publicada entre a proposta de formação da sociedade, feita a portas fechadas no Wicklow Hotel em 24 de maio de 1892, o primeiro encontro do comitê provisório, poucos dias depois, e a sua fundação em encontro público previsto para 9 de junho (KELLY, 2003, p. 25), a carta cumpre a função de anúncio público do projeto: apresenta-se nela a justificativa da necessidade de criação da sociedade, expõem-se seus principais objetivos, descreve-se a forma como ela pretende desenvolver suas atividades e listam-se os seus principais participantes (não incluídos no excerto citado). O tom da carta é bastante diferente do de outras examinadas até agora: não se trata do autor na defensiva ou engajado em trocas amistosas com colegas. A carta exala confiança, e o tom é assertivo. Publicada no *Daily Express*, um jornal ultraconservador, parte da estratégia do jovem escritor e dos demais membros do comitê provisório listados em sua carta e aqui

¹⁸¹ “SIR – The Irish people are proud to consider themselves a more imaginative people than the English and yet they read nothing but a few song books and a few second-rate books of stories. Many good judges believe that the fault is not so much in the Irish people as in the great difficulty of circulating books in a nation where there are no recognised organs of literary opinion, and where the people are scattered here and there far from book shops and the ‘burning questions’ and ‘literary cult’ of educated life. [...] A number of Irishmen in Ireland and England, and elsewhere, are asking this question, and propose to make the attempt to circulate a new ‘Library of Ireland’ through the existing literary societies, and by establishing new bodies for the purpose. [...] As a first step, we are endeavouring to form a strong ‘National Literary Society’ in Dublin which will put itself into communication with the literary societies throughout Ireland”.

representados pela assinatura de W B Yeats [*sic*, sem pontos] é dissociar o objetivo “nacional” e “patriótico” dos embaraços partidários da realidade política irlandesa do final do século XIX. Na carta, ele explica a proposta de

também propagar a influência educativa da biblioteca por meio de palestras e discussões bem organizadas, sobre figuras notáveis da história irlandesa, e épocas notáveis na história do país, e sobre os problemas e as dificuldades do presente. Tais livros e palestras serão de caráter nacional, mas não simplisticamente políticos, em qualquer sentido estrito da palavra. Objetivar-se-á tornar o patriotismo daqueles que leem os livros mais profundo e esclarecido, apresentando-os aos heróis nacionais e lendários, conforme sua manifestação nas mentes de estudiosos e pensadores¹⁸² (CL1, p. 299, 4B).

O trecho demonstra como o autor vai desenvolvendo sua habilidade de navegar nas conturbadas águas que permeiam toda discussão sobre a situação irlandesa: enfoca a educação (e não arregimentação ou conversão), figuras e épocas “notáveis” e “problemas e dificuldades do presente”, apoia-se em termos vagos e evita trazer à tona pontos contenciosos para as diferentes facções a quem a carta roga apoio. Cuidadosamente repousada em uma base “nacional” e diferente do que seria o “simplisticamente político”, o autor evita a associação da proposta com um termo correlato, anátema em um periódico como o *Daily Express*: nacionalista. Em nenhum lugar da carta usa-se tal designação marcadamente política. Mesmo os mártires de 1798 seriam cooptados sob a bandeira do “Nacional” em carta enviada ao *United Ireland* em relação às preparações da celebração do centenário da revolta: “fomos enviados meramente pelo ‘Comitê Central do Centenário da Grã-Bretanha’, com o único intuito garantir a representatividade da celebração, já que acreditamos que a memória dos homens de ‘98 é Nacional e não pretence a nenhum partido”¹⁸³ (CL2, p. 83, 4C).

Outras distinções importantes aparecem na carta como forma de evadir controvérsia e buscar o maior apoio possível. As ações propostas não pretendem criar sentimento patriótico onde ele não existe, mas apenas tornar o sentimento que

¹⁸² “[...] also to aid the educational influence of the library by well organized lectures and discussions upon notable figures in Irish history, and notable epochs in the national life, and on the problems and difficulties of to day. These books and lectures will be national but not political in any narrow sense of the word. They will endeavour to make the patriotism of the people who read them both deeper and more enlightened, and will set before them the national and legendary heroes as they present themselves to the minds of scholars and thinkers”.

¹⁸³ “We were sent by ‘The Central Centenary Committee of Great Britain’ alone, and had no purpose but to secure a representative celebration, believing that the memory of the men of ‘98 is a National and not a party memory”.

já existe no coração dos irlandeses mais “profundo e esclarecido”, não por meios propagandistas e certamente não visando a um futuro revolucionário. O foco é o passado, já que os heróis nacionais e lendários seriam somente reapresentados ao povo pelas figuras neutras dos estudiosos e pensadores, evitando-se assim tanto a figura do radical separatista feniano quanto a memória dos senhorios protestantes que ofereciam apoio mediante conversão.

Inclusão parece ser o mote da carta, que termina explicando que

manifestações de apoio chegam de todos os lados, e novos membros somam-se rapidamente. Para tornar nossos propósitos mais amplamente conhecidos, pretendemos realizar uma reunião na Rotunda em 9 de junho. Essa reunião não será, de maneira alguma, uma reunião da Sociedade Literária Nacional, que ainda não existe de fato, mas uma reunião para explicar nossos objetivos e propósitos para os membros da meia [dúzia] de sociedades literárias de Dublin e simpatizantes em geral¹⁸⁴ (CL1, p. 300, 4B).

A publicação no jornal conservador busca alcançar um público que normalmente não se via associado às figuras fundadoras do projeto original da Biblioteca da Irlanda e que se sentiria muito mais à vontade sob a rubrica de “simpatizantes” de ideias “nacionais” do que “nacionalistas”. A carta também busca o efeito calculado de maior abertura do que de fato teria havido: declarando que a sociedade “ainda não existia de fato”, obscurecem-se todas as maquinações para sua criação, que antecederam o anúncio prefigurado pela mensagem.

É interessante notar que muitos dos argumentos usados nessa missiva são retrabalhados no discurso proferido por Yeats em 9 de junho.¹⁸⁵ A transformação de conteúdo de cartas em outras formas de comunicação é bastante

¹⁸⁴ “Support is coming in from all sides, and members are joining rapidly. To make our objects more generally understood, we intend to hold a meeting at the Rotunda on June 9th. This meeting will be in no sense a meeting of the National Literary Society, which, properly speaking, does not yet exist, but a meeting to explain our aims and purposes to the members of the half [dozen] Dublin literary societies, and to sympathisers generally”.

¹⁸⁵ Um relato do discurso proferido aparece no *United Ireland* em 18 de junho de 1892 e ressalta a intenção de Yeats de que a sociedade fosse “Nacional no sentido mais amplo da palavra, já que ele acreditava que somente seria possível alcançar as pessoas ao se apoderar de seu sentimento nacional para alistá-las [para a causa]. Os heróis Nacionais e as grandes épocas da luta Nacional serviriam de tema principal para os livros a serem contemplados. [...] Os escritores da Irlanda deveriam ter como objetivo tornar o sentimento Nacional mais nobre e iluminado e ensinar as pessoas que o bem-estar público é mais momentoso que o bem-estar de qualquer classe ou indivíduo” (“National in the widest sense of the word, for he believed that it was only possible to reach the people by seizing upon the National sentiment and by enlisting it in their service. The National heroes and the great epochs of the National struggle would supply the main theme for the books they contemplated. [...] It should be the object of the writers of Ireland to make the National feeling noble and enlightened, and to teach the people that the public welfare was of more moment than the welfare of any class or individual”. KELLY, CL1, p. 300, n. 2).

comum, não só em Yeats, razão pela qual podemos considerar a escrita epistolar como um laboratório do escritor: na correspondência, em especial aquela que trata de assuntos caros ao projeto literário de seus autores, abre-se um espaço para a elaboração de ideias por meio do diálogo entre os correspondentes. Ao tentar convencer o destinatário, o remetente vê-se forçado a desenvolver suas ideias com maior clareza, e é possível ver como essa característica do gênero epistolar frequentemente traz à tona modelos argumentativos que são retrabalhados posteriormente em outros escritos, o que é, segundo Brigitte Diaz, uma característica comum das correspondências da juventude de escritores:

Trampolim da escrita do eu, as cartas de juventude têm, ademais a prerrogativa dos serem escritos da passagem: levam consigo aqueles que desejam segui-las a outras paisagens escriturais. [...] Laboratório da escrita, a correspondência engendra, reformula e transforma escritos migratórios destinados a outras páginas e outros públicos¹⁸⁶ (DIAZ, 2002, p. 96).

A redação da carta de 2 de junho de 1892 (4B) oferece a oportunidade de se articularem pensamentos e ideias para um público leitor que, por sua vez, não era muito diferente daquele que se faria presente no primeiro encontro público para a proposta de fundação da nova sociedade literária em Dublin.

Sob os auspícios da então já ativa Sociedade Literária Nacional, uma palestra ministrada por um dos dignatários listados na carta ao *Daily Express*, Richard Ashe King, vira assunto de outra troca de farpas na seção de cartas de um periódico, desta vez o *United Ireland*. Proferida em 8 de dezembro de 1893, as palavras do amigo e colaborador ficariam na memória de Yeats por muito tempo, ressurgindo mais de 30 anos depois (KELLY, CL1, p. 369, n. 1), na dedicatória a Ashe King incluída no volume *Early poems and stories* (1925). Também escrita em formato de epístola, a dedicatória relembra o episódio:

Há alguns dias, quando corrigia as provas deste livro, lembrei-me de uma palestra que destes perante a Sociedade Literária Nacional de Dublin em 1894. Nela, denunciastes a retórica, a retórica irlandesa acima de tudo. Uma palestra deveras animada e vigorosa que despertou a ira dos jornais¹⁸⁷ (VP, p. 854).

¹⁸⁶ “Tremplin vers l’écriture de soi, les correspondences de jeunesse on pour autre apanage d’être des écritures du passage: elles mènent volontiers qui veut les suivre à d’autres paysages scripturaux. [...] Laboratoire textuel, la correspondence engendre, refond et transforme des écrits migrants destinés à d’autres pages et d’autres publics”.

¹⁸⁷ “A couple of days ago, while correcting the proofs for this book, I remembered a lecture that you delivered in the year 1894 to the Dublin National Literary Society; a denunciation of rhetoric, and of

As lembranças do objeto da palestra e de seus efeitos na imprensa local são indissociáveis na memória de Yeats, o que ressalta a importância dos eventos promovidos pelas várias sociedades literárias e da discussão que eles suscitavam junto ao público leitor. Diferentemente da carta ao *Daily Express*, bastante conciliatória, a resposta ao resenhista do *United Ireland*, identificado simplesmente como *A Candid Critic* (“um crítico sincero”), é bastante mais combativa e devidamente assinada pelo escritor.

Primeiramente, de forma similar à missiva enviada ao semanário *Light*, a questão da presença, de ser testemunha ocular, é de suma importância para Yeats. É por vezes difícil acompanhar a movimentação do escritor: seu intenso trânsito entre Londres (suas partes centrais e também periféricas, como Bedford Park), Dublin e seus subúrbios e a pequena Sligo cria por vezes a impressão de sua onipresença – impressão que ele por vezes reforça, relatando eventos nos quais ele não estava de fato presente, mas em cujo testemunho feito por amigos ele confia. Estar no “olho do furacão” é um de seus grandes trunfos. Na carta de 23 de dezembro, ele escreve:

PREZADO SENHOR – O escritor do artigo intitulado “Um crítico sincero” admite que não esteve presente na palestra dada pelo Sr. King na semana passada sob os auspícios da Sociedade Literária Nacional. Esse foi um duplo infortúnio, pois o fez perder uma das palestras mais brilhantes que já ouvi e ser muito injusto para com o Sr. King¹⁸⁸ (CL1, p. 369, 4D).

Yeats ressalta a ausência do resenhista, apresentada por admissão própria, de modo a não dar a impressão de que ele agia ali como bedel da sociedade, vigiando seus alunos faltosos. Tal ausência desdobra-se em duas situações, nenhuma delas favoráveis ao “Crítico Sincero”: se por um lado ele perdeu a oportunidade de presenciar a brilhante palestra e portanto é ele próprio vítima dessa injúria, por outro, ao reportar o que Ashe King disse sem ter de fato testemunhado o encontro, comete injustiça para com o palestrante. Colocando a questão da presença como condição de fidedignidade, o escritor pode então

Irish rhetoric most of all; and that it was a most vigorous and merry lecture and roused the anger of the newspapers”.

¹⁸⁸ “DEAR SIR – The writer of the leading article called ‘A Candid Critic,’ admits that he was not present at the lecture which Mr. King gave last week under the auspices of the National Literary Society. This has been a double misfortune, for it has made him miss one of the most brilliant lectures I have ever heard, and be very unjust to Mr. King”.

apresentar-se em posição de autoridade para discutir o que de fato se passou no encontro, na mesma carta:

O Sr. King não disse que a política arruinou o intelecto irlandês, mas sim que a política partidária o fez [...]; e o grau de perfeição com que esse tipo de coisa estraga o sentido de proporção no qual a literatura se constrói pode ser verificado por qualquer um que lê “Valentine M’Clutchy”¹⁸⁹ (CL1, p. 370, 4D).

É necessário desdobrar as duas tensões centrais do argumento de Yeats. Primeiramente, temos a distinção entre o intelecto, posteriormente restringido à categoria de literatura, e a política. A relação entre essas duas esferas de atividade é objeto frequente de consideração por parte do escritor nas cartas desse período, em sua busca não só pela definição dos papéis de uma e de outra, mas também de sua interação e interpenetração, isto é, de como uma esfera influencia a outra e em que questões ocorrem coincidências entre suas ações. O assunto reaparece em diversas outras cartas e será tratado com mais detalhes ainda neste capítulo. Já a segunda distinção que a carta ressalta se daria entre uma concepção mais ampla de política e o que Yeats descreve como política partidária.¹⁹⁰

A dificuldade de tal distinção não escapa ao escritor: ele reconhece o problema e propõe uma definição pragmática em trecho da mesma carta, quando defende as palavras de Ashe King:

Ele chegou ao ponto de afirmar que tudo que foi ganho para a Irlanda o foi através da política. É claro que é difícil dizer onde termina a política do partidário e onde começa a política do patriota, mas existe tal linha divisória, e o político que não a encontra abre aos berros um caminho rumo ao caos. Ao meu ver, parece-me, pelo menos, que a política se torna partidária quando os grandes princípios da demanda nacional são postos em menor evidência do que o que se consideram as falhas dos oponentes¹⁹¹ (CL1, p. 369, 4D).

¹⁸⁹ “Mr. King did not say that politics laid waste the Irish intellect, but only that partisan politics laid it waste [...]; and how perfectly this kind of thing ruins the sense of proportion upon which literature is built up, can be discovered by anyone who will read ‘Valentine M’Clutchy’”.

¹⁹⁰ Embora em algumas instâncias o conceito de *partisan politics* coincida com “política partidária”, é necessário distinguir a política ligada a partidos de representação política do entendimento das tensões sectárias na Irlanda contemporânea a Yeats, especialmente no que toca à fusão entre as identidades política e religiosa. Opta-se aqui por “partidarismo”, dado que o vocábulo denota também os excessos de identificação com as diversas legendas e o sectarismo, religioso ou social.

¹⁹¹ “He went so far indeed as to affirm that everything which has been won for Ireland has been won by politics. It is, of course, difficult to say where the politics of the partisan end and the politics of the patriot begin, but the line of division is thus, and the politician who does not find it brawls his way into chaos. It seems to my eyes, at any rate, that politics become partisan when the great principles of the national demand are made less visible than what are held to be the failings of opponents”.

Como marca da diferença entre a política partidarista e o que ele provisoriamente denomina “política do patriota”, Yeats oferece a intencionalidade do ator político e seus métodos e objetivos *visíveis*, uma qualificação que complica ainda mais a tênue linha traçada. Se por um lado o foco na figura do político causa a personalização da ação em sua concepção, a ideia da visibilidade desloca a atenção para a percepção e a recepção dessa intencionalidade por outros indivíduos além do ator político. Não seria suficiente, portanto, que o político privilegiasse os interesses “nacionais”: é necessário que observadores externos (supõe-se seus constituintes, críticos e comentadores, além do público diretamente afetado pelos efeitos das ações) julguem ser esse o caso. Embora levante a questão da validação externa, Yeats não propõe aqui¹⁹² um modelo de controle, fazendo da definição, já bastante vaga, ainda mais abstrata.

O ponto de maior clareza no argumento encontra-se no uso da retórica, cujas associações retornam ao campo de metáforas bélicas, dessa vez mais próximas a níveis menos especializados do que o Exército. Em vez de “recrutas” e “regimentos”, temos aqui as noções mais triviais de oponentes e berros, típicas de uma dicção menos elevada, da briga de rua e não da guerra. Por analogia, aqueles que usam esse tipo de tática menos nobre, ao buscar a desqualificação dos oponentes, estariam também se rebaixando e perdendo de vista os “grandes princípios de demanda nacional” – supostamente o bem maior e objetivo final, expressado em termos intencionalmente não específicos que deixam a cargo dos leitores a definição mais exata.

Podemos notar tática similar na continuação da carta, após a menção de *Valentine M'Clutchy*, romance escrito pelo irlandês William Carleton em 1845 e considerado pelo editor John Kelly como sua obra mais “nacional e antiprotestante” (KELLY, CL1, p. 370, n. 2). Para além do contexto de sua defesa desse controverso autor, que se expressa tanto em outras cartas a jornais como, principalmente, em suas antologias e edições com contos e histórias de Carleton, publicadas justamente no período aqui tratado, a referência a *Valentine* e a Carleton busca ampliar a base daqueles a quem Yeats se dirige e cujo apoio espera obter, além de lhe possibilitar

¹⁹² Tal modelo de controle não é abordado com muita precisão em nenhum outro lugar da obra do poeta, que nos parece por vezes bastante ingênuo no que toca às questões de organizações sociais para além da sociedade privada. Podemos ver, no entanto, justamente nessas cartas a jornais de grande circulação a sua tentativa pessoal de influenciar o discurso público.

passar do exemplo literário (sua suposta especialidade) para generalizações de cunho mais político. A carta continua:

Carleton era um homem genial, mas seu hábito de dividir os homens em ovelhas e cabras para fins de política partidária fez grande estrago no que poderia ter sido um grande romance. Carleton tornou-se tão enfeitado pela veemência partidária que se esqueceu de lembrar como os homens se aliam a toda e qualquer causa pelo melhor dos motivos. Esqueceu que o cruzado, se tiver qualquer dignidade, deve estar preparado para encontrar muitos tolos e interesseiros entre seus aliados e muitos sábios e justos entre seus adversários¹⁹³ (CL1, p. 370, 4D).

Grande parte da rejeição de Carleton pelo público leitor irlandês advém da expressão de sentimentos anticatólicos após sua conversão ao protestantismo, especialmente a caracterização negativa de personagens católicos e de membros da Igreja Católica. Ao citar *Valentine* e não outras obras do início da carreira de Carleton, quando sua antipatia ao catolicismo era ainda mais pronunciada, Yeats evita a acusação de estar defendendo a intolerância de um autor também “protestante”, como ele. A referência ao romance em que Carleton representa negativamente os protestantes aparece como uma surpresa para os críticos acostumados a vê-lo defendendo o autor em outros ensaios e cartas e aponta para a variedade de opiniões na obra do romancista.

O trecho também ressalta, novamente, a questão da intencionalidade e da motivação, incapazes, por si só, de definir o que é certo e o que é errado. À dificuldade natural de enxergar com clareza soma-se o efeito da “veemência partidarista”, que tem o efeito quase teológico de “endemoniar” aquele que a aceita. Yeats também expressa aqui a importância do indivíduo no contexto do grupo, ressaltando que a obsessão sectária cega seus membros, impedindo-os de enxergar o erro de seus companheiros e os acertos de seus oponentes.

Após denunciar os erros dos atores políticos cegados pelo partidarismo, o poeta extrapola a questão para incluir também os jornais e os periódicos, veículos de informação e formadores de opinião:

¹⁹³ “Carleton was a man of genius, but the habit of dividing men into sheep and goats for the purposes of partisan politics made havoc of what might have been a great novel. Carleton was so bedevilled by partisan vehemence that he forgot to remember how men ally themselves with any and every cause for the best of motives. He forgot that the Crusader, if he have anything of nobility, must be prepared to find many a fool and self-seeker among his allies, and many a wise and just person among his opponents”.

Creio poder acrescentar que os jornais se tornam partidários quando dão colunas a algum cavalheiro, exaltado e trivial, que explica que seu adversário, seja ele o Sr. John Redmond, o Sr. John Dillon ou o Cel. Saunderson, conforme for o caso, é imensamente fraudulento e desesperadamente perverso¹⁹⁴ (CL1, p. 370, 4D).

A referência a personalidades inclui diversos nomes dentro de um amplo espectro político: no campo dos defensores do direito de autogoverno irlandês, no momento dividido entre aqueles que apoiam Parnell e aqueles que o rejeitam, ele escolhe Redmond como representante dos parnellitas e Dillon como importante antiparnellita. Também inclui, como figura defensora dos interesses unionistas, Saunderson, latifundiário da região de Ulster (norte da Irlanda, posteriormente Irlanda do Norte) e importante figura de uma organização que defendia o uso de meios violentos para a manutenção do *status* da Irlanda como parte do Reino Unido, conhecida como União Legalista do Ulster Contra a Revogação [da unidade do Reino Unido, aprovada por lei de 1800] (Ulster Loyalist Anti-Repeal Union). A União viria, posteriormente, a ser instrumental na aprovação do Ato do Governo da Irlanda de 1920 e dos termos do Tratado Anglo-Irlandês, que manteve a separação do Ulster protestante do resto da Irlanda e formou a unidade política da Irlanda do Norte, em 1922.

Yeats critica e considera “triviais” não as questões em si ou os líderes dos movimentos, mas a retórica exaltada dos “cavalheiros” que buscam descredita-los por meio de técnicas de campanha negativa, difamação ou *mudslinging*.¹⁹⁵ Não importa para ele se esse negativismo parte dos próprios jornalistas ou de leitores, mas sim o espaço que lhes é concedido nos periódicos. O poeta contrasta as muitas colunas dedicadas aos vitupérios com o parco tratamento da palestra de Ashe King, fazendo ressurgir a polarização entre a política e a literatura:

[Os jornais dão colunas a “cavalheiros triviais”] ao passo que não podem dedicar mais do que algumas poucas linhas para uma palestra, escrita por um dos nossos mais eloquentes e brilhantes

¹⁹⁴ “I think I may add that newspapers become partisan when they give columns to some heated and trivial gentleman who is explaining that his opponent, Mr. John Redmond, Mr. John Dillon, or Colonel Saunderson, as the case may be, is immensely deceitful and desperately wicked”.

¹⁹⁵ A expressão faz referência à metáfora de se jogar lama nas figuras, nomes e reputações dos adversários políticos e poderia ser traduzida como “pichação” nos tempos atuais, devido à prática comum de se desfigurarem fotos de candidatos em épocas de eleição.

literatos, sobre alguns dos problemas importantes na vida de uma nação¹⁹⁶ (CL1, p. 370, 4D).

A discussão levantada por intelectuais como Ashe King merece mais espaço não somente por tratar de “problemas importantes na vida de uma nação”, mas também pela sua expressão nas palavras de alguém “eloquente e ponderado”, um representante do movimento literário.

Muito menos serve para Yeats a desculpa de que o público leitor seria responsável por definir as práticas editoriais dos grandes jornais:

Tampouco podem [os jornais] repelir a acusação, alegando que as pessoas têm fome e sede das palavras do mais trivial vereador e do mais acalorado parlamentar e sentem-se indiferentes ao pensamento sóbrio e ponderado do intelectual, pois foram [os jornais] que alimentaram as bocas abertas [dos leitores] com o vento leste até que destruíssem todo o gosto por comida melhor¹⁹⁷ (CL1, p. 370, 4D).

As necessidades fisiológicas (fome e sede) dominam o argumento aqui apresentado, com as palavras aqui também “triviais” e “exaltadas” dos representantes políticos servindo para a desnutrição metafórica do povo: acostumados a serem servidos somente do “vento do leste”, os leitores perderiam o gosto por comida de melhor qualidade, permanecendo, supomos, famintos de informação.

Após esse ataque aos meios de comunicação de massa irlandeses, Yeats passa a um reconhecimento do *United Irishmen*, jornal onde sua carta aparece, como uma exceção a essa regra, ressaltando que “O UNITED IRELAND, porém, sempre fez o que pôde, bravamente perseverando nessa nobre batalha”¹⁹⁸ (CL1, p. 370, 4D).

O último ponto levantado pelo escritor nessa missiva remete a outra carta escrita ao jornal como ponto de partida para retomar a dicotomia entre política e literatura, entre o político e o escritor. Em mensagem publicada na edição anterior do *United Ireland*, em 16 de dezembro de 1893, “I. Olkryn”, pseudônimo de Alice Milligan, conforme nota do editor (KELLY, CL1, p. 370, n. 4), discute o poema de

¹⁹⁶ “[...] while they [the newspapers] can spare but a few lines at the utmost for a lecture upon some of the momentous problems in the life of a nation by one of the most eloquent and thoughtful of our men of letters”.

¹⁹⁷ “Nor can they [the newspapers] repel the charge by pleading that the people hunger and thirst for the words of the most trivial of Town Councillors and most heated of MP’s, and feel indifferent to the serious and careful thought of the man of letters, for it was they who fed the gaping mouths with the east wind until they had destroyed all taste for better food”.

¹⁹⁸ “UNITED IRELAND has, however, always done what it could, and kept up the good fight bravely”.

Yeats “The grey rock” e a asserção de que o autor estaria abandonando a ação política. Aproveitando os pontos discutidos no restante de sua carta, Yeats arremata a questão, esclarecendo:

Eu não disse que o homem das letras deveria ficar fora da política – lembro-me dos exemplos de Hugo, Milton e Dante –, mas apenas que ele deveria, por mais fortes que sejam seus interesses políticos, envidar todos os esforços para se tornar um mestre em seu ofício e para ter sempre cuidado de manter a retórica, ou a tendência de pensar no seu público em vez de pensar no Perfeito e no Verdadeiro, fora de sua escrita¹⁹⁹ (CL1, p. 370, 4D).

Não nos cabe discutir as especificidades dos autores citados, já que o aspecto mais importante a ressaltar é a dissociação entre interesses políticos, pouco importa quão marcados, e a busca do domínio das técnicas do ofício de escritor. Para além das noções platônicas de Perfeição e Verdade, que mais uma vez alinham Yeats a suas fortes influências românticas, a retórica aparece novamente como algo a ser evitado. A oposição de Yeats à retórica e à oratória como modos dominantes de expressão é um ponto crucial da tréplica de Yeats, publicada no *United Ireland* uma semana depois.

Incluída na edição seguinte do semanário, a nova carta demonstra certa imprecisão conceitual em relação ao que o escritor vê como a dependência excessiva dos intelectuais e comentaristas sociais irlandeses em relação à retórica ou oratória, termos aqui usados de forma intercambiável. Em nota a essa carta, John Kelly oferece motivos para a confusão conceitual:

Após a virada do século, WBY viria a distinguir com maior cuidado os termos “oratória” e retórica”, assim como os usos legítimos e ilegítimos das artes linguísticas. Neste momento, sofrendo ataques de oradores como J. F. Taylor (ver p 313), ele é menos preciso acerca das diferenças²⁰⁰ (KELLY, CL1, p. 371, n. 4).

A ligação com a mensagem anterior é feita explicitamente, estabelecendo um diálogo não somente com a resenha da palestra de Ashe King, mas também chamando a atenção para sua própria carta:

¹⁹⁹ “I did not say the man of letters should keep out of politics, but I remember the examples of Hugo, and Milton, and Dante but only that he should, no matter how strong be his political interests, endeavour to become a master of his craft, and be ever careful to keep rhetoric, or the tendency to think of his audience rather than of the Perfect and the True, out of his writing”.

²⁰⁰ “After the turn of the century, WBY was to distinguish more carefully between ‘oratory’ and ‘rhetoric’ as legitimate and illegitimate uses of the arts of language. At this time, and smarting under the attacks of orators like J. F. Taylor (see p. 313), he is less precise about the difference”.

Em minha carta da semana passada, lidei com o ataque do Sr. King à política partidária, mas tenho ainda algumas palavras a dizer a respeito de sua condenação, não menos vigorosa, da devoção, de toda a nossa nação, à oratória²⁰¹ (CL1, p. 371, 4E).

Novamente servindo como trampolim para a discussão desses temas caros ao poeta, além da palestra de Ashe King, Yeats também cita o historiador Standish O'Grady, importante fonte de inspiração e material para escritores do Renascimento Irlandês, cuja escrita Yeats elogia, na mesma carta: "O Sr. King encontrou um aliado no Sr. Standish O'Grady, o primeiro irlandês, creio eu, a tentar escrever a história da Irlanda para além de mera crônica de leis e batalhas ou análise árida da dialética partidária"²⁰² (CL1, p. 371, 4E). O contraste entre o folclore "científico", criticado em carta discutida no capítulo anterior (3D), e formas mais imaginativas de escrita não ficcional também aparece no contexto da historiografia irlandesa, e, como era de se esperar, Yeats favorece os trabalhos da imaginação.

O que fica bastante claro no argumento do escritor é sua desconfiança dirigida a opiniões formadas de forma prematura e sem embasamento adequado. Os perigos de se aceitar como verdade as opiniões alheias surgem como impedimento para o desenvolvimento de uma massa crítica na Irlanda contemporânea:

É da própria natureza da oratória que o orador dê aos ouvintes a sensação de que está certo do que diz. Ele corre, portanto, sempre o risco de adotar, para melhor efeito, um ar de sinceridade e convicção veemente, ou, o que é pior, de se tornar realmente sincera e veementemente convicto de coisas sobre as quais não sabe o suficiente. [...] Quando uma nação fica completamente entorpecida por esse tipo de oratória, ela perde todo o senso de proporção, todo o senso de realidade, pois não ficaria ela incapacitada de perceber que seus oradores podem convencer a si mesmos e a ela de qualquer coisa em poucos minutos, e conduzir ambos, pelo agradável caminho de uns poucos símiles e alguns gestos veementes, a um nível de certeza que o acadêmico leva anos de pesquisa para alcançar, e o filósofo, toda uma vida de reflexão?²⁰³ (CL1, p. 372, 4E).

²⁰¹ "In my letter last week I dealt with Mr. King's attack upon partisan politics, but have still a few words to say about his no less vigorous condemnation of our national devotion to oratory".

²⁰² "Mr. King has found an ally in Mr. Standish O'Grady, the first Irish man, I believe, who has tried to write Irish history which shall be no mere chronicle of bills and battles, or arid analysis of party dialectics".

²⁰³ "It is of the very nature of oratory that the orator should make his hearers feel he is convinced of what he is saying, and, therefore, he is for ever tempted to assume, for the sake of effect, a show of sincerity and vehement conviction, or, what is worse, to become really sincere and vehemently convinced about things of which he has no adequate knowledge. [...] If once a nation is thoroughly stupefied by oratory of this kind, she loses all sense of proportion, all sense of reality, for has she not discovered that her orators can convince themselves and her of anything at a few minutes' notice, and

É interessante notar que Yeats, que jamais poderia se considerar um *scholar*, já que suas ambições acadêmicas eram bastante limitadas,²⁰⁴ tampouco um filósofo treinado de forma clássica, escolhe esses aliados em detrimento do orador, quando está justamente usando o poder da retórica em sua tentativa de convencer os leitores do jornal. Mais do que a sinceridade, o conhecimento adequado aparece como condição para a participação no debate de questões importantes para a nação – aqui personificada na imagem tradicionalmente marcada pelo gênero feminino.

O tom da carta anterior, em que a veemência política era capaz de “endemoniar” as pessoas, tem sua intensidade mística reduzida na nova missiva, onde a nação parece “entorpecida” sob os efeitos da oratória, desconectando-se da realidade. Mesmo usando de dicção mais sóbria, ainda podemos ver traços de uma conotação supernatural, já que a magia da retórica opera sobre a nação por meio de palavras e gestos, quase um feitiço lançado para confundir a realidade.

Por fim, emerge também uma oposição entre o caminho mais “agradável” da retórica (que, assim como a poesia, insinua-se ao ouvinte/leitor por meio de símiles) e o árduo trabalho de pesquisa. Opondo o fácil e rápido ao difícil e demorado (anos, no caso do estudioso, e toda uma vida, no caso do filósofo), Yeats angaria o apoio daqueles que querem ver o povo irlandês representado como trabalhador e diligente, diferentemente do estereótipo de leniente e preguiçoso.

Próximo do encerramento da mensagem, o poeta, mais uma vez, chama a atenção para o papel da literatura na educação da nação e identifica justamente na falta dela a má vontade com que os irlandeses recebem críticas ao seu caráter nacional:

Devemos desistir da oratória? Certamente não! Mas respeitemos o orador não porque ele cria um efeito, mas porque diz uma verdade nova, esquecida ou oportuna, e, acima de tudo, lutemos contra a ideia de que o uso da oratória somente por efeito é justificável na vida pública. [...] E, sobretudo, ataquemos a raiz desses males e eduquemos o nosso povo por meio da filosofia e da literatura, pois

bring both, by the pleasant pathway of a few similes, a few vehement gestures, to that certainty which the scholar attains after years of research, and the philosopher after a lifetime of thought?”

²⁰⁴ A despeito disso, testemunha-se na correspondência sua malfadada tentativa de concorrer à prestigiosa vaga de professor universitário no Trinity College Dublin, mencionada em diversas cartas a autoridades e amigos. É sintomático de sua dificuldade com a ortografia, uma entre as várias razões que o tornaram incompatível com o cargo, a ocorrência das mais idiossincráticas grafias para *professor* e *professorship* em suas cartas: “*proffesship*” (CLInteLex #1531), “*Proffesor ship*” (CLInteLex #1219, 1707), “*Proffessorship*” (CLInteLex #1430, 1721), “*proffesor*” (CLInteLex #2077), “*proffesorial*” e novamente “*professorship*” na mesma carta a Lady Gregory (CLInteLex #2065). Tal imprevisibilidade leva até mesmo o cuidadosíssimo editor das *Collected letters* a um erro de transcrição da palavra, grafada como “*proffesrship*” em sua introdução (CL1, p. xli).

estas ensinam que há uma verdade e uma beleza que, por não serem feitas por mãos, estão acima de todos os expedientes, acima de todas as nações; e, primeiramente, como uma pequena ajuda para atingirmos essa educação, não mais brademos “Anglófilo!” sempre que um palestrante fala de nossas ameaças e fraquezas nacionais, não sejamos cegos para o que é verdadeiro em sua crítica por causa de um excesso de ênfase ocasional, um fortuito exagero de expressão.

Atenciosamente,

W B Yeats²⁰⁵
(CL1, p. 373, 4E)

Recorrendo novamente a metáforas do campo semântico das atividades bélicas,²⁰⁶ Yeats convoca o leitor a declarar guerra contra os abusos da oratória e a atacar a raiz da propensão de se aceitarem argumentos vazios como verdade: a baixa educação do “povo” em questões literárias e filosóficas. É importante ressaltar a separação entre as esferas pública e privada: para o poeta, o problema do uso da oratória é especialmente nocivo na vida pública e em pronunciamentos públicos – os quais certamente incluem o tipo de carta pública tratada nesta tese.

Antes de prosseguirmos com a discussão a respeito da educação, faz-se necessária uma explicação do termo *West-Briton*, utilizado pelo autor na carta citada. Entendido como apelação pejorativa para a caracterização daqueles irlandeses considerados demasiadamente anglófilos, especialmente por seus conterrâneos defensores da autonomia irlandesa, o termo brinca com a localização geográfica das duas ilhas, com a Irlanda a oeste da Grã-Bretanha: o sujeito *West-Briton* teria sua lealdade e identidade atreladas à ilha britânica, tornando-se pouco mais do que um “bretão do oeste”. O primeiro uso registrado na listagem etimológica do *Oxford English Dictionary* data de 1805 pelo jornal *Morning Chronicle*,²⁰⁷ mas seu uso foi consagrado na política por um discurso de 1836 de Daniel O’Connell,

²⁰⁵ “Must we give up oratory? Surely no! But let us respect the orator, not because he makes an effect, but because he tells a new, forgotten, or seasonable truth, and, above all, let us war upon the idea that the expedient is justifiable in public life. [...] And, above all, let us attack the cause of these evils, and educate our people by philosophy and literature, for these teach there is a truth and a beauty which, not being made by hands, are above all expedencies, above all nations; and first, as a small help towards this education, let us cease to clamour and call out ‘West-Briton!’ Whenever a lecturer talks of our national dangers and weaknesses, do not let us be blind to what is true in his criticism because of some passing over-emphasis, some chance exaggeration of phrase. – Yours very truly, W B Yeats”.

²⁰⁶ Embora a metáfora conceitual ligando “guerra” e “debate” não seja original, tampouco única a Yeats (ver, por exemplo, LAKOFF, 2003, especialmente capítulos 1 a 3), é interessante notar a frequência em que ela aparece na correspondência do autor no período estudado.

²⁰⁷ WEST BRITON, n. In: OXFORD ENGLISH DICTIONARY. Disponível em: <<http://www.oed.com/view/Entry/275833?redirectedFrom=west+briton&>>. Acesso em: 10 Sept. 2014.

conhecido como “o libertador” dos católicos na Irlanda, sendo responsável por avanços importantes pela Emancipação Católica e na campanha pela Revogação do Ato da União de 1800.

Já na literatura, o termo encontraria na prosa de James Joyce sua mais memorável menção: no conto final da coleção *Dublinenses* (originalmente publicado como *Dubliners* em 1914), “Os mortos”, o protagonista, Gabriel Conroy, recebe o que considera um insulto durante sua dança na festa de suas tias, peça-centro da história. A relação do insulto com um dos jornais discutidos neste trabalho justifica uma atenção ao famoso episódio, que, embora muito discutido em relação à obra de Joyce, também reflete percepções bastante difundidas acerca de um dos periódicos para onde Yeats enviava contribuições.

Miss Ivors, a parceira nacionalista de Conroy, aproveita a proximidade que a dança (outra metáfora conceitual para conversa) proporciona para interrogá-lo a respeito de certas resenhas literárias cuja assinatura aparecera com as iniciais G.C. O jornal em que elas foram publicadas é o cerne do desentendimento dos dois:

– Quem é G. C.? – respondeu Miss Ivors, olhando firme para ele.

Gabriel enrubesceu e começava a franzir a testa, como se não compreendesse, quando ela disse asperamente:

– Ah, como ele é inocente! Descobri que você escreve para o *Daily Express*. Não se envergonha?

– Por que haveria de me envergonhar? – perguntou Gabriel, piscando os olhos e tentando sorrir.

– Pois eu sinto vergonha por você – disse Miss Ivors com franqueza.

– Escrever pra um jornal como aquele. Não imaginava que você fosse anglófilo (JOYCE, 2012, p. 179).

Em sua mais recente tradução de *Dubliners* como *Dublinenses*, José Roberto O’Shea opta pela solução elegante de render a complexidade do termo *West Briton* como “anglófilo”, focando na questão da atração pela cultura e pelos valores ingleses em detrimento da questão geográfica, que poderia confundir o leitor brasileiro.

Gabriel, que não vê “nada de político no ato de escrever resenhas literárias”, é exposto a um incômodo contraste perante a franqueza de Miss Ivors. Grandemente afetado pelo que percebe (provavelmente de forma correta) como um insulto, o personagem continua refletindo acerca do termo *West-Briton* até a hora do jantar ser servido:

Gabriel procurava tirar da cabeça o incidente desagradável entre ele e Miss Ivors. É claro que a moça ou mulher, ou seja lá o que fosse, era bastante patriota, mas tudo tem sua hora. Talvez ele não devesse ter respondido daquela maneira. Mas ela não tinha o direito de chamá-lo de anglófilo em público, nem de brincadeira. Tentara ridicularizá-lo em público, fazendo-lhe perguntas embaraçosas e fitando-o com aqueles olhos de coelha (JOYCE, 2012, p. 181).

O incômodo que Gabriel sente ao ser chamado de *West-Briton* advém não só da sua identificação por uma colega de profissão, sua quase *Doppelgänger*, mas por ela tê-lo feito em público, o que ele vê como uma humilhação. Notamos também a caracterização de Miss Ivors como “patriota”, outro termo importante nas citadas cartas.

O incidente em “Os mortos” é uma representação ficcional que ajuda a iluminar, por meio dessa famosa cena da literatura irlandesa, o contexto da rejeição do termo *West-Briton* por Yeats na carta ao *United Ireland*. Podemos supor que o próprio escritor recebesse, com certa frequência, tal apelação, usada de forma certamente derogatória. Os motivos do escritor, contudo, apontam para questionamentos de impacto mais abrangente que simplesmente a autodefesa. A ideia de que qualquer crítica “às deficiências e fraquezas nacionais” do povo irlandês seria desqualificada com gritos de “*West-Briton*” não é tão absurda quanto parece à primeira vista: é quase uma instância de presciência yeatsiana e prefigura a recepção raivosa das peças de J. M. Synge dali alguns anos, quando a encenação de um adultério em *In the shadow of the glen* (de 1903) levou à indignação nacional por sugerir que uma camponesa irlandesa seria capaz de se comportar de qualquer outra forma que não absolutamente virtuosa (SYNGE, 1981). Para o expectador que buscava no teatro somente a exaltação das virtudes irlandesas, a representação da mulher mais nova e infiel configurava difamação do caráter nacional e portanto “anglofilia”, o reverso do patriotismo.

Questões de geografia aparecem não somente em denominações pejorativas como *West-Briton*, mas também na definição da localização do centro cultural irlandês, Dublin ou Londres. A disputa, à primeira vista absurda, surge a partir de artigo publicado no *Daily Telegraph* em 7 de março de 1892, em que o autor louva a criação da Sociedade Literária Irlandesa em Londres, já que a capital seria a “fonte e o centro da vida intelectual” de língua inglesa (KELLY, CL1, p. 297, n. 2). Yeats e o editor John McGrath tomam a frente da reação negativa à afirmação

publicada no periódico londrino e orquestram uma longa controvérsia nas páginas de correspondência do jornal irlandês sob a edição de McGrath, o *United Ireland*.

Além da carta de 14 de maio, que será discutida em relação ao projeto da Nova Biblioteca Irlandesa, a repercussão da controvérsia serve de contexto para a aparentemente desnecessária defesa da sociedade em carta escrita por Yeats ao jornal em 30 de julho de 1892. A história pregressa das interações sob a rubrica de “A(O) Capital Intelectual Irlandês(a): Onde está/fica?”²⁰⁸ justifica a bizarra reafirmação do escritor quanto à centralidade de Dublin para os esforços em prol da revitalização da literatura e da cultura irlandesas, objetivo maior da formação dessa e de outras organizações do período, em sua íntegra:

SENHOR – O Sr. Rolleston, salvo um deslize dos repórteres, afirmou na reunião inaugural da Sociedade Literária Irlandesa de Londres, sábado passado, que a sociedade esperava ter sucursais na “Inglaterra, Irlanda, América e nas Colônias”. Creio que esta afirmação gerou certa insatisfação entre os membros da Sociedade Literária Nacional, que desejam manter perfeitamente claro que tal sociedade é totalmente distinta da de Londres. Tenho certeza de que, dadas as circunstâncias, o Sr. Rolleston há de me perdoar por dizer que o centro de atividade literária irlandesa só pode existir na Irlanda e é necessariamente impossível para a Sociedade de Londres, assim como qualquer outra organização, propor-se a abrir “sucursais” na Irlanda. Quando, no fim do outono passado, propus a fundação da “Sociedade Literária Irlandesa de Londres”, fi-lo com o objetivo direto de federá-la à sede na Irlanda, e não foi minha culpa, nem culpa do comitê provisório, que as circunstâncias impediram-nos de realizar tal intenção. – Muito cordialmente,

W B Yeats

53 Mountjoy-square, Dublin²⁰⁹
(CL1, p. 306, 4F)

²⁰⁸ O título original, “The Irish Intellectual Capital: Where Is It?”, cobre as duas acepções da palavra “capital”: como substantivo masculino, relacionado a riquezas (no caso a metafórica riqueza intelectual) e como substantivo feminino, principal cidade e centro administrativo de uma nação.

²⁰⁹ “SIR – Mr Rolleston, unless, indeed, it be a slip of the reporters, stated at the inaugural meeting of the Irish Literary Society, London, last Saturday, that his society hoped to have branches in ‘England, Ireland, America, and the Colonies.’ I find that this statement has caused a certain amount of dissatisfaction among the members of the National Literary Society, as they wish it to be kept perfectly plain that their society is wholly distinct from the London one. I am sure that Mr Rolleston, under the circumstances, will forgive my saying that the centre of Irish literary activity can only be had in Ireland, and that whatever body may undertake the starting of ‘branches’ in Ireland, the London Society is, of necessity, incapacitated from doing so. When at the close of last autumn I proposed the foundation of the ‘Irish Literary Society, London,’ it was with the direct object of federating it with a central body in Ireland, and it was neither my fault nor the fault of the provisional committee that circumstances made the intention of no avail. – Yours very truly, W B Yeats/53 Mountjoy-square, Dublin”.

Diferentemente da maioria das cartas enviadas a periódicos, esta inclui o endereço completo do escritor logo após sua assinatura, indicando a importância de seu posicionamento geográfico.

Primeiramente, por estar em Dublin e não em Londres no momento da escrita, Yeats depende de informações de segunda mão sobre o encontro inaugural da sociedade, não estando ele mesmo presente. No entanto, esse distanciamento, em contraponto à sua insistência em sua situação privilegiada e em seu acesso direto como testemunha ocular em cartas anteriormente tratadas, cumpre importante função estratégica.

Além disso, sua ausência no encontro permite-lhe aliar-se a outros correspondentes desgostosos do comentário de Rolleston e explica por que ele não teria se oposto quando do pronunciamento em si. Ao mesmo tempo, ao alegar que teve notícias do discurso pela cobertura da mídia impressa, Yeats dá ao colaborador a oportunidade de se explicar e usar a forma como suas palavras foram reportadas como desculpa para sua má interpretação: “O Sr. Rolleston, salvo um deslize dos repórteres, afirmou...” oferece uma saída honrosa.

Por fim, Yeats tenta resguardar-se de críticas à sua situação de irlandês residente em Londres, reforçando a ideia de sua frequente presença em Dublin e na Irlanda – mais intermitente do que ele gostaria que o público soubesse, em especial após a virada do século. O escritor quer mostrar-se essencialmente radicado em sua terra natal, não só na capital, mas também pelas suas ligações com o oeste da Irlanda, comumente associado a uma cultura mais tradicional e resistente às influências britânicas, continentais ou estadunidenses – o completo oposto de versões cosmopolitas de Londres, Paris ou Nova York.

Yeats é peça central das duas sociedades em questão: a londrina Sociedade Literária Irlandesa e a dublinense/irlandesa Sociedade Literária Nacional. Em nota à afirmação categórica do escritor de que “[q]uando, no fim do outono passado, propus a fundação da ‘Sociedade Literária Irlandesa de Londres’”, John Kelly considera que “a insistência de WBY de que ele próprio fora o fundador da sociedade em Londres não seria somente vaidade”, já que outras fontes publicadas no mesmo jornal concediam a honra a Rolleston, informação que o próprio jornal corrige em errata (KELLY, *CL1*, p. 307, n. 3). De fato, a diligência de Yeats fora instrumental para a revitalização do Clube Literário Irlandês de Southwark, sediado

no distrito epônimo da capital (Southwark Irish Literary Club) e a criação da nova sociedade, também em Londres.

A sua posição na Sociedade Literária Nacional também é inegável, como pode ser vislumbrado na carta-anúncio de 2 de junho de 1892 (*CL1*, p. 299, 4B), já discutida. O estranhamento causado pela impressão de distanciamento de Yeats em relação a ambas as sociedades e pelos pronunciamentos feitos por elas dissipa-se quando considerada a discórdia que por vezes se instalava nas discussões em ambos os órgãos, já que as questões de organização e liderança não estavam ainda resolvidas. O problema da “federalização” é especialmente relevante para o escritor, que contava com a capilaridade da associação, com as diversas sociedades e ligas de menor porte, espalhadas por toda a Irlanda,²¹⁰ para a divulgação de seu projeto com maior possibilidade de alcance político dessa época, o esquema proposto para a Nova Biblioteca Irlandesa.

²¹⁰ Em nota à correspondência com John O’Leary, o editor das *CL* lista algumas das sociedades ativas na Irlanda no início dos anos 1890: Sociedade Literária de Leinster, Sociedade Literária da Liga Nacional de Rathmines, Sociedade Literária de Aran-Quay, Sociedade Literária do Clube Nacional, o Clube Noventa e a sede da Liga Nacional Irlandesa (KELLY, *CL1*, p. 285, n. 3).

CAPÍTULO 5

A revitalização da Biblioteca da Irlanda ou a Nova Biblioteca Irlandesa

A abundância de detalhes precisos, milimétricos, de locais, horas, minutos, nem sempre poderá ser interpretada como indício da busca de credibilidade pelo narrador, na relação pactuada com o leitor.

(MALATIAN, 2011, p. 205)

Em carta já brevemente mencionada em relação à formação de sociedades literárias (4F), Yeats torna público um de seus mais importantes planos para a divulgação da literatura irlandesa, atividade que ocuparia grande parte do seu tempo no ano 1892: a revitalização do projeto da Biblioteca da Irlanda (Library of Ireland) para a publicação, distribuição e discussão de livros de “interesse nacional”, que viria depois a se concretizar como a Nova Biblioteca Irlandesa (New Irish Library). De extrema relevância para o entendimento das formas como Yeats busca agir politicamente em esferas públicas, a controvérsia acerca da biblioteca merece destaque tanto no Apêndice de *CL1* (p. 500-501) quanto no primeiro volume da biografia de Roy Foster. Para além do tempo e dos esforços gastos nessa empreitada, Foster vê na derrota que Yeats amargaria uma lição que ele carregaria consigo em próximos embates públicos (*RFF1*, p. 118-121 *passim*).

O projeto que resultou na criação da Nova Biblioteca Irlandesa foi uma tentativa de ressuscitar o esquema instituído em meados do século XIX pelo grupo de poetas e ativistas conhecidos como Jovem Irlanda. A Biblioteca da Irlanda original tornou disponível uma série de 22 volumes, publicados mensalmente e com baixo custo de aquisição. O objetivo dessa série era suprir a falta de acesso a livros nos diversos condados irlandeses, em muitos dos quais não havia sequer uma livraria, de modo a incluir tanto a produção como a distribuição e a venda dos livros.

Há muito se vinha tentando reinstaurar esse projeto, mas somente com a formação das influentes sociedades literárias irlandesas em Dublin e em Londres, no final do século XIX, discutidas no capítulo anterior, essa possibilidade firmou-se de forma mais concreta. Membro ativo de sociedades literárias em ambas as capitais e escritor com diversas publicações, Yeats aparece como um dos mais importantes propositores da Nova Biblioteca, em 1892. A outra figura polarizadora era Charles

Gavan Duffy, antigo membro da Jovem Irlanda que voltara do exílio com ainda mais prestígio junto ao público.

Temos aqui outro aspecto importante do estudo das cartas: diferentemente de outros gêneros, a correspondência de um autor reflete seu pensamento no momento da escrita, e, em projetos como as *Collected letters*, tenta-se usar sempre que possível o material original mais próximo da escrita do autor, seja a missiva autografada, seja mesmo o rascunho, como já vimos. Em relação a todo o episódio da Nova Biblioteca Irlandesa, o biógrafo autorizado de Yeats reflete:

Em suas autobiografias, por conseguinte, Yeats alegaria que o conflito com Gavan Duffy fora uma batalha entre seu compromisso pessoal com a qualidade literária e o apego do antigo *Young Irelander* por banalidades nacionalistas. No entanto, essa interpretação reflete uma posição que Yeats adota após o início dos anos 1900, e não suas crenças na década anterior – quando o plano era apoderar-se da Sociedade Literária Nacional e de sua biblioteca para fins fenianos e contra as platitudes inócuas e demasiadamente abrangentes do nacionalismo centrista²¹¹ (*RFF1*, p. 124).

A análise que propomos busca justamente analisar as opiniões expressas em cartas públicas e publicadas em periódicos, especialmente no ano de maior engajamento de Yeats com o projeto, 1892.

A primeira menção ao projeto aparece, como era de se esperar, em comunicação privada do escritor. É justamente com o seu mentor em ideologia feniana, John O’Leary, que a ideia, então ainda descrita como Biblioteca da Irlanda, é discutida pela primeira vez, entre os materiais disponíveis nas *Collected letters* (*CL*). Temos também nessa carta de meados de janeiro prova dos planos de Yeats a respeito da “federação” das diferentes sociedades, posição que ele viria a defender em sua contribuição à controvérsia a respeito da(o) “capital” intelectual irlandês(a) nas páginas do *United Ireland*, como vimos no capítulo anterior, em discussão da carta de 30 de julho de 1892 (4F). Ao amigo O’Leary, Yeats relata:

Rolleston contou-lhe, pelo que ouvi, sobre nosso Clube Literário. A questão preocupa-me especialmente porque tenho planos para uma nova “Biblioteca da Irlanda”, algo que conversei com Garnett. Ele acredita que se conseguíssemos 500 assinantes para livros a dois xelins cada, publicados a mais ou menos cada dois meses, por meio da Liga da Jovem Irlanda e suas filiais – dentre elas o Clube Literário

²¹¹ “Accordingly, his *Autobiographies* would claim that the struggle against Gavan Duffy was a battle between his commitment to literary quality and the old *Young Irelander*’s wish for nationalist banalities. But this interpretation reflected his position since the early 1900s, not his beliefs a decade earlier – when his plan had been to capture the National Literary Society and its Library for the Fenian interest, against the safe, all-embracing platitudes located in the middle of the nationalist road”.

de Londres – Unwin poderia aceitar o projeto de tal biblioteca e dar-me carta branca, inclusive deixando-nos agregar uma editora irlandesa à dele. [...] Cada filial da Liga da Jovem Irlanda poderia abrigar um número de cópias, & assim publicaríamos a Biblioteca sob seus auspícios²¹² (CL1, p. 280).

Além de deixar explícito seu interesse na Sociedade Literária Irlandesa de Londres, principalmente pela possibilidade de usá-la no projeto, Yeats também revela os passos práticos que tomara para a publicação de livros da série junto a uma das editoras que publicavam suas obras na época. A menção a Edward Garnett, revisor da editora de Thomas Fisher Unwin (fundada como T. Fisher Unwin em 1882 e posteriormente amalgamada com a George Allen and Sons para formar a famosa George Allen and Unwin), também dá perspectiva à pungente correspondência entre eles após a tomada de poder de Duffy, como veremos. Por fim, a ação das ligas e sociedades locais exemplifica o tipo de infiltração que o escritor planejava.

Alguns meses se passam entre essa menção entre amigos e a carta mencionada, publicada no *United Ireland* em 14 de maio de 1892 (5A). Trata-se de uma longa carta em que figuram muitas das principais preocupações de Yeats no período, todas, de alguma forma, ligadas às suas expectativas em relação ao projeto da Biblioteca. Em termos de tom, a missiva em muito se assemelha a um ensaio, abrindo com uma suposta anedota, citações eruditas e frases de efeito. Algumas expressões viriam mesmo a ser recicladas na carta ao *Daily Express*, explorada no capítulo anterior (CL1, p. 299, 4B). A título de introdução, Yeats reconta seu encontro com um pescador:

Senhor, – Numa noite de ventania, vi um pescador cambaleando pelo píer de Howth, muito bêbado e, aos berros, dizendo a alguém que ele não era um cavalheiro porque não fora educado no Trinity College Dublin. Se fosse inglês, teria baseado sua definição de “cavalheiro” em dinheiro; se fosse não só inglês, mas também um *cockney*, na excelência do jantar que supunha que seu inimigo teria comido naquele dia. Meu pescador bêbado tinha um profundo respeito pelas questões da mente, e, mesmo assim, é altamente provável que jamais tenha lido sequer um livro na vida e que até os jornais lhe fossem quase desconhecidos. Ele não passa de um típico

²¹² “Rolleston has told you I hear about our Literary Club. I am chiefly anxious about it because I have a plan for a new ‘Library of Ireland’ which I have talked over with Garnett. He believes that if we could get 500 subscribers for books at 2/- to be published every two months or so, through the Young Ireland League & its branches – of which the Irish Literary Club London will be one – that Unwin would take up such a library giving me a free hand and letting us couple an Irish publisher with him. [...] Each Branch of the Young Ireland League might take so many copies, & we could publish the Library under its auspices”.

irlandês nesse quesito. O povo da Irlanda respeita as letras e não lê nada. Consideram nobres as palavras “poeta” e “pensador” e, mesmo assim, não compram livros. Têm orgulho de ser um povo mais criativo que o inglês e ainda assim forçam seus próprios escritores criativos a procurar audiência além-mar. Certamente, há alguma causa para tudo isso e algum remédio, se ao menos pudéssemos encontrá-lo. Não creio que sejamos uma nação de hipócritas²¹³ (CL1, p. 296, 5A).

A anedota,²¹⁴ provavelmente inventada, tem importantes funções alegóricas, com o pescador bêbado representando uma ideia abstrata de “povo”, diferente do próprio Yeats e, em grande parte, também do público leitor do *United Ireland*. A despeito desse distanciamento, o pescador é, em última instância, exatamente quem o escritor quer alcançar e integra o imaginário do que seria o cidadão irlandês “comum”. Podemos contrastar essa aparição na carta com outro pescador famoso no cânone yeatsiano e que desempenha papel similar de homem do povo, simples e sábio, mesmo em sua ignorância dos assuntos de homens letrados; tal personagem aparece em “The fisherman”:

Although I can see him still,
The freckled man who goes
To a grey place on a hill
In grey Connemara clothes
At dawn to cast his flies,
It's long since I began
To call up to the eyes
This wise and simple man.
All day I'd looked in the face
What I had hoped 'twould be
To write for my own race²¹⁵
(VP, p. 347)

²¹³ “Sir – One windy night I saw a fisherman staggering, very drunk, about Howth Pier and shouting at somebody that he was no gentleman because he had not been educated at Trinity College, Dublin. Had he been an Englishman he would have made his definition of ‘gentleman’ depend on money, and if he had been not only an Englishman, but a Cockney, on the excellence of the dinner he supposed his enemy to have eaten that day. My drunken fisherman had a profound respect for the things of the mind, and yet it is highly probable that he had never read a book in his life, and that even the newspapers were almost unknown to him. He is only too typical of Ireland. The people of Ireland respect letters and read nothing. They hold the words ‘poet’ and ‘thinker’ honourable, yet buy no books. They are proud of being a more imaginative people than the English, and yet compel their own imaginative writers to seek an audience across the sea. Surely there is some cause for all this and some remedy if we could but find it. I do not believe we are a nation of hypocrites”.

²¹⁴ Yeats viria a reutilizar a nota em sua série de “cartas” ao periódico americano *The Boston Pilot* em 6 de novembro do mesmo ano, 1892 (LNI, p. 65).

²¹⁵ Em tradução literal: “Embora ainda consiga vê-lo,/O homem sardento que parte/A um lugar cinza na colina/Em suas roupas cinzentas da Connemara/Ao alvorecer lançando seus anzóis,/Há muito desde que comecei/A projetar a imagem/Deste homem sábio e simples./O dia todo mirei a face/Daquilo que esperava ser/Escrever para minha própria raça”.

Pescadores figuram no repertório do poeta associados principalmente às áreas rurais do oeste da Irlanda: neste caso, a região de Connemara, cujas fronteiras territoriais sequer são oficialmente definidas, mas cuja importância no imaginário irlandês é inegável. A integração do pescador ao ambiente físico onde ele se encontra é reforçada pela repetição da cor cinza, que representa a contiguidade do local onde ele pesca e suas roupas. Presentes em outros escritos, pescadores, imagens de pescaria e peixes são metáforas para o artista e o fazer artístico, como exemplifica um de seus poemas mais frequentemente incluídos em antologias, “The song of wandering Aengus”. No caso de “The Fisherman”, assim como da carta enviada ao *United Ireland*, o pescador revela-se como o público ideal de Yeats, a imagem em sua mente quando ele espera poder “escrever para sua própria raça” (versos 10 e 11). Yeats reconhece, ao fim do poema, que tal figura é mais idealizada que ideal e retoma alguns dos versos iniciais com uma mudança de tom perceptível:

Maybe a twelve-month since
Suddenly I began,
In scorn of this audience,
Imagining a man,
And his sun-freckled face,
And grey Connemara cloth,
Climbing up to a place
Where stone is dark under froth,
And the down turn of his wrist
When the flies drop in the stream;
A man who does not exist,
A man who is but a dream;
[...]²¹⁶
(VP, p. 348)

Yeats admite que o homem é imaginado e “que não passa de um sonho”. O tipo de *volta* que a estrutura do poema desempenha entre a primeira e segunda estrofes pode ser vista tanto como sendo do tipo retrospectivo-prospectivo, com a mudança temporal introduzida na segunda estrofe de forma explícita – “talvez doze meses desde que...” –, quanto irônica, com a informação de que o pescador, descrito em termos tão concretos (trata-se de poema publicado em fevereiro de 1916, ou seja, no período mais moderno da poesia de Yeats), não é mais do que uma ficção que possibilita a escrita do poeta. Da mesma forma, o pescador que

²¹⁶ Em tradução literal: “Há talvez doze meses desde que/De repente, comecei,/Em desprezo deste público,/A imaginar um homem,/Seu rosto sardento de sol,/Seus trajes cinzentos da Connemara,/Escalando até o lugar/Onde a pedra fica escura sob a espuma,/E o volteio de seu pulso/Quando o anzol pousa sobre o riacho;/Um homem que não existe,/Um homem que não passa de um sonho;/[...]”.

prefacia a carta configura o público que o projeto da Nova Biblioteca da Irlanda estaria tentando alcançar.

Por meio do ventriloquismo criado pela anedota, a posição do Trinity College Dublin como o centro acadêmico da Irlanda é novamente introduzida, de forma a criar um efeito de leve crítica. O acesso à educação superior na tradicional universidade era ainda mais restrito que em instituições similares como Oxford e Cambridge, já que a efetiva exclusão de “papistas” barrava grande número de estudantes, pesquisadores e professores num país majoritariamente católico. O poeta contrasta a exclusividade da educação naquela universidade com seus planos para a democratização do conhecimento e com as formas de trazê-lo até “as portas do povo”, como veremos no excerto a seguir.

Juntamente com outros personagens “rústicos”, como trabalhadores rurais ou proprietários de pequenos negócios, esse público é ideal/idealizado por Yeats e por muitos dos escritores do Renascimento Irlandês como detentores de uma cultura pouco adulterada pela vida moderna e pelas influências estrangeiras – não só inglesa, mas norte-americana também, como podemos ler na carta:

Não seria a principal causa a grande dificuldade de trazer livros, assim como os movimentos e as “questões prementes” da vida culta às portas de um povo espalhado por aldeias e cidades pequenas, ou salpicado sobre encostas solitárias, e de fazê-lo de maneira persistente o suficiente para ganhar uma audiência em meio ao tumulto político? O povo nunca aprendeu a ir à livraria nem tem revistas e periódicos literários de excelência para lhe despertar o interesse no pensamento e na literatura; e ainda que os tivesse, não os leria. No entanto, com certeza é possível encontrar algum método de chegar até ele. O *The Nation* encontrou um método e “revigorou o ânimo da Irlanda”, algo que hoje precisamos talvez ainda mais. A Irlanda está entre a cruz e a espada – entre a influência da América e a influência da Inglaterra; qual das duas está nos desnacionalizando mais rapidamente é difícil dizer. Mesmo que ainda tenhamos de enfrentar um longo período de luta, ou que finalmente cheguemos à terra prometida, precisamos de todo o nosso fogo central, toda a nossa nacionalidade²¹⁷ (CL1, p. 296, 5A).

²¹⁷ “Is not the cause mainly the great difficulty of bringing books, and the movements and ‘burning questions’ of educated life, to the doors of a people who are scattered through small towns and villages, or sprinkled over solitary hillsides, and of doing so persistently enough to win a hearing amid the tumult of politics? The people have never learned to go to the bookshop, nor have they any brilliant literary journals and magazines to awaken their interest in thought and literature; nor would they read them if they had. Yet surely some method of reaching them can be found. The Nation found a method, and ‘brought a new soul into Ireland,’ and to-day the need is almost greater. Ireland is between the upper and the nether millstone — between the influence of America and the influence of England, and which of the two is denationalising us most rapidly it is hard to say. Whether we have

Os paralelos entre essa missiva e a publicada menos de 20 dias depois no *Daily Express* são óbvios: o uso da expressão “questões prementes”, a ideia de uma “vida culta”, o problema da circulação de livros em partes remotas do país. É possível pensar que tal repetição leve em consideração que o editor e os leitores do *United Ireland* fossem radicalmente diferentes de seus equivalentes no *Daily Express*, já que enquanto estes eram majoritariamente conservadores, se não ativamente unionistas (ou mesmo, nas palavras de Miss Ivors em “Os mortos”, anglófilos, ou *West-Britons*), aqueles eram principalmente nacionalistas e parnellitas. Em nota a respeito de John McGrath, Kelly recupera as palavras do próprio editor que caracterizam a empreitada do semanário: “O ‘United Ireland’ deve ser não apenas o jornal propagador do parnellismo, mas também um órgão literário nacional no estilo do antigo *The Nation* de Davis e Duffy”²¹⁸ (KELLY, CL1, p. 262, n. 4). Aí reside uma das grandes dificuldades de Yeats no projeto da Nova Biblioteca: sua caracterização como herdeira dos valores da “velha biblioteca”, a Biblioteca da Irlanda original, associada ao jornal *The Nation*, publicado entre 1842 e 1848 pelos membros originais da Jovem Irlanda, entre eles justamente seu futuro opositor Charles Gavan Duffy, como veremos mais à frente.

Em sua normalmente bastante atenta leitura da correspondência de Yeats, Foster acaba confundindo as duas cartas enviadas a periódicos aqui tratadas, a ao *United Ireland* (14 de maio de 1892, 5A) e a ao *Daily Express* (2 de junho de 1892, 4B), e considerando-as como uma só:

Em 2 de junho, WBY envia um manifesto ao *Daily Express*, jornal conservador de Dublin. Ele deu chance ao azar em sua seleção apressada de modelos para a Biblioteca da Irlanda: baladas de Gavan Duffy, [a antologia] “The Spirit of the Nation”, [a biografia] *O’Neill*, escrita por John Mitchel²¹⁹ (RFF1, p. 120).

Somente Duffy é mencionado naquela carta que Foster chama de “manifesto”, talvez porque, a despeito de seu passado radical, Duffy havia se tornado figura suficientemente respeitável para ser incluído como modelo no *Daily Express*. O jornal *The Nation*, a antologia composta principalmente por baladas

still to face a long period of struggle, or have come to the land of promise at last, we need all our central fire, all our nationality”.

²¹⁸ “‘United Ireland’ must be, not only the propagandist paper of Parnellism, but also a literary national organ after the style of the old *Nation* of Davis and Duffy”.

²¹⁹ “On June 2 WBY sent a manifesto to the Conservative Dublin *Daily Express*. He gave hostages to fortune in his hastily compiled model for the Library of Ireland: Gavan Duffy’s ballads, ‘The Spirit of the Nation’, John Mitchel’s *O’Neill*”.

nacionalistas publicadas no *The Nation* e republicadas no volume *The Spirit of the Nation* e a biografia da figura histórica, líder da resistência irlandesa durante a conquista dos Tudors e Conde de Tyrone, *O'Neill*, aparecem somente na carta anterior, enviada ao mais aberto a tais alusões, o *United Ireland* (5A). A existência das duas cartas também vai de encontro à caracterização da seleção como tendo sido feita às pressas, já que Yeats persiste em seu uso em duas ocasiões diferentes, mesmo que aproximadamente na mesma época.

O medo da “desnacionalização” é bem disseminado entre os pensadores do nacionalismo cultural na Irlanda no fim do século XIX e início do XX e abraçaria diversos aspectos da acepção ampla de cultura – incluindo a questão da língua no famoso discurso de Douglas Hyde, objeto de outra importante mensagem que Yeats envia a jornais. O que é notável nessa carta ao *United Ireland* é a percepção precoce da influência norte-americana juntamente à inglesa, uma interação que se tornaria mais central e vilipendiada após a segunda metade do século XX. A importância primordial de uma noção de nacionalidade em relação às produções culturais de um país, em especial no caso da literatura, certamente não é única a Yeats ou à Irlanda, mas ganha contornos importantes como forma de resistência ao que se percebia como a dominação forçada pela máquina do colonialismo britânico – um inimigo tão próximo.

Após esclarecer a questão da Sociedade Literária Irlandesa em Londres (também assunto de carta já tratada, 4B), a federalização das sociedades e a proposta do modelo da antiga Biblioteca da Irlanda para o novo esquema, o escritor introduz uma leve crítica ao modelo anterior, indicando que ele talvez estivesse mais consciente dos perigos da proposta do que considera seu biógrafo (*RFF1*). Citando os tópicos possíveis, Yeats também marca sua distância em relação à Biblioteca da Irlanda original:

Escritores eminentes já nos oferecem sua ajuda. Tenho aqui diante de mim uma lista de livros prometidos sobre assuntos que vão do fenianismo à Questão da Educação, de Oisín a Robert Emmet; com um pouco de energia e organização, seremos capazes de fazer circular pela Irlanda uma série de livros que não serão apenas um mero eco da literatura de 48, mas que radiarão o coração dos autores irlandeses do presente²²⁰ (*CL1*, p. 298, 5A).

²²⁰ “Eminent writers have offered their help. I have here before me a list of promised books on subjects ranging from Fenianism to the Education Question, from Oisín to Robert Emmet – and with a little

De forma sutil, Yeats busca esclarecer que, embora herdeiro espiritual dos esforços dos poetas do *The Nation*, o esquema que propõe é atual e adequado ao momento presente. A questão geracional ressurgirá com mais força em cartas em que ele confronta Duffy como representante de um movimento e uma realidade já obsoletos (5B, a seguir) e também em seu confronto com o professor Edward Dowden, assunto do Capítulo 7 desta tese. Sabemos também, por cartas enviadas a colaboradores como Katharine Tynan, que o poeta já tinha, nessa época, ressalvas em relação ao méritos das baladas nacionalistas do movimento da Jovem Irlanda – e também que ele os rejeitaria de forma ainda mais inequívoca com o passar dos anos.

A relação entre nacionalidade e literatura também é pensada do ponto de vista do escritor:

Autores irlandeses que se viram forçados a tornar suas canetas subservientes a uma literatura estrangeira e a inspirações estrangeiras virão com prazer à nossa ajuda e, ao fazê-lo, alcançarão um maior *status*, pois nenhum homem que deserta sua própria literatura pela do outro pode esperar os mais altos graus. O berço dos maiores escritores é balançado entre as cenas que virão a celebrar. À Irlanda não falta talento, mas seu talento é semeado no vento de todo o mundo e se volta para qualquer propósito que não o irlandês. Até que se reúna-o novamente e se aplique-o às necessidades da Irlanda, todo esse talento jamais fará algo de grandioso na literatura²²¹ (CL1, p. 298, 5A).

Novamente pensada em termos militaristas (“desertores” e hierarquia militar com a noção de “grau”, ou *rank*, no original), a relação entre o escritor e sua cultura nacional é vista como condição para seu desenvolvimento e presente em sua concepção, estabelecendo-se de forma sinérgica, já que sem bons escritores a literatura nacional também não tem como alcançar projeção. A abstração da “cultura nacional” adquire contornos mais concretos no movimento de retroalimentação de leitura/leitores e escrita/escritores:

“Aquele que saboreia um pedaço de pão”, escreveu Paracelso de Hoenheim, “prova de todas as estrelas e todos os céus”, e aquele

energy and organisation we shall be able to circulate through Ireland a series of books which will be no mere echo of the literature of '48, but radiant from the living heart of the day”.

²²¹ “Irish authors who have been compelled to make their pens the servants of a foreign literature, and foreign inspirations, will come gladly to our help, and in so doing they will themselves rise to greater status, for no man who deserts his own literature for another's can hope for the highest rank. The cradles of the greatest writers are rocked among the scenes they are to celebrate. Ireland has no lack of talent, but that talent is flung broadcast over the world, and turned to any rather than Irish purposes. Until it has been gathered together again and applied to the needs of Ireland it will never do anything great in literature”.

que estuda as lendas, a história e a vida de seus próprios compatriotas poderá lá encontrar todos os temas da arte e da música. Que se torne o trabalho das sociedades literárias ensinar, por um lado, os escritores e, por outro, os leitores, que não há nacionalidade sem literatura nem literatura sem nacionalidade²²² (CL1, p. 299, 5A).

O estudo das fontes, sejam elas mitológicas, sejam históricas, assim como a observação dos costumes do povo (mais uma vez concebido romanticamente como repositório do que seria a cultura pura e não adulterada por influências externas e pressões urbanas modernas), provê substrato para a produção da arte, como vimos acerca do uso que Yeats propõe para as fontes, no Capítulo 3. Por fim, o papel educador das sociedades literárias alcançaria os dois polos, ensinando tanto escritores quanto leitores. Tal era a ambição de Yeats em relação ao projeto e o que estava em jogo na sua contenda com Charles Gavan Duffy pelo controle do esquema da Nova Biblioteca Irlandesa, que se torna de conhecimento do público por meio das cartas aqui discutidas.

Assunto de algumas cartas a amigos enviadas no início de 1892, podemos levantar como possível efeito da discórdia uma quebra na apresentação cronológica das CL, ao nos deparamos com uma missiva enviada ao próprio Duffy mas da qual só restam três páginas numeradas, as duas últimas numeradas 10 e 11. Uma vez que as páginas remanescentes aludem a uma “reunião de inauguração” e, em seu PS, a propostas específicas para os três primeiros volumes da coleção, podemos supor com certo grau de certeza que o assunto principal era o projeto da Biblioteca da Irlanda. A observância não só dos protocolos de cordialidade, mas também de um convite para presidir a reunião de inauguração e pedidos de aprovação e sugestões, sugere que a relação entre os dois futuros antagonistas era ainda de colaboração amigável ao final de julho de 1892. Os editores do volume sugerem que o próprio Duffy tenha sido responsável pela destruição do cerne da carta, o que nos parece bastante provável, dadas suas alegações posteriores de que fora ele o idealizador principal do projeto, ao qual Yeats teria se juntado apenas posteriormente. É possível inclusive especular sobre o conteúdo específico de uma das partes excluídas, como veremos.

²²² “‘He who tastes a crust of bread,’ wrote Parocelsus at Hoenheim, ‘tastes all the stars and all the heavens,’ and he who studies the legends, and history, and life of his own countryside may find there all the themes of art and song. Let it be the work of the literary societies to teach to the writers on the one hand, and to the readers on the other, that there is no nationality without literature, no literature without nationality”.

É no *Freeman's Journal* (o mais antigo jornal nacionalista irlandês, fundado em 1763) que a controvérsia ganha sua face pública, com a publicação de cartas de Yeats e de um de seus maiores detratores, J. F. Taylor, configurando uma situação de réplica e tréplica que se desenrola em pouco mais de uma semana e que envolveria outros participantes. A essa controvérsia pública segue um grupo de mais duas cartas publicadas no *United Ireland*, constituindo um epílogo à controvérsia. Analisaremos pois esse conjunto de cinco cartas abertas escritas por Yeats do final de 1892 até 1894, com referência também às cartas a que elas se opõem.

A primeira delas, escrita em 6 de setembro de 1892, expõe, de forma ainda comparativamente neutra, o campo ideológico em que a questão da publicação se dividia:

A pergunta agora não é mais se [o projeto para uma editora nacional irlandesa] conseguirá começar a publicar, mas sim se publicará livros certos sobre os assuntos certos – e se o fizer, se será capaz de colocá-los nas mãos de um número suficiente de leitores irlandeses. Seu sucesso ou seu fracasso dependerão, em grande parte, da capacidade da empreitada de se manter em contato com os jovens da Irlanda a quem deseja influenciar, com aqueles que os representam e com as várias organizações já formadas ou em processo de formação por todo o país²²³ (CL1, p. 310, 5B).

Juntamente com a necessidade de distribuição adequada e de descentralização (e, portanto, desurbanização) do acesso à literatura, Yeats ressalta a importância de se publicarem “os livros certos sobre os assuntos certos”, revelando seu interesse em estabelecer um cânone literário nacional, ao qual ele se dedicaria pouco depois dessa controvérsia e por muitos anos ainda.²²⁴ Para além da duvidosa definição do que seria “certo”, o jovem poeta ressalta a questão da representatividade, que se tornaria possível inclusive pela formação do tipo de sociedade literária analisada no capítulo anterior. No entanto, o foco rapidamente

²²³ “The question is now, not will it be able to publish at all, but will it publish the right books on the right subjects, and if it does so, will it be able to put them into the hands of a sufficient number of Irish readers? Whether it does or does not succeed in doing these things must largely depend on whether or no it keeps itself in touch with the young men of Ireland whom it wishes to influence, with those who represent them, and with the various organisations which they have formed or are forming through the country”.

²²⁴ Esse impulso classificatório não ficaria limitado à literatura irlandesa: em 1936 Yeats organizaria a edição do *Oxford book of modern verse*, antologia da poesia produzida entre 1892 e 1935 e cuja seleção é objeto de controvérsia até hoje, em especial pela exclusão dos poetas da Primeira Guerra Mundial, cujo centenário foi lembrado com grande agitação na Universidade de Oxford, onde muitos deles estudaram.

fecha na questão geracional: os “jovens” a quem o esforço pela divulgação da literatura deve alcançar.

O argumento de Yeats baseia-se em uma concepção de conjuntura e na dificuldade que Duffy teria, apesar de sua importância histórica, em compreender a Irlanda atual:

Seria fácil para homens de importância e de conhecimento literário publicar uma excelente série de livros mas que seria, ainda assim, inadequada para a Irlanda de hoje. Cabe aos acionistas desse empreendimento evitar que isso aconteça. A nenhum homem, por mais profundo que seja o seu conhecimento da Irlanda de quarenta anos atrás, por mais eminente que seja o seu nome, deve ser dado todo o poder. A Irlanda é uma nação complexa, com muitas necessidades e muitos interesses, e nenhum homem, sobretudo nenhum homem que tenha ficado muito tempo fora da Irlanda, tem condições de amparar, em suas próprias mãos, todas essas necessidades e interesses. Sir Charles Gavan Duffy pediu para ser o editor-chefe da nova “biblioteca da Irlanda” proposta, a fim de que possamos garantir que os livros permaneçam livres de qualquer teor sectário ou seccional. No entanto, a devoção a um grande nome e a uma grande carreira não deve induzir os acionistas a sujeitarem a um homem de idade, segundo ele próprio, um tanto cansado deste mundo e de suas preocupações, tal carga de responsabilidade e poder, superior àquela que ele, em benefício da empresa, sentiu-se compelido a pedir²²⁵ (CL1, p. 310, 5B).

O plano de constituir uma companhia editorial para a publicação dos livros da biblioteca não se concretizou, mas são justamente os potenciais investidores que o escritor invoca nessa primeira carta ao *Freeman's Journal*. Certamente consciente dos perigos de atacar uma figura de tão grande estima, Yeats evita questionar a habilidade de Duffy para selecionar livros: ele havia, afinal, sido extremamente bem-sucedido com o projeto da Biblioteca da Irlanda original. Yeats introduz o choque de gerações representadas por ele próprio e Duffy, que além de “velho e cansado” (termos que Duffy mesmo havia usado em discurso e dos quais Yeats se apropria) estaria ainda mais desconectado dos interesses atuais do povo irlandês, já que

²²⁵ “It would be easy for men of position and of literary knowledge to publish an excellent series of books which would be quite unfitted for the Ireland of to-day, and it should be the business of the shareholders of this company to guard against this danger. No one man, however profound his knowledge of the Ireland of forty years ago, however eminent be his name, should have all the power thrust upon him. Ireland is a complex nation and has many needs and many interests, and no man, above all no man who has lived long out of Ireland, can hold the threads of all these needs and interests within his hands. Sir Charles Gavan Duffy has asked to be made editor-in-chief of the proposed new ‘library of Ireland,’ that we may guarantee the freedom of the books from any sectarian or sectional colour, but zeal for a great name and a great career should not induce the shareholders to press upon an old man, somewhat weary, as he has told us, of this world and its cares, a greater burden of responsibility and power than he has felt compelled in the interest of the company to ask for”.

vivera em exílio na Austrália por muitos anos desde sua atuação no grupo da Young Ireland.

Da mesma forma como o jovem escritor apropria-se de palavras proferidas por seu opositor em reunião da Sociedade Literária Nacional e reportadas pelo *United Irishman* em 6 de agosto (KELLY, CL1, p. 311, n. 2), ele cita partes de uma entrevista concedida ao *Dublin Evening Telegraph* para demonstrar como Duffy estaria aberto à ideia de um comitê para a seleção de livros:

Sir Gavan Duffy expressou sua vontade de trabalhar juntamente a uma comissão editorial sediada em Dublin; tal comitê deve ser constituído o quanto antes, a fim de que os escritores sejam escolhidos e comecem a trabalhar, pois bons livros não são escritos da noite para o dia. As orientações devem permanecer majoritariamente a cargo da comissão, em melhores condições de conhecer sua própria geração e do que tal geração precisa e é capaz de fazer²²⁶ (CL1, p. 311, 5B).

A repetição da palavra “geração” busca martelar a ideia da marcada diferença entre os dois opositores e sua capacidade de representar e reconhecer os contornos da sociedade irlandesa contemporânea. Diversos autores têm explorado a questão do choque de gerações no contexto dos movimentos revolucionários da Irlanda no início do século XX, e o recente livro do prolífico autor da biografia autorizada de Yeats trata justamente desse tema (FOSTER, 2014).

Com o intuito de desacreditar ainda mais seu opositor, o jovem Yeats encontra uma maneira de aludir a John Mitchel, também ele parte da Jovem Irlanda mas com quem Duffy havia brigado:

É provável que apenas uma pequena proporção dos livros publicados por tal “biblioteca” nos seja oferecida espontaneamente, pelo menos durante os primeiros meses. Será preciso procurar escritores e colocá-los a escrever sobre os assuntos para os quais estão mais preparados. O próprio Sir Gavan Duffy descobriu John Mitchel desta forma e o pôs para escrever a vida de Hugh O'Neill. De fato, pode ser que haja, neste exato momento, homens tão desconhecidos quanto era Mitchel até ser descoberto pelo editor do *The Nation*, capazes de produzir histórias e biografias igualmente pitorescas e comoventes²²⁷ (CL1, p. 311, 5B).

²²⁶ “Sir Gavan Duffy has expressed his willingness to work with an editorial committee situated in Dublin, and this committee should be constituted as soon as possible, that the writers may be chosen and set to work, for good books cannot be written in a day. The instructions should mainly rest with this committee, for it should know best its generation and what that generation needs and is capable of”.

²²⁷ “It is probable that only a small proportion of the books published in such a ‘library’ will be spontaneously offered, at least during the first few months. Writers will have to be sought out and

Tal manobra retórica pretende trazer à memória uma controvérsia anterior, na qual Duffy havia se envolvido e mostrado seus interesses centralizadores contra uma figura de grande apreço do público leitor irlandês. Essa não seria a primeira vez que o jovem escritor usaria a figura do falecido Mitchel, por quem o público leitor teria ainda mais afeição, contra Duffy.²²⁸

Nesse primeiro momento, no entanto, a tentativa de detração do opositor ainda é realizada de forma leve e polida. De modo a convencer o leitor da pertinência de sua inclusão no comitê de seleção de obras, o poeta apresenta suas próprias credenciais:

Minha experiência considerável com a organização de livros baratos – já produzi cinco, alguns dos quais tiveram milhares de exemplares vendidos – e com os editores e escritores de tais livros, bem como os métodos utilizados em várias “bibliotecas” e “séries” nas quais os volumes aparecem, convenceu-me da certeza do fracasso dessa empreitada caso os acionistas persuadissem Sir Charles Gavan Duffy, obrigado a residir fora da Irlanda, a se tornar o único editor²²⁹ (CL1, p. 311, 5B).

Exagerando um pouco sua experiência como editor de livros populares (somente quatro haviam sido publicados), Yeats também revela desenvoltura no meio literário anglófono e os contatos que viera cultivando desde sua mais recente mudança para Londres, em 1887. Além dos contatos editoriais, o escritor faz questão de demonstrar que transita e tem apoio de diversas outras figuras pertencentes a várias posições no espectro político irlandês, respeitosamente enumerados: “Sr. Richard Ashe King, Dr. Douglas Hyde, Dr. Sigerson, Sr. Robert Donovan, Conde Plunkett, Sr. Magrath, Sr. George Coffey [...] e o Sr. John O’Leary” (CL1, p. 312, 5B). Se um dos argumentos a favor de Duffy seria seu não partidatismo, Yeats ressalta que isso seria ainda mais facilmente alcançável com a formação de uma junta de editores responsáveis por decisões tomadas conjuntamente.

started writing on the subjects they are most fitted for. Sir Gavan Duffy himself found out John Mitchel in this way, and set him to write the life of Hugh O’Neill, and at this moment there may be men as obscure as Mitchel was when the editor of *The Nation* chanced upon him, who could do as picturesque and moving histories and biographies”.

²²⁸ Ver, por exemplo, a carta de 14 de maio de 1892 enviada ao *United Ireland* (5A), já tratada, e a enviada em 1º de setembro de 1894 ao mesmo jornal (5F), discutida a seguir.

²²⁹ “A somewhat considerable experience of the editing of cheap books – I have edited five, some of which were sold in thousands – and of the editors and writers of such books and of the methods used by the editors of the various ‘libraries’ and ‘series’ they appear in, has convinced me that it would mean certain failure were the shareholders to persuade Sir Charles Gavan Duffy, living as he is forced to do out of Ireland, to become sole editor”.

A carta conclui com um resumo do modelo proposto pelo jovem escritor para garantir que seus objetivos principais fossem alcançados, descritos, novamente, em termos um pouco vagos para evitar ofensa:

Uma “biblioteca” editada de tal forma seria verdadeiramente nacional e mereceria a confiança de todas as seções e partes da raça irlandesa. Temos agora uma grande oportunidade e devemos prosseguir com cautela, pois ela pode não ocorrer novamente. Se agora fracassarmos na tentativa de interessar o povo da Irlanda por assuntos intelectuais, dando-lhes os tipos de livro que desejam, se fracassarmos em angariar a simpatia dos jovens que construirão a Irlanda de amanhã, poderemos retroceder em muitos anos o desenvolvimento intelectual deste país²³⁰ (CL1, p. 312, 5B).

Os problemas levantados pela adoção de uma posição essencialista do que seriam as características constituintes da “alma” do irlandês, ou, ainda mais equivocadamente, do “celta”, podem ser vislumbrados na construção desconfortável de “todas as seções e parte da raça irlandesa”, sendo que *parties* é, em inglês, não somente “partes” (como em “partes interessadas” ou “partes de um acordo”, como traduzimos) mas também “partícipes” e, mais importante, “partidos”. O uso de *parties* mistura noções de sectarismo, representação política ou a noção mais legalista de “partes” e o conceito de raça irlandesa.²³¹ Também ficam óbvias no fechamento da carta a importância da ocasião e a premência do desenvolvimento de tais políticas, como se existisse uma janela de oportunidade para a ação que, uma vez fechada, não se abriria novamente tão cedo.

A afirmativa de que era necessário prover ao povo “os tipos de livro que desejam” disfarça a crença de Yeats de que o povo teria na verdade menos condições de saber do que de fato precisa e na necessidade da tomada de decisões de “cima para baixo”, em um modelo de vanguarda ou elite intelectual. É possível que nesse momento, antes da virada do século, o elitismo do jovem escritor ainda não estivesse totalmente sedimentado, o que aconteceria de forma mais significativa ao longo de sua carreira a partir das decepções causadas pelo descompasso entre seu público real, o povo irlandês em toda a sua heterogeneidade, e seu público ideal

²³⁰ “A ‘library’ so edited would be truly national, and would command the confidence of all sections and parties of the Irish race. We have now a great opportunity, and we must tread warily, for it may not occur again. If we fail now to interest the people of Ireland in intellectual matters by giving them books of the kind they seek for, if we fail to enlist the sympathy of the young men who will have the building up of the Ireland of to-morrow, we may throw back the intellectual development of this country for years”.

²³¹ Yeats veria com muito desgosto a forte influência das ideias de Matthew Arnold sobre a “alma celta” em seu próprio pensamento, mas tal influência é inegável (CORR, 1998).

e idealizado. Como vimos, a disputa pelo controle da Nova Biblioteca Irlandesa foi justamente uma dessas decepções formativas do caráter e dos ideais estéticos de Yeats. Mas é necessário acompanhar seu desenvolvimento, em especial pelo que transparece em sua correspondência pública.

O tom comedido da primeira carta enviada ao *Freeman's Journal* muda em mensagem enviada no dia seguinte, escrita em resposta a um editorial publicado na edição de 6 de setembro, no qual o jornal endossa e publica carta de J. F. Taylor. Embates entre Yeats e Taylor eram frequentes no final do século. Membro do Clube Contemporâneo (Contemporary Club) de C. H. Oldham (figura que também capitaneava a *Dublin University Review* e era responsável pela publicação dos primeiros escritos de Yeats), o advogado J. F. Taylor entrou em atrito com o poeta também em função de sua admiração por Maud Gonne. Os ataques a Yeats tomavam forma em resenhas sarcásticas de seus livros (a mais antiga dá-se quando da publicação de *The wanderings of Oisín* em crítica publicada no próprio *Freeman's Journal*) e em discussões acaloradas durante reuniões das sociedades literárias que ambos frequentavam. Embora não citado nominalmente, Taylor também aparece como alvo das críticas aos “escolásticos” do Trinity College Dublin de que trata o Capítulo 7. Na ocasião da escrita do citado ensaio “J. M. Synge and the Ireland of his time” (1910), o antigo adversário, então morto há oito anos, já aparece sob uma luz um pouco menos cruel:

Muito admirava-me J. F. Taylor, o orador, embora estivéssemos sempre discutindo [...]. Nunca tinha a oportunidade de ouvi-lo discursar exceto em sociedades de literatura ou política irlandesa, mas de toda forma, mesmo em conversas informais, deparei-me com alguém cuja vida era como um devaneio contínuo por toda a história religiosa e política da Irlanda. Parecia defender o caso de seu país perante um júri invisível, talvez composto pelos Mortos Gloriosos, contra traidores domésticos e inimigos internacionais, sua voz frenética e a elevação moral de seus pensamentos dando-lhe, ainda que temporariamente, estilo e musicalidade próprios²³² (CW4, p. 228).

A discussão entre os dois, veiculada nas páginas do *Freeman's Journal*, marca o pior momento de estranhamento entre os dois irlandeses. Na ocasião de

²³² “I admired, though we were always quarrelling, J. F. [H] Taylor, the orator, who died just before the first controversy over these plays. It often seemed to me that when he spoke Ireland herself had spoken; [...] I have never heard him speak except in some Irish literary or political society, but there at any rate, as in conversation, I found a man whose life was a ceaseless reverie over the religious and political history of Ireland. He saw himself pleading for his country before an invisible jury, perhaps of the great dead, against traitors at home and enemies abroad, and a sort of frenzy in his voice and the moral elevation of his thoughts gave him for the moment style and music”.

sua carta, Taylor desmente Yeats e afirma que Duffy não teria interesse na criação do comitê proposto por ele, criticando, jocosamente, o poeta e seu círculo, a quem ele acusa de “amiguismo” e de tomar posições em busca dos próprios interesses.

É possível identificar dois desígnios na curta missiva com que Yeats responde a essas acusações: primeiramente, ele contradiz, de forma considerada e factual, a afirmativa de Taylor a respeito de Duffy para, então, declinar o embate direto com o rival, que partira para o ataque pessoal:

PREZADO SENHOR – Descobri através do *Freeman* desta manhã que o senhor aconselha “que os acionistas da proposta Companhia Editorial Irlandesa não aceitem a proposta do Sr. Yeats de se formar uma comissão para assistir Sir Charles Gavan Duffy em sua tarefa de editor”. O senhor deve ter se esquecido de pelo menos um acionista muito distinto – refiro-me ao próprio Sir Charles Gavan Duffy –, que explicou a um representante do *Evening Telegraph*, há umas semanas, que aceitaria com prazer tal assistência. Tampouco expressou ele qualquer temor de que “a nova empresa venha a ser utilizada como uma máquina propagandista de ideias e princípios sectaristas”. Gavan Duffy evidentemente considerou que sua posição de “editor-chefe” seria ampla garantia da natureza inofensiva dos livros. O restante do seu artigo lida com opinião em vez de fatos, e não lhe dedicarei nenhum comentário exceto que a discussão aberta da questão deve, necessariamente, buscar o melhor e ajudar a prevalecer a opinião mais correta. Lamento ver o tom da carta do Sr. Taylor, para quem a discussão é menos bem-vinda do que é para mim; e lamento sinceramente, pelo bem da sua própria reputação, que ele tenha se sentido impelido a escrever tal carta – carta esta que não pede outra resposta além de que entrei em contato com vários acionistas que me garantem que Taylor não fala por eles. Tentei, em vão, compreender a relevância de seu extraordinário último parágrafo para a presente questão, ou por que ele traz tais assuntos para uma discussão que eu, pelo menos, tenho levado com cortesia e bom humor. – Atenciosamente,

W B Yeats²³³

²³³ “DEAR SIR – I find by this morning’s *Freeman* that you consider ‘hat the shareholders of the proposed Irish Publishing Company do not take to Mr. Yeats’s proposal of a committee to assist Sir Charles Gavan Duffy in his task as editor.’ You forget, at any rate, one very distinguished shareholder – I refer to Sir Charles Gavan Duffy himself – who explained to a representative of the *Evening Telegraph* some few weeks ago that he would gladly accept such assistance, nor did he express any alarm less ‘the new company should be used as a propagandist machine for sectional ideas and principles.’ He evidently considered that his position as ‘editor-in-chief’ would be ample guarantee of the innocuous nature of the books. The rest of your leader deals with matters of opinion rather than matters of fact, and needs no comment from me, except that free discussion of the question must of necessity do good and help the right opinion to prevail. I am sorry to see by the tone of Mr. Taylors letter that the discussion is less welcome to him than to me, and I very genuinely regret, for the sake of his own reputation, that he should have felt impelled to write such a letter – a letter which certainly calls for no further answer than that I have met several shareholders who assure me that he had no mandate from them. I have tried in vain to understand what bearing his extraordinary last paragraph has upon the question at issue, or why he has dragged such matters into a discussion which I, at any rate, have carried on with courtesy and good temper. – Yours sincerely,/W B Yeats”.

Como estratégia retórica, Yeats usa novamente de palavras do próprio Duffy, que declarara na referida entrevista ao *Evening Telegraph*, concedida algumas semanas antes, que não se oporia à existência de um comitê – omitindo a ressalva de que tal grupo de assessores deveria ser eleito ou indicado por acionistas da companhia que se estabeleceria para esse fim.

Quanto às outras acusações, o poeta adota a atitude de parte ofendida, recusando-se a discutir “opiniões” que não são “fatos” e sugerindo calúnia. De personalidade frequentemente combativa e belicosa, como vimos nos ataques a Duffy, a postura de Yeats aparece aqui como uma performance do tipo de equilíbrio e bom senso que ele pretende imprimir junto aos leitores e seus possíveis apoiadores. A acusação de “amiguismo”, por exemplo, encontra ampla fundamentação nas práticas do poeta e seus colaboradores, portanto o sucesso de tal performance junto àqueles que o conheciam ainda que superficialmente é duvidoso. No entanto, no contexto das páginas de correspondência do *Freeman's Journal*, jornal de imensa circulação, tal atitude poderia ser interpretada pelo público geral como marca de cavalheirismo.

Chama a atenção a desqualificação do “tom da carta” escrita por Taylor. Conceito algo escorregadio, o tom de uma carta é por vezes aquilo que mais a caracteriza e desempenha por si só certas funções performativas. Mais do que informar e fomentar discussão, o propósito da mensagem de Taylor seria, para Yeats, ridicularizá-lo como adversário e possível proponente de ideias minimamente válidas. Para além da referência ao “tom”, Yeats não busca caracterizá-lo, mas, ao especificar o seu posicionamento como guiado por “cortesia e bom senso”, sugere que Taylor havia se comportado de forma oposta.

A essa curta missiva de Yeats seguiu-se outro ataque de Taylor, publicado no dia seguinte, em que argumenta que as posições defendidas pelo poeta refletiam somente os seus interesses, a despeito de o escritor dizer representar todo um grupo. Citando conversas e reuniões privadas como fonte, Taylor expõe que as ideias de Yeats já haviam sido refutadas antes mesmo do anúncio público da editoração de Duffy, sugerindo que seu apelo tardio ao público seria uma medida desesperada. A denúncia de Taylor abre um panorama interessante para o estudo dessa sequência de cartas, já que coloca o recurso a

elas como um “plano B”, o último recurso de alguém que perdera uma batalha mais privada, transcorrida a portas fechadas.

A tréplica, também curta, do poeta irlandês, publicada dois dias depois, em 9 de setembro, levanta uma questão extremamente importante para os estudos da epistolografia, ao tocar na questão do segredo, do que é público e do que é privado:

PREZADO SENHOR – Encontro-me cercado por duas dificuldades ao tentar responder ao Sr. Taylor. Não desejo rebaixar-me ao tipo de golpe que ele considerou compatível com sua dignidade nem posso entrar em uma discussão do que se passou em reuniões do comitê e conferências privadas, como ele fez. Para fazer ruir o castelo de personalidades e insinuações que ele construiu, basta-me apenas dizer que não tomei uma medida sequer acerca da Companhia Editorial sem consultar meus amigos e companheiros de trabalho e, ainda, que todo o meu esforço foi dirigido para se chegar a um acordo entre aqueles que se opõem completamente à predominância de Sir Charles Gavan Duffy e aqueles que desejam que tal predominância seja absoluta. Mas agora basta desse Sr. Taylor. Não vou mais lhe responder.

O senhor pede, na edição de quinta-feira, que eu e meus amigos garantamos não estarmos tentando tornar a empresa um porta-voz do grupo. É com muito prazer que lhe dou essa garantia e é com satisfação que acrescento que a questão foi resolvida da maneira como sugeri, com o consentimento de Sir Charles Gavan Duffy em trabalhar com uma comissão que irá consultá-lo e lhe oferecer conselhos, sem de forma alguma passar por cima de suas decisões.
– Atenciosamente,

W B Yeats²³⁴
(CL1, p. 313, 5D)

Novamente dividida em duas partes, a tréplica primeiro reitera a dificuldade de se engajar em discussão com Taylor, dado o tom por ele adotado, caracterizado por meio de complexa sintaxe como “baixo” e “indigno”. É dada ênfase para a divisão entre o público e o privado por meio da alusão a “encontros de

²³⁴ “DEAR SIR – I am beset by two difficulties in answering Mr. Taylor. I can neither descend to the weapons which he has thought it compatible with his dignity to make use of, nor can I enter like him into the discussion of what was said and done at committee meetings and private conferences. In order to make the fabric of personalities and insinuations which he has built up crumble, it is only necessary for me to say that I have taken no single step in this matter of the company except after consultation with my friends and fellow-workers, and that my whole endeavour has been to arrange a compromise between those who object altogether to the predominance of Sir Charles Gavan Duffy and those who wish to make that predominance absolute. But now enough of Mr. Taylor. I will answer him no more./You ask in your Thursday’s issue for an assurance that I and my friends are not seeking to make the company the mouthpiece of party. I give that assurance most heartily, and I am glad to add that the question I raised had been solved in the way I suggested, Sir Charles Gavan Duffy having consented to act with a committee which will consult with him and offer advice without in any way overriding his decisions. – Yours sincerely, W B Yeats”.

comitês” e “conferências privadas”. Mais uma vez tentando mostrar-se como partícipe razoável de uma discussão cordial, Yeats encerra a discussão recusando engajar-se em disputa com Taylor – não sem antes fabricar sua representação como intermediador entre os apoiadores de Duffy e um grupo que provavelmente sequer existia, mas que segundo ele gostaria de ver o velho membro da Jovem Irlanda destituído, ocupando um meio-termo ao qual ele certamente não pertencia.

A despeito da condenação da exposição do privado, ao final da carta é feita referência ao consentimento recente de Duffy à questão do comitê, sem citação de fonte. No entanto, podemos averiguar que na mesma edição do *Freeman's Journal* foi publicada, imediatamente depois da carta de Yeats, outra missiva de seu mentor, o icônico nacionalista feniano John O'Leary, em que ele cita fatos de correspondência privada com o intermediador de Duffy, T. W. Rolleston, que reage ele próprio publicando, alguns dias depois, no mesmo jornal, esclarecimentos quanto às declarações de O'Leary. Identificando-se como o remetente da mensagem citada sem identificação por O'Leary no jornal, Rolleston esclarece que sua carta, que “certamente não fora escrita para publicação”, fora ainda transcrita de forma incorreta ou incompleta, se não lhe falha a memória. Rolleston, membro de uma geração mais jovem e que se considerava herdeira da luta de fenianos como O'Leary, é bastante cuidadoso em seu repúdio às declarações do mestre, atribuindo o acontecido a um mal-entendido.

Assim encerra-se a controvérsia em cartas abertas no *Freeman's Journal*. Yeats tentaria ainda intervir junto a seu editor em cartas privadas quando descobre ter sido suplantado como intermediador de Duffy junto a ele. É nesse contexto que a possível destruição das páginas enviadas a Duffy, como descrito no início deste capítulo, pode ser explicada: nelas ficaria provada a precedência de Yeats no começo das negociações junto aos editores da Fisher Unwin e datada a sua apresentação a Duffy.

Em carta enviada a Edward Garnett, responsável pela leitura de manuscritos publicados pela editora de Unwin e com quem o escritor já estava, no ano 1892, acostumado a lidar, é possível perceber uma diferença não só de tom, mas também de técnica. Escrita por volta do dia 9 de novembro, na casa de seu tio na cidade de Sligo, oeste da Irlanda, a carta expõe:

Meu caro Garnett

Ouvi dizer que Rolleston & Duffy vêm tentando negociar com Unwin uma série de livros nacionais. Certa dificuldade surgiu há algum tempo entre Duffy & os demais membros de importância no comitê da Sociedade Literária Nacional em Dublin – que agora consideram que Duffy os tratou injustamente. Em todo caso, é bastante injusto que ele – caso os rumores sejam de fato verdadeiros – esteja tentando retomar negociações que, você há de se lembrar, eu mesmo comecei durante a última primavera, sem me consultar – considerando-se que Duffy só soube de tais negociações e da opinião de Unwin acerca da questão dos livros irlandeses por mim. Conte-ihe por carta todo o projeto quando comecei meu trabalho na Irlanda. O mesmo é válido para Rolleston. Seria possível relatar-me o que de fato se passa?²³⁵ (CL1, p. 239).

Yeats reprisa a estratégia de despersonalização da disputa, esclarecendo que o desentendimento ocorrera entre Rolleston e Duffy com a cúpula da Sociedade Literária – o que não era o caso, já que Yeats falhara em convencer a maioria a impor o comitê de seleção para limitar o poder de decisão de Duffy. A questão temporal torna-se novamente importante, e a existência da correspondência, tanto entre Yeats e Unwin via Garnett quanto entre Yeats e Duffy, comprova e serve de fonte documental de sua precedência e atuação na viabilização da produção dos livros. Vale lembrar que enquanto a carta aos editores subsiste para consulta, a referida carta a Duffy muito provavelmente constitui a missiva parcialmente destruída, como já discutimos.

Ao se dar conta da derrota nessa questão, Yeats viria a publicar outras duas cartas abertas em jornais, com dois objetivos diferentes. A primeira, publicada ainda no mês de setembro de 1892, encaminha comunicação interna da Sociedade Literária Nacional, mais uma vez borrando as fronteiras entre o público e o privado, além da questão do gênero epistolar, por meio da inclusão de um material extrâneo:

SENHOR, – Queira, por gentileza, publicar a circular anexa que estou divulgando acerca do Esquema das Bibliotecas da Sociedade Literária. – Atenciosamente,

W B Yeats

“Prezado Senhor,

²³⁵ “My dear Garnett I hear that Rolleston & Duffy have been trying to negotiate with Unwin for a series of national books. A difficulty arose some time ago between Duffy & all the most important members of the committee of the national literary society Dublin who consider themselves unfairly treated by Duffy. In any case it is rather unfair of him – if the rumour be true – to try to continue negotiations which you will remember I began last spring, without consulting me, as he only heard of these negotiations and of Unwins views on the subject of Irish books from me. I wrote him a letter upon the whole matter when I began my work in Ireland. The same holds good for Rolleston. Can you let me know what has really occurred”.

Nas cidades pequenas da Irlanda existem poucas livrarias e poucos livros. Existe uma sociedade literária aqui e outra ali, algumas das quais já disponibilizam salas de leitura onde, na maioria dos casos, não há nada para ler exceto jornais; e, nas poucas onde há livros, cada um já foi lido três ou quatro vezes. A Sociedade Literária Nacional pretende remediar tal situação e disponibilizar pequenas bibliotecas de empréstimo nos locais onde já existem salas de leitura ou onde quer que haja um comitê local disposto a abrir uma. A quantidade de séries baratas de livros do tipo padrão tornou possível comprar, por quatro ou cinco libras, coleções capazes de representar razoavelmente bem as literaturas irlandesa e geral. A sociedade propõe organizar conferências relacionadas ao esquema e enviar palestrantes, em intervalos programados, para as sociedades locais que concordem com tal operação. Pretendemos iniciar o programa de imediato, e uma quantia suficiente de fundos foi angariado para tal. No entanto, para que o trabalho seja realizado em escala maior, muito mais dinheiro será necessário. Pequenas doações, em livros ou espécie, podem ser enviadas para o Tesoureiro Honorário da Comissão da Biblioteca, Conde Plunket, na Rua Upper Fitzwilliam, 25, Dublin; ou para mim mesmo, na Rua Russell, 2, Dublin. – Atenciosamente,

W B YEATS, Secretário Honorário²³⁶
(CL1, p. 317, 5E)

A circular, também na forma epistolar, é citada *ipsis litteris*, criando uma estrutura de carta-dentro-da-carta, cujo efeito pretendido é reforçar as credenciais do poeta dentro do projeto como secretário de honra de um recém-criado subcomitê da Sociedade Literária, patente em sua segunda assinatura: quem assina a carta ao jornal é Yeats, “pessoa física”, mas quem assina a circular é o secretário do subcomitê. Incluir toda a carta significa trazer à tona seu título e seu papel dentro da instituição, legitimizando a sua assinatura e seu poder de representar por meio dela.

Grande parte dos argumentos da circular, como a escassez de livrarias e livros, já havia sido apresentada em outras situações. No entanto, interessa-nos

²³⁶ “SIR – Would you kindly publish the enclosed circular, which I am issuing in connection with the Libraries Scheme of the Literary Society. – Yours truly,/W B Yeats.

‘DEAR SIR – In the small towns of Ireland are few bookshops and few books. Here and there are literary societies, some of which have started reading-rooms where in most cases there is nothing to read except the newspapers, and in the few cases where there is every book has been read three or four times over. The National Literary Society hopes to remedy all this and set up small lending libraries wherever a reading-room already exists, or wherever a local committee is willing to start one. The number of cheap series of standard books have made it possible to buy for four or five pounds a fairly representative collection of books of both Irish and general literature. The society proposes to organise lectures in connection with the scheme and to send lecturers at stated intervals to every local society which is ready to work with it in the way described and to begin at once to carry out its programme. A sufficient amount of money has been subscribed to enable it to make a beginning; but much more is needed if the work is to be carried out on any considerable scale. Small donations, either in books or money, can be sent to the Hon Treasurer of the Library Committee, Count Plunket, 25 Upper Fitzwilliam-street, Dublin; or to myself, at 2 Russell-street, Dublin. – I remain, yours sincerely,/W B YEATS, Hon Sec.’”.

ressaltar o comentário acerca da existência de “salas de leitura” em que não haveria nada para ler além de jornais. Primeiramente, trata-se do reconhecimento da importância da mídia impressa e dos periódicos na formação cultural do povo irlandês – justo numa carta que, além de ter sido publicada no semanário de circulação nacional que foi o *United Ireland*, também foi veiculada no *Tuam Herald*, no *Dublin Figaro* e possivelmente em outros “periódicos e jornais das províncias” (KELLY, CL1, p. 317, n. 1). Mais relevante para nosso estudo das cartas publicadas em periódicos é a confirmação da grande circulação desses materiais, para além dos números de tiragem: é característico da realidade do século XIX o fato de que para cada comprador de jornal existem diversos outros leitores (BROWN, 1990, p. 133). Yeats busca capitalizar nessa grande circulação por meio da publicação da carta contendo a circular.

Uma vez excluído das decisões editoriais da Biblioteca da Irlanda, o escritor figura então como responsável pela sua distribuição no país, comprometendo-se, inclusive, a organizar palestras em todo o circuito nacional. Ressaltando que os valores necessários para o começo do projeto já haviam sido obtidos, ele busca angariar mais fundos para sua continuação. A carta revela também seu interesse descentralizador, focado na importância de se promover o acesso aos livros para além dos centros metropolitanos e em seu suposto conhecimento da realidade das cidades pequenas, a que essa capilarização muito beneficiaria.

A última carta pública de que trataremos aqui foi publicada no mesmo *United Ireland*, dois anos depois da controvérsia, em 1º de setembro de 1894. Nela podemos entrever o rancor ainda existente advindo do fracasso de sua proposta para a Nova Biblioteca Irlandesa:

“PREZADO SENHOR – Em nada adianta nos iludirmos sobre as vendas de ‘Patriot Parliament’. Sabemos perfeitamente que o primeiro volume de qualquer série muito comentada certamente será de grande aporte, independentemente de seus méritos, de modo que as dez ou quinze mil cópias vendidas não são nada de excepcional. Resta saber se o livro ajudou ou não os outros volumes vindouros, e eu sei de inúmeros camponeses que se recusaram a comprar “The Bog of Stars” por ser tão enfadonho o seu antecessor²³⁷ (CL1, p. 397, 5F, aspas no original).

²³⁷ “DEAR SIR – It is no manner of use our deceiving ourselves about the sale of the ‘Patriot Parliament.’ It is perfectly well known that the first volume of any much-talked of series is certain of a large sale, quite independent of its merits, and the ten or fifteen thousand sold is not exceptional. The

Yeats lamenta a recepção morna do segundo volume da série, atribuindo esse fracasso à insipidez do primeiro livro, não só selecionado mas também apresentado por Duffy em sua introdução ao volume. Não é possível verificar quais membros do “campeinato” teriam rejeitado *Bog of Stars*, do já mencionado historiador Standish O’Grady, e quando Yeats teria tido acesso a eles, já que não tinha ainda visitado a Irlanda naquele ano – presumivelmente durante sua visita a Sligo, no inverno de 1893, quando o *Patriot Parliament* fora publicado. No contexto de seu argumento, é necessário separar o leitor especializado, para quem o livro teria interesse, e o “leitor comum”, considerado, afinal, o público-alvo do empreendimento.

Yeats expressa a sua irritação com a escolha em termos nada ambíguos:

Na crença de que a literatura é, possivelmente, a maior influência capaz de moldar toda uma nação, reconheço, com profundo pesar e alguma raiva, que a “Nova Biblioteca Irlandesa” é, até o momento, o mais grave empecilho ao nosso movimento, pois afasta de nós as classes bem educadas que desejamos recrutar e dá aos nossos adversários provas viáveis de que nos faltam erudição, qualquer precisão digna de mérito e equilíbrio mental – qualidades indispensáveis à literatura. Quiçá uma crítica honesta, que dispense a proclamação de “um grande dia para Irlanda”, possa ainda salvar a série de ser levada por uma maré de insipidez irrelevante, evitando, assim, que a maior oportunidade a surgir nessas muitas décadas seja desperdiçada por panfletários e amadores²³⁸ (CL1, p. 397, 5F).

“Profundo pesar” e “raiva” são reservados ao projeto, que, antes tão caro ao escritor, transforma-se no “mais grave empecilho” para o movimento que ele ainda busca liderar. Além da preocupação com a baixa acessibilidade do material pelas classes populares, a escolha do seu antagonista, Duffy, para o primeiro livro publicado teria servido também para confirmar, perante os opositores do nacionalismo literário irlandês, a falta de educação, gosto e capacidade crítica do movimento, reforçando seu amadorismo e seu caráter meramente panfletário. Caracteristicamente excluindo a classe média da equação, Yeats sugere que o

question is whether it did or did not help the other volumes, and I have reason to know that numbers of the peasantry refused to buy ‘The Bog of Stars’ because of the dulness of its predecessor”.

²³⁸ “Believing, as I do, that literature is almost the most profound influence that ever comes into a nation, I recognise with deep regret, and not a little anger, that the ‘New Irish Library’ is so far the most serious difficulty in the way of our movement, and that it drives from us those very educated classes we desire to enlist, and supplies our opponents with what looks like evidence of our lack of any fine education, of any admirable precision and balance of mind, of the very qualities which make literature possible. Perhaps honest criticism, with as little of the ‘great day for Ireland’ ritual as may be, can yet save the series from ebbing out in a tide of irrelevant dulness, and keep the best opportunity there has been these many decades from being squandered by pamphleteer and amateur”.

fracasso da escolha seria generalizado e distribuído tanto na base quanto no topo da pirâmide social irlandesa.

Deixemos de lado, por um momento, a porção intermediária da missiva para considerarmos os comentários finais do autor. Trata-se de um exemplo raro em sua correspondência em que ele se engaja em diálogo direto com o editor do periódico em que a carta é publicada (neste caso, vale lembrar, o *United Ireland*), criando uma interessante situação epistolar, em que o destinatário nominal (“ao Editor do periódico X”) não é de fato a quem a mensagem se destina, sendo somente o intermediário privilegiado de uma comunicação aberta e cujos destinatários finais podem somente ser imaginados com pequeno grau de precisão. É portanto importante atentar para o contexto do diálogo quando ele ocorre:

Uma releitura de meus comentários no *Bookman* sobre “The Patriot Parliament” revelará que dei por certos seus méritos históricos, em vez de criticá-los, e que o considerei um bom livro para os anais de uma sociedade erudita. Não fiz nenhuma outra crítica exceto que era “insípido”, enquanto o senhor prefere dizer que o livro “não é brilhante” ou “não é agradável de ler”. Aceito as suas correções com prazer e ficamos novamente de acordo²³⁹ (CL1, p. 398, 5F).

O comentário marca o tipo de camaradagem que Yeats buscava afetar, em oposição à sua reputação de tenacidade excessiva. No caso, a carta era de fato uma resposta à consideração do editor, John McGrath, em que este defendera *Patriot Parliament* citando seu sucesso de vendas, estimulado pela resenha que o poeta publicara na *Bookman*. Ou seja, em termos cronológicos, temos: Yeats publica uma resenha do primeiro volume da coleção na *Bookman*; McGrath escreve, em coluna no seu próprio jornal, uma defesa parcial do livro; Yeats reage aos comentários no editorial com a presente carta, que é introduzida pelo próprio McGrath.

Em termos de poder argumentativo, não há dúvida de que a resenha, publicada na influente revista *The Bookman*,²⁴⁰ teria mais impacto em seu público leitor. No entanto, Yeats sabia que a disseminação da *United Ireland* também

²³⁹ “If you re-read my remarks in the *Bookman* upon ‘The Patriot Parliament’ you will find that instead of criticising its historical merits I assumed them and called it a good book for the proceedings of a learned society. I made no other criticism than that it was ‘dull,’ whereas, you prefer the words ‘not brilliant’ or ‘particularly readable’. I accept your amendations with pleasure, and we are at one again”.

²⁴⁰ Editada em Londres desde 1891, a *The Bookman* era uma das revistas para quem Yeats mais mandava resenhas; desde sua primeira contribuição, em julho de 1892, até sua última, em julho de 1899, o poeta viria a publicar mais de 50 textos, entre resenhas, poemas e contos (KELLY, CL1, p. 323, n. 3).

ajudaria a tornar pública sua desavença e sua decepção com o projeto em sua forma final. É interessante, portanto, notar a movimentação de argumentos originalmente expressos em uma resenha para o conteúdo da carta, ressaltando as características do hibridismo do gênero.

A porção intermediária da carta, por fim, ensaia as controvérsias seguintes nas quais Yeats se envolveria, ambas similarmente entendidas no contexto da “Guerra dos Livros”. Em contraponto à escolha (considerada pelo poeta como infeliz) de Duffy, são listados títulos e autores mais adequados ao projeto:

Necessitamos de livros escritos por literatos competentes e que tratem de assuntos de interesse nacional atuais, romances de escritores de talento reconhecido, antologias selecionadas das obras de homens como De Vere, Allingham e Fergusson, assim como biografias imparciais e pitorescas de Emmet, Tom Wolfe, Mitchel e, talvez, O’Connell. Se não conseguirmos encontrá-los, curvemo-nos em silêncio e não falemos mais de renascimento literário, pois assim, pelo menos, deixaremos de ser impostores²⁴¹ (CL1, p. 398).

Diferentemente da lista repleta de membros da Jovem Irlanda e de poetas do *The Nation* descrita nas cartas enviadas ao *United Ireland* e ao *Daily Express* em maio e junho de 1892, respectivamente, as mudanças na apreciação crítica do poeta e sua rejeição da retórica propagandista de Thomas Davis, entre outros, já se tornam notáveis na segunda metade de 1894 – uma tendência que só viria a aumentar com o passar do tempo até chegar à situação aludida por R. F. Foster em citação que abre este capítulo (RFF1, p. 124). Mas não é necessário esperar até o período da escrita e composição da primeira parte das *Autobografias* de Yeats na primeira metade dos anos 1910. Em carta enviada ao *Freeman’s Journal*, de imensa circulação entre leitores que apoiavam a causa nacionalista, Yeats esclarece a sua posição quanto ao ídolo da Jovem Irlanda original:

PREZADO SENHOR – Uma carta em uma de suas edições mais recentes relatou que eu teria “menosprezado” Thomas Davis, e um amigo acaba de me dizer que foram também publicadas cartas e notas no “Evening Telegraph” baseadas na suposição de que eu teria “atacado” Davis. Não fiz nada disso e acho que tenho o direito de pedir aos meus críticos em Dublin, para que, de agora em diante, tenham suas críticas a partir do que escrevo e não de relatórios

²⁴¹ “We require books by competent men of letters upon subjects of living national interest, romances by writers of acknowledged power, anthologies selected from men like De Vere, and Allingham, and Fergusson, and impartial picturesque lives of Emmet, Wolfe Tone, Mitchel, and perhaps O’Connell, and, if they are not to be obtained, let us bow our heads in silence and talk no more of a literary renaissance, for we can, at least, cease to be imposters”.

condensados e portanto inexatos do que eu teria falado²⁴² (CL2, p. 387, 5G).

Fora de seu contexto, a carta parece exibir o mesmo tipo de apreço a Davis que Yeats expressa após ser apresentado a obra dos escritores do *The Nation* pelos amigos de seu pai, em especial John O’Leary. No entanto, é necessário considerar o tom defensivo da comunicação: o poeta escreve após não somente ver a carta no *Freeman’s* (publicada há mais tempo), mas também ter notícias por meio de amigos da repercussão negativa de suas declarações. Antes de explicar o que ele de fato disse a respeito de Davis, Yeats ressalta a propensão de seus críticos dublinenses (muito mais ferozes que os londrinos, como vimos) de se basear em rumores e informações parciais – um erro que ele alega evitar em carta tratada no Capítulo 7 (7E). A mudança da palavra dita para a palavra escrita também marca o amadurecimento de Yeats como ator na cena cultural irlandesa e seu comando da divulgação de suas opiniões – que passam a importar o suficiente para serem falseadas.

Após explicação um pouco convoluta do que ele haveria de fato dito (uma crítica a um dos poemas por excesso de “retórica”), Yeats usa da oportunidade para denunciar os jornais como fomentadores de discórdia e mesmo de buscarem cercear a liberdade dos críticos:

Algun repórter malicioso deve ter feito chocar desta crítica inofensiva um ataque a Thomas Davis. Tenho, como o resto de meus compatriotas, uma profunda admiração pelo homem que, mais do que todos os outros, moldou o que há de melhor no nacionalismo irlandês; entretanto, reivindico aqui para a crítica literária a mesma liberdade dada em outros países a seus literatos, e receio que os jornais que fazem de tudo para limitar essa liberdade prejudicam de forma ainda mais grave a vida intelectual da Irlanda. – Sinceramente,

W. B. Yeats
(CL2, p. 388, 5G)

A oposição entre o papel dos jornais e da crítica na formação da opinião pública é uma preocupação que marca esse período da carreira de Yeats e que se estenderia por muitos anos ainda, produzindo embates diretos como na questão da Galeria Municipal de Dublin. Os próximos dois capítulos detalharão os esforços para, definir

²⁴² “DEAR SIR — A letter in one of your recent issues spoke of my having “disparaged” Thomas Davis, and a friend has just told me that there have been letters and paragraphs in the “Evening Telegraph” founded on the supposition that I “attacked” him. I did nothing of the kind, and I think I have a right to ask my Dublin critics henceforth to use their criticisms upon my written words and not upon condensed and necessarily misleading reports of my spoken words”.

e discutir a formação do cânone literário irlandês de sua geração – e possivelmente moldar os das próximas.

CAPÍTULO 6

Formação de cânones literários

Além do trabalho identitário, a correspondência de escritores assume outra função: a de estruturação das relações literárias entre os grupos e dentro deles. Acerca desse ponto, é necessário distinguir duas funções das cartas de escritores: a primeira, cognitiva, faz-se portadora de manifestos estéticos de várias escolas literárias; a segunda, operacional, enfatiza o papel da carta nas formas de sociabilidade.²⁴³

(JOVICIC, 2010, p. 88)

A preocupação de Yeats com a ideia do cânone literário irlandês está relacionada com todos os temas anteriormente discutidos: as grandes obras da literatura nacional têm importante papel como fontes para o trabalho das novas gerações e alimentam o interesse das sociedades literárias irlandesas na própria Irlanda e em regiões de grande imigração irlandesa, além de darem voz a múltiplas identidades nacionais. Reforça-se assim a ideia de uma identidade separada da britânica – condição fundamental para a reivindicação de independência política no entendimento de líderes irlandeses como John O’Leary, cujo adágio de que “não há nacionalidade sem literatura e não há literatura sem nacionalidade”²⁴⁴ era frequentemente citado por Yeats (LNI, p. 30 e 103, além da já analisada carta CL1, p. 299, 4B).

As questões que dividiam a sociedade irlandesa daquela época também são discutidas em função de seu impacto na apreciação da contribuição literária de certos autores. Em especial, abordam-se as interações entre afiliações religiosas, partidárias e linguísticas, assim como o lugar ocupado no sistema social e também o lugar geográfico. Essas preocupações serão exploradas neste capítulo, partindo de sua expressão em um conjunto de cinco cartas enviadas por Yeats a editores de periódicos entre 3 de janeiro de 1890 e 16 de fevereiro de 1895.

²⁴³ “À part le travail identitaire, la lettre d’écrivain assume une autre fonction—celle de la structuration des relations littéraires entre groupes et à l’intérieur des groupes. Sur ce point, il faut distinguer deux fonctions des lettres d’écrivains: la première, cognitive, qui se fait porteuse des manifestes esthétiques de différentes écoles littéraires; la seconde, opératrice, qui souligne le rôle de la lettre dans les formes de la sociabilité”.

²⁴⁴ “[...] there is no nationality without literature, no literature without nationality”.

Brevemente mencionada em capítulo anterior, será analisada em maior profundidade uma carta enviada em 3 de janeiro de 1890 ao *The Nation* – jornal que, a despeito da manutenção do nome, fora vendido por Duffy em 1885 e pouco retinha da potência e da influência da época do auge da Jovem Irlanda, assumindo uma linha “violentamente antiparnellita” (KELLY, *CL1*, p. 297, n. 1). A missiva marca a reação do poeta após a leitura em suas páginas de uma resenha em que o autor anônimo trata do livro recentemente publicado por Yeats pela Camelot Series, organizada por seu amigo Ernest Rhys, no qual o poeta fora responsável por uma introdução de 17 páginas, além da seleção dos cinco contos do escritor irlandês William Carleton. O que começara como um trabalho comissionado para ajudar o amigo e aliviar a sempre periclitante situação financeira da família gerou frutos inesperados, como veremos. O interesse do jovem escritor por esse autor da metade do século XIX era antigo; alguns de seus contos haviam sido selecionados para antologias que Yeats editara, mas ele não era, certamente, um especialista em Carleton. A gênese do livro pode ser acompanhada na correspondência privada do autor, que, incumbido da tarefa para a Camelot Series, tem de pedir ajuda a amigos, em especial a Katharine Tynan:

3 Blenheim Road | Bedford Park | Chiswick
21 de abril [de 1889]

Cara Senhorita Tynan

Possuis romances de Carleton além dos contos? Estes eu tenho mas estou tentando pegar emprestado outros que contenham um ou mais de seus contos longos, como “Willy Reily” ou “Valentine M’Clutchy”. [...] Conseguirias mendigar, tomar emprestado ou furtar algum livro de Carleton para mim? Temo ter de comprá-los caso não os tenha, e minhas finanças estão bem parcas ultimamente²⁴⁵ (*CL1*, p. 159).

O cuidado com a escrita da carta é patente nesse período e no endereçamento a Katharine Tynan, com a inclusão do endereço completo e da datação com dia e mês – infelizmente para o editor das *CL*, a consistência da escrita não se manteve ao longo dos anos. O tom brincalhão também marca a amizade entre os colaboradores: a estrutura de “*beg borrow or steal*” (“mendigar, tomar

²⁴⁵ “Dear Miss Tynan, Have you any novels of Carletons beside the short stories? I have them but am trying to borrow some where, one or two of his longer tales such as ‘Willy Reily’ or ‘Valentine M’Clutchy’ or indeed any of them. [...] Could you beg borrow or steal any Carletons for me? I am afraid I shall have to buy them if you have none, and my finances are low these times”.

emprestado ou furtar”), enumerados sem vírgulas, introduz uma vitalidade rítmica à correspondência dos dois, além de uma certa poesia.²⁴⁶

Concentrada em um período de poucos meses, a leitura das obras de Carleton marca um período de intenso estudo pelo jovem escritor, pouco acostumado a tal ritmo, já que frequentara somente a escola de artes plásticas e não cursara uma universidade. Em cartas a amigos como Tynan (acima), O’Leary e o padre Matthew Russell, editor do *Irish Monthly*, Yeats comenta, em 10 de julho de 1889:

A Srta O’Leary contou-me que os melhores livros de Carleton são “Nolans” & “Father Connel”. Sabes de alguém que poderia me emprestá-los? Caso contrário, quem sabe encontra alguma cópia, por acaso, em alguma banca de livros usados? Gostaria de lhe enviar o montante. Também preciso de um ou mais romances de Banim – os melhores. Devo ler toda a obra de Carleton; dos outros, provavelmente, só o que escreveram de melhor. No entanto, não tenho como saber se lerei tudo de Carleton, porque dependo de conseguir ou não os livros, e assim por diante. Devo ler um ou dois de seu período de decadência, porém. Minha introdução, embora trate principalmente de Carleton, fará alusões a todos os principais romancistas irlandeses que retratam a vida do campo, espero – Banim & Kickham, sobretudo²⁴⁷ (CL1, p. 169).

O tom da carta ao mentor, embora tenha sido enviada pouco tempo depois da anterior e trate do mesmo assunto, é bastante diferente. Depois de tomar emprestados os livros (a quem ele agradece, com certo atraso, em 7 de maio), Yeats pede ajuda para localizar outras obras faltantes da extensa coleção de O’Leary, segundo sugestão de sua irmã, Ellen O’Leary. Pelos volumes, Yeats oferece o pagamento adequado – muito embora o valor fosse ser levantado de empréstimos concedidos pelo próprio O’Leary, cuja assistência era essencial nesse período. Abandonando o tom brincalhão que marca o pedido para que Tynan “mendigue, peça emprestado ou roube”, o jovem escritor justifica bem o seu pedido e especifica o seu plano de leitura a seu interlocutor. Suas trocas epistolares com o

²⁴⁶ A mesma estrutura seria usada em diversos poemas de Yeats e, embora não seja obviamente exclusiva dele, é bastante identificável em seu estilo, especialmente por seu uso em poemas famosos como “Sailing to Byzantium”: “Fish, flesh, or fowl, commend all summer long/Whatever is begotten, born, and dies” (VP, p. 407, ll. 5-6).

²⁴⁷ “Miss O Leary tells me that Carletons best are the ‘Nolans’ & ‘Father Connel’. Do you know any one who could lend them me? If not perhaps you might chance on copies at some old book stall. I would send you the amount. I am also in need of a novel or two of Banims – his best. Carleton I shall read all through probably the others only in their best work. Yet I dont know that I shall read all Carleton that depends on my getting or not getting books, & so forth. I must read one or two of his period of decadence however. My introduction though mainly of couse busy with Carleton will touch on all the chief Irish novelists of peasant life I hope – Banim & Kickham in chief”.

padre Russell são um pouco mais leves, e ele se permite expressar certa frustração em carta escrita três dias depois da enviada a O'Leary, em 13 de julho:

Estou escrevendo uma introdução ao livro de Carleton, *Traits & Stories*, para a série *Camelot* & pretendo compará-lo com *Kickham & Banim*. A Senhorita Tynan sugeriu que talvez pudesses emprestar-me o “*Knocnagow*” de Kickham. Conheço seus outros romances. É trabalhoso completar toda a leitura necessária. Que criatura mais prolífica o Carleton, não achas? Tenho ainda cerca de 15 romances para terminar, sem contar com os de Banim. Qual consideras o melhor livro de Banim? Poderei apenas consumir pequenas amostras dele²⁴⁸ (*CL1*, p. 171).

E, novamente, na segunda metade de julho: “Tenho de terminar o Carleton rapidamente para tentar tirar o editor da série de um aperto e provavelmente me verei incapaz de discutir Kickham tanto quanto desejava. Posso, no entanto, retomar o assunto em artigos”²⁴⁹ (*CL1*, p. 174). Embora o autor diminua a importância do produto final de seus esforços (a introdução crítica), dizendo que “é pouco provável que a introdução ao Carleton vá interessar-te; foi escrita apressadamente para preencher espaço e tirar Rhys de um aperto”²⁵⁰ (*CL1*, p. 186), é preciso ressaltar que tal posicionamento é tomado em correspondência com Douglas Hyde, detentor de educação formal muito mais completa que Yeats e grande conhecedor da literatura irlandesa – não só em inglês, mas também em gaélico irlandês. Além disso, a própria experiência da leitura e da escrita da introdução geraram outros ganhos para o escritor:

A leitura de Carleton em um curto prazo e alta velocidade deu a Yeats uma percepção do diálogo irlandês e da vida camponesa, o que afetou tanto sua prosa quanto suas baladas; além disso, a reação do público a um assunto tão controverso antecipa batalhas posteriores a serem travadas com a opinião pública irlandesa²⁵¹ (*RFF1*, p. 97).

²⁴⁸ “I am writing an introduction to Carleton *Traits & Stories* for the *Camelot* series & intend contrasting him with *Kickham & Banim*. Miss Tynan says you could perhaps lend me Kickham’s ‘*Knocnagow*’. I know his other novels. It is laborious doing all the reading needful. What a voluminous creature Carleton was? I have still close on 15 novels to get through leaving Banim out of count. What do you think is Banim’s best? I must take merely a few specimin nibbles at him”.

²⁴⁹ “I have to finish Carleton in a hurry to try and get the editor of the series out of a scrape, and may after all be unable to discuss Kickham as much as I had wished but shall take the matter up in articles”.

²⁵⁰ “The introduction to Carleton you will hardly find of much interest, it was done in a great hurry to fill a gap and get Rhys out of a scrape”.

²⁵¹ “Reading Carleton at short notice and high speed gave him a sense of Irish dialogue, and of peasant life, which affected both his fiction and his ballads; and the reaction to such a controversial subject anticipated later battles with Irish public opinion”.

É no contexto da reação à afiliação religiosa de Carleton que a carta enviada ao *The Nation* deve ser compreendida.

Ardorosa defesa dos méritos do autor, cuja apostasia parecia sempre ditar o tom das críticas, a missiva condena a forma como o preconceito religioso influencia a reputação de certos autores e predetermina sua recepção para além de questões de cunho estético. A questão do preconceito aparece já no primeiro parágrafo:

3 Blenheim-road, Bedford Park, Chiswick,
Londres, 3 de janeiro de 1890.

PREZADO SENHOR – Acabo de ler crítica sobre minhas “Stories from Carleton” no THE NATION do dia 28 último. Gostaria de saber se o seu crítico conhece bem Carleton. Receio que ele tenha feito escárnio de ler um escritor tão “venenoso”, preferindo gritar “renegado” e usar a velha calúnia, perpetuando-a²⁵² (CL1, p. 205, 6A).

Embora o cabeçalho completo da carta ajude a localizar o pronunciamento do autor como figura literária da metrópole, a presteza de seu envio ao periódico ressalta o seu interesse na participação nos assuntos da Irlanda, mesmo à distância. Citando as palavras fortes da resenha (“envenenado” e “renegado”), que rejeita como “calúnia”, Yeats sugere que o resenhista não havia fundamentado suas impressões em uma leitura cuidadosa da obra do autor. A questão é colocada de forma ainda mais direta em carta enviada a Tynan após a publicação no jornal: “Ah, esses fanáticos – felizmente o conhecimento deles não se iguala ao fervor que sentem” (CL1, p. 208).²⁵³

Yeats defende Carleton primeiramente pelo aspecto pessoal de sua afiliação religiosa, já que essa seria a principal razão de sua rejeição pelo público. A inexperiência e o contexto histórico parecem “desculpar” a conversão do escritor na primeira metade do século XIX:

Carleton mudou-se para Dublin ainda jovem, na idade em que opiniões mudam. A literatura que a Irlanda tinha até então era protestante; o proselitismo e as letras também haviam, recentemente, se mesclado no mais estranho matrimônio. A tradição dos grandes oradores protestantes da Irlanda ainda era recente. A mente deste jovem camponês do norte ainda estava por se formar, e o brilhantismo, a cultura, o iluminismo, todos pareciam ter se unido

²⁵² “DEAR SIR – I have only just read your criticism of my ‘Stories from Carleton,’ in THE NATION of the 28th ult. I wonder does your critic know his Carleton well. I fear he scorned to read so ‘envenomed’ a writer. He much preferred to cry ‘renegade,’ to take up the old calumny and pass it on”.

²⁵³ “O these bigots – fortunately their zeal is not equalled by their knowledge”.

em aliança contra a sua antiga Fé. Ele mudou seu credo. Não há sequer um vestígio de prova de que ele não tenha se convertido por motivos sinceros, ou que “ele escrevia para o mercado”, como o crítico coloca²⁵⁴ (CL1, p. 205, 6A).

Deve-se notar o contraste entre a “honestidade” da apostasia e a sugestão do resenhista de que ela teria sido motivada por uma percepção do “mercado”, um apelo ao filistinismo que pouco combina com a concepção idealizada do papel do artista defendida por Yeats nessa e em outras épocas de sua vida. Além da pureza de motivações, o jovem escritor ressalta o desenvolvimento da escrita de Carleton, que teria se distanciado de opiniões sectaristas:

Por alguns pouquíssimos anos, ele zelou demasiadamente por suas novas opiniões – ardor que foi diminuindo cada vez mais. Com o passar do tempo, Carleton cancelou trechos e mais trechos de fervor religiosos de suas histórias quando de sua reimpressão – as mais equivocadas ele nunca voltaria a publicar. Quando do ápice de seus talentos, ele se descobriu ainda mais ferozmente oposto a todo tipo de proselitismo, o proselitismo protestante mais do que qualquer outro. Mostrou, livro após livro, que seu coração estava totalmente dedicado à fé de sua infância. A “Igreja da Irlanda” foi objeto de sátira por um homem de gênio somente uma vez desde Swift: esse homem foi William Carleton²⁵⁵ (CL1, p. 205, 6A).

Juntamente à estranha assertiva de que o autor permanecera católico em seu “coração”, Yeats apresenta argumentos mais bem fundamentados, como as posteriores revisões e excisões de contos do cânone do autor, relacionando as melhorias da técnica e da escrita do contista e romancista ao abandono de posições mais extremadas de crítica ao catolicismo.²⁵⁶ A noção da *established church* refere-se à religião oficial de estados confessionais. Ao aludir à denominação por seu nome completo de *Irish Established Church*, Yeats chama a atenção para a situação da

²⁵⁴ “Carleton came up to Dublin a young man, at the age when opinions change. What literature Ireland then had was Protestant; proselytism and letters, too, had just come together in most unnatural marriage. The tradition of the great Protestant orators of Ireland was still new. The young Northern peasant’s mind was still unformed, and brilliancy, culture, enlightenment, all seemed to have made alliance against his old Faith. He changed his creed. There is not one fragment of evidence to prove he did so other than honestly, or that ‘he wrote for the market,’ as your critic puts it”.

²⁵⁵ For a few, a very few years, he was full of zeal for his new opinions – an ever-lessening zeal. As time went on, he crossed out zealous passage after passage from his stories, as their turn came to be reprinted – the more wrong-headed he never republished at all; and, by the time his powers had climaxed, found himself most fierce against proselytising of all kinds, Protestant kinds more than any. He showed by book after book that his heart was wholly with the Faith of his childhood. The ‘Irish Established Church’ has only once been satirised since Swift by a man of genius; that man was William Carleton.

²⁵⁶ O editor das *Collected letters* nota que as revisões feitas por Carleton não eram tão consistentes quanto Yeats sugere e eram por vezes motivadas por razões outras que não reconsiderações do conteúdo anticatólico (KELLY, CL1, p. 205, n. 2).

Igreja após o Ato de União de 1801, que, com a integração da Irlanda ao Reino Unido da Grã-Bretanha, tornou a até então razoavelmente independente Igreja Irlandesa (protestante) parte do aparelho religioso-estatal da Igreja Anglicana.

Somente quando o Ato da Igreja Irlandesa do governo de William Gladstone entra em vigor, em 1871, o protestantismo deixa de ser a religião oficial da Irlanda. O uso do *established* também ressalta seu *status* oficial e ajuda a justificar a conversão de Carleton em sua tentativa de se tornar parte do *establishment* irlandês da época. Por fim, o escritor ressalta que tais críticas não eram reservadas a católicos, sendo também contundentes em sua censura às práticas protestantes da Igreja Oficial Irlandesa, braço da Igreja Anglicana e do estado confessional britânico na Irlanda: Carleton é comparado ao grande satirista Jonathan Swift, cuja considerável carreira como clérigo anglicano acabou levando-o à posição de decano da Catedral de St Patrick, em Dublin. Quando da escrita da carta, Swift ainda era uma figura marginal no panteão literário de Yeats, mas sua menção em relação a Carleton revela o início da reconsideração dessa importante figura, que viria, anos mais tarde, a ser amplamente reconhecida não só pelo poeta, mas também no panorama da literatura irlandesa.

Uma análise de romances e contos específicos em que a crítica ao protestantismo ou a caracterização positiva de personagens católicas ocorrem ilustra de forma convincente o ponto do escritor. A rejeição de Carleton é comparada àquela que Robert Burns sofrera na Escócia, uma situação facilmente vista como absurda no final do século XIX, quando seu gênio era amplamente reconhecido:

A Escócia abandonou Burns ao Fisco; o mundo já zombou dela por isso. O próximo século acharia muito estranho olhar para trás, muitos anos depois de nosso grande Burns da prosa ter apodrecido no túmulo e todos os outros leitores terem aprendido a honrá-lo, e ver que, no seu próprio país, não se encontra quem honre sua memória além daquilo que seu crítico tem o prazer de chamar “o pelourinho literário”. A posteridade acharia que estamos inteiramente entregues à ignorância e à noite eterna²⁵⁷ (CL1, p. 206, 6A).

Que um poeta do calibre de Burns tivesse de aceitar o trabalho como fiscal de impostos do governo devido a suas dificuldades financeiras e à falta de

²⁵⁷ “Scotland left Burns in the Excise; the world has mocked her for it. The coming century would find it a strange thing to look back on, if we, many years after our great prose Burns had been rotting in his grave, and when all other reading folk had learned to honour him, if we in his own country should find nothing more for his memory than what your critic is pleased to call ‘the Literary Pillory.’ It would think us wholly given over to never-lifting night and ignorance”.

reconhecimento seria motivo de vergonha para o povo escocês e algo que Yeats não quer que o povo da Irlanda imite. Nomeando o contista como “nosso grande Burns da prosa”, o escritor faz um apelo ao público irlandês para que considere o que as próximas gerações de leitores, não só irlandeses, mas de todo o mundo, pensarão deles e do obscurantismo que compele o resenhista a condenar Carleton.

A carta conclui com uma anedota, um recurso que já podemos identificar com frequência nesse tipo de correspondência aberta em páginas de jornais. Trata-se, dessa vez, não de um pescador, mas de uma costureira, como representante do “povo simples”:

No entanto, não há entre o nosso povo tal medo do nome de Carleton. O povo é mais generoso do que aqueles que pretendem educá-lo e não se esquecerá deste grande escritor do interior de seu próprio país, um homem que permaneceu para sempre camponês como eles, com toda a sua paixão, todos os seus sentimentos. Bem perto de mim, aqui em Londres, mora uma velha costureira, muito pobre e devota, que se lembra de como Carleton costumava jantar na cabana do pai – um camponês em meio a camponeses²⁵⁸ (CL1, p. 206, 6A).

O sempre atento editor das cartas inclui uma nota em que a costureira é possivelmente identificada como uma certa Sra. Watson, responsável por lavar e consertar as roupas da família (KELLY, CL1, p. 207, n. 5). No entanto, como no caso do pescador, mais interessante é ver a forma como essas anedotas figuram nas cartas públicas e os objetivos de sua inclusão. Neste caso, a costureira oferece um importante contraste entre as classes mais baixas, para quem educação é inversamente proporcional a generosidade, e a petulância de jornalistas que não reconhecem sua ignorância e se recusam a se deixar educar.

Merece atenção especial o fato de que a figura representativa do “povo” irlandês nessa anedota seja diferente da caracterização mais usual do campesino no oeste da Irlanda: trata-se de uma imigrante, moradora da urbaníssima Londres. Embora a conexão com Carleton exista no passado, na cabana do pai (certamente rural), a presença da costureira marca a relevância da emigração irlandesa e a disseminação da cultura popular irlandesa em novos contextos. Transplantaram-se, juntamente a essa emigrante econômica, cuja pobreza é tão enfatizada quanto sua

²⁵⁸ “There is no fear, however, of Carleton’s name among our people. They are more generous than some who would teach them, and will not forget this one great peasant writer of their country, the man who remained ever a peasant, one of themselves, full of all their passion, all their feelings. Quite close to me, here in London, lives an old seamstress, very poor and pious, who remembers how he used to dine in her father’s cabin – a peasant among peasants”.

religiosidade, aspectos essenciais da sua identidade, de tal modo que ela ainda pode ser considerada como “voz” de toda uma classe, do ponto de vista de Yeats.

Incapazes de reconhecer instintivamente a qualidade de Carleton como “um deles”, qual é, para o jovem escritor, o papel dos jornalistas? A eles fica reservada outra importante função:

Fariam muito melhor os jornalistas irlandeses se se dedicassem a conseguir a republicação dos grandes romances de Carleton. É culpa das editoras católicas da Irlanda que “Black prophet” e “Fardorougha the miser” – juntamente a “Castle Rackrent”, da Srta. Edgeworth, nossas maiores obras de ficção – estejam esgotados, enquanto os primeiros contos, semeados discretamente com trechos anticatólicos, assim como os romances católicos medíocres de sua decadência, estejam disponíveis em inúmeras livrarias. Podem-se comprar apenas em bancas de livros usados as grandes obras de sua maturidade, nas quais ele derramou a luz da imortalidade sobre o camponês e a Irlanda católica²⁵⁹ (CL1, p. 207, 6A).

A experiência de ter de pedir livros emprestados a amigos, documentada nas cartas anteriormente citadas, muito provavelmente também persistia em encontros reais. Tais vivências certamente serviram para informar Yeats sobre as dificuldades da publicação e da circulação de livros irlandeses, tanto aqueles publicados na Inglaterra quanto aqueles publicados na própria Irlanda, um país cujas leis de propriedade intelectual têm uma das mais complexas histórias.

O entendimento de que as leis de direitos autorais britânicas não se estenderiam às mesmas obras na Irlanda possibilitou a reedição e a publicação de livros ingleses em solo irlandês a preços mais baixos e a sua posterior difusão até mesmo a outros mercados coloniais, com a liberação do comércio após 1780. Embora alguns historiadores, como Mary Pollard, defendam que a pirataria e o impacto dessa concepção do mercado editorial irlandês na produção britânica tenham sido historicamente superestimados (POLLARD, 1989, p. vi), é necessário considerar as importantes mudanças trazidas com a União de 1800 e a consequente codificação das leis de direitos autorais, com a inclusão da Irlanda dentro de sua

²⁵⁹ “It were much better work for Irish journalists to do what they can to get his [Carleton] great novels into print again. It is the fault of the Catholic publishers of Ireland that the ‘Black Prophet’ and ‘Fardorougha the Miser’ – making, together with Miss Edgeworth’s ‘Castle Rackrent,’ our greatest fiction – should be out of print, while the early tales sown thinly with anti-Catholic passages and the Catholic, but feeble novels of his decadence, are for sale in countless bookshops. One can buy only at second-hand bookstalls the great works of his maturity wherein he shed the light of immortality on peasant and Catholic Ireland”.

jurisdição, o que criou empecilhos para a publicação e a circulação de livros de interesse mais local.²⁶⁰

Ressalte-se a menção a Maria Edgeworth, amplamente reconhecida hoje como uma das mais importantes romancistas irlandesas da virada do século XVIII para o XIX, sendo *Castle Rackrent* (1800) uma das obras pioneiras não só da literatura irlandesa, mas também de toda a literatura de expressão inglesa e mesmo europeia (WATSON, 1964, p. vii). Em sua introdução para a coletânea *Representative Irish tales* (1891), Yeats sublinha as qualidades da romancista:

Única romancista de respeito advinda das classes mais altas da Irlanda e a mais apurada e famosa originária dentre todas as classes do país é, sem dúvida, a senhorita Edgeworth. Seu primeiro romance, *Castle Rackrent*, é uma das crônicas mais inspiradas já escritas em inglês. Não há de se encontrar nele o amor indevido pelo bufão, rico ou pobre, nenhum vestígio de sentimento de classe, com exceção, de fato, do velho camponês que conta a história e que é um pouco decorativo, como uma figura camponesa no fundo de uma antiquada paisagem de outono. [...] Ao escrever sobre pessoas de sua própria classe, ela enxergou cada um deles como realmente eram: satirizou-os constantemente por sua imprudência, seu amor às coisas inglesas, sua opressão e seu desprezo por seu próprio país. As senhoras irlandesas em *The absentee*, em seu esforço extenuante para conseguir ter um sotaque inglês, poderiam estar vivas ainda hoje²⁶¹ (CW6, p. 32).

O maior mérito de Edgeworth encontra-se, para Yeats, em sua habilidade em representar a vida do povo irlandês por meio da língua inglesa.²⁶² No entanto,

²⁶⁰ Pollard explicita a relação entre a mudança política e legislativa e o mercado editorial irlandês: “A aprovação da Lei da União, em 1800, tomou de Dublin, justamente com seu poder legislativo, quase todas as suas vantagens como capital; a extensão da Lei de Direitos Autorais britânica para a Irlanda no ano seguinte removeu os últimos resquícios de sua autonomia no comércio de livros. Não parece ter havido um colapso claro, mas o comércio quase imediatamente diminui para níveis de cidades provinciais, tornado Dublin principalmente uma estação intermediária para o varejo de livros importados de Londres e outros lugares” (“The passing of the Act of Union in 1800 took from Dublin, with the legislature, almost all of its advantages as a capital city; the extension of the British Copyright Act to Ireland in the following year removed the last remnants of the book trade’s autonomy. There seems to have been no marked collapse, but almost at once the trade declined into that of a provincial city, once again acting chiefly as a service station for the retailing of books imported from London and elsewhere”. POLLARD, 1989, p. 31).

²⁶¹ “The one serious novelist coming from the upper classes in Ireland, and the most finished and famous produced by any class there, is undoubtedly Miss Edgeworth. Her first novel, *Castle Rackrent*, is one of the most inspired chronicles written in English. One finds no undue love for the buffoon, rich or poor, no trace of class feeling, unless, indeed, it be that the old peasant who tells the story is a little decorative, like a peasant figure in the background of an old-fashioned autumn landscape painting. [...] When writing of people of her own class she saw every thing about them as it really was. She constantly satirized their recklessness, their love for all things English, their oppression of and contempt for their own country. The Irish ladies in *The Absentee* who seek laboriously after an English accent, might have lived to-day”.

²⁶² Tal habilidade é, para o poeta, marca de grande talento e viria a ser associada ao gênio de J. M. Synge, a quem a autora é comparada: “Não houve, em nenhum escritor moderno que tenha escrito

deve-se observar que a menção a Edgeworth cumpre funções que extrapolam o puramente literário: assim como Carleton, Edgeworth também é considerada uma autora protestante, tanto em termos de seu *background* como de sua política (unionista), algo que se reflete de forma marcante na temática de seus romances.

Mesmo para alguém como Yeats, cujos interesses místicos distanciavam-no da ortodoxia protestante, ou, como ele mesmo colocara, “da religião descomplicada de minha infância” ²⁶³ (CW3, p. 115), a associação com a denominação religiosa é indelével. Em *Four years: 1887-1891*, originalmente publicado em 1921 e por fim incluído em *Autobiographies* (1926), Yeats reflete sobre parte do período incluído nesta tese. Por necessidade e desígnio, esse olhar retrospectivo do autor tende a revisitar o passado com os privilégios do conhecimento obtido *a posteriori*, de modo que é sempre necessário ler sua prosa autobiográfica tendo em mente a sua criação de *personae* e os efeitos de sua memória seletiva. Talvez por esse distanciamento em “remanejamento da verdade”, vê-se no texto de *Four years* tão marcante expressão de sua religiosidade, em termos cuja clareza obedece a uma lógica poética:

Sou muito religioso e, uma vez privado da religião descomplicada de minha infância por Huxley e Tyndall, que eu detestava, criei uma nova religião, quase uma Igreja infalível da tradição poética, de um fardel de histórias e de personagens e emoções, inseparáveis de sua primeira expressão e passados de geração em geração por poetas e pintores, com alguma ajuda de filósofos e teólogos²⁶⁴ (CW3, p. 115).

Para alguém propenso a adotar uma fé tão pouco ortodoxa,²⁶⁵ a intolerância religiosa era ainda mais incômoda. Além disso, ao criticar as formas como o preconceito de origem sectária influencia a reputação e a recepção de autores protestantes como Carleton e Edgeworth, Yeats está também defendendo a si mesmo como descendente de uma família protestante e a vários de seus

sobre a vida irlandesa antes dele [Synge], exceto, talvez, a Srta. Edgeworth em *Castle Rackrent*, algo capaz de mudar as opiniões de um homem sobre o mundo ou de agitar sua natureza moral” (“In no modern writer that has written of Irish life before him [Synge], except, it may be, Miss Edgeworth in *Castle Rackrent*, was there anything to change a man’s thought about the world or stir his moral nature”. CW4, p. 233).

²⁶³ “[...] the simple-minded religion of my childhood”.

²⁶⁴ “I am very religious, and deprived by Huxley and Tyndall, whom I detested, of the simple-minded religion of my childhood, I had made a new religion, almost an infallible Church of poetic tradition, of a fardel of stories, and of personages, and of emotions, inseparable from their first expression, passed on from generation to generation by poets and painters with some help from philosophers and theologians”.

²⁶⁵ E por mais que entendamos a formulação dessa Igreja Poética na autobiografia como recriação semificcional do passado, permanece fatual o ecletismo religioso de Yeats, da teosofia e do espiritualismo às mais diversas expressões do misticismo indiano.

colaboradores diretos. É fácil subestimar a importância do fosso que separa interlocutores das diferentes religiões na Irlanda do século XIX, especialmente no caso de Yeats, para quem, nessa época, a noção de identidade irlandesa ainda estava muito ligada ao catolicismo dos camponeses do oeste (*RFF1*, p. 97). No entanto, em sua interação com os católicos Katharine Tynan e padre Matthew Russell (ela, pouco caracteristicamente, herdeira de uma família de afluentes proprietários de terra nos arredores de Dublin) podemos ver uma ênfase do poeta na tentativa de minimizar as diferenças e de romper a resistência a figuras protestantes como Carleton.

Se na correspondência pública enviada ao *The Nation*, aqui discutida, encontramos a asserção de que,

no entanto, o catolicismo pode muito bem se dar ao luxo de ser generoso; nenhum católico precisa manifestar o fanatismo de um pobre sectário qualquer. Cansei-me do vosso crítico. Entristeço-me por completo ao pensar que um compatriota de Carleton torne uma carta deste tipo necessária²⁶⁶ (*CL1*, p. 206, 6A),

o fato é que Yeats considerou que a missiva fez-se necessária o suficiente para ele sentir-se compelido a enviá-la. A ideia de uma carta “fazer-se necessária” é, sem dúvida, interessante para o nosso estudo, porque toca na questão da reciprocidade e dos protocolos de interação entre remetente e destinatário. Diferentemente de uma correspondência privada, em que os termos do contrato são razoavelmente bem definidos, na correspondência pública de Yeats não encontramos sempre a situação do diálogo, e a questão genérica torna-se mais complexa. Afinal, o que engendra em Yeats a necessidade de resposta não é uma carta escrita pelo editor, muito menos pelo público-leitor do jornal, e sim uma resenha de livro.

A declaração de tristeza acerca da “necessidade” da escrita da carta aparece ainda mais cerimoniosa quando comparada à correspondência enviada aos amigos católicos – conterrâneos e envolvidos no projeto do nacionalismo cultural juntamente a Yeats. Em outra mensagem ao padre Russell, Yeats defende o escritor protestante:

Inclusive, acho que estás sendo injusto com Carleton[;] ele retratou lindamente diversas formas da vida e virtude inteiramente católicas, e tudo o que disse contra os padres parece ínfimo em comparação

²⁶⁶ “And yet Catholicism can well afford to be generous; no Catholic need show the bigotry of some poor sectary. Enough now of your critic. I feel wholly saddened to think that any countryman of Carleton’s should make this letter needful at all”.

aos seus ataques ferozes ao clero da igreja protestante em, por exemplo, Valantine McClutchy. Ele representa o caráter de vários clérigos católicos com simpatia e beleza. Em seu coração Carleton sempre permaneceu católico, ao que me parece. Posso estar errado, ainda resta um bom número de seus romances que não tive tempo de ler, mas o sentimento anticatólico que ele chegou a expressar parece ter morrido após os anos iniciais [da carreira]²⁶⁷ (CL1, p. 174).

Vemos aqui a primeira ocorrência da expressão que seria reciclada na carta pública, a noção do “coração” de Carleton. Comparada à maior referencialidade da frase empregada no *The Nation* (“seu coração estava totalmente dedicado à fé de sua infância”, CL1, p. 205, 6A), os termos colocados para o amigo padre não permitem ambiguidade, embora estejam apoiados em uma expressão de opinião pessoal: “Em seu coração Carleton sempre permaneceu católico, ao que me parece”. Além disso, o foco é colocado nas virtudes católicas e na caracterização de membros do clero.

Entre as diversas cartas enviadas a Tynan acerca das atividades relacionadas à publicação do livro, é possível perceber o eco da carta pública e a censura ao resenhista:

Por acaso vistes minha carta semana passada, no “The Nation”, escrita em resposta a um comentário sobre meu “Stories from Carleton” e que trouxe à tona seu período protestante como objeção? Ao pé da minha carta, os editores protestam que não disseram nada contra a pessoa dele como um todo, somente contra o [sentimento] anticatólico que existiu dentro dele durante um período. É engraçado ver impressa, logo após minha carta, uma observação enviada por um sacerdote de Tipperary agradecendo-lhes a nota de protesto, oportuna em função da republicação das histórias de Carleton e indagando-se por que razão meti-me a editar tal livro. O padre, pelo menos, entendeu [a posição] dos editores da mesma forma que eu²⁶⁸ (CL1, p. 208).

Extremamente interessante para o entendimento do contexto da publicação da carta pública analisada, o comentário à amiga traz mais informações a

²⁶⁷ “By the way I think you are unjust to Carleton he has drawn beatifully many entirely Catholic forms of life and virtue, and what ever he has said against the priests is mild indeed in comparison to his forocious attacks on the clergy of the protestant church in say Valantine McClutchy. He has drawn the charecters of several catholic clergimen most sympathetically and beautifully. His heart always remained Catholic, it seems to me. I may be wrong for their are still a good number of his novels I have had no time to read, but what anti-catholic feeling he ever had seems to have died out after the first few years”.

²⁶⁸ “By the by have you seen my letter in the ‘Nation’ last week on Carleton in reply to a review of ‘Stories from Carleton’ that brought up his protestant period against him. At the foot of my letter they protest that they did not say anything against him as a whole but only against the anti catholic that was in him for a time. It is amusing to find printed after my letter a note from a Tipperary priest thanking them for their timely protest against this republication of Carleton’s stories and wondering that I would edit such a book. He at any rate read them as I did”.

respeito das práticas dos periódicos, inclusive da ocorrência de comentários editoriais antes ou depois das cartas publicadas, assim como a interação entre cartas na mesma seção. A posição dos editores permite que a mensagem de Yeats seja comentada ao mesmo tempo que é apresentada, dando a eles uma vantagem técnica que o leitor não pode jamais possuir – qualquer resposta enviada tem sempre de esperar uma nova edição, o que faz com que ela necessariamente perca um pouco de seu impacto por protração.

Novamente, a maior intimidade com a amiga permite que ele expresse sua “diversão” ao ver a carta do padre concordando com a crítica do jornal. A superposição das duas missivas poderia ser vista como danosa a Yeats, já que coloca a autoridade de um representante do clero católico em desacordo com sua opinião. No entanto, ele usa a mensagem como uma confirmação de que a resenha original era de fato informada por preconceito sectário. Alinhando o padre com o jornalista, o poeta exclama:

Atrevo-me a dizer que surpreendi algumas pessoas, lembrando-lhes inúmeros livros, repletos de ardoríssimas defesas do sacerdócio católico, escritos por Carleton e que demonstram como muito pouco de sua obra é anticatólica & que tais casos pertencem à sua produção juvenil. Não acredito que essas pessoas sejam fanáticas – vêm se passando, há tanto tempo, tais calúnias que pessoas pouco inquisitivas podem muito bem vir a acreditar que tudo o que Carleton escreveu é de natureza intensamente sectarista²⁶⁹ (CL1, p. 208).

O fanatismo da posição daqueles que condenam Carleton é contemporizado de forma mais inclusiva após o comentário triunfalista: nem todos seriam fanáticos e intolerantes, alguns seriam vítimas da propagação de calúnias e desinformados – e fica implícito o papel dos jornalistas na disseminação da desinformação. Com o passar do tempo, Yeats percebe que a mídia irlandesa não estava disposta a seguir sua sugestão de clamar pela reedição de livros de um possível cânone irlandês, tarefa que ele toma para si próprio com a publicação de listas de livros, como veremos no próximo capítulo.

Se o cânone irlandês ainda estava sendo pensado e moldado por agitadores como Yeats, o *establishment* literário britânico também passava por um

²⁶⁹ “I dare say I surprised some folk by reminding them of the numberless books full of the most ardent defence of the Catholic priesthood written by Carleton and by showing how very little their is of his anticatholic work & how early it was. I dare say though they are no bigots – people have so long passed on the calumny that unenquiring people might well come to beleive that all he wrote was bitterly sectarian”.

momento delicado com o falecimento do poeta laureado Alfred, Lord Tennyson, em 1892. Publicada anonimamente – assim como as de outros quatro poetas – na edição de novembro do *The Bookman*, a carta do autor irlandês discorre sobre a questão da sucessão de Tennyson como poeta laureado do Reino Unido, cargo honorário ligado à corte real e sob indicação do monarca. Yeats critica o anacronismo do posto e a dificuldade de se conciliarem méritos artísticos com as limitações inerentes ao cargo, em especial a obrigação de produzir poemas para homenagear figuras reais. Os dois autores mais qualificados para receber a honra seriam, segundo ele, não só dificilmente indicados, mas também os que menos estariam propensos a aceitar a honra. Para o irlandês, o mais merecedor deles seria o multiartista socialista William Morris. Yeats aproveita da situação para extrapolar questões de cunho puramente literário, sobre o papel do artista na sociedade, para também tocar no papel da realeza em seu tempo:

Nos velhos tempos, a imaginação do mundo sair-se-ia mal sem seus reis e nobres, pois naqueles tempos, quando poucos sabiam ler e as distâncias entre duas pinturas estendiam-se por milhas, eles mantinham perante a mente dos homens um ideal mais refinado e amplo da vida do que era possível para o pequeno chefe em sua torre tomada por junco ou para o camponês em seu rústico chalé. [...] Mas agora ninguém pode dizer que a vida apresenta-se sob as melhores condições entre a realeza e nobreza, já que requinte e uma vida ampla espalharam-se por estradas e ruelas, e o laureado deveria segui-los e ser seu mestre de cerimônias²⁷⁰ (CL1, p. 325, 6B).

Yeats trata da questão da mudança no acesso à cultura pelas massas empobrecidas e da relação que estas mantinham com seus governantes e monarcas. A função mediadora da realeza e da nobreza como produtoras tanto de assunto para a arte como da arte em si (por meio dos poetas da corte) perde sentido, uma vez que elas não mais detêm o monopólio da produção. Além disso, o autor faz uma crítica não muito velada ao *status* moral da classe em seus dias, dizendo que a vida deixou de se apresentar nas melhores condições nas cortes.²⁷¹

²⁷⁰ “In the old days the imagination of the world would have fared but ill without its kings and nobles, for in those times, when few could read and pictures were many a mile between, they kept before men’s minds a more refined and ample ideal of life than was possible to the small chief in his rush-strewn tower or to the carle in his poor cottage. [...] But now no man can say that life displays itself under the best conditions in royalties and nobilities, for refinement and ample life have gone out into the highways and byways, and the Laureate should go after them, and be their master of the revels”.

²⁷¹ O poema “In the seven woods” faz referência a “new commonness/Upon the throne” (VP, p. 80, ll. 6-7), tradicionalmente considerada uma alusão à coroação de Eduardo VII, em 1901 (JEFFARES, 1984, p. 74).

O pensamento democrático em Yeats é, assim como o feminismo, muito discutido pelos estudiosos de questões de classe, gênero e raça.²⁷² Não há como negar o elitismo por ele defendido, especialmente em sua fase mais tardia, característica que compartilha com muitos de seus companheiros modernistas, como Eliot, Pound e Woolf, sendo o interesse pela eugenia possivelmente o mais espinhoso para o crítico que busca questionar a acusação de fascista a que Yeats foi exposto pela crítica revisionista.²⁷³

No caso, o que Yeats parece sugerir é que a noção de que a realeza e a nobreza teriam exclusividade sobre as vantagens propiciadas às “classes ociosas” (*leisured classes*) não mais corresponderia à realidade. O uso do que traduzi como “estradas e ruelas” (*highways and byways*) passa a noção da capilarização desse acesso. Não se trata aqui de uma questão puramente materialista, mas sim de um processo histórico que propiciou não só o letramento por meio da educação – seja formal, nas escolas, seja nas casas das famílias –, mas também uma cultura de acesso às artes e às culturas mundiais, como proposto pelo idealizador do Museu Britânico, Hans Sloane. Fundado em 1753, este foi o primeiro museu nacional e público do mundo, livre de filiações religiosas e sem subordinação ao rei, e tinha como princípio a admissão grátis a todos os interessados.²⁷⁴ Ao juntar, sob um só teto, peças que estariam originalmente espalhadas por todo o mundo, o museu estaria resolvendo parcialmente o problema descrito por Yeats na carta.

A discussão sobre o anacronismo dos requisitos do poeta laureado traz à tona outra preocupação importante para o autor irlandês: a incômoda interação entre política e estética. Em relação a Tennyson, ele argumenta:

Certamente a maioria de nós, qualquer que seja nossa afiliação política, sente que “Os idílios do rei” é um pouco prejudicado pelas dedicatórias para o príncipe consorte e para a rainha, e não necessariamente porque eles não merecessem os mais altos elogios, mas porque nenhum dos dois representa para nós o tipo mais completo e mais bonito de vida do que é possível para qualquer um de seus súditos, e porque a tentativa de fazê-lo, ainda que nas mãos de tão poderoso poeta, acaba por diminuir a importância dos grandes tipos criativos como Artur e Guinevere e imprime ao maior

²⁷² Os principais estudos nessa área foram escritos por Elizabeth Cullingford (1981; 1993) e Marjorie Howes (1996).

²⁷³ Ver Conor Cruise O’Brien (1988) para a mais estridente dessas acusações de facismo.

²⁷⁴ Informações obtidas em página do site do museu: <http://www.britishmuseum.org/about_us/the_museums_story/general_history.aspx>. Acesso em: 11 jan. 2015.

poema romântico do século um certo grau de absurdo²⁷⁵ (CL1, p. 325, 6B).

Não se trata aqui, para Yeats, de uma questão política de apoio ou não aos monarcas e à monarquia em geral, nem mesmo de uma avaliação de seus méritos pessoais, mas da incongruência de celebrar figuras que não mais pertencem a uma esfera tão claramente distinta do resto da população, seus súditos. A comparação aos celebrados rei Artur e sua rainha Guinevere busca deixar claro, por meio da grande disparidade que incita, que enquanto um casal se torna parte da mitologia nacional (e mesmo mundial), o par atual tem uma função bastante diminuída como chefe de Estado. O ponto é reforçado com mais uma comparação, esta um pouco mais próxima da realidade dos atuais governantes:

Mal podemos tolerar a comparação que Spenser faz da rainha das Fadas com a rainha Elizabeth, pois mesmo naquela época tais comparações já se tornavam obsoletas, mas dificilmente podemos perdoar o prejuízo que o nosso atual poeta da corte causou ao poeta laureado do povo. Não seria isso razão suficiente, ainda que todas as outras razões não existissem, para nacionalizar o laureamento?²⁷⁶ (CL1 p. 325, 6B).

A alusão a Edmund Spenser, poeta laureado durante parte do reinado de Elizabeth I, faz referência a *The Faerie Queen*, poema épico do final do século XVI em que a personagem principal, Gloriana, representa as supostas virtudes da rainha. O argumento assim ganha momento e é resolvido por meio de uma solução radical: desvincular da Coroa o mérito do laureamento e tornar o poeta laureado um poeta do povo, e não da realeza.

O repúdio de Yeats à monarquia como instituição e a certos monarcas e agentes da monarquia em especial é mais forte do que sugere a carta enviada ao *Bookman* em 1º de novembro. Tais questões aparecem em correspondência escrita na época do Jubileu de Diamante da rainha Vitória e sua última visita, em 1900, e mereceriam outro estudo. Embora a carta contenha declarações assertivas de que

²⁷⁵ "Surely most of us, whatever be our politics, feel that 'The Idylls of the King' are marred a little by the dedications to the Prince Consort and to the Queen, and not necessarily because either was unworthy of exceeding praise, but because neither represents to us a fuller and more beautiful kind of life than is possible to any mere subject, and because the attempt to make them do so, even though so mighty a poet made it, has a little lessened the significance of the great imaginative types of Arthur and Guinevere, and cast round the greatest romantic poem of the century a ring of absurdity".

²⁷⁶ "We can only just tolerate Spenser's comparison of the Queen of the Fairies to Queen Elizabeth, for even then all such comparisons were growing obsolete, whereas we can hardly forgive at all this injury which the Court poet of our day has done to the laurelled poet of the people. Were not this alone sufficient reason, even if all others were lacking, for nationalizing the laureateship?"

“[t]odos os oficiais públicos, do primeiro-ministro para baixo, foram oficiais da Corte; no entanto, eles agora respondem à nação e tão somente à nação”,²⁷⁷ o que está sendo questionado não é principalmente o papel da monarquia, e sim o atrelamento do poeta laureado a seus interesses:

Certamente, também é hora de transformar o laureamento e de deixar de esperar que um laureado, em troca de sua pensão e seu xerez, não faça nada além de celebrar questões de importância nacional, grandes batalhas – se as julgar travadas por uma causa justa –, a morte de homens famosos por suas ações ou seu intelecto e a luz sempre vindoura, e que nunca vem, desse ideal de paz e liberdade rumo à qual todas as nações caminham tropeçadamente na escuridão – a menos que ele assim deseje, afinal de contas as musas pouco se prestam à função de servas²⁷⁸ (CL1, p. 325, 6B).

O idealismo do escritor emerge tanto na sua expressão do capricho das musas quanto na sua definição dos assuntos adequados para o poeta laureado, incluindo as noções de “guerra justa” e do progresso das nações para uma situação de paz e liberdade.

Ao discutir a sucessão do posto, Yeats está efetivamente expressando sua opinião a respeito da relação entre cânone e reconhecimento. Refletindo sobre o tom, o conteúdo e a função da própria carta, em um gesto metalinguístico, o autor reconhece os limites de sua sugestão logo em seu início:

Esta minha missiva tratou de assuntos muito distantes da crítica literária e é um tanto discursiva, mas desconheço melhor momento para um homem ser discursivo e dizer o que pensa, da forma que bem entender, do que quando está a sugerir algo que sabe não ter a menor chance de ser feito²⁷⁹ (CL1, p. 325, 6B).

Trata-se aqui de um dos paradoxos caros a Yeats: somente uma sugestão impossível pode ser feita com total honestidade. Incapaz de influenciar a instituição do poeta laureado ou mesmo de ver atendida sua sugestão pela escolha de William Morris, Yeats usa da plataforma da correspondência para discursar mais livremente.

²⁷⁷ “All the public officers, from the Prime Minister downwards, were once Court officials, but now they are responsible to the nation and to the nation alone”.

²⁷⁸ “Surely it is time to transform the Laureateship also, and to expect no Laureate in return for his pension and his sherry to do other than celebrate, if he be so minded, for the muses make but indifferent drudges, matters of national importance, great battles if he hold them to be waged in a just cause, the deaths of famous men of thought and action, and the ever-coming never-come light of that ideal peace and freedom whereto all nations are stumbling in the darkness”.

²⁷⁹ “This letter of mine has gone into matters far removed from literary criticism and is more than a little discursive, but I know not when a man has so good right to be discursive and have his say according to his whim as when he is suggesting something which has not the slightest chance of being done”.

É importante ressaltar que essa carta fora encomendada pelo periódico e precedida por anúncio de que seriam publicadas cartas de “quatro poetas ilustres” a respeito da nomeação do novo poeta laureado e do laureamento como instituição. Embora três das cartas não fossem assinadas e uma delas levasse apenas as iniciais R. B. (especula-se que seja da autoria de Robert Bridges – KELLY, *CL1*, p. 324, n. 1), a autoria de Yeats é corroborada em carta enviada a John O’Leary por volta de 5 de novembro, em que ele assume a opinião sobre o laureamento, que ele grafa com incorreção característica (ver original, em nota de rodapé): “Não vistes a última edição ‘Bookman’ não foi? A segunda das quatro cartas acerca do laureamento é minha”²⁸⁰ (*CL1*, p. 327).

Antes de prosseguir para a análise da próxima carta pública, é interessante ressaltar alguns aspectos da missiva enviada ao amigo O’Leary. Escrita em Sligo, para onde o jovem Yeats fora de modo a representar a família no funeral da avó materna, Elizabeth Pollexfen, trata-se de uma das primeiras mensagens escritas em papel cuja margem fora tingida de preto, denotando luto. Hospedado pelo tio, George Pollexfen, Yeats ficaria em Sligo por outros quase dois meses, devido à saúde precária do avô materno, que também morreria naquele final de ano, em 12 de novembro. Com poucas exceções, toda a correspondência do escritor nos próximos meses porta tal marca, sendo a última mensagem disponível enviada a Edward Dowden em 24 de fevereiro de 1893.

Dado que a próxima carta incluída nas *CL* data de junho, não é possível verificar quanto durou o luto por seus avós. No entanto, quando da morte de sua mãe, em 3 de janeiro de 1900, praticamente toda a correspondência é igualmente marcada – exceções incluem cartas a amigos místicos como George Russell (“AE”) além das cartas perdidas de Maud Gonne, que obviamente não podem ser examinadas e portanto não contam com a descrição de suas características materiais. A última carta com borda negra é enviada a Lady Gregory em 28 de junho, marcando quase seis meses da morte da mãe. É possível especularmos por que em especial na correspondência com Lady Gregory o luto estaria tão fisicamente sinalizado: além de ser uma figura apreciada por Yeats em função das convenções a que ela obedecia e que encarnava, Lady Gregory também cumpre

²⁸⁰ “You did not see last ‘Bookman’ did you? the second of the four letters on the Laureatte ship was mine”.

papel de figura materna para o escritor.²⁸¹ Em tocante mensagem escrita em 4 de fevereiro de 1909 à amiga, que se recuperava de uma hemorragia cerebral, diversas facetas da relação emergem: “Cara amiga: fico totalmente atordoado ao pensar que você está doente. Para mim, você tem sido mais que pai ou mãe ou amigo: é meu segundo eu, a única pessoa no mundo a quem eu poderia dizer tudo o que penso” (CL *InteLex* #1069).²⁸²

Em completo contraste com a correspondência privada com a amiga tão próxima, examinaremos uma sequência de cartas públicas em que, assim como na missiva a respeito do poeta laureado, não há congruência entre o remetente e a autoria expressa no conteúdo da carta. No caso da carta ao *Bookman*, o remetente permanece indeterminado pela falta da assinatura. A situação de anonímia em cartas enviadas a jornais é bastante usual, assim como o uso de iniciais, pseudônimos e criptônimos. Publicadas no *United Ireland* entre novembro de 1894 e fevereiro do ano seguinte, duas delas aparecem em rápida sucessão, numa situação de diálogo; já a terceira, escrita mais de dois meses depois e tratando de outro assunto, leva a mesma assinatura e pode ser agrupada tematicamente não só com as duas primeiras, mas também com todo o conjunto de cartas públicas de que tratamos neste estudo: reconhecimento por contemporâneos, as diferenças entre as críticas nacionais, seus públicos-leitores e seus respectivos cânones.

A primeira carta, enviada em 10 de novembro, opõe escritores, leitores e críticos de diferentes nacionalidades e é escrita em resposta a uma resenha que afirmava que “‘uma indiferença adamantina ao julgamento’ de todos os públicos, exceto o da Irlanda, é ‘a única posição honrosa a ser tomada por um livro irlandês’”²⁸³.

²⁸¹ James Pethica, editor dos diários de Lady Gregory (1996) e responsável por escrever sua biografia (em andamento), enriqueceu em muito a discussão sobre o relacionamento entre os dois artistas, cujas diferenças em termos de idade e gênero por muitos anos levaram os críticos e biógrafos a considerá-los principalmente na relação de apadrinhamento, como mãe/benfeitora e filho/*protégé*. Os diversos artigos publicados pelo autor têm suas raízes em sua tese de doutoramento, *A dialogue of self and service: Lady Gregory's emergence as an Irish writer and partnership with W.B. Yeats*, defendida em 1987. John Kelly, editor das *Collected letters* e orientador de Pethica, também contribui para a discussão em artigo publicado no volume *Lady Gregory: fifty years after*, editado por Ann Saddlemyer e Colin Smythe (1987, p. 180). A amizade entre os dois recebe tratamento detalhado e bastante circunstanciado em artigo de Pethica publicado em edição especial do periódico *Yeats Annual* (PETHICA, 1997).

²⁸² “Dear Friend: I am utterly dazed to think that you are ill. You have been more to me than father or mother or friend, a second self. The only person in the world to whom I could tell every thought”.

²⁸³ “[...] ‘an adamantine indifference to the judgment’ of every public but the public of Ireland is ‘the only honourable position for an Irish book to take up’”.

Receio que a história da América dificilmente esteja de vosso lado, pois Walt Whitman, o mais nacional de seus poetas, era tão negligenciado e perseguido que talvez tivesse se silenciado, não fosse a admiração e a ajuda de um pequeno grupo de artistas e literatos irlandeses e ingleses, enquanto inúmeras pessoas insípidas reproduziram, em versos rasos e mediante o clamor de aplausos americanos, as tendências de outros países e o sentimentalismo do seu próprio²⁸⁴ (CL1, p. 408, 6C).

A menção a Whitman, muito admirado por Yeats,²⁸⁵ cumpre função similar àquela desempenhada pela comparação a Robert Burns: ressaltar o fato de que o grande público nem sempre é capaz de reconhecer os artistas nacionais de imediato e com clareza. O absurdo da rejeição de Whitman, que quando da escrita da carta já era aclamado como poeta nacional, seria, como no caso da Escócia, motivo de vergonha para os norte-americanos. Ao ressaltar o papel de alguns poucos irlandeses e ingleses na divulgação de Whitman, introduz-se aqui a questão de uma elite não só intelectual, mas também cosmopolita:

A verdade é que o público da América era ignorante e ocioso, da mesma forma como o público da Irlanda ainda o é. Por isso era frequentemente necessário para um escritor americano original, e muitas vezes para o escritor irlandês original, apelar primeiramente não aos seus compatriotas, mas àquele pequeno grupo de homens criativos e estudados espalhados por muitas terras e cidades, além de confiar na sua própria influência e na influência de seus companheiros para construir, na plenitude do tempo, um público instruído no país em que ele vive e trabalha²⁸⁶ (CL1, p. 409, 6C).

²⁸⁴ "I am afraid that the history of America is hardly upon your side, for Walt Whitman, the most National of her poets, was so neglected and persecuted that he had, perhaps, fallen silent but for the admiration and help of a little group of Irish and English artists and men of letters; while countless feeble persons reproduced in crude verse amid wild American applause the fashions of other countries and the sentimentalities of their own".

²⁸⁵ Em nota à menção anterior a Whitman, John Kelly observa: "A popularidade da poesia de Walt Whitman (1819-1892) na Grã-Bretanha e Irlanda, em um momento em que ele era amplamente negligenciado nos Estados Unidos, é uma curiosidade da história literária anglo-americana. A crítica acadêmica de Edward Dowden teve grande influência no estabelecimento de *Leaves of Grass* e ajudou a tornar Dublin um centro de interesse em Whitman; diversos amigos irlandeses de WBY eram admiradores do poeta norte-americano" ("The popularity in Britain and Ireland of the poetry of Walt Whitman (1819-92) at a time when he was largely neglected in the United States is a curiosity of Anglo-American literary history. The scholarly criticism of Edward Dowden had been influential in establishing *Leaves of Grass* and had helped to make Dublin a centre of interest in Whitman; a number of WBY's Irish friends were admirers of the American poet". KELLY, CL1, p. 9, n. 5).

²⁸⁶ "The truth is that the public of America was, and the public of Ireland is, uneducated and idle, and it was often necessary for an original American writer, and it is often necessary for an original Irish writer, to appeal first, not to his countrymen, but to that small group of men of imagination and scholarship which is scattered through many lands and many cities, and to trust to his own influence and the influence of his fellow-workers to build up in the fullness of time a cultivated public in the land where he lives and works".

A originalidade do escritor contrasta com a ideia apresentada no início da carta em relação a Whitman, que era preterido enquanto o público aplaudia imitações “das modas de outros países”. O público irlandês é considerado “indolente”, enquanto “conhecimento” e “erudição”, mencionados anteriormente em relação ao discurso de Ashe King e valorizados em oposição à retórica vazia, aparecem como valores transnacionais, “espalhados” por entre as nações e o público primeiro do escritor original até que o público geral seja “cultivado” – tarefa na qual o escritor deve envolver-se, juntamente com seus colaboradores.

Segue essa consideração um famoso aforismo, cuja aplicação na vida e na obra de Yeats, a despeito de sua “ambição”, é mais complicada do que a simplicidade da colocação sugere:

A verdadeira aspiração deve ser tornar a crítica tão internacional, e a literatura tão Nacional, quanto possível. Uma ambição contrária seria, na Irlanda, particularmente perniciosa, pois poderia pôr as opiniões dos nossos jornais diários acima das dos grandes estudiosos, transformando um público vazio e pouco instruído em padrões dos homens de intelecto²⁸⁷ (CL1, p. 409, 6B).

Às vésperas do seu trigésimo aniversário as já sentidas dificuldades do escritor com a imprensa irlandesa tenderiam a piorar, tornando-se constante fonte de frustração, expressa nas cartas aos amigos e familiares. A metáfora da dominação do público, (des)informado pelos jornais, que se tornam então senhores dos homens de intelecto é remanescente de São Tomás de Aquino e deriva de seu estudo de William Blake e a necessidade de governar “paixões e intelecto”. Tal apreço pelo intelecto parece fora de lugar junto a sua mais reconhecida rejeição do cientificismo e do racionalismo puro, por isso é necessário explicitar sua conotação fortemente influenciada por Blake.

A declaração incluída na carta pode ser mais bem entendida considerando-se uma série de ensaios que marcaram a sua colaboração à famosa revista decadentista *The Savoy*, editada pela figura controversa de Leonard Smithers, amigo de Oscar Wilde (responsável por tornar o hotel epônimo infame em certos círculos) cujas atividades incluíam também edição e distribuição de livros pornográficos. Yeats explora em seus ensaios o conceito de intelecto em Blake. Em

²⁸⁷ “The true ambition is to make criticism as international, and literature as National, as possible. A contrary ambition would, in Ireland, be peculiarly evil, for it could but get the opinions of our daily papers above the opinions of great scholars, and make a vacant and uninstructed public the masters of the men of intellect”.

carta enviada a John O'Leary em algum momento após o dia 6 de junho,²⁸⁸ Yeats descreve:

Estou escrevendo uma série de ensaios bastante elaborada sobre Blake para a "Savoy", mas tenho achado o estilo de minhas críticas ainda mais indútil que meu estilo narrativo. Estão bons de conteúdo, mas a forma raramente fica boa, exceto pontualmente²⁸⁹ (CL2, p. 36).

De fato os ensaios são bastante complicados e em estrutura muitas vezes lembram uma colcha de retalhos com longas citações diretas. Publicados em julho, agosto e setembro de 1896, no último artigo da série encontra-se citação escolhida por Yeats para explicar a questão do intelecto. Este nos parece ser o conceito de "intelecto" que o escritor vinha usando desde seu profundo estudo de Blake para a publicação da obra do autor, em 1893, em volumes editados conjuntamente com Edwin Ellis e que trazem não só os ensaios de 1896, mas também outras expressões de seu pensamento, incluindo a carta pública escrita em 10 de novembro de 1894.

No ensaio intitulado "William Blake and his illustrations to the *Divine comedy*", Yeats contrasta o pensamento do artista britânico e o do italiano, mal escondendo sua predileção pelo escritor do início do Romantismo inglês, a quem ele cita diretamente:

"Os homens são admitidos ao Céu não porque eles contiveram ou domaram suas paixões, mas porque cultivaram seus entendimentos. Os tesouros do céu não são negações da paixão, mas realidades do intelecto, a partir do qual as paixões emanam, desembaraçadas, em sua glória eterna. O tolo não entra no Céu, mesmo que santo. Santidade não cobre o preço de entrada no céu. Aqueles que são expulsos são todos aqueles que, desprovidos de paixões próprias, porque destituídos de intelecto, passaram suas vidas combatendo e governando aquelas das outras pessoas, por meio dos artifícios de todo tipo de pobreza e crueldade"²⁹⁰ (BLAKE *apud* CW4, p. 102).

²⁸⁸ Em alguns casos, quando as cartas não são datadas, não há carimbos em envelopes ou referências em respostas dos correspondentes, como neste caso, a datação das CL usa informações de outras fontes para tentar precisar a data do envio. Uma vez que sobrevive mensagem enviada a W. T. Horton datada de 29 de maio em que Yeats se desculpa por estar impossibilitado de visitar o amigo, já que não tinha escrito "sequer uma palavra" do artigo de Blake (CL2, p. 33), e outra de 5 de junho, em que ele diz ter escrito o artigo, sugere-se que a carta a O'Leary tenha sido escrita depois de 6 de junho.

²⁸⁹ "I am now writing a rather elaborate series of essays on Blake for 'the Savoy' but find my critical style much more intractable than my style in narrative. They are good in thought but scarcely good in form, except here & there".

²⁹⁰ "Men are admitted into Heaven not because they have curbed and governed their passions, but because they have cultivated their understandings. The treasures of Heaven are not negations of passion, but realities of intellect, from which the passions emanate uncurbed in their eternal glory. The fool shall not enter into Heaven, let him be ever so holy. Holiness is not the price of entering into

Importante para Yeats aqui é não só o conceito de intelecto, mas também a ideia da necessidade de “cultivar” o entendimento, sendo que um público “cultivado” aparecera como condição para o desenvolvimento da literatura nacional e sua apreciação pelos leitores em geral. Além disso, a citação, retirada de “A vision of the Last Judgement” (BLAKE, 1978, p. 1024), mas sem referência adequada, também aponta para o problema da ação dos desprovidos de intelecto que buscam governar as paixões dos outros. Cria-se assim um paralelo com a asserção de que seguir a opinião desinformada dos jornais “tornaria um público ocioso e sem instrução senhores dos homens de intelecto” (CL1, p. 409, 6B) e aponta-se para sua decepção com a política de censura às artes que se instalaria no governo irlandês após a independência, décadas depois.

Não é de se espantar, portanto, que após as farpas direcionadas à imprensa irlandesa Yeats ataque os políticos como formadores de opinião pouco adequados para tratar de assuntos literários e artísticos:

“Escrevo esta carta porque os comentários do Senhor me parecem representar uma opinião comum e que acabará adiando o dia em que escritores a quem o Senhor admira tanto quanto eu – a Srta. Barlow, a Sra. Lawless, o Dr. Hyde e o Sr. O’Grady – cujo memorável “Coming of Cuchullin” encontra-se na minha mesa – entre outros, terão tanta influência em questões puramente intelectuais quanto, digamos, parlamentares, vereadores e outros personagens ilustres, porém não muito literários. – Atenciosamente,

“UM ESTUDANTE DE LITERATURA IRLANDESA”²⁹¹
(CL1, p. 409, 6C, aspas no original)

Mais um exemplo da “lista de nomes” que Phillip Marcus ressalta como estratégia usada por representantes do Renascimento Irlandês e que discutimos em relação às acusações de “amiguismo” em nosso tratamento das fontes de Yeats, o excerto também discute a motivação para a escrita ao jornal. Assim como a resenha que continha a diatribe contra Carleton fizera a resposta de Yeats “necessária”, a presente missiva também faz-se indispensável, já que as observações do jornal

Heaven. Those who are cast out are all those who, having no passions of their own, because no intellect, have spent their lives in curbing and governing other people’s by the various arts of poverty and cruelty of all kinds”.

²⁹¹ “I write this letter because your notes seem to me to represent a common opinion and one which can only postpone the day when writers, whom you admire not less than I – Miss Barlow, Miss Lawless, Dr Hyde, and Mr O’Grady – whose memorable ‘Coming of Cuchullin’ lies upon my table – and others, shall have as much influence in purely intellectual matters as, say, members of Parliament, Town Councillors, and other illustrious but not very literary personages. – Yours sincerely,/A STUDENT OF IRISH LITERATURE”.

fariam com que o futuro idealizado por Yeats se tornasse mais distante: um futuro em que a opinião de escritores em assuntos “puramente intelectuais” tivesse a mesma importância que a dos políticos.

É interessante notar a fluidez entre passado e futuro no pensamento de Yeats, lembrando que quando o autor escreve uma peça com, justamente, o tema do papel da arte e da figura do artista na formação de ideias sociais e políticas,²⁹² opta por um cenário histórico irlandês. Em *The king's threshold*, de 1904, Yeats usa do passado mítico da Irlanda, filtrado pelas tradições bárdicas do século VI, para contar a história de Seanchan, o bardo que, após ver seu direito de se sentar à mesa do rei revogado, inicia greve de fome na entrada do palácio, na “soleira do rei”, como forma de protesto. Fica aberta a especulação sobre a possibilidade de que o futuro projetado por Yeats na carta ao jornal seja de fato um retorno a um passado mais propriamente irlandês que o estado presente. O aspecto especulativo da carta é, ademais, reforçado pela assinatura, “Um estudante da literatura irlandesa”.

Devemos considerar, por fim, a questão da assinatura, a identificação do remetente como “estudante”. A aparente despretensão do criptônimo está de acordo com o conteúdo da carta e com sua defesa da necessidade de informação e educação do povo e dos formadores de opinião. No entanto, o editor do periódico, destinatário nominal da missiva, faz questão de ressaltar, em sua nota com resposta à correspondência enviada, que, a despeito da assinatura, “ele deveria ter assinado ‘Um Criador de Literatura Irlandesa’, porque tal ele realmente é”²⁹³ (KELLY, CL1, p. 409, n. 4). Mesmo após o gracejo de McGrath, a assinatura é mantida em mais duas cartas enviadas ao periódico, como veremos a seguir.

Publicada poucas semanas depois da primeira mensagem assinada sob o criptônimo “Um estudante da literatura irlandesa”, a carta ao *United Ireland* de 1º de dezembro de 1894 retoma a referência a Walt Whitman e sua recepção pelos diferentes públicos. Em diálogo com o editor John McGrath, autor da resenha

²⁹² Preocupação que, de acordo com o editor do volume dedicado a *The King's threshold* na coleção de manuscritos publicada pela Universidade de Cornell, Declan Kiely, seria “uma das preocupações centrais de W. B. Yeats, explorada de forma recorrente em sua poesia e ensaios” (KIELY, 2005, p. xxv).

²⁹³ No original, *maker*, “fazedor”, “produtor”, além de ser usado, com uso de maiúscula, para designar o Criador. Mais do que “escritor”, o editor quer enfatizar o papel do correspondente como alguém que não só *estuda*, mas também *faz* a literatura irlandesa: “he should have signed himself ‘A Maker of Irish Literature,’ for such he really is”.

original que propiciara a primeira carta (6C) e em resposta ao comentário que o editor fizera em edição posterior,²⁹⁴ Yeats explica:

“PREZADO SENHOR, – Sei perfeitamente bem o que Emerson escreveu a respeito da ‘sagacidade e sabedoria’ de ‘Folhas de Relva’, mas não consigo entender como seu louvor altera o fato de que, enquanto o Sr. W. M. Rossetti publicava uma seleção inglesa dos poemas de Whitman e o Sr. Ruskin e George Elliot celebravam o poder e a beleza deles, o público americano enxotava seu autor de um cargo no governo por causa da suposta imoralidade dos poemas. Tampouco entendo como, quando em sua velhice, a despeito das honras que toda a Europa reservava a seu nome, as principais revistas de seu país ainda não se envergonhavam de recusar suas contribuições”²⁹⁵ (CL1, p. 416, 6D).

Mais do que a questão nacional, importa para o escritor a diferenciação entre a apreciação de luminares como Ruskin e George Eliot e as reações do público e de editores de revistas literárias. Ralph Waldo Emerson, segundo a lógica de Yeats, teria maior pertencimento ao grupo de Ruskin e Eliot que ao do “público americano”. A menção ao reconhecimento de Whitman “em toda a Europa” certamente busca complicar o aspecto nacional. Para o escritor, trata-se de uma questão do apelo de Whitman e, novamente, da falta de receptividade de um povo considerado de forma ampla como “ignorante”:

Whitman, como toda mente grandiosa e honesta, exercia um apelo grande não à maioria ignorante, seja inglesa, seja americana, mas àquele público, “próprio embora escasso”, que é mais importante do que qualquer nação, uma vez que se constitui de pessoas escolhidas dentre todas, e é esse público que, através das palavras de George Elliot, Ruskin e Emerson, o honrou e o coroou entre os imortais²⁹⁶ (CL1, p. 416, 6D).

²⁹⁴ Em nota, Kelly inclui a resposta de McGrath veiculada em 24 de novembro na primeira página do *United Ireland*: “[O correspondente] contrapõe minha menção à América fazendo referência a Whitman, evidentemente desinformado de que as primeiras palavras de encorajamento que Whitman recebeu após sua publicação de “Leaves of Grass” vieram de seu compatriota Emerson. “Considero [Leaves]”, escreveu-lhe o filósofo, ‘a mais extraordinária expressão de sagacidade e sabedoria até agora produzida na América’” (“[the correspondent] traverses my reference to America by referring to Whitman. He is evidently not aware that the first real word of encouragement that came to Whitman when he published his ‘Leaves of Grass’ was from his countryman Emerson. ‘I find it,’ wrote the philosopher to him, ‘the most extraordinary piece of wit and wisdom that America has yet contributed’”. KELLY, CL1, p. 416, n. 1).

²⁹⁵ “DEAR SIR – I know perfectly what Emerson wrote about the ‘wit and wisdom’ of the ‘The Leaves of Grass’, but cannot see how his praise alters the fact that while Mr. W. M. Rossetti was bringing out an English selection from Whitman’s poems, and Mr. Ruskin and George Elliot celebrating their power and beauty, the American public was hounding their author from a Government post because of their supposed immorality, or that when in his old age all Europe had learned to honour his name the leading magazines of his country were still not ashamed to refuse his contributions”.

²⁹⁶ “Whitman appealed, like every great and earnest mind, not to the ignorant many, either English or American, but to that audience, ‘fit though few,’ which is greater than any nation, for it is made up of

É interessante problematizar a questão da elite intelectual, dos poucos escolhidos, para pensar o movimento de sua relativa importância no pensamento yeatsiano ao longo dos anos. O escritor, amargurado após a derrota na questão da Nova Biblioteca Irlandesa, canaliza sua decepção na imprensa e no público irlandeses, atitude que ele tomara novamente, alguns anos depois, após as dificuldades criadas pelo público e pelos jornais em relação às peças encenadas no Abbey Theatre.²⁹⁷

Se na literatura, e em especial na poesia, Yeats rapidamente recuaria para uma lógica mais exclusivista, com referências esotéricas e seu complexo sistema de símbolos (prática que também o coloca no campo do Modernismo, ainda que de forma menos central), o projeto do Teatro Literário Irlandês (Irish Literary Theatre, ILS), a despeito da insistência no “literário” do nome inicial, insistiria no aspecto nacional irlandês, o que se refletiu, inclusive, no novo nome para a sociedade, Sociedade do Teatro Nacional Irlandês (Irish National Theatre Society), usado de 1903 a 1905. Tal intenção perde força após sua decepção com o aspecto popular do teatro, sua exasperação com o “gerenciamento de homens”²⁹⁸ e as limitações impostas por um público bastante mais vocal em sua reprovação de peças que questionavam certos valores sociais (como no bem conhecido caso do motim contra a produção, em 1907, de *Playboy of the western world*, de J. M. Synge).

É portanto a questão da criação de um público leitor “culto” que o escritor repisa no fechamento de sua carta, retomando o comentário original do editor em relação ao que os escritores irlandeses deveriam ter em mente ao escrever:

“No entanto, suspeito de que estejamos meramente contrapondo palavras, pois concordo com o Senhor que, se quisermos ter um público leitor na Irlanda, precisaremos ter uma crítica irlandesa para dizer-lhe o que ler e o que evitar. Não acredito, todavia, que estaremos mais próximos dessa meta ao exigir que os escritores irlandeses desenvolvam “indiferença adamantina ao julgamento de

chosen persons from all, and through the mouths of George Elliot, Ruskin, and Emerson it did him honour and crowned him among the immortals”.

²⁹⁷ Chamaremos, por conveniência, o projeto para o teatro nacional irlandês como um todo de Abbey Theatre, sua sede mais duradoura, embora os diferentes estágios de sua constituição tenham nomenclatura específica, a que referiremos quando for apropriado.

²⁹⁸ Versos do famoso poema “The Fascination of what’s difficult”, publicado em *The green helmet and other poems* (1910): “[...]My curse on plays/That have to be set up in fifty ways,/On the day’s war with every knave and dolt,/Theatre business, management of men” (VP, p. 260, ll. 8-11).

todos os públicos exceto o do público da Irlanda” como “a única posição honrosa” a se assumir²⁹⁹ (CL1, p. 416, 6D).

A noção de que o público necessitava de alguém que lhes dissesse “o que ler e o que evitar” nos parece algo paternalista, mas está de acordo com a convicção de Yeats quanto ao papel de uma elite intelectual transnacional, não só em assuntos literários, mas também relativos a toda a arte. Além dela, editores de jornal e jornalistas são novamente convocados para trabalhar pelo público leitor irlandês, em sinergia com os autores:

Essa não é, de maneira alguma, uma questão que deva envolver escritores, mas sim jornalistas, editores e donos de jornais da Irlanda. Se críticas de qualidade forem escritas em jornais irlandeses, a elas se dará a devida importância, tanto entre os escritores quanto entre o público. Porém, enquanto os críticos irlandeses continuarem forçados a criticar livros irlandeses em jornais ingleses, ninguém dará ouvidos a nenhuma crítica feita na Irlanda. Um ou dois dos nossos jornais estão fazendo um pouco, muito pouco, mas no geral o amadorismo reina supremo, e os poucos artigos que demonstram algum conhecimento e aquela qualidade – ainda mais rara – o *discernimento* passam despercebidos e perdem-se em meio a um ritual vazio de convenções e preconceito. – Atenciosamente,

“UM ESTUDANTE DE LITERATURA IRLANDESA”³⁰⁰
(CL1, p. 417, 6D)

O argumento desenvolvido na carta anterior é repetido de forma a focar principalmente na dissociação entre aqueles que “fazem” a literatura (evocando o comentário de McGrath de que o correspondente seria ele mesmo mais “produtor” que “estudante” de literatura) e aqueles que a resenham em jornais irlandeses. Outra importante distinção diz respeito ao aspecto nacional da imprensa: a ideia de que críticos irlandeses (críticos no sentido específico daqueles que têm “conhecimento” e “discernimento”) estariam sendo “forçados” a buscar publicação de assuntos também irlandeses em jornais ingleses. Ao lembrarmos a repercussão da controvérsia levantada pela ideia de Londres como “capital intelectual irlandesa”, já

²⁹⁹ “However, I expect that we are merely quarrelling about words, for I agree with you that if we are ever to have an Irish reading public we must have an Irish criticism to tell it what to read and what to avoid. I do not, however, think that it is brought any nearer by bidding Irish writers develop ‘an adamant indifference to the judgment of every public but the public of Ireland’ as ‘the only honourable position’ to take up”.

³⁰⁰ “It is not a matter in any sense for the authors, but for the journalists, editors, and newspaper owners of Ireland. If good criticism be written in Irish newspapers it will carry its due weight with authors and public alike; but so long as Irish critics are forced to criticise Irish books in English papers you will have no criticism in Ireland that any man will listen to. One or two of our papers are doing a little, a very little, but in the main the amateur is supreme, and the few articles that show knowledge, and that far rarer thing, judgment, are lost and unnoticed amid an empty ritual of convention and prejudice. – Yours sincerely, / ‘A STUDENT OF IRISH LITERATURE’”.

discutida no Capítulo 2, fica clara a intenção polêmica de Yeats com tal colocação, certo de estar mexendo com o brio dos nacionalistas.

A terceira mensagem assinada como o “estudante” foi publicada no mesmo *United Ireland* em 16 de fevereiro de 1895, em resposta à menção de uma proposta para a realização de um festival musical irlandês nos modelos dos antigos *feis* da tradição celta. Incluído no banco de dados eletrônico *InteLex* e impresso como adendo ao quarto volume das *CL*, trata-se de espécime cuja existência passara despercebida pelos estudiosos de Yeats por anos e só foi descoberto recentemente. É possível que o uso do criptônimo e a maior distância temporal entre esta e as outras duas cartas tenha feito com que ela eludisse os diversos editores de cartas. Apenas marginalmente preocupado com o *feis*, Yeats usa da oportunidade para, mais uma vez, opinar sobre o cânone irlandês, no qual ele acreditava que o homenageado do *feis*, Thomas Moore, não merecia lugar de destaque (deveria ter aparecido em *CL1*, p. 439. *CL InteLex*, #18 e *CL4*, p. 945, 6E):

SENHOR – Vejo na edição de sábado passado que o Festival Musical Nacional será realizado, se possível, no aniversário do nascimento de Moore; e, pelo que percebi do tom geral do artigo, será uma espécie proclamação anual da grandeza do compositor. Peço encarecidamente ao comitê, se assim for, que levem em consideração a mudança na apreciação de críticos eminentes em relação à maior parte das obras dele. À medida que a fama de Keats, Shelley e Wordsworth vem crescendo, a fama de Southey, Campbell e Moore vem declinando, e se tal mudança de opinião for de fato justificada, um “Festival Musical” permanentemente ligado ao nome de Moore haverá de repelir, a cada ano, muitas pessoas instruídas que poderia estar atraindo; pois não é possível celebrar a contribuição inquestionável dele à música irlandesa sem também celebrar sua mais questionável contribuição à literatura.³⁰¹

Diferentemente da crítica à falta de reconhecimento de Carleton (assim como de Burns e Whitman) pelo grande público nacional, Yeats parece referir-se aqui às mudanças do gosto literário, cujo pulso³⁰² ele demonstra ser

³⁰¹ “SIR – I see by your issue of last Saturday that the National Musical Festival is to be held, if possible, on the anniversary of the birth of Moore; and is intended, I gather from the general tone of the article, to be a kind of annual proclamation of his greatness. I urge the committee, if this be so, to consider the change that has taken place in the attitude of the best critics towards the greater portion of his works. As the fame of Keats, Shelley, and Wordsworth has risen, the fame of Southey, Campbell, and Moore has declined, and if this change of opinion by justified, a ‘Musical Festival’ permanently connected with his name will repel more strongly every year many educated people whom it might otherwise attract; for it is not possible to celebrate his unquestionable service to Irish music without also celebrating his more questionable service to literature”.

³⁰² Podemos considerar essa percepção supreendente, uma vez que Yeats consegue prever o declínio da apreciação de Southey a despeito de sua nomeação como poeta laureado, em 1813,

surpreendentemente capaz de detectar – talvez em função da sua própria predileção por Keats e Shelley. O escritor prediz que a rejeição a Moore tenderia somente a aumentar com o passar do ano e por fim dificultaria a participação do “povo educado” no festival.

Thomas Moore (1779-1852), filho de um pequeno comerciante católico de Dublin, conseguiu, a despeito de sua classe e sua afiliação religiosa, formar-se no Trinity College Dublin e trabalhar como advogado em Londres. A contribuição de Moore para a cultura irlandesa, como indica a carta, deu-se tanto na literatura quanto na música, uma característica nada incomum entre artistas irlandeses da época e dentro da tradição das baladas irlandesas. Yeats considera importante ressaltar a realização de Moore no campo musical, ao qual ele acha que foi feito um “serviço incomparável”, e distingui-la dos méritos puramente literários de seus versos, tanto aqueles publicados como tal quanto as letras das músicas.

Em nota à carta, John Kelly faz referência ao prefácio de *A book of Irish verse*, de 1900, segunda edição do volume originalmente publicado em 1895, e cita o pronunciamento de que “[p]raticamente todos os versos de Moore são artificiais e mecânicos quando separados da música que lhes deu asas”³⁰³ (KELLY, CL4, p. 944, n. 2). Acreditamos serem mais relevantes para o entendimento do contexto da carta enviada ao *United Ireland* a versão da introdução publicada originalmente no volume de 1895, antes da sua reescrita como prefácio, e o ensaio “Modern Irish poetry”, na segunda edição:

Nem a vinda do novo centenário da fama de Moore causou melhoras na questão, uma vez que suas melodias irlandesas são, para os ouvidos mais cultivados, pouco mais do que excelentes canções de salão, bonitinhas com uma beleza que é o contrabando do Parnassus; e o que há de alta poesia restringe-se, praticamente, a “The light of other days” e aos requintados versos que abrem “At the mid hour of night”. Seu poder já se esgotou na Inglaterra, mas na Irlanda muitos consideram-no o melhor dos poetas líricos, e é impossível persuadi-los de que a poesia veio a expulsá-lo porque não tem distinção de estilo; suas frases convencionais estão por demais entrelaçadas com o seu patriotismo, suas cadências mecânicas firmemente casadas com a música ancestral de seu país³⁰⁴ (BIV, p. xiii).

revelando uma perspicácia que dá conta de variações da opinião pública enquanto elas ainda estão em andamento.

³⁰³ “[...] all but all of his verses are artificial and mechanical when separated from the music that gave them wings”.

³⁰⁴ “Nor did the coming with the new century of the fame of Moore change matters for the better, for his Irish Melodies are to most cultivated ears but excellent drawing-room songs, pretty with a

Podemos considerar que as diferenças entre a introdução e o prefácio de 1900, citado pelo editor das *CL*, refletem reformulações motivadas por outras questões que não políticas, embora seja inegável que a crítica a Moore apareça de forma muito mais acerba na versão suplantada. Escrita na mesma época que a carta, a introdução, datada de 5 de agosto de 1894 e publicada em março do ano seguinte, certamente estaria na mente do escritor quando enviou a carta ao jornal, em 16 de fevereiro. Os paralelos são vários, perceptíveis inclusive na escolha da dicção: a qualificação de ouvidos “cultivados”, termos encontrados em *CL1* (p. 409, 6C); a comparação feita à amiga Tynan entre as vantagens da Irlanda e da Inglaterra, respectivamente os “campos verdejantes & encostas de montanhas & as horas tranquilas do interior da terra pátria”,³⁰⁵ e “a mera presença de pessoas mais educadas”³⁰⁶ (*CL1*, p. 231); a descrição do “público bastante educado”, presente na produção da primeira peça de Yeats, *Land of the heart's desire*, em Londres, no ano 1894 (*CL1*, p. 386).

Ademais, as canções de Moore são descritas como “bonitinhas” (*pretty*), um adjetivo que Yeats reserva para a avaliação de poemas de menor importância, especialmente quando não tem muito mais a falar. Encontramos o adjetivo em cartas escritas ao médico Robert Reilly, poeta amador que escrevera o primeiro poema dedicado a Yeats, “To William B. Yeats, author of ‘The wanderings of Oisín’”, considerado “um pequeno poema muito bonito”³⁰⁷ (*CL1*, p. 171). No entanto, seu uso é mais frequente na avaliação de versos escritos por mulheres, como no caso de Elizabeth White, cujos versos são descritos ao padre Russell como “algo pueris, mas de natureza musical e sincera, por vezes contendo diversas frases realmente bonitinhas”³⁰⁸ (*CL1* p. 132), Anna Isabel Johnston (*CL1*, p. 188), Rosa Mulholland (*CL1*, p. 199), além de Katharine Tynan, em cujo talento poético o escritor tinha mais fé e a quem ele recomenda: “Deves tentar periodicamente escrever poemas um pouco mais longos – eles ajudam refletir sobre os próprio versos & induzem à busca

prettiness which is contraband of Parnassus; and all he had of high poetry is probably in ‘The light of other days,’ and in the exquisite lines beginning ‘At the mid hour of night.’ In England his power is over, but in Ireland numbers think him the first of lyric poets, and no persuasion can make them believe that poetry has cast him out because he had no distinction of style; his conventional phrases are too closely interwoven with their patriotism, his mechanical cadences too firmly married to the ancient music of their country”.

³⁰⁵ “[...] green field & mountain slope & for the tranquil hours of ones own country side”.

³⁰⁶ “[...] the mere presence of more cultivated people”.

³⁰⁷ “[...] a very pretty little poem”.

³⁰⁸ “[...] somewhat artless but musical and sincere and having often really pretty phrases”.

por novos tipos de sensibilidades e impedem-nos de cair naquilo que é meramente bonitinho” (CL1, p. 218).³⁰⁹

Por fim, ele ressalta a necessidade de separar o convencionalismo e a artificialidade das expressões de patriotismo. Em contraponto à organicidade do material que parte da tradição folclórica, esse convencionalismo seria algo mecânico, um ponto de vista que poderemos ver na continuação da referida carta ao *United Ireland*.

Outro aspecto da introdução que também ganha voz na correspondência são as diferenças de opinião não só por nacionalidade, mas também pela relação com a literatura nacional. Se no ensaio introdutório Yeats revela um entendimento mais binário das recepções inglesa e irlandesa (o “poder” de Moore teria desaparecido naquele público, enquanto persistia neste), na carta ao *United Ireland* outras distinções passam a ser necessárias:

O autor do artigo a que me refiro parece considerar que somente a opinião inglesa e a opinião dos irlandeses que desprezam a literatura irlandesa – pelo menos é assim que eu entendo – recusam a Moore o título de grande poeta. [...] Somente insisto nesse assunto porque acredito que a literatura irlandesa, ao conseguir desvencilhar-se da artificialidade e da insinceridade, conquistará, nos próximos anos, penetração em todas as classes [sociais] da Irlanda, trazendo um pouco de fogo patriótico até mesmo aos cantos obscuros da anglofilia³¹⁰ (CL4, p. 945, 6E).

Drasticamente reescrita para a edição de 1900, a afirmação original da introdução foi possivelmente descartada devido a seu simplismo, e encontramos-la em estágio intermediário no trecho acima, em que a rejeição de Moore como “grande poeta” não estaria limitada a ingleses e irlandeses que não acreditavam na vitalidade da literatura irlandesa, como era o caso dos catedráticos do Trinity College Dublin, entre eles Edward Dowden.

Os paralelos entre a carta e a introdução original ao *Book of Irish verse* persistem: é necessário “desvencilhar” a literatura irlandesa da perigosa rede de “artificialidade e insinceridade”, da mesma forma que seria vital “desenredar” o

³⁰⁹ “You should attempt every now & then poems of some little length – they help one to think hard about one’s verse & make one search for new kinds of feeling & keep one from falling into the merely pretty”.

³¹⁰ “The writer of the article I refer to seems to consider only English opinion, and the opinion of those Irishmen who despise Irish literature – at least so I understand him – refuse to Moore the title of a great poet. [...] I only press this matter because I believe that Irish literature, if it disentangle itself from artificiality and insincerity, will in the next few years penetrate all classes in Ireland, and bring something of a patriotic fire into even the dim corners of West Britonism”.

convencionalismo e “descascar” as cadências mecânicas dos versos de Moore de sua expressão de “patriotismo”, que também reaparece na carta ao periódico – e em posição de destaque, já que atizar o “fogo patriótico” para iluminar “os cantos mais escuros do *West Britonism*” (cuja conotação negativa ficou clara no Capítulo 4) seria uma das funções da literatura irlandesa. O papel central da literatura na consciência nacional é apresentado em uma perspectiva histórica e internacional:

Cada uma das pequenas nacionalidades da Europa passou pela mesma luta que agora enfrentamos; e em quase todos os casos, a literatura e a história nacionais é que instigaram o patriotismo nas classes instruídas, ao passo que, em nenhum caso, puderam fazê-lo antes de aprender a colocar a verdade acima da glória nacional³¹¹ (CL4, p. 946, 6E).

Destaca-se a complexa dinâmica entre as demandas do patriotismo (cujo real significado é raramente discutido por Yeats, assumindo um valor positivo pouco questionado, o que nos parece revelar certa ingenuidade) e a noção de “verdade”, aqui entendida também como a adoção de uma postura crítica capaz de valorar adequadamente a produção intelectual sem se deixar inebriar pela “glória nacional”.

Tal adesão a critérios válidos de julgamento estético seria possível, de acordo com as colocações de Yeats na carta, quando a crítica é feita por críticos habilitados. Como exemplos desses “melhores críticos”, oferece uma lista:

O Senhor pode resolver a questão de uma maneira que certamente será interessante, ao mesmo tempo que ajudará a chamar a atenção para o projeto do Festival, se pedirdes aos irlandeses que vêm alcançando fama tanto na criação quanto na crítica da literatura criativa – o Sr. O’Grady, o Sr. Stopford Brooke, o Sr. King, o Sr. Johnson, o Sr. Graves e seus companheiros de trabalho – que enviem uma pequena amostra de suas opiniões para serem publicadas no United Ireland³¹² (CL4, p. 945, 6E).

Embora nenhum dos escritores nomeados pelo poeta tenha aceitado o convite para tomar parte na discussão da forma sugerida pelo poeta (KELLY, CL4, p. 945, n. 3), seja a pedido do editor, seja por iniciativa própria, é interessante atentar para características comuns a essas figuras. A centralidade das versões do passado

³¹¹ “Every one of the small nationalities of Europe has gone through the struggle we are now passing through; and it almost all it has been national literature and history which have filled the educated classes with patriotism, but in none were they able to do so until they learned to set truth above the national glory”.

³¹² “You, sir, can settle the matter in a way which will be interesting, and at the same time help to draw attention to the projected Festival, by asking the Irishmen who have excelled in the making as in the criticism of imaginative literature – Mr O’Grady, Mr Stopford Brooke, Mr King, Mr Johnson, Mr Graves, and their fellow-workers – to send you for publication in UNITED IRELAND a short expression of their opinion”.

heroico irlandês escritas pelo historiador e romancista Standish O'Grady como inspiração para escritores do Renascimento Irlandês, Yeats em especial, já foi discutida no primeiro capítulo, e seu lugar no cânone irlandês tal como definido pelo poeta será reexaminado no seguinte.

Já o papel do reverendo Stopford Brooke estaria mais circunscrito a sua atividade como reconhecido estudioso das histórias literárias inglesa e irlandesa, assim como sua relevância política como vice-presidente da Sociedade Literária Irlandesa, em Londres. Richard Ashe King, cujo discurso teria gerado reações que levaram Yeats a escrever ao mesmo *United Ireland* cartas já discutidas aqui (4C, 4E), era importante membro tanto da Sociedade Literária Nacional, em Dublin, quanto da Sociedade Literária Irlandesa, em Londres, além de prolífico crítico literário.

Lionel Johnson, membro da “geração trágica” que marcara a juventude de Yeats na Londres da virada do século, é o único crítico da lista cuja nacionalidade não é irlandesa – “problema” facilmente resolvido com o descobrimento de antepassados irlandeses.³¹³ Fruto de uma educação rigorosa, incluindo o estudo de clássicos em New College, Oxford, Johnson oferecia a Yeats um contraponto erudito em suas participações no Rhymers' Club.

Pai do famoso poeta da Grande Guerra Robert Graves, autor do seminal estudo mitográfico *The white goddess* (1948), o irlandês Alfred Perceval Graves também escrevia baladas e trabalhava como antologista de poesia de inspiração celta. Sua inclusão na lista de Yeats deriva ainda de sua participação na Sociedade Literária Irlandesa quando da sua mudança para Londres e de seu envolvimento com a educação, já que ele trabalhava como inspetor de escolas no distrito de Southark.

³¹³ A questão do *pedigree* irlandês ou “celta” por meio do recurso a ancestrais era um expediente comum que por vezes levava a absurdos como a afirmação da descoberta de antepassados irlandeses de William Blake, defendida ferozmente por Yeats na época de sua edição de *The works of William Blake* (1893). Em carta escrita a John O'Leary em 7 de maio de 1889, ele declara triunfantemente: “Tenho provas, inclusive, que demonstram que ele era de origem irlandesa – seu avô era um O'Neal que mudou de nome por motivos políticos. Irlanda tem um lugar muito importante de sua sistema místico” (“I have evidence by the way to show that he was of Irish extraction – his grandfather was an O'Neal who changed his name for political reasons. Ireland takes a most important place in his mystical system”. *CL1*, p. 163). Embora Yeats não fosse o primeiro a afirmar tal ascendência (KENNER, 1983, p. 162) a existência do *pedigree* ajudava-o a justificar seu interesse no autor e tinha a função adicional de fundir seus interesses místicos à função de divulgação de autores irlandeses.

No entanto, a mais importante característica que une os nomes é ressaltada pelo próprio poeta: tratava-se de “homens irlandeses” (com certa largura na definição para incluir Johnson) que, assim como ele, o autointitulado “estudante”, eram também produtores de literatura. As inter-relações entre as figuras do artista e do crítico vinham sendo interrogadas de forma bastante consistente nos meios intelectuais do *fin-de-siècle* londrino. O seminal par de ensaios publicados por Oscar Wilde na revista mensal *The Nineteenth Century* em julho e setembro de 1890 e editados na coleção *Intentions* em maio do ano seguinte sob o título de “The critic as artist”, partes I e II, tivera importante impacto em redefinir os conceitos de termos que anteriormente eram considerados em planos diferentes.

O título original, “The true function and value of criticism”, faz alusão a Matthew Arnold, importante figura para a definição do significado da identidade celta no século XIX. Wilde, assim como Yeats, rejeitava muitos dos preceitos arnoldianos, ao passo que não conseguia escapar de sua influência. Em seu estudo do volume *Intentions* (1891), Lawrence Danson identifica em Wilde uma rejeição da crítica literária feita por amadores em jornais: “Em ‘O crítico como artista’ e, ainda mais fortemente, em ‘A alma do homem sob o socialismo’ ele ataca a ‘autoridade’ do jornalismo como uma subclasse ou sintoma da ‘autoridade’ do ‘Povo’”³¹⁴ (DANSON, 1997, p. 135). No entanto, assim como em Yeats, a distinção das duas funções é, talvez intencionalmente, não muito clara. Danson continua:

A definição do crítico-como-artista depende da definição do crítico-como-jornalista: é possível saber que alguém pertence à primeira categoria quando não pertence à segunda. Mas era, de fato, muito difícil, tanto em 1890 quanto agora, traçar uma linha divisória entre o resenhista de jornal e – o quê? O crítico estético, crítico literário, crítico cultural? [...] O anonimato em publicações periódicas reforça a ideia de uma classe homogênea de escritores cujo trabalho é uma mercadoria. Já artigos assinados (como aqueles que se tornaram os ensaios em *Intenções*) anunciam que escritor tem a posse de suas palavras e ideias, fazendo com que este gravite em direção a uma área onde, de acordo com realinhamento de Wilde, “crítica” e “arte” unem-se em contraponto a “jornalismo”³¹⁵ (DANSON, 1997, p. 140).

³¹⁴ “In ‘The Critic as Artist’ and more so in ‘The Soul of Man Under Socialism’ he attacks the ‘authority’ of journalism as a subclass or symptom of the ‘authority’ of ‘the People’”. Os ensaios críticos de Wilde foram originalmente publicados em português em *Intenções* (1912), com tradução de João do Rio.

³¹⁵ “The definition of the critic-as-artist depends on the definition of the critic-as-journalist; you can know the one because he is not the other. But it was in fact very hard, in 1890 as it is now, to draw the line between the journalistic reviewer and the – what? aesthetic critic, literary critic, cultural critic? [...] Anonymity in periodical publication contributes to the idea of a homogeneous class of writers whose work is a commodity; signed articles (like those which became the essays in *Intentions*) advertise the

Dada a proximidade entre Wilde e Yeats,³¹⁶ é difícil não considerar a influência das ideias do crítico-como-artista, assim como o outro lado da moeda, o artista-como-crítico, no argumento defendido pelo poeta nas cartas assinadas pelo “Estudante”, aqui discutidas.

O último aspecto da carta no que diz respeito à definição do cânone toca no inescapável juiz que é o tempo:

Naturalmente, é possível, embora sempre improvável, que as pessoas cultas de uma certa época possam estar erradas, mas a única corte de apelação de seu julgamento é o tempo. Caso o veredito deles for contra Moore, seria fácil encontrar alguma outra data, como o aniversário da morte de Carolan – caso seja conhecida – ou a morte de um dos antigos músicos gaélicos, que poderia ser repleta de simbolismo nacional e não perpetuaria nenhum entusiasmo acrítico³¹⁷ (CL4, p. 945, 6E).

A insistência nos perigos do “entusiasmo acrítico” é de extrema importância para o escritor devido à grande resistência de certas parcelas da *intelligentsia* irlandesa e inglesa aos méritos literários da produção cultural irlandesa, do passado e do presente. Uma figura veio representar, para Yeats, o pensamento inflexível e antinacionalista do *establishment* acadêmico do Trinity College Dublin: o professor Ernest Dowden, cujo ataque nas páginas dos periódicos irlandeses será o assunto do próximo capítulo.

writer's possession of his words and ideas, spinning the writer toward the area where, in Wilde's realignment, 'criticism' and 'art' come together in opposition to 'journalism'".

³¹⁶ Além de frequentador ocasional das reuniões do Rhymers' Club, o apadrinhamento de Yeats por parte de Wilde se desenvolvia tanto no campo profissional (a resenha de *The Wanderings of Oisín* no Pall Mall é especialmente elogiosa) como no pessoal, sendo que a visita do jovem compatriota à casa dos Wilde em Tithe Street torna-se peça central das reminiscências do poeta no texto autobiográfico de *Four Years: 1887-1891* (1921). O volume é colecionado em *The Trembling of the Veil*, publicado no ano seguinte, onde também constava a já referida seção “The Tragic Generation”, em que Yeats descreve não só o declínio de Lionel Johnson mas também de Wilde. O papel de Yeats na reabilitação da reputação de Wilde e o impacto de sua defesa nas autobiografias foram assunto de meu estudo anterior.

³¹⁷ “It is, of course, possible though always unlikely, that the cultivated people of a particular age may be wrong, but the only court of appeal from their judgement is time. Should their verdict be against Moore, it would be easy to find some other date, such as the anniversary of Carolan's death, if it be known, or of the death of one of the old Gaelic musicians, which would be full of national suggestion, and perpetuate no uncritical enthusiasm”.

CAPÍTULO 7

O ataque a Dowden e a lista dos 30 melhores livros irlandeses

A modalidade discursiva e dialógica da carta indubitavelmente a predispõe a dar suporte a ensaios literários e críticos, ainda mais durante o período da juventude do escritor de correspondências. Muitas são as cartas privadas que se desprendem de suas amarras originais para se fazerem prefácio, panfleto ou manifesto e, assim, passarem do espaço privado para a esfera pública.³¹⁸

(DIAZ, 2002, p. 97)

O ataque às palavras e, de certa maneira, à figura de Edward Dowden desenrolou-se em controvérsia nos primeiros meses de 1895 e ressalta não apenas o distanciamento do jovem Yeats de amigos e valores paternos (Dowden fora contemporâneo de John B. Yeats quando ambos cursavam a graduação no Trinity College Dublin), mas também a sua habilidade em se valer de acontecimentos recentes e de destaque para alcançar maior disseminação de seus interesses.

A controvérsia se estabelece a despeito da duradoura amizade de seu pai por Edward e também pelo irmão John Dowden, e até mesmo do incentivo do professor ao jovem poeta, que “começou a ver Dowden como representante de tudo o que não gostava na mentalidade vitoriana, particularmente em sua manifestação anglo-irlandesa e anglófila”³¹⁹ (CL 1, p. 483). Se em escritos anteriores Yeats tendera a focar no *status* de Dowden dentro do paradigma da crítica literária acadêmica e conservadora na Irlanda e na Grã-Bretanha, com o passar do tempo vemos surgir uma postura mais monitoria. O contraste pode ser percebido ao compararmos a formulação em um dos primeiros ensaios publicados por Yeats, em 1886, quando ele escreve uma longa defesa de Samuel Ferguson, aqui já referido como parte do “panteão” de poetas irlandeses idealizado por Yeats:

A maior parte do talento de Ferguson foi morta há muito tempo pela indiferença.

³¹⁸ “Sans doute la modalité discursive e dialogique de la lettre la prédispose-t-elle à se faire le support d’essais littéraires et critiques, et cela d’ailleurs bien au-delà de la période de jeunesse des correspondences. Nombreuses sont les lettres privées qui se détachent de leurs amarres d’origine pour se faire préface, pamphlet ou encore manifeste, et passent ainsi de l’espace privée à la sphere publique”.

³¹⁹ “[...] he began to see Dowden as representative of all that he disliked in the Victorian frame of mind, particularly in its West British, Anglo-Irish manifestation”.

Resta saber se o mais ilustre dentre nossos críticos, o Professor Dowden, não teria melhor servido aos interesses de seu país, ou mesmo, no longo prazo, à sua dignidade e reputação, caras a todos os irlandeses, se tivesse dedicado algumas de suas primorosas páginas sobre figuras já tão batidas como George Eliot a um homem como o do tema deste artigo³²⁰ (UP1, p. 88).

Ancorando seu argumento sobre a limitada produção poética de Ferguson em questões relativas a sua recepção, o jovem poeta confia a culpa da indiferença do leitor comum a críticos como Dowden, que teriam falhado em defender os interesses nacionais ao se dedicar tanto a escritores ingleses como Eliot. A “falta” de Dowden, no entanto, aparece nem tanto como uma exclusão intencional da literatura nacional, mas como resultado de uma escolha mediante limitações de tempo e espaço, evitando adentrar nos méritos daquele poeta ou deste romancista. Ademais, abrandando-se a reprimenda ao professor com seu epíteto, “o mais ilustre dentre nossos críticos”, enquanto a sintaxe confusa do período seguinte complica o entendimento da ressalva quanto à “dignidade e reputação” de Dowden: assim como na defesa de Carleton e sua comparação à recepção do escocês Robert Burns, Yeats apela para o efeito que o silêncio do professor a respeito de Ferguson poderia posteriormente ter em sua carreira.

O que significaria, no caso, ser “benquisto” pelo povo irlandês? A despeito da hipótese mais semanticamente lógica dos “interesses de seu país”, a proximidade com a “dignidade e reputação” do professor parecem ser os referentes, indicando o orgulho do povo irlandês de ter em Trinity College um crítico do calibre de Dowden, efetivamente convertendo sua carreira também em um “interesse nacional” e tornando a falta de seu apoio ainda mais ressentida, como veremos na carta de 26 de janeiro de 1895.

O primeiro mês do ano fora bastante ativo no mundo das letras irlandesas: uma homenagem a Roden Noel, morto menos de um ano antes, deu-se na forma da leitura de uma de suas palestras no Leinster Lecture Hall de Dublin, em 14 de janeiro de 1895, ao fim da qual diversas outras figuras ilustres³²¹ interagiram

³²⁰ “The greatest of his [Ferguson] faculties was killed long ago by indifference. It is a question whether the most distinguished of our critics, Professor Dowden, would not only have more consulted the interests of his country, but more also, in the long run, his own dignity and reputation, which are dear to all Irishmen, if he had devoted some of those elaborate pages which he has spent on the much bewritten George Eliot, to a man like the subject of this article”.

³²¹ A lista inclui William Conyngham, 4º Barão Plunket (1828-1897), amigo de longa data de Ferguson; Sir William Stokes (1839-1900), irmão de Whitley Stokes (1830-1909) e seu médico durante a doença que o matou, em 1886; Sir John Pentland Mahaffy (1839-1919), professor de

em debate cuja repercussão rapidamente alcançou as páginas de periódicos irlandeses. O editor do gigante *The Irish Times*, então o mais importante jornal dos conservadores e das seções mais moderadas do unionismo irlandês, destina duas notas ao encontro no Leinster Hall: um relato do desenrolar da reunião, informativo (incluindo os “aplausos” da plateia quando ocorreram), precedido por um editorial mais exaltado. Para além do trecho incluído em nota (“seria mais honesto se o Professor DOWDEN tivesse declarado que não acreditava sequer na existência da poesia irlandesa”,³²² KELLY, *CL1*, p. 428, n. 3), o editorial conclui sua defesa de Ferguson com uma caracterização nada elogiosa da escola de crítica a que, sugere-se, Dowden pertença:

Dr. INGRAM discordou absolutamente da opinião de que o poeta deveria ter se despojado do instinto nativo na escolha de temas e censurou a escola de crítica do *nil admirari*, nova moda literária difundida por certa seita literária e que vem ganhando a fama de indouta e antipática³²³ (THE IRISH TIMES, 1895, p. 5).

Em aparente contradição, à noção de uma escola excessivamente cética junta-se o juízo de que tal escola teria se tornado “moda” devido à admiração de uma “seita”, conceito que pouco combina com a noção do *nil* (ou *nihil*) *admirari*. De toda forma, a ferroada é clara: tais críticos seriam pouco inteligentes, e a eles faltariam as qualidades da simpatia.

Dado o tom áspero do editorial, não é de se espantar que T. W. Rolleston tenha buscado publicar no próprio *The Irish Times* sua carta em repúdio às declarações de Dowden. Não obstante a cobertura inicial, o *Irish Times* recusa-se a publicar a correspondência, que então, em interessante processo de “derramamento”, vai parar no *Daily Express* de Dublin. A mudança do foro da discussão de um jornal para o outro chama a atenção para diversas características desse tipo de controvérsia. Primeiramente, reflete o intercâmbio entre os editores e o público leitor através dos diferentes periódicos, em especial os de grande circulação,

História Antiga no Trinity College Dublin e responsável pelo obituário publicado no *Athenaeum*, em 14 agosto de 1886; Gerald Fitzgibbon (1837-1909), detentor de importantes cargos no governo irlandês; e John Kells Ingram (1823-1907), professor de Oratória e posteriormente de Grego no Trinity College Dublin, além de poeta responsável pela famosa balada nacionalista “Who fears to speak of Ninety-eight?” (KELLY, *CL1*, p. 427, n. 2).

³²² “Professor DOWDEN would have been honest if he had declared that he did not believe in the existence of Irish poetry at all”.

³²³ “Dr. INGRAM entirely dissented from the opinion that the poet should have divested himself of his native instinct in the choice of themes and deprecated the *nil admirari* school of criticism, which has been made the fashion by a literary sect, and which has earned the character of unintelligence and want of sympathy”.

como o *Irish Times*: Rolleston podia presumir com certo grau de certeza que os leitores do *Daily Express* teriam tido acesso ao relato da palestra, veiculado no *Times*, se não diretamente, ao menos por comentários entre familiares, muitas vezes, inclusive, por correspondência, como podemos ver em missiva enviada por Yeats a sua irmã Lily, em 20 de janeiro:

O “Movimento Literário Irlandês” está florescendo. A palestra sobre Sir Samuel Ferguson, proferida na Sociedade Lit[erária] de Londres por Roden Noel, foi recentemente lida em Dublin por Miss Hickey [...] & o Prof Dowden expressou seu desprezo pelo movimento Literário Irlandês & pela Literatura Irlandesa em geral, tornando-se alvo de todos os jornais de Dublin – até mesmo do *Irish Times*, que via nele seu líder. Respondeu-lhes com um texto algo tênue³²⁴ (CL1, p. 427).

É de suma importância ressaltar como o florescimento do Movimento Literário Irlandês delineia-se de forma diretamente relacionada tanto às atividades de uma sociedade literária quanto à agitação na imprensa dublinense. A surpresa com o envolvimento do *Irish Times* aponta para a outra característica das controvérsias em jornais. Há, em segunda instância, a questão dos perfis editoriais dos jornais: com a invectiva de Rolleston, o assunto torna-se muito inflamável para as páginas do jornal conservador e migra para seu primo mais extremado, o que também reflete, necessariamente, o público leitor de um e de outro.

É portanto nas páginas do *Daily Express* que a carta de Yeats encontra-se publicada, a quarta de uma série (à primeira, de Rolleston, mencionada anteriormente, seguiu-se réplica de Dowden, em 22 de janeiro, e tréplica de Rolleston, no dia seguinte), publicada em 26 de janeiro de 1895:

SENHOR – O Prof. Dowden diz que a literatura irlandesa tem muitos problemas, o que, de fato, é óbvio; nem poderia ser diferente tratando-se de uma literatura ainda jovem, uma literatura experimental, uma literatura comprometida com materiais nunca antes explorados e que busca um público majoritariamente entre pobres e ignorantes. A única questão a se debater é se a melhor maneira de superar esses problemas seria peneirar e revelar o que há de excelente, como o Sr. Stopford Brooke, o Sr. Rolleston, o Dr. Hyde, o Sr. Ashe King, o Sr. Alfred Perceval Graves, o Sr. Lionel Johnson e os outros líderes do “Movimento Literário Irlandês” vêm tentando fazer; ou fazer como o Prof. Dowden, que diz uma ou outra

³²⁴ “‘The Irish Literary Movement’ is flourishing. A lecture on Sir Samuel Ferguson which was read at the *Irish Lit Society London* by Roden Noel, was read in Dublin the other day by Miss Hickey [...] & Prof Dowden expressed scorn for the Irish Lit movement & Irish Lit generally for which he has been catching it from all the Dublin papers – even the *Irish Times* which had a leader on him. He has written a rather feable protest”.

banalidade vaga sobre retórica, sentimentalismo e técnica ruim³²⁵
(CL1, p. 430, 7A).

O paralelo com as palavras do editor do *Irish Times* não pode deixar de ser notado: o poeta usa do mesmo expediente ao comparar Dowden (aqui nomeado e de certa forma isolado) a elementos de uma nova crítica sob os auspícios do autointitulado “Movimento Literário Irlandês”, cujos membros são mais uma vez enumerados – é praticamente uma lista de chamada das sociedades literárias de Dublin e Londres. A abundância de nomes ilustres contrasta com o isolamento de Dowden, cuja abordagem é criticada, novamente, em termos similares aos apontados pelo *Irish Times*, especialmente dado que o próprio Yeats critica a literatura irlandesa de forma correlata em outras situações, como visto em carA situação algo *sui generis* da literatura irlandesa, particularmente em sua aproximação com as tradições britânicas, é expressa em relação à sua juvenilidade: trata-se de uma literatura que busca a experimentação, que usa como material fontes e interesses pouco explorados e cujo público é pouco conhecedor desse tipo de arte. “Novidade” destaca-se como palavra de ordem:

Não nos interessa debater se essa literatura é importante ou não, mas apenas se ela é ou não nova. Se for nova, nenhum homem vivo pode calcular sua importância ou dizer para onde soprarão seus ventos no futuro, não apenas na Irlanda mas também fora dela. E penso eu que qualquer homem incapaz de ver uma qualidade distinta em “Outlaw of Loch Lene”, de Callanan, em “Mairgreod Ni Chealleadu”, de Walsh, em “Marriage” e “Plea for love”, de Davis, em “Ode to The Maguire” and “Woman of three cows”, de Magan, em “A Cushla Gal ma Chree”, de Doheney, em “Winding banks of Erin”, de Allingham, em “Conary”, de Ferguson, em “Wedding of the clans”, de Vere, e em inúmeros outros poemas que não são nem retóricos nem sentimentais, nem possuem flacidez técnica, deva ser preconceituoso ou algo destituído de sensibilidade artística³²⁶ (CL1, p. 430, 7A).

³²⁵ “SIR – Prof Dowden says that Irish literature has many faults, and this is indeed obvious; nor could it well be otherwise in a young literature, an experimental literature, a literature preoccupied with hitherto unworked material, and compelled to seek an audience for the most part among the poor and the ignorant. The only question at issue is whether we can best check these faults by carefully sifting out and expounding what is excellent, as Mr Stopford Brooke, Mr Rolleston, Dr Hyde, Mr Ashe King, Mr Alfred Perceval Graves, Mr Lionel Johnson, and the other leaders of “the Irish literary movement” are endeavouring to do; or by talking, like Professor Dowden, occasional vague generalities about rhetoric and sentimentality and bad technique”.

³²⁶ “It does not seem to me a question for us whether this literature be important or unimportant, but only whether it be new or not new. If it be new no man living can measure its importance, or say what sails may be filled by it in the future, not merely in Ireland but out of Ireland. And I think that the man who cannot find a distinct character in Callanan’s ‘Outlaw of Loch Lene,’ in Walsh’s ‘Mairgreod Ni Chealleadu,’ in Davis’ ‘Marriage’ and ‘Plea for Love,’ in Mangan’s ‘Ode to The Maguire’ and ‘Woman of Three Cows,’ in Doheney’s ‘A Cushla Gal ma Chree,’ in Allingham’s ‘Winding Banks of Erin,’ in

Há uma nova tônica nas observações do poeta nessa missiva, embora se possa perceber a recorrente preocupação com o julgamento de gerações futuras e da crítica cosmopolita: a consideração do que seria novo, distinto, original na literatura irlandesa. Sempre adepto de listas, Yeats elenca uma série de poemas e antecipa-se ao questionamento de quais seriam, então, os grandes versos da tradição irlandesa – providencialmente na ponta da língua para Yeats, que veria a publicação de sua antologia, *A book of Irish verse* (1895), acontecer dali a menos de dois meses.

A suspeita de preconceito colore a avaliação das opiniões de Dowden, mesmo após sua réplica, em que ele se retrata e ressalta seu apreço por Ferguson:

Tenho certeza de que se o Professor Dowden não percebe essa qualidade distinta, só pode ser porque não deu ao assunto a devida atenção. E se a percebe, pergunto, então se considera ter feito seu dever para com esse novo impulso criativo. Não é possível isolar Ferguson e dizer que apenas ele tem o que é necessário, pois todos os homens que mencionei escreveram algo tão distinto, tão repleto de *pathos*, tão característico quanto qualquer um dos poemas de Ferguson. Faltam-lhes o propósito épico e a excelência continuada de Ferguson, mas em certos momentos o superam em delicadeza e no domínio do que Blake descreveu como “palavras minuciosamente apropriadas.” O Professor Dowden é, há anos, nosso crítico representativo e durante esse tempo fez pouco pela reputação de Ferguson, a quem ele admira, e nada pela reputação dos outros que citei, a quem Ferguson admirava³²⁷ (CL1, p. 431, 7A).

Insistindo na questão da distinção e da novidade, Yeats sugere que a depreciação advém da falta de atenção à produção nativa, ressaltando que uma vez que Dowden diz apreciar Ferguson, as mesmas qualidades deste autor deveriam ser encontradas em outros poemas. De especial interesse é a noção do “dever” de Dowden como crítico (aqui descrito como “representativo” e destituído da qualificação como “dentre os mais distintos”) na divulgação dos escritores irlandeses. Embora afim à formulação do ensaio de 1886, a carta enviada ao *Daily*

Ferguson's 'Conary,' in de Vere's 'Wedding of the Clans,' and in countless other poems, which are neither rhetorical nor sentimental, nor of flaccid technique, must be either prejudiced or a little lacking in artistic sensitiveness”.

³²⁷ “I am sure that if Professor Dowden does not perceive this distinct character it can only be because he has given the subject too little attention; and if he does perceive it I ask him does he think he has quite done his duty by this new creative impulse. It is not possible to separate out Ferguson and say that he alone has it, for the men I have named have each written something as distinguished, as pathetic, as characteristic as any of his poems. They fall short of his epic aim and of his sustained excellence, but at times excel him in delicacy and in mastery over what Blake has called ‘minute appropriate words.’ Professor Dowden has been for years our representative critic, and during that time he has done little for the reputation of Ferguson, whom he admires, and nothing for the reputation of these others, whom Ferguson admired”.

Express é mais feliz em sua construção, fazendo uso de interessante paralelismo que chasqueia o professor em função do que Yeats vê como sua omissão.

À censura ao silêncio do professor e da escola da qual ele é tido como “representativo”, o Trinity College Dublin, sobrepõe-se o projeto de Yeats e de seu “movimento”, cuja emergência configura uma possível solução para a estreiteza das abordagens criticadas, também aliando-se à noção do “novo”, defendida em relação à literatura e aqui aplicável igualmente à crítica que se propõe a estudá-la:

Nosso “movimento”, por outro lado, existe apenas há três ou quatro anos, e durante todo esse período vem denunciando a retórica, com ainda mais ardorosa veemência que o próprio Prof. Dowden. O movimento expôs o sentimentalismo e a flacidez técnica com mais eficiência que ele, dado seu conhecimento imperfeito da literatura irlandesa. Ao mesmo tempo, porém, tem persuadido os homens e mulheres irlandeses a lerem o que há de mais excelente na literatura irlandesa do presente e do passado, além de ter acrescentado a essa literatura livros de folclore, livros de história, livros de ficção e livros de poesia, os quais, quaisquer que sejam seus defeitos, ainda assim são expressões do mesmo humor dominante, do mesmo impulso criativo que inspirou Ferguson e os poetas que mencionei³²⁸ (CL1, p. 431, 7A).

Cauteloso na observância do emprego das aspas para não sugerir maior coesão e organização do que de fato existia, a despeito de seus esforços, o poeta propagandeia os objetivos e o impacto do grupo a que ele pertencia e considera-o não só mais crítico quanto aos defeitos denunciados por Dowden (repetindo as cargas da “retórica” excessiva e da “flacidez técnica” usadas por Dowden), mas também mais capacitado a fazê-lo por estar mais bem informado que o professor.

De fato, soma-se a essa postura crítica capacitada o importante efeito sobre os leitores, que, influenciados pela pré-seleção do que havia de mais “excelente” na produção cultural irlandesa por parte de membros do movimento, passariam também a conhecê-la melhor. A relação simbiótica entre escritores, críticos e leitores é abraçada por Yeats como o melhor modelo para o desenvolvimento dessa nova literatura, entendida aqui, ademais, em sua concepção

³²⁸ “Our ‘movement,’ on the other hand, has only existed three or four years, and during that time it has denounced rhetoric with more passionate vehemence than he has ever done. It has exposed sentimentality and flaccid technique with more effect than has been possible to his imperfect knowledge of Irish literature, but, at the same time, it has persuaded Irish men and women to read what is excellent in past and present Irish literature, and it has added to that literature books of folklore, books of history, books of fiction, and books of verse, which, whatever be their faults, are yet the expression of the same dominant mood, the same creative impulse which inspired Ferguson and the poets I have named”.

mais ampla para incluir não somente a “alta literatura” dos épicos, mas também textos folclóricos, históricos, de ficção e poesia.

Por fim, reaparece a ideia de *mood* (“ânimo”, “disposição” ou “humor”, na tradução por que optamos), um dos mais importantes conceitos yeatsianos desse período e que reverbera em diversos gêneros de sua obra, do esotérico poema “The moods” (publicado na *The Bookman* pela primeira vez em agosto de 1893 e depois incluído no volume de 1899, *The wind among the reeds*) ao breve ensaio de mesmo título posteriormente reeditado em *Ideas of good and evil* (1903), mas que aparecera originalmente como parágrafo da série de ensaios publicados também no *The Bookman* em 1895 como “Irish National Literature” – o que já sugere a relação entre o conceito dos “humores” ou “estados de espírito” e a ideia da literatura nacional. O ensaio reeditado para a publicação no formato mais duradouro do livro expõe o que seria único à literatura:

A literatura difere da escrita explicativa e científica por ser forjada de um estado de espírito, ou uma comunidade de humores, da mesma forma como o corpo é forjado de uma alma invisível; e se a literatura usa argumentos, teorias, erudição, observação e parece aquecer-se com afirmações ou negações, faz isso somente para nos tornar convivas do banquete dos humores. [...] Tudo aquilo que pode ser visto, tocado, medido, explicado, compreendido, argumentado nada mais é, para o artista criativo, que um recurso, pois ele pertence à vida invisível e parteja suas revelações, sempre novas e sempre antigas. Ouvimos muito falar da necessidade de se usarem os freios da razão, mas o único freio a que artista obedece é o instinto misterioso que fez dele um artista e que lhe ensina a descobrir humores imortais em desejos mortais, uma esperança imperecível em nossas ambições triviais, um amor divino na paixão sexual³²⁹ (CW4,, p. 143).

Aspectos do pensamento neoplatônico aparecem no trecho em que o autor constrói uma analogia entre a relação da literatura com os humores e aquela do corpo com a alma, as expressões mortais e a realidade imortal, à qual o artista teria acesso privilegiado. John Kelly apresenta um resumo do conceito de *moods* em nota a carta enviada ao poeta Robert Bridges em 10 de janeiro de 1897, em que

³²⁹“Literature differs from explanatory and scientific writing in being wrought about a mood, or a community of moods, as the body is wrought about an invisible soul; and if it uses argument, theory, erudition, observation, and seems to grow hot in assertion or denial, it does so merely to make us partakers at the banquet of the moods. [...] Everything that can be seen, touched, measured, explained, understood, argued over, is to the imaginative artist nothing more than a means, for he belongs to the invisible life, and delivers its ever new and ever ancient revelation. We hear much of his need for the restraints of reason, but the only restraint he can obey is the mysterious instinct that has made him an artist, and that teaches him to discover immortal moods in mortal desires, an undecaying hope in our trivial ambitions, a divine love in sexual passion”.

Yeats diz: “Tens a sorte de poder viver em um país onde nossos humores contam com rituais vivos para homenageá-los”³³⁰ (CL2, p. 70). Para o editor, o conceito encontra sua mais clara explicação em uma nota ao poema “The valley of the black pig”, tal como publicado em *The wind among the reeds*: “Assim que um simbolismo toma conta da imaginação de um grande número de homens, acredito que este passa a concretizar poderes desencarnados e repete-se em sonhos e visões, geração após geração”³³¹ (VP, p. 810 *apud* KELLY, CL2, p. 70 n. 5).

É a afiliação a esses “poderes incorpóreos” que identificaria a produção irlandesa e que lhe daria seu valor de representatividade, conforme trecho da carta ao *Daily Express* que repetimos aqui para maior clareza: os livros favorecidos pelo movimento seriam “expressões do mesmo humor dominante, do mesmo impulso criativo que inspirou Ferguson e os poetas que mencionei” (CL1, p. 431, 7A). O “impulso criativo” desponta em sua associação com a política em trecho final da carta: “Tampouco é um estratagema forçado de se criar uma literatura, mas sim a expressão espontânea de um impulso que vem ganhando poder há décadas e que se faz ouvir na calmaria dos nossos tumultos políticos” (CL1, p. 431, 7A).³³² A doutrina da relação inversamente proporcional entre a política nacionalista e o nacionalismo cultural é uma das mais importantes heranças do pensamento yeatsiano para a conceitualização da história irlandesa no século XX, e seu impacto se faz sentir até hoje em diversos círculos da historiografia moderna, acadêmica e popular (FOSTER, 2011, entre outros, discute o poder duradouro desse mito yeatsiano).

A derradeira consideração a respeito da carta de 26 de janeiro de 1895 busca extrapolar uma ratificação que Yeats apresenta quase como pensamento adiáforo em sua última oração antes da despedida e da assinatura: “Não vi nenhuma menção nas resenhas sobre a palestra do Hon. Roden Noel ao fato de que foi originalmente ministrada à Sociedade Literária Irlandesa de Londres, sendo,

³³⁰ “You are fortunate in being able to live in the country where our mood[s] have a proper living ritual to honour them”.

³³¹ “Once a symbolism has possessed the imagination of large numbers of men it becomes, as I believe, an embodiment of disembodied powers, and repeats itself in dreams and visions, age after age”.

³³² “Nor is it a self-conscious endeavour to make a literature, but the spontaneous expression of an impulse which has been gathering power for decades, and which makes itself heard in the lull of our political tumults”.

portanto, um exemplo do nosso trabalho”³³³ (CL1, p. 431, 7A). Além da questão mais óbvia de apresentar a palestra como “espécime” dos esforços do “movimento”, novamente com a intenção de contrapor-la ao trabalho de Dowden, o poeta chama a atenção para o contexto original da palestra. A importância de tal ressalva pode ser compreendida de forma mais completa com o recurso a outro exemplar da correspondência do autor, uma carta a Lily, sua irmã, em 20 de janeiro:

Originalmente proferida por Roden Noel na Sociedade Literária Irlandesa de Londres, uma palestra sobre Sir Samuel Ferguson foi lida em Dublin há pouco por Miss Hickey, com o Arcebispo como presidente & Dowden, Sir William Stokes, Prof. Mahaffey, Juiz Fitzgibbon, o Mestre da Chancelaria & Prof. Ingram, encarregados, todos, de discursar sobre o escritor; & o melhor da piada é que a palestra foi descrita por um dos oradores como algo escrito e lido perante um público Inglês – sequer uma palavra foi incluída sobre a Sociedade Literária Irlandesa³³⁴ (CL1, p. 427).

A ênfase na Sociedade Literária Irlandesa de Londres encontra-se na carta original manuscrita, em que as palavras estão sublinhadas uma vez³³⁵ pelo autor. O espanto de Yeats com a omissão da ocasião original da palestra não é tão surpreendente ao se trazerem à mente as disputas entre as sociedades literárias em Londres e Dublin e a questão da “capital intelectual irlandesa”. Ressaltar o contexto original da elogiada palestra na carta enviada ao *Daily Express* qualifica a relevância da Sociedade Literária Irlandesa de Londres na memória coletiva dos leitores irlandeses e salienta a importância de sua contribuição para o debate cultural mais amplo.

Dois dias após a publicação da carta, o já mencionado historiador Standish O’Grady também escreve ao *Daily Express* para esclarecer o contexto das citações que Dowden usa em sua réplica de 22 de janeiro, na qual incluiu trechos da introdução de seu vindouro livro crítico intitulado *New studies in literature*. Segundo

³³³ “I have not seen any mention in the reports of the Hon Roden Noel’s lecture of the fact that it was originally delivered before the Irish Literary Society, London, and is therefore itself a specimen of our work”.

³³⁴ “A lecture on Sir Samuel Ferguson which was read at the Irish Lit Society London by Roden Noel, was read in Dublin the other day by Miss Hickey, with the Archbishop in the Chair & Dowden, Sir William Stokes, Prof Mahaffey, Judge Fitzgibbon, The Master of the Rolls & Prof Ingram all to make speeches about it; & the best of the joke is that it was described by one of the speakers as a lecture written for, and delivered to, an English Audience – not one word was said about the Irish Lit Society”.

³³⁵ De acordo com as regras da transcrição quase diplomática dos editores de *The collected letters of W. B. Yeats*, “palavras sublinhadas uma vez no original são impressas em itálico, aquelas sublinhadas duas vezes aparecem em caixa-alta, e três vezes, em maiúsculas” (“Words underlined once in the original are printed in italics, twice in small capitals, three times in full capitals”. CL1, p. xxvii).

O'Grady, a introdução estaria reutilizando material originalmente escrito em resposta ao artigo de Yeats de 1886, citado anteriormente. A resposta de Dowden, publicada em 29 de janeiro, esclarece que na verdade a inspiração para o trecho citado não fora o ensaio de Yeats, mas sim uma palestra dada em 1883 (KELLY, *CL1*, p. 435, n. 1). No dia seguinte a essa réplica, aparece nas páginas do periódico a seguinte resposta do poeta:

SENHOR – O Prof. Dowden nos disse o quanto ele ama moderação e precisão – e eu, desde já, reconheço que as críticas dele geralmente exemplificam ambas as qualidades –, mas receio que a introdução de seu livro vindouro terá muito pouco dessas duas virtudes. O professor agora admite que grande parte da retórica veemente da introdução fora escrita há mais de 11 anos; ele, no entanto, está prestes a republicá-la como crítica a um movimento que não existia na época, movimento este que tem feito tudo ao seu alcance para pôr fim aos mesmos vícios que o Professor condena³³⁶ (*CL1*, p. 435, 7B).

A atenção de Dowden a detalhes, expressa nas suas renitentes correções tanto quanto em suas declarações sobre seu método crítico, é usada contra ele após a admissão quase matreira de que ele “normalmente” se ateria aos princípios de “moderação e precisão”, os quais estariam faltantes na introdução por uma simples questão de anacronismo. Yeats também usa contra o professor a mesma palavra usada por este para descreditar a literatura irlandesa: a malfadada “retórica”.

A curta missiva termina com outra crítica feroz à réplica de Dowden, especialmente em sua alfinetada a Yeats e seu círculo, em que o professor diz: “Admito, de bom grado [...] os defeitos de meus escritos; no entanto, reivindico o mérito de jamais ter feito autopromoção ou fugido de críticas³³⁷ (DOWDEN³³⁸ *apud* KELLY, *CL1*, p. 435, n. 2). O calor dos ânimos é perceptível:

Não é, tampouco, possível parabenizá-lo pela civilidade e probidade da última frase de uma de suas curiosas cartas – pois em nenhum lugar do mundo considera-se autopromoção, ou fuga de críticas, responder a um ataque feito a um movimento público, especialmente quando tal ataque é particularmente inflamado e – o Prof. Dowden há

³³⁶ “SIR – Professor Dowden has told us how much he loves sobriety and accuracy, and I readily admit that his criticism is usually an example of both, but am afraid that the introduction to his forthcoming book will have little of either virtue. He now admits that a large portion, at any rate, of its heated rhetoric was written more than eleven years ago, and yet he is about to republish it as a criticism of a movement which did not then exist, and which has done its utmost to check the very vices he condemns”.

³³⁷ “The faults of my writings [...] I readily admit; yet one merit I can claim – I have never advertised myself, and I have never shrunk from being criticised”.

³³⁸ *Daily Express*, 29 Jan. 1895, p. 4.

de me perdoar por assim dizer – infiltrado de inexatidões, pelas próprias condições em que foi escrito. – Atenciosamente,

W B Yeats.

Sligo, 30 de janeiro.³³⁹
(CL1, p. 435)

A carta do professor é desdenhada como meramente “curiosa”, mas garante a Yeats o direito de resposta ao “ataque” maior que ele considera ter sofrido: toda a correspondência pública veiculada nas páginas do jornal, o discurso após a palestra e, potencialmente, a introdução do livro em produção.

Ausente em missivas anteriores, a inclusão do local da escrita merece atenção por duas razões: primeiramente, pela localização de Sligo no imaginário irlandês e pelo uso que Yeats faz dessa localidade geográfica para lhe conferir certa distinção, sempre que possível. Por fim, porque a distância cria a necessidade de se corresponder com o pai, que estava em Londres: a carta ao pai é especialmente interessante por causa da amizade entre ele e Dowden:

Thorn Hill | Sligo | Irlanda

Querido Papai.

Vistes a carta de O’Grady sobre Dowden no “Express”? Caso contrário, é só me dizer que irei enviá-la. Ele escreveu duas & eu só tenho uma, mas a que tenho é a melhor. Irei provavelmente enviar ao “Express” correspondência na próxima semana sobre “Os melhores 30 livros irlandeses” – O’Grady já lhes falou sobre isso – e estou somente à espera de alguns livros de que pretendo falar para começar. Penso que a controvérsia vai bem. Dowden, certamente, foi quem se saiu pior³⁴⁰ (CL1, p. 435).

Escrita após a publicação da mensagem citada anteriormente, Yeats foca, no entanto, na correspondência de O’Grady em sua interpelação do “querido Papai”, dando à questão o peso da autoridade conferida por uma figura como o historiador e colocando-a para além das preocupações do grupo de escritores mais jovens.

³³⁹ “Nor is it possible to congratulate him upon the urbanity and justice of the last sentence but one of his curious letter – for in no part of the world is it considered self-advertisement, or shrinking from criticism, to reply to an attack upon a public movement, especially when that attack is markedly heated, and – Professor Dowden must forgive my saying so – interpenetrated with inaccuracy through the very conditions under which it was written – Yours sincerely, W B Yeats. Sligo, January 30”.

³⁴⁰ “My dear Papa. Did you see O’Grady letter about Dowden in the express? If not let me know & I will send it. He wrote two, & I have only one, but the one I have is the best. I shall probably send the ‘Express’ a letter next week on ‘The best thirty Irish books’ – O’Grady has spoken to them about it – & am only waiting for some books which I want to mention in it to begin it. The controversy has I think done good. Dowden has certainly got the worst of it”.

Também temos aqui delineado uma visão mais ampla do plano do poeta: o ataque a Dowden cria a ocasião para a escrita da lista de 30 livros que Yeats planeja divulgar, com a anuência dos editores do *Daily Express*. A “contravérsia” (na grafia nada correta do poeta em sua correspondência privada) teria tido efeitos positivos mesmo que o amigo do pai tenha se saído mal. Yeats parece deleitar-se com a suposta derrota de Dowden. Em carta a um amigo residente de Londres, Lionel Johnson, escrita poucos dias antes, temos um resumo dos acontecimentos em que o tom triunfante transparece com maior clareza³⁴¹:

Já ouviste falar da controvérsia envolvendo Dowden e suas opiniões no *Daily Express*? Dowden foi à palestra sobre Sir Samuel Ferguson outro dia – uma palestra antiga, relida por Miss Hickey – e descortinou um ataque ao movimento literário irlandês – com claras “maldade” e “intenção de ferir”, escreve O’Grady em bilhete que recebi hoje. O amável Rolleston elogiou a turnê de O’Grady em resposta e enviou ao *Express* uma vigorosa defesa da poesia irlandesa; Dowden retrucou enviando aos jornais de Dublin um excerto do prefácio de seu novo livro, em que diz, implicitamente, que seguimos endeusando “Brian Boru”, “cobertos de trevos”. Rolleston enviou uma tréplica, seguida por cartas de Larminie e a minha e na segunda-feira o *Express* trará uma missiva de O’Grady. Também ouvi dizer também que o correspondente do *Times* dará à controvérsia um certo destaque no jornal na segunda ou terça-feira. Dowden julga que louvamos a todo tipo de trabalho irlandês, “seja bom ou ruim”, e Rolleston aludiu em sua resposta à “exprobração categórica das falhas técnicas [de parcela da produção literária irlandesa] em palestra recentemente apresentada à [Sociedade] Literária Nacional” (tua própria palestra). Pedi a Methuen que publicasse minha antologia logo como mais um tiro nesta batalha, mas não sei se ele conseguirá. Gostaria que alguns dos homens de Londres também se manifestassem por escrito³⁴² (CL1, p. 433).

³⁴¹ Fragmentos desta carta aparecem na biografia de A. N. Jeffares, publicada em 1962, sendo interessante exemplo do uso de correspondências nessa e em outras biografias. O uso da carta em tal instância parece oferecer um resumo da controvérsia, com o benefício de se tratar das palavras do próprio Yeats. O original da carta não foi encontrado pelos editores das *Collected letters*, em um dos poucos casos em que a transcrição parte de uma fonte secundária publicada. Embora a proveniência seja identificada (“em posse de Adrian Earle”), não há nenhuma indicação do destino do documento após a transcrição de Jeffares, e supõe-se que o acervo de Johnson tenha se dispersado, já que a única outra missiva enviada a ele também parte de uma transcrição feita por terceiros (CL1, p. 355). Há uma terceira menção à correspondência com Johnson nas respostas de Maud Gonne e em correspondência com Lady Gregory, sem que seja possível determinar o conteúdo (CL2, p. 204).

³⁴² “Have you seen or heard of the controversy anent Dowden and his views in The *Daily Express*? Dowden at Sir Samuel Ferguson lectures the other day – one old lecture read by Miss Hickey – made an attack on the Irish literary movement – with such ‘malice’ and evident ‘intent to injure’ says O’Grady in a note to me today. The amiable Rolleston has complimented him on his tour and Rolleston replied and in the *Express* wrote a vigorous defence of Irish poetry; Dowden replied by sending to the Dublin papers an extract from the preface to a new book of his in which he says by implication that we go about raving of ‘Brian Boru’ and ‘plastered with Shamrock’. Rolleston sent a rejoinder and then was followed by Larminie and myself and on Monday the *Express* will contain a letter of O’Grady’s. I hear too that The *Times*’ correspondent will give a little to the controversy in his own paper on Monday or

Mais que um desejo de informar ou mesmo fofocar estimula o poeta a relatar a controvérsia: ao transcrever a crítica de Rolleston à palestra do correspondente, Yeats empenha-se em convocá-lo para tomar partido na questão e expressar-se publicamente, nem que seja para se defender. Além do chamariz da crítica e do uso consistente da primeira pessoa do plural, o desejo de que “homens de Londres” escrevessem torna mais explícita a intenção do poeta em arregimentar o maior número possível de vozes contra Dowden e a favor do novo “movimento”.

É também sintomático que Yeats cite não o texto com a transcrição da introdução de Dowden em missiva do próprio autor em 22 de janeiro, mas sua versão dada por Rolleston no dia seguinte, que efetivamente distorce as palavras do professor, tornando a invectiva ainda mais exaltada – o poeta certamente tinha acesso a ambas, e mesmo tendo em mente sua prática algo errática de transcrição, podemos supor que o uso da versão de Rolleston tenha sido intencional, a fim de tentar convencer Johnson a participar.

Finalmente, a menção a Methuen e à antologia evidenciam o tino de Yeats na orquestração de controvérsias de modo que ocorram como prelúdio para publicações ou anúncios de seu interesse. Embora o *Book of Irish verse* só tenha sido de fato publicado em março, a intenção de fazer o seu lançamento coincidir com a exposição da questão do cânone irlandês por meio das cartas em jornais fica patente na correspondência com o amigo.

Talvez Yeats pensasse estar blindado em seus argumentos e não contasse com o alcance da controvérsia e com o fogo cruzado que ela criaria. O tom da próxima carta enviada ao *Daily Express* recorda o comentário nada reverencioso a Dowden e sua carta “curiosa” e tenta levar com bom humor uma nova leva de críticas, entre elas uma malcriada sátira, enviada anonimamente ao periódico. Assinada com as iniciais “O.X.”, a carta surge como resposta a um longo artigo sobre Yeats publicado em dezembro de 1894 na *New Ireland Review* e escrito por W. P. Ryan, que assinara como “O.Z.” (KELLY, CL1, p. 437, n. 1).

A peça satírica, cuja autoria não pôde ser confirmada pelos editores das *Collected letters*, mal disfarça o seu alvo na figura do afetado poeta “William Blütiger Kleinbier”, cujas críticas da literatura dos membros da Jovem Irlanda seriam

Tuesday. Dowden thinks we praise every kind of Irish work ‘whether good or bad’, and Rolleston has alluded in reply to a ‘scattering exposure of bad technique recently delivered in a lecture at the ‘National Literary’ (Your lecture). I have urged Methuen to publish my anthology at once as a shot in the battle, but don’t know if he will or not. I wish some of the London men would write”.

confusas e absurdas. A referência à briga do poeta com um certo “Sir Cavan Toughy” também serve para recapitular a controvérsia anterior, travada com Gavan Duffy pelo controle da Nova Biblioteca Irlandesa, conforme problematizado no Capítulo 5, em especial na insistência do poeta em priorizar a Alta Arte.

Perspicaz, o poeta assume a sátira como uma brincadeira. Em 7 de fevereiro, poucos dias depois da publicação da provocação nas páginas da *New Ireland Review*, Yeats faz referência à sátira para reforçar seu argumento nesta terceira carta enviada ao *Daily Express*:

SENHOR, – Acaba chegar até mim uma prova divertida da falta de fundamentos de uma das acusações do Prof. Dowden contra o movimento literário irlandês. No mesmíssimo momento em que o professor enviava sua introdução para publicação no jornal, dizendo que elogiamos exageradamente tudo o que é irlandês e saímos por aí “cobertos de trevos e endeusando Brian Boru”, um certo periódico oferecia a hospitalidade de suas páginas a uma longa carta anônima com uma acusação diretamente contrária. O autor da carta recriminou certos membros da Sociedade Literária Irlandesa por desestimularem outros “artífices dignos do mesmo campo” a tentar substituir a [atual] busca por uma “arte elevada” pelos tempos passados e despreocupados, quando todos os escritores patriotas eram considerados igualmente bons. Ele nos acusa até mesmo de denegrir os méritos literários do Partido da Jovem Irlanda³⁴³ (CL1, p. 437, 7C).

A tática de Yeats consiste em usar como “prova” do rigor de julgamento de seu grupo a sátira em que eles são exprobadados por serem duros demais com os escritores do ramo, sugerindo que o movimento encontra-se em uma situação impossível, de dupla perda: críticos demais para o correspondente anônimo e de menos para Dowden. O poeta simplifica a sua precária situação e apresenta sua rejeição por segmentos que de fato eram opostos em diversas questões como se os argumentos fossem mutuamente excludentes. Questionador de ideias preconcebidas por parte tanto dos unionistas quanto dos nacionalistas, Yeats trilha uma linha fina que os separa e expõe-se como alvo de ambos. Nas páginas do *Daily*

³⁴³ “SIR, – A very amusing proof of the unfounded nature of one of Professor Dowden’s charges against the Irish literary movement has just reached me. At the very time Professor Dowden was sending to the Press an introduction, saying that we indulged in indiscriminate praise of all things Irish, and went about ‘plastered with shamrocks and raving of Brian Boru,’ a certain periodical was giving the hospitality of its pages to a long anonymous letter making a directly contrary charge. The writer of the letter accused some of the members of the Irish Literary Society of discouraging ‘worthy workers in the field,’ of endeavouring to substitute the pursuit of what he called ‘high art’ for the old, easy-going days when every patriotic writer was as good as his neighbour, and even of making allegations against the literary merits of the Young Ireland Party”.

Express, a sátira publicada no *New Ireland Review* toma contornos absurdos, efeito que sua “vítima” ressalta ao citá-la em mais detalhes:

Os sentimentos. [do correspondente anônimo O.X.] em relação a um membro, crítico bastante ativo, apoderaram-se dele tão completamente que ele pôde apenas dizer que tal membro andava de maneira deselegante, seus hábitos pessoais eram questionáveis e seu rosto, sujo; mas o disse com uma eloquência tão exuberante que me vejo incapaz de competir com ele. Não vou fazer propaganda do tal periódico revelando-lhe o nome, mas terei muito prazer em mandar a minha própria cópia ao Prof. Dowden, embora seja um de meus mais estimados tesouros; é possível que, com um pouco de empenho, eu consiga encontrar bastante coisa de conteúdo semelhante em outros periódicos³⁴⁴ (CL1, p. 437, 7C).

Não surpreende que Yeats abstenha-se de identificar o “membro” como ele próprio e, mais importante, evite incluir a seção que seria mais ofensiva a suas sensibilidades: sua caracterização como “filho de lavadeira” e sua “afetação” somem mediante o reconhecimento da “exuberância” da escrita do correspondente anônimo, em contraste à declaração de que a cópia do periódico era querida a ele. Ressaltando seu senso de humor, o poeta mostra-se diligente ao se dispor a enviar aquele ou vários outros periódicos de conteúdo similar para Dowden como prova de que o movimento era criticado por razões opostas às apresentadas pelo professor – sugerindo, ao mesmo tempo, tanto a frequência desses argumentos quanto a trivialidade das críticas de O.X.

O voleio argumentativo finda-se nessa missiva com referência a mais uma carta, escrita por um correspondente em defesa de Dowden – o que, por sua vez, repisa o amplo alcance da controvérsia e seu poder de enlevar o público leitor dos periódicos:

Fossem necessárias provas do grau de dominação dos ideais escolásticos – ou, melhor ainda, ideais de sala de aula – sobre Dublin, o Sr. Colles forneceria tais provas ao opinar que é “um disparate” um jovem escritor como eu apresentar uma “objeção séria” a algumas das opiniões e métodos de um literato mais velho e mais famoso [como Dowden]³⁴⁵ (CL1, p. 437, 7C).

³⁴⁴ “His [O.X.’s] feelings about one member, who had been rather active in criticism, so completely overpowered him that he could only say this member’s walk was ungainly, his personal habits objectionable, and his face dirty, but then he said these things with an exuberant eloquence which I cannot even try to rival. I will not advertise this periodical by naming it, but I shall be delighted to send Professor Dowden my own copy, though it is one of my most precious possessions, and with a little industry I can find him, I dare say, much more of the same kind in other periodicals”.

³⁴⁵ “If proof were required of the extent to which Dublin is dominated by scholastic – perhaps I should say school room – ideals, Mr Colles gives that proof by finding it ‘ludicrous’ that a young writer like

Assim como na controvérsia com Gavan Duffy, a dissonância de opiniões traduz-se como uma questão geracional, o choque entre o velho e o novo. Colles não era desconhecido de Yeats: no final dos anos 1880 ele era também frequentador dos encontros promovidos por Katharine Tynan (KELLY, CL1, p. 128, n. 4). Em seu protesto no *Daily Express* (jornal para o qual ele enviara muitas de suas contribuições), o jornalista questiona o uso das palavras de Yeats como parte do argumento defendido por O'Grady em suas cartas, ressaltando que “[c]itar-se a autoridade do Sr. Yeats [...] é perder todo senso de proporção, e que o Sr. Yeats, cujas realizações ninguém aplaude com mais fervor do que eu, de fato aceite tal papel é um disparate completo”³⁴⁶ (KELLY, CL1, p. 437, n. 2). Embora Colles saliente sua admiração pelo poeta, o ponto de contenção é a desproporção em termos de autoridade entre as partes – sem menção à questão geracional.

Ademais, pode-se especular que a antiga associação com Katharine Tynan e seu círculo também motivasse em parte o desdém pela seriedade de Yeats como crítico, em contraste com Dowden, revelando também o descompasso entre a recepção do irlandês em Londres e em Dublin, como sintetizado por Foster:

O “salon” provinciano de Tynan e a determinada autopromoção de seu círculo já eram um assunto para sátira pública. [...] Dublin tornara-se uma lagoa menor do que Londres para o já peixe grande, e aqueles que o haviam conhecido como principiante tratavam-no menos respeitosamente do que os novos conhecidos da metrópole³⁴⁷ (RFF1, p. 73).

Embora se refira ao retorno de Yeats à Irlanda em 1889 e às resenhas a seu volume de poesias *The wanderings of Oisín and other poems*, daquele mesmo ano, as diferenças de recepção tanto dos escritos quanto da figura do escritor nas duas capitais permaneceriam em níveis semelhantes por muitos anos, o que, até certo ponto, reflete-se em sua percepção pelos diferentes públicos até hoje.

Indubitavelmente cômico da referida diferença entre Dublin e outras partes do mundo anglófono, o poeta desfere seu mais forte golpe, disfarçado em uma pergunta cravada, novamente, próximo ao desfecho da carta: “Teria o Sr. Colles se esquecido de que toda revolução literária já vista no mundo foi levada a

myself should make ‘an earnest protest’ against some of the opinions and methods of an older and better known man of letters”.

³⁴⁶ “To cite the authority of Mr Yeats [...] is to have no sense of proportion, and that Mr Yeats, whose achievements no one more heartily applauds than I, should accept such a role is extremely ludicrous”.

³⁴⁷ “Tynan’s country ‘salon’ and the determined self-promotion of her circle were already a subject of public satire. [...] Dublin was a smaller pond to swim in than London, and those who had known him as a tyro treated him less respectfully than new metropolitan acquaintances”.

cabo pela propensão dos jovens a se revoltarem contra o que Walt Whitman chamou a ‘audácia infundável das pessoas eleitas?’³⁴⁸ (CL1, p. 438, 7C). Para o editor das *Collected letters*, o uso da citação de Whitman é especialmente adequado, dado que Colles era um de seus maiores defensores na Europa (KELLY, CL1, p. 9, n. 5; p. 437, n. 3). Sem completar a citação do poema “Song of the broad-axe” (“Where the populace rise at once against the audacity of elected persons”, WHITMAN, 1855, p. 316, l. 121), o poeta simplesmente lança a referência, confiando que seu público, ou pelo menos seu principal destinatário (seu destinatário *de facto*, Colles, e não o destinatário nominal, o editor do jornal), faria as conexões necessárias.

Em linhas gerais, o poema de Whitman, incluído em *Leaves of grass*, trata de uma cidade ideal onde estariam valorizadas as virtudes que o poeta considerava essenciais. Na utopia de Whitman, “populacho” tem conotação positiva, especialmente em seu antagonismo aos autodesignados “eleitos”, cuja audácia seria colocada em xeque pelo povo. Novamente, não se trata de uma questão geracional, mas de uma posição contra a tirania dos poucos. A exclusão do termo *populace* também é interessante, já que dificilmente Yeats consideraria identificar-se com o “populacho”, que em seu vocabulário particular geralmente tinha conotações negativas. De toda forma, a despeito da leve descontextualização do verso, o ideal utópico da cidade de Whitman tem grande apelo para o escritor. Além disso, o uso da citação é consistente com outras alusões ao norte-americano pelo irlandês, salientando também a questão da rejeição entre os compatriotas, da qual Yeats certamente se torna alvo durante o desenvolver da controvérsia.³⁴⁹

Apesar dos golpes, a controvérsia chega ao estágio que o escritor esperava alcançar pouco mais de um mês após a palestra no Leinster Hall. Em 27 de fevereiro de 1895 ele vê publicada no *Daily Express* sua longa lista de livros que comporiam, para ele, o cânone irlandês. Tão interessantes quanto suas escolhas (em recente livro, Foster (2011, p. 44) considera que, ao selecionar material para *Representative Irish tales*, de 1891, Yeats estaria “lapidando suas habilidades como

³⁴⁸ “Has Mr Colles forgotten that every literary revolution the world has seen has been made because of the readiness of the young to revolt against what Walt Whitman has called ‘the endless audacity of elected persons’”.

³⁴⁹ A título de curiosidade, aponta-se que a assinatura que aparece na publicação de 7 de fevereiro contém erro de grafia do nome do correspondente: “W B Yeates [sic]” (CL1, p. 438, 7C). Frequentemente atormentado com erros de impressão, o lapso seria uma irritação a mais.

crítico original e potente”)³⁵⁰ são os comentários e as justificativas apresentadas nessa importante carta pública:

SENHOR – Durante nossa recente controvérsia com o Prof. Dowden, alguns dos meus vizinhos aqui no oeste da Irlanda me indagaram quais livros irlandeses deveriam ler. Como não duvido de que outras pessoas em outros lugares tenham feito indagação semelhante, envio-lhe uma lista de 30 livros, na esperança de que o Sr. O’Grady, o Sr. Rolleston, o Sr. Ashe King, ou algum outro literato irlandês preencha as lacunas³⁵¹ (CL1, p. 440, 7C).

A atilada abertura aduz à controvérsia com Dowden e sugere que das páginas do jornal a discussão teria passado para o “mundo real” dos leitores comuns, particularmente aqueles do oeste – lembre-se, idealizado como o repositório da vida tradicional irlandesa. É bastante provável que, assim como outras, essa anedota seja inventada, especialmente considerando-se que divulgar a lista fora a razão do início da controvérsia, como comprova a correspondência. A despeito da fantasia da justificativa, pode-se considerar que a publicação de uma lista de livros não seria malvista pelo público, tendo sido, inclusive, uma prática comum na década anterior, em periódicos tanto britânicos quanto irlandeses (KELLY, CL1, p. 440, n. 1). Das figuras mencionadas, Rolleston contribuiu com sua lista, assim como D. J. O’Donoghue.

Não se pôde verificar se a contribuição de O’Donoghue fora espontânea, mas entre as cartas arroladas nas *Collected letters* encontramos missivas enviadas a outros amigos e familiares com pedidos diretos e menções a pedidos feitos a outrem para que contribuam, como em carta enviada à irmã Lily, em que ele justifica a impossibilidade de enviar cópia do *Daily Express* para a família em Londres:

Na última quarta-feira, dei início a uma nova controvérsia no “The Express” com uma longa carta – de mais de uma coluna e meia – sobre os “30 melhores livros irlandeses”. Pretendia enviar-lhe uma cópia, mas não me resta nenhuma, visto que enviei às diversas pessoas que eu gostaria que contribuíssem³⁵² (CL1, p. 447).

³⁵⁰ “[...] cutting his teeth as an impressive and original critic”.

³⁵¹ “SIR – During our recent controversy with Professor Dowden certain of my neighbours here in the West of Ireland asked me what Irish books they should read. As I have no doubt others elsewhere have asked a like question, I send you a list of thirty books, hoping Mr O’Grady, Mr Rolleston, Mr Ashe King, or some other Irish literary man will fill up the gaps”.

³⁵² “I started a new contraversy in ‘The Express’ last Wednesday with a long letter – a collumn & a half – on ‘the best thirty Irish books’ & would send you a copy but I have none, all having gone to various people I want to contribute”.

Em missiva de cerca de 2 de março, o amigo explica a Katharine Hinkson, nome de casada da amiga Katharine Tynan, cuja correspondência com o poeta vinha mingando desde o seu casamento e o afastamento de Yeats do círculo de escritores de Dublin ao qual a amiga pertencia, mas a quem ele novamente recorre:

Thorn Hill | Sligo | Ireland
30 de outubro³⁵³

Minha cara Sra Hinkson

Envio-lhe o “Express”. Gostaria que lhes escrevesse algumas palavras e pedisse a seu marido que fizesse o mesmo. É a melhor chance que tivemos até agora para incorporar algo da crítica irlandesa na mente escolástica de Dublin. [...] Acredito que admire O’Grady, tanto quanto eu. Assim sendo, peço que me apoie em minha homenagem a ele. Quero colocá-lo em contraponto a Dowden e os unionistas. Até agora, todas as cartas sobre a minha lista foram de menor importância, mas espero que a edição de segunda-feira traga correspondências de O’Grady ou Rolleston³⁵⁴ (CL 1, p. 445).

O pedido à amiga estende-se, de forma polida, também ao marido, Henry Hinkson. Repete-se, ainda, a caracterização da crítica dublinense como “escolástica”, referência às salas de aula do Trinity College Dublin, diretamente associado aos unionistas. A atenção às páginas de correspondência do *Daily Express* também emerge na troca; o autor revela-se absorvido pela recepção e pelas respostas à sua lista, cujos critérios de inclusão são cuidadosamente delineados após a anedota:

Excluí todos os livros de forte cunho político, de modo a não desagradar ninguém desnecessariamente, e incluí apenas livros de imaginação ou livros que me parecem necessários para o entendimento da imaginação irlandesa e que possam agradar a mim e aos leitores em geral. Desse modo, é possível que eu tenha me aproximado mais do que interessará ao próximo século do que se tivesse enumerado volumes substanciais “que não podem faltar na biblioteca de nenhum cavalheiro”³⁵⁵ (CL 1, p. 440, 7D).

³⁵³ Trata-se de um exemplo da total desatenção de Yeats com a datação de suas cartas, já que a menção ao *Daily Express* e ao debate situam o envio sem menor margem de dúvida após o dia 28 de fevereiro e antes de sua próxima carta ao jornal, em 8 de março. A data de 2 de março é sugerida em referência a outra mensagem de conteúdo similar, enviada a John O’Leary, em “30 de fevereiro”, ou seja, três dias depois da carta de 27, portanto 2 de março.

³⁵⁴ “My dear Mrs Hinkson. I send you an ‘Express’. I wish you would write a few words & get your husband to do the same. It is the best chance we have had yet of getting some Irish criticism into the Dublin scholastic mind. [...] I think you admire O’Grady as much as I do. If so back me up in my praise of him. I want to run him against Dowden with the unionists. As yet the letters about my list have been unimportant but Monday will probably bring a letter from O’Grady or Rolleston”.

³⁵⁵ “I have excluded every book in which there is strong political feeling, that I may displease no man needlessly, and included only books of imagination or books that seem to me necessary to the understanding of the imagination of Ireland, that may please myself and the general reader. By this

Embora mitigada pelo adjetivo para não suprimir todo tipo de sentimento político, mas somente aqueles mais extremados, as escolhas são balizadas pelo desejo de não desagradar desnecessariamente, em consonância com o espírito não sectário do empreendimento – algo extremamente melindroso nos tempos de intensa polarização do final do século XIX. Saindo do território das negativas do “não desagradar”, Yeats objetiva também agradar a si próprio e ao “leitor geral”, uma entidade cuja abrangência advém justamente da sua generalidade e que pode ser definida apenas por meio de outras negativas: não se trataria dos “escolásticos” do Trinity College Dublin.

A definição do gênero dos livros selecionados também é mantida bem ampla: são livros de “imaginação” ou que instruem sobre a “imaginação irlandesa”. A construção funde as diferentes fontes dessa “imaginação” de forma bastante engenhosa: se no primeiro caso a fonte seriam os próprios escritores, podemos supor que a escolha se baseie em critérios de originalidade em obras de ficção ou, mais abrangentemente, da escrita criativa, enquanto o segundo relaciona-se num nível mais básico a obras não ficcionais de história, biografia, mitologia e outros estudos de caráter etnográfico; em um patamar mais filosófico é possível ver a influência do já discutido conceito de *moods* ou humores. Os humores são importantes justamente porque criam a condição em que as duas formas de “imaginação” estariam encadeadas.

A importância da ligação entre a tradição do passado e o que o futuro selecionaria dela ressurgiu como preocupação, em consonância com pronunciamentos anteriores. O tempo é novamente invocado de forma tradicional como o juiz da mais alta instância e como quem de fato poderia definir o legado da literatura. Esforço de “se aproximar” desse legado, a lista almejava acesso a esse julgamento futuro, trazendo para o presente o que Yeats visualiza como os livros que se tornariam os clássicos de gerações futuras, tomos essenciais da “biblioteca de qualquer cavalheiro”.

O comentário nos parece revelar tanto um viés algo sexista quanto seu classismo, mas sugerimos que seja entendido no seu contexto histórico, em termos da ideologia que o alimenta e também das características econômicas e editoriais da Irlanda: dificilmente cidadãos que não fossem pessoas de posse teriam renda

means I may have got nearer to what the next century will care for than had I enumerated substantial volumes ‘that no gentleman’s library should be without’”.

disponível para gastar na compra de grande volume de livros. Além disso, o uso de “cavalheiro” denota aspiração social e ideias de refinamento, além de uma noção de largueza que vai além da questão financeira. Uma biblioteca completa e fornida das melhores obras demonstra o discernimento de seu proprietário, um tipo de capital cultural ainda mais valioso que o dinheiro que a possibilitou. Em última instância, a biblioteca em si torna-se um legado a ser passado. No entanto, cabe-nos ressaltar que a lista proposta por Yeats difere daquela que ele caracteriza como “o básico” da biblioteca de tais cavalheiros, distanciando-se, assim, dessa questão de classe e gênero – uma posição que seu comprometimento com o esquema das bibliotecas paroquiais já havia revelado. Interessa ao poeta criar uma lista que não somente reflita as modas do momento, mas também passe no teste do tempo.

A sobrevivência da arte dá a tônica da continuação da carta de 27 de fevereiro:

Pois é possível que as pessoas, dentro e fora da Irlanda, ainda estarão cantando –

“Tis my grief that Patrick Loughlin is not Earl of Irrul still,
And that Brian Duff no longer rules as lord upon the hill;
And that Colonel Hugh O’Grady should be lying cold and low,
And I sailing, sailing swiftly from the county of Mayo”

quando os excelentes livros de crítica, pesquisa acadêmica e história que ensinamos em nossas escolas e universidades, e que celebramos em nossos jornais diários, já tiverem chegado ao paraíso. Pois mesmo o melhor livro argumentativo e erudito é como uma invenção mecânica: quando deixa de conter os mais recentes desenvolvimentos, passa a valer, como a maioria das coisas, menos que uma velha canção³⁵⁶ (CL1, p. 440, 7D).

À tradução de George Fox para os versos em irlandês do poema de Thomas Lavelle, também incluída no vindowro *A book of Irish verse*, Yeats profetiza imortalidade, enquanto os livros de crítica, estudos e histórias, não importa quão excelentes, estão mortos e enterrados. Notemos a diferença entre o vigor dos versos

³⁵⁶ Optamos por traduzir a expressão “*not worth an old song*” literalmente, já que Yeats compara os efêmeros livros eruditos (como expressão artificial do pensamento do indivíduo) a longevas canções populares (parte do conhecimento de todo um povo); o sentido figurado indicaria que esses livros “não valeriam quase nada”, já que a canção antiga não tem autoria determinada, e portanto seu valor não pode ser mensurado na lógica da propriedade intelectual. No original, temos: “For it is possible that people, both in and out of Ireland, will be singing –/’Tis my grief that Patrick Loughlin is not Earl of Irrul still;/And that Brian Duff no longer rules as lord upon the hill;/And that Colonel Hugh O’Grady should be lying cold and low;/And I sailing, sailing swiftly from the county of Mayo.’//when the excellent books of criticism, scholarship, and history that we teach in our schools and colleges, and celebrate in our daily papers, shall have gone to Fiddler’s green. For the best argumentative and learned book is like a mechanical invention and when it ceases to contain the newest improvements becomes, like most things, not worth an old song”.

de Lavelle, parte de uma cultura oral vivaz (os versos seriam, afinal, “cantados”), e os outros textos artificiais ou “mecânicos”, confinados ao espaço de escolas e universidades ou reconhecidos de forma efêmera pela imprensa e então descartados como o jornal do dia anterior. Por fim, podemos notar o poder dos versos de transbordar os limites da cultura irlandesa, já que eles (lembre-se, já traduzidos uma vez para o inglês) alcançariam pessoas “fora da Irlanda”. Não há dúvida de que o poeta aspira a esse tipo de sobrevida para a arte irlandesa.

No entanto, como julgar, pergunta Yeats, quais seriam os livros a sobreviver ao teste do tempo, mediante toda a produção disponível no momento? Antes de apresentar sua lista, ele esclarece:

Eis, então, minha lista, e prometo ao Senhor que não há nela nenhum livro que “endeuse Brian Boru”, que nem de perto corresponda ao que Burns faz com Bruce e Wallace ou que inclua um “patuá intelectual” mais “forte” que as características escocesas em Scott e Stevenson³⁵⁷ (CL 1, p. 440, 7D).

A farpa dirige-se a Dowden, em citação de seu discurso, novamente via transcrição incorreta de Rolleston, configurando uma negação de que a lista estaria sendo guiada pela falta de princípios críticos condenada por aquele. A literatura nacional escocesa surge mais uma vez como exemplo para o desenvolvimento da literatura irlandesa, e Robert Burns, como irreprochável admirador dos lendários Roberto Bruce e William Wallace, heróis da luta pela independência escocesa e portanto análogos a Brian Boru, celebrado pelos nacionalistas como grande líder capaz de unificar diversos domínios da Irlanda em uma luta conjunta para a expulsão do invasor *viking*.³⁵⁸ Mais do que um tema ou uma admiração cega, Yeats sugere, importa a forma de tratamento das fontes, e o vigor da poesia de Burns seria exemplo de como esse objetivo pode ser alcançado artisticamente – uma posição que Dowden e outros estudiosos normalmente avessos a temas nacionalistas dificilmente conseguiriam descartar.

³⁵⁷ “Here then is my list, and I will promise you that there is no book in it, ‘that raves of Brian Boru’ half as much as Burns did of Bruce and Wallace, or has an ‘intellectual brogue’ more ‘accentuated’ than the Scottish characteristics in Scott and Stevenson”.

³⁵⁸ A continuidade da forte impressão dessas figuras no imaginário popular pode ser vista na cultura atual com o sucesso de filmes como *Coração valente* (*Braveheart*, 1995), sobre William Wallace e também Roberto Bruce, a reprodução do retrato deste último nas notas da libra escocesa (primeiramente na de £1 e atualmente na de £20). Já Boru aparece no título de uma das mais famosas marchas do repertório da música tradicional irlandesa, “Brian Boru’s March”, gravada, entre outros, pelo estimado grupo de *folk* irlandês The Chieftains 2, 1969).

Assim como a questão do tema, Yeats também usa o exemplo de Burns no que toca ao emprego de linguagem estilizada. Contra a posição “escolástica” de que a representação de formas dialetais seriam como *intellectual brogue*, ou “patuá intelectual” (*brogue* sendo o termo de conotação tradicionalmente derogatória para o dialeto irlandês), Yeats relembra que a utilização de aproximações fonéticas e de gramática fora do padrão culto é o que caracteriza certos poemas de Burns e romances de Robert Louis Stevenson como escoceses.

Em referido estudo de 2011, Roy Foster dedica todo um capítulo à problematização dos paralelos entre as histórias literárias da Escócia e da Irlanda no século XIX, tanto aquelas levantadas àquela época quanto estudos recentes. Destaca-se a persistência da indagação a respeito de suas maiores diferenças:

Partindo de uma abordagem mais histórica que teórica, é possível interrogar questões mais estreitamente literárias, como a ausência de um Walter Scott irlandês, alternativas irlandesas a George Eliot e o fato de que o Renascimento Literário Irlandês do final do século XIX centrou-se na poesia e no teatro em vez de na ficção³⁵⁹ (FOSTER, 2011, p. 41).

Embora focado na questão dos gêneros (ficção em prosa *versus* formas dramáticas e poéticas), o crítico de história literária examina muitos dos autores que compõem a lista de Yeats e até mesmo personagens como George Eliot, que figura em carta discutida neste capítulo.

As similitudes de ordem literária e a expectativa de que a tradição irlandesa seguiria o mesmo padrão de desenvolvimento escocês tinham consequências para além da arte: também eram relevantes as questões política e econômica. Embora Yeats incluía, entre as obras de autoria de Maria Edgeworth, apenas *Castle Rackrent* (1800) Foster reconhece em romance posterior uma sugestão de aproximação entre Irlanda e Escócia:

Há, no entanto, mensagens mais sutis, na forma em que um romance como de *Ennui* (1809), de Edgeworth, parece sugerir que a Escócia seria um futuro possível para a Irlanda. [...] Para além das implicações do dualismo de natureza/criação, encontra-se a ideia de progresso, como todo o arcaísmo das intrigas rebeldes que rodam as bordas do mundo irlandês (mais um prenúncio de *Waverley*). A ideia de que a Irlanda poderia seguir o caminho da Escócia sob a União era frequentemente defendida por contribuintes mais otimistas da

³⁵⁹ “Starting historically rather than theoretically, we might be able to interrogate more closely literary questions such as the absence of an Irish Walter Scott, the Irish alternatives to George Eliot, and the fact that the Irish Literary Revival of the late nineteenth century centred itself on poetry and drama rather than on fiction”.

Edinburgh Review nos primeiros 30 anos do século XIX³⁶⁰ (FOSTER, 2011, p. 28).

Portanto, podemos conjecturar com certo grau de certeza que as menções de Yeats a Burns e a Scott publicadas no *Daily Express* projetam mais do que associações literárias, de aceitação de uma literatura vigorosa, por trazerem consigo também expectativas de melhorias sociais em uma nação que ainda estava se recuperando dos efeitos desastrosos da Grande Fome da metade do século XIX e da emigração forçada, que ainda não demonstrava sinais de alívio.

Separada por gêneros que incluem as categorias “romances e novelas”, “folclore e contos bárdicos”, “história” e “poesia”, a lista completa pode ser conferida no Apêndice A (parte da longa carta 7D) e constitui um esforço bastante idiossincrático de Yeats. Os comentários do autor quanto a características específicas de algumas das obras selecionadas revelam os desafios encontrados, não se limitando às dificuldades genéricas: alguns romances são “trágicos”, outros, “meio trágicos, meio humorísticos” ou totalmente “humorísticos”. Exemplos de personagens marcantes e cenas memoráveis são usados para ilustrar a envergadura da literatura nacional. Faz-se necessária na carta então uma explicação das razões por que, a despeito do virtuosismo da escrita irlandesa, muitas das obras citadas encontravam-se em relativo esquecimento, diversas delas disponíveis somente em edições esgotadas e de difícil acesso – fato que Yeats assinala em sua lista:

Esses livros viram-se impedidos de alcançar seu lugar em meio à grande literatura porque a tradição literária irlandesa era, quando Carleton e Banim estavam ativos, tão subdesenvolvida que um romancista, por mais genial que fosse, não encontrava convenções adequadas com que trabalhar, tampouco público exigente que o proibisse de misturar barulhentos melodramas a suas revelações. A Inglaterra pode dar-se ao luxo de se esquecer desses livros, mas nós não, pois apesar de todas as suas imperfeições, eles contêm os registros mais memoráveis já feitos com base nos hábitos e paixões irlandeses³⁶¹ (CL1, p. 442, 7D).

³⁶⁰ “But there are subtler messages, too, in the way that a novel like Edgeworth’s *Ennui* (1809) can be seen to suggest that Scotland could be Ireland’s future. [...] Over and above the nature-and-nurture implications lies the idea of improvement, and the archaism of the rebel intrigues swirling around the edges of the Irish world (once more, a prevision of *Waverley*). The idea that Ireland might follow Scotland’s path under the Union was frequently advanced by more optimistic contributors to the *Edinburgh Review* in the first thirty years of the nineteenth century”.

³⁶¹ “These books can only have been prevented from taking their place as great literature because the literary tradition of Ireland was, when Carleton and Banim wrote, so undeveloped that a novelist, no matter how great his genius, found no fit convention ready to his hands, and no exacting public to

Semanticamente, a escolha do verbo “impedir” é bastante indicativa da preocupação do poeta com questões da recepção na Irlanda e sua relação com a tradição literária e o mercado ingleses. O que “impede” que os livros, para ele bastante merecedores, sejam mais amplamente reconhecidos é a falta de uma tradição nativa bem desenvolvida e de um público-leitor bem informado – sempre em comparação ao modelo britânico. Ao declarar que a Inglaterra pode, em função da imensa disponibilidade de obras igualmente boas ou ainda melhores, esquecer essas obras irlandesas, duas importantes consequências desdobram-se: primeiro, que existe um cânone de língua inglesa que transcende as divisões nacionais; segundo, que somente esse cânone transnacional e abrangente seria insuficiente para os propósitos nacionais.

Podemos ver tal objeção em termos de representatividade: um cânone anglófono repleto de obras principalmente inglesas e escocesas, segundo a lógica de que tradições mais desenvolvidas dessas nações gerariam obras mais bem realizadas, descumpriria a função de refletir na ficção aspectos da realidade local irlandesa. Yeats efetivamente defende a necessidade de se pensar um cânone literário irlandês separado do britânico para que se dê voz às particularidades de sua nação.

Há, no entanto, para o escritor formas melhores que outras para atingir essa “voz”. Certos critérios estéticos adentram as considerações acerca de algumas exclusões da lista:

Eu, de fato, sempre acho que tanto a Srta. Lawless quanto a Srta. Barlow diferem dos grandes romancistas irlandeses pelo fato de observarem o caráter irlandês por fora e não criá-lo por dentro. É possível que elas tenham se curvado à falácia do nosso tempo, segundo a qual a fonte da arte é a observação, quando na verdade é, quase inteiramente, a experiência³⁶² (CL1, p. 442, 7D).

As diferenças entre o posicionamento do criador e sua criação, entre a observação e a vivência são destacadas como razões que separaram as grandes obras daquelas de menor importância. Sem citar fonte específica, o escritor critica o que ele percebe como a moda contemporânea, que prescreve a observação como

forbid him to commingle noisy melodrama with his revelations. England can afford to forget these books, but we cannot, for with all their imperfections they contain the most memorable records yet made of Irish habits and passions”.

³⁶² “I, indeed, feel always that both Miss Lawless and Miss Barlow differ as yet from the greater Irish novelists in being only able to observe Irish character from without and not to create it from within. They have, perhaps, bowed to the fallacy of our time, which says that the fountain of art is observation, whereas it is almost wholly experience”.

manancial da arte, o que para ele seria a falácia que guia autores como Emily Lawless e Jane Barlow.³⁶³ Uma analogia particularmente poética emerge para ilustrar o argumento: “As criações de um grande escritor são pouco mais do que os humores e as paixões de seu próprio coração, a quem ele dá nome e sobrenome e enviou à peregrinação terrena”³⁶⁴ (CL2, p. 442). Novamente os humores ou *moods* aparecem como parte do processo criativo, ligando o coração do artista ao seu ambiente, por onde suas criações finalmente poderiam perambular.

A oposição entre as obras “eruditas” e aquelas que atacam a imaginação também serve para discriminar quais mereceriam um lugar ao sol:

Porém, não será a esses livros indispensáveis e eruditos que a imaginação retornará inúmeras vezes, mas sim à descrição que [O’Grady] faz em “The coming of Cuchullin”, em que Cuchullin caça o cervo encantado de chifres de ferro, tomado pela fúria da batalha, ou àquele capítulo na “History” no qual o herói está morrendo, escorado em um pilar de pedra, lontras a seus pés, bebendo-lhe o sangue; ou ao relato em “Fin and his companions” dos sete velhos que recebem Fin no topo da montanha e servem-lhe sete pedaços de uma cotovia em um prato, para então comentarem entre si, ao verem Fin em prantos por causa da pobreza deles, que “Os jovens têm tristezas que os velhos desconhecem”³⁶⁵ (CL1, p. 443, 7D).

Diferenças entre obras de um mesmo autor são salientadas em termos de seu poder evocativo. Interessantíssima, a menção aos últimos instantes de vida do herói Cuchulain (diversas grafias são possíveis para a aproximação de nomes em irlandês e em inglês), considerado o Aquiles irlandês (ver, por exemplo, BULFINCH, 1912), prefigura o interesse duradouro de Yeats no personagem, em especial nesse momento trágico de sua trajetória legendária.

Além de retratar diversos episódios da vida do herói em poemas e principalmente no conjunto de peças conhecido como o Ciclo de Cuchulain, que inclui *On baile’s strand* (1904), *The green helmet* (1910), *At the hawk’s well* (1917),

³⁶³ Vale notar, embora fuja ao escopo do presente estudo, a presença de um número expressivo de obras de autoria feminina na lista de Yeats, bastante atípica para o período. Podemos especular que suas colaborações com diversas escritoras, uma situação que se manteve em toda a sua carreira, tenha influenciado positivamente sua valorização da contribuição feminina para as tradições literária e artística irlandesas.

³⁶⁴ “The creations of a great writer are little more than the moods and passions of his own heart, given surnames and Christian names, and sent to walk the earth”.

³⁶⁵ “However, it will not be to these indispensable and learned books that the imagination will return again and again, but to his [O’Grady’s] description in ‘The Coming of Cuchullin’ of Cuchullin hunting the iron-horned enchanted deer in his battle fury, or to that chapter in the ‘History’ where he stands dying against the pillar stone, the others [for otters] drinking his blood at his feet; or to the account in ‘Fin and his Companions’ of the seven old men receiving Fin upon the mountain top and putting the seven pieces of the lark upon his platter, and saying one to another, when he weeps because of their poverty, ‘The young have sorrows that the old know nothing of’.

The only jealousy of Emer (1919) e *The death of Cuchulain* (1939), a relação entre o mito da morte de Cuchulain e um dos mais marcantes eventos da história irlandesa, o Levante de Páscoa de 1916, ficaria sedimentada no imaginário popular irlandês e é, até hoje, reforçada pela estátua do herói exposta em uma vitrine do Correio Central de Dublin (*General Post Office*, ou GPO). Produzida pelo artista Oliver Sheppard em 1911-1912 e retratando precisamente a cena descrita na carta acima (com a adição do corvo em seus ombros), a escultura fora escolhida pelo governo, na figura de seu longo líder do Executivo Éamon de Valera, para ser peça central do memorial ao Levante em um de seus mais importantes palcos, o GPO.

Inaugurada publicamente em abril de 1935, as ligações entre o mito, sua representação na arte (primeiramente na literatura e então sua corporificação na estátua), a noção do martírio dos rebeldes e o local dos correios como palco da resistência inspiram os versos de “The statues”, escritos por Yeats ao final de sua vida e publicados postumamente em 1939:

When Pearse summoned Cuchulain to his side.
What stalked through the post Office? What intellect,
What calculation, number, measurement, replied?
We Irish, born into that ancient sect
But thrown upon this filthy modern tide
And by its formless spawning fury wrecked,
Climb to our proper dark, that we may trace
The lineaments of a plummet-measured face.³⁶⁶
(VP, p. 610)

Reflexão sobre ordem e caos, o poema alude a um dos ideólogos da rebelião, Patrick Pearse, também poeta, e a seu apelo ao espírito de Cuchulain para inspirar e lutar junto aos rebeldes e aos traços da obra de Sheppard, exemplo das “estátuas” do título, cujas “feições” personificam ordem. As ligações são discutidas mais explicitamente em sua intensa correspondência com Edith Shackleton Heald, com quem ele manteve amizade íntima durante os últimos anos de sua vida, como se observa em carta escrita em 28 de junho de 1938:

Anexando o poema que me pedistes. Ao ler a terceira estrofe lembre-te da influência sobre a escultura indiana & sobre o grande Buda sentado dos escultores que seguiram Alexandre. Cuchulain aparece na última estrofe porque Pearse & alguns de seus

³⁶⁶ “Quando Pearse convocou Cuchulain para o seu lado/O que espreitava o Correio Central? Que intelecto,/cálculo, número, medição, lhe atendeu?/Nós irlandeses, nascidos daquela seita antiga/Mas lançados a esta imunda maré moderna/E por sua fúria proliferante e disforme destruídos,/Ascendemos à nossa própria escuridão, para que possamos traçar/As feições de um rosto medido a prumo”.

seguidores tinham um culto a ele. O Governo colocou uma estátua de Cuchulain após a reconstrução do Correio Central para comemorar esse culto³⁶⁷ (CL *InteLex* #7262).

Em contraste com o tratamento de personagens míticos, a importância de estátuas em homenagem a figuras importantes da histórica irlandesa recente também é assunto de poema e carta do período aqui estudado, em relação ao político Charles Stewart Parnell.

A menção ao outro episódio da mitologia celta na carta ao *Daily Express* de 27 de fevereiro de 1895, “Finn e seus companheiros”, é útil, para além do elogio a O’Grady e sua capacidade de instigar a imaginação, para reforçar os opostos binários de velho/novo, invertendo a noção mais usual que associa maior idade a sabedoria: “Os jovens têm tristezas que os velhos desconhecem”.

Após discutir as obras folclóricas, Yeats entra no gênero mais próximo de sua própria produção de maior reconhecimento, a poesia:

A maior parte da poesia irlandesa é, porém, constituída de baladas e líricas avulsas escritas por Mangan, Davis, Doheney, Casey, Callanan, Walsh, Reynold, Moore, Fox e outros entre os mortos, e pelos Srs. Aubrey de Vere, Johnson e Rolleston, Dr. Todhunter, e “AE”, entre os vivos; e desses não há sequer uma antologia excelente. A menos que o leitor aceite uma antologia a ser lançada por mim, terá, na maioria dos casos, de procurar os melhores versos irlandeses em velhos livros de baladas, contentando-se em encontrar um ou dois bons poemas em cada volume³⁶⁸ (CL1, p. 444, 7D).

O trabalho do escritor como organizador de antologias era então reconhecido, já tendo ele publicado muitos dos poetas “vivos” em *Poems and ballads of Young Ireland* (1888) e contistas e romancistas em *Stories from Carleton* (1889) e *Representative Irish tales* (1891), assim como seleções de textos folclóricos em *Fairy and folk tales of the Irish peasantry* (1888). Sempre atento a oportunidades de autopromoção, Yeats aproveita a baixa disponibilidade das obras enumeradas na lista para fazer propaganda do volume que seria muito em breve publicado.

³⁶⁷ “I enclose the poem you asked for. In reading the third stanza remember the influence on Indian sculpter & upon the great seated Buddha of the sculptors who followed Alexander. Cuchulain is in the last stanza because Pearce & some of his followers had a cult of him. The Government has put a statue of Cuchulain in the rebuilt post office to commemorate this”.

³⁶⁸ “The greater portion of Irish poetry is, however, made up of stray ballads and lyrics by Mangan, Davis, Doheney, Casey, Callanan, Walsh, Reynolds, Moore, Fox, and others among the dead, and by Mr Aubrey De Vere, Mr Johnson, Mr Rolleston, Dr Todhunter, and ‘AE,’ among the living; and of these there is no excellent anthology. Unless the reader will accept a forthcoming anthology of my own, he must in most cases search for the best Irish verse through old ballad books, and be content to find one or two good poems to a volume”.

Há de se considerar, no entanto, o que a publicação de *A book of Irish verse* representa para o projeto maior do escritor antes de adotar a atitude algo cínica de julgar que toda a controvérsia da lista de livros teria como objetivo principal divulgar o novo livro. É razoável supor que a baixa estima da academia e da crítica jornalística por alguns dos autores e textos incluídos no livro tenha, de fato, dificultado sua circulação no mercado de livros da Irlanda e também do Reino Unido, fazendo com que sua reedição nos volumes originais ou em antologias fosse bem-vinda. Não é tampouco surpreendente que justamente os autores listados por Yeats sejam aqueles incluídos em *A book of Irish verse*, dado que os critérios de seleção, em ambos os casos, eram bastante semelhantes, como explica o prefácio:

Dá-se continuidade às tradições de Thomas Davis, em cuja direção nossos olhos devem sempre voltar-se, da mesma forma que às tradições da boa literatura, que são a moralidade do homem de letras, [...] quando se pretende, como pretendi neste livro, separar aquilo que tem valor literário do que tem apenas valor patriótico e político, não importa o quão sagrado tornou-se para nós³⁶⁹ (*P&I*, p. 223).

As tensões entre os dois interesses – um puramente patriótico e outro puramente estético, mas tingido por preconceitos – são expostas como causa e consequência das lacunas editoriais que *A book of Irish verse* estaria buscando preencher. A carta aberta aventa a questão em sua porção final, cujo argumento merece ser citado em sua totalidade:

Muitos dos melhores livros de minha lista podem ser encontrados apenas em livrarias de segunda mão, ao passo que livros de pior qualidade dos mesmos escritores são constantemente reimpressos. A verdade é que o sucesso ou o fracasso dos livros irlandeses têm sido decididos até o momento pelo acaso, pois uma das metades da Irlanda recebe tudo o que é irlandês com um louvor acrítico, e a outra metade, com indiferença acrítica. Fundamos a Sociedade Literária Nacional [em Dublin] e a Sociedade Literária Irlandesa de Londres para dar fim a ambos os vícios e para encontrar um público para o que houver de mais excelente na literatura, nova ou antiga, da Irlanda. O fanatismo político tornou a opinião literária da Irlanda artificial, e, contrariamente ao que diz um de seus correspondentes, não é culpa nossa se o remédio também pareça artificial. Nossa absolvição vem das vendas cada vez maiores de livros irlandeses e da crescente inteligência demonstrada pela crítica irlandesa. – Atenciosamente,

³⁶⁹ “One carries on the traditions of Thomas Davis, towards whom our eyes must always turn, not less than the traditions of good literature, which are the morality of the man of letters, [...] when one endeavours, as I have endeavoured in this book, to separate what has literary value from what has only a patriotic and political value, no matter how sacred it has become to us”.

Yeats apresenta como fruto do sucesso da empreitada de seu grupo o crescente interesse pela literatura irlandesa, assim como a “maior inteligência” da crítica de seu país. Evidencia-se aqui a outra frente da batalha pela divulgação de um cânone irlandês informado pelos critérios defendidos por Yeats: somado ao papel dos periódicos, palestras e discussões nas mais variadas sociedades fazem como que elas se tornem plataformas de visibilidade. Apesar da recusa da amiga em contribuir com sua lista no *Daily Express*, outras mensagens são enviadas a Katharine Tynan Hinkson durante os primeiros meses de 1895. Em 25 de março, o escritor é capaz de prevaricar sobre futuros leitores:

Acredito que em um ou dois anos constataremos que unionistas irlandeses começarão a ler avidamente as coisas irlandesas. Fiquei impressionado com o interesse que as pessoas aqui demonstraram por tudo que lhes disse e pela controvérsia no Express. A votação na Sociedade Histórica do Trinity College também há de nos dizer algo. Escrevi aquela introdução aguerrida para o “Book of Irish verse” em vistas deste tipo de leitor, em parte. Julguei que era de grande importância convencê-los de que éramos críticos & escritores acima de tudo & não entusiastas impetuosos & sem critérios³⁷¹ (CL1, p. 455).

A controvérsia e o prefácio ao *Book of Irish verse* (ver acima) integram a estratégia de alcançar a parcela do público que estaria pouco disposta a aceitar a produção artística em termos puramente patrióticos ou nacionalistas. A menção aos unionistas destaca esse grupo como a maior parte do público-leitor do jornal, assim como sua associação ao Trinity College Dublin, onde se baseava a referida sociedade histórica.

³⁷⁰ “Many of the best books in my list can only be got at the second-hand book shops, while in some cases poorer books by the same writers are constantly reprinted. The truth is that chance has hitherto decided the success or failure of Irish books; for one half Ireland has received everything Irish with indiscriminating praise, and the other half with indiscriminating indifference. We have founded the National Literary Society and the Irish Literary Society, London, to check the one and the other vice, and to find an audience for whatever is excellent in the new or the old literature of Ireland. Political passion has made literary opinion in Ireland artificial, and, despite one of your correspondents, we are not to blame if our remedy seem artificial also. Our justification is the steadily increasing sale of Irish books, and the steadily increasing intelligence of Irish criticism. – Yours truly, W B Yeats”.

³⁷¹ “I beleive that in about a year or perhaps two years we will find that Irish Unionists will begin to read Irish things greedily. I have been amazed at the interest the people here have taken in anything I have told them & in the Expres[s] controversy. The vote at the College Historical must mean something to[o]. I wrote that combative introduction to ‘A Book of Irish Verse’ partly with a view of this type of reader. The great thing I thought was to convince them that we were critics & writers before all else & not heady & indiscriminating enthusiasts”.

A Sociedade Histórica do Trinity College, também conhecida pelo apelido “The Hist”, orgulha-se de ser a sociedade de debate em nível de graduação mais antiga do mundo, tendo sido criada em 1770 por Edmund Burke – por quem a admiração de Yeats cresceria com o passar dos anos – com o objetivo de “promover e desenvolver as habilidades oratórias, proporcionando um fórum internacional para discursos e debates”.³⁷² O voto a que Yeats faz menção refere-se à reunião de 27 de fevereiro, em que se passou a moção de que “[o] movimento pelo renascimento da literatura irlandesa merece o nosso apoio” (KELLY, CL1, p. 446, n. 4). Pedindo a colaboração de John O’Leary, Yeats reporta o sucesso da controvérsia e do voto da maioria (CL1, p. 446), informação que também repete à irmã Lily, na continuação da já citada carta de 3 de março:

A controvérsia com Dowden teve como resultado um debate com considerável participação na Sociedade Histórica do [Trinity] College, que aprovou por quase unanimidade a resolução de que “o Renascimento Literário Irlandês é digno de apoio”. Dowden estava na presidência & deu-nos mais algumas alfinetadas³⁷³ (CL1, p. 447).

O tom malicioso da correspondência com a irmã faz-se sentir na menção a Dowden como presidente da sessão e na percepção de que tentativas do professor de alfinetar o poeta e seus colegas ficam relativamente diminuídas em face do voto quase unânime.

Um relato sobre os pronunciamentos durante o debate na Sociedade Histórica incita a quarta missiva da série de correspondências enviadas ao *Daily Express*. Publicada em 8 de março, embora a informação não conste do cabeçalho do papel, é possível reconstruir que o poeta estava em Sligo quando de sua composição, o que explica por que ele dependia dos relatos para tomar partido na discussão. A carta começa com a justificativa pela demora da resposta – justificativa que parece um pouco excessiva, considerando-se que mal se passara uma semana desde a votação:

SENHOR – Eu já teria respondido aos meus críticos não fosse pela minha dificuldade em encontrar o que o mais importante deles – o Prof. Dowden – disse ou deixou de dizer. Os relatos que eu encontrei nos jornais matutinos do discurso dele na “The Historical” eram muito

³⁷² Disponível no *website* oficial da Sociedade, <http://thehist.com/about>. Consta no original: “The Society’s purpose is to promote and develop oratory and to provide an international forum for discourse and debate”.

³⁷³ “The Dowden controversy has had for one of its results a well attended debate in College Historical Society which passed almost unanimously the resolution ‘that the Irish Literary revival is worthy of support.’ Dowden was in the chair & had some more dabs at us”.

escassos para que eu pudesse responder. Porém, acabo de receber de um amigo o Herald de sábado com uma justa e completa exposição dos argumentos do professor³⁷⁴ (CL1, p. 448, 7E).

A despeito de toda a sua propaganda dos efeitos da controvérsia com Dowden, ressalta-se que Yeats não estava presente no debate, seja por uma questão geográfica (embora a viagem de Sligo a Dublin fosse demorada para os padrões da época, não seria a primeira vez que ele empreenderia esse tipo de jornada para estar presente em reuniões), seja porque a Sociedade Histórica era, de certa forma, território inimigo. A necessidade de consultar o relato também ressalta o interesse dos periódicos em noticiar a questão, assim como seu papel em informar à nação como um todo sobre as intrigas literárias na capital. As notas revelam que, além do *Daily Express*, diversos outros jornais matinais cobriram o evento e que o *Evening Herald* de 2 de março publicara longa transcrição do ocorrido (KELLY, CL1, p. 448, n. 1).

O desejo de ter o melhor relato possível em mãos antes de responder às críticas de Dowden (as “alfinetadas” a que ele faz referência na carta à irmã) ajuda a reforçar o seu intuito de se engajar em uma discussão de maneira bem informada e temperada por bom senso. A reconstrução das palavras de Dowden, no entanto, passa ao largo da neutralidade:

Dowden começou acusando-nos de dizer às pessoas que “boicotem a literatura inglesa” e gastou muita de sua eloquência, excessivamente elaborada e irrelevante, com essa acusação absurda. Em seguida, tornando-se por um momento o crítico sério com quem estamos acostumados, deu uma definição admirável para a literatura nacional irlandesa. Teceu, então, alguns comentários sobre a minha lista que mostram, não posso deixar de notar, menos da exatidão escrupulosa de outrora, apresentando, depois, sua própria lista³⁷⁵ (CL1, p. 448, 7E).

O balanço entre as qualidades de Dowden (seu papel como “crítico sério” e sua “definição admirável” do que seria a literatura nacional irlandesa) e seus defeitos pesa muito mais para o lado destes: a acusação é “absurda”, sua

³⁷⁴ “SIR – I should have replied before to my critics but for my difficulty in finding out what the most important of them – Professor Dowden – did or did not say. The reports of his speech at ‘The Historical’ which I found in the morning papers were too meagre to reply to. A friend has, however, just sent me Saturday’s Herald with a full and manifestly fair exposition of his argument”.

³⁷⁵ “He began by accusing us of telling people ‘to boycott English literature,’ and built up much elaborate and irrelevant eloquence upon this absurd charge, and then, becoming for a moment the serious critic we are accustomed to, gave an admirable definition of an Irish national literature, and after making some comments on my list, which showed, I cannot but think, less than his old scrupulous accuracy, passed on to expound a list of his own”.

argumentação é “excessivamente elaborada” e guiada por “eloquência irrelevante”, e mesmo as qualidades listadas acima só aparecem “por um momento”. O professor perde até em uma comparação a si mesmo: os comentários tecidos mostrariam menos da “exatidão escrupulosa” que normalmente caracterizara sua prática, mas que, o poeta insinua, não mais o guia. Yeats também não perde a oportunidade de mencionar que Dowden lera a sua lista e que ela havia, inclusive, merecido essa análise pública: uma e outra lista são discutidas em pé de igualdade.

Desprovido da plataforma da Sociedade Histórica, é nas páginas do jornal que o poeta empreende a sua apreciação da lista do professor:

Por outro lado, será que a definição do Prof. Dowden abrange ao menos algum dos livros selecionados, de Ussher e Swift e Berkeley, os quais o professor gostaria que consideremos nossa literatura nacional? Cita apenas livros admiráveis, sem dúvida, mas “As viagens de Gulliver” e “Tristram Shandy” apenas poderão ser considerados substitutos dos livros por mim citados quando as obras de Hume forem consideradas literatura escocesa da mesma forma que as de Burns e Barrie, ou quando os escritos de galeses como o Sr. George Meredith e o Sr. William Morris forem considerados tão repletos do espírito galês quanto as tríades de Taliesin. O Prof. Dowden devia estar sonhando, ou se sentindo muito eloquente, o que no fim é a mesma coisa, ou jamais teria incluído no mesmo discurso uma definição tão admirável e uma lista tão irrelevante³⁷⁶ (CL1, p. 449, 7E).

Ironicamente, conforme já mencionado brevemente na discussão sobre as fontes de Yeats, sua posição a respeito de Jonathan Swift e outros escritores da época da rainha Anne e, principalmente, da Irlanda Georgiana (período entendido como os anos do reinado dos reis George I a IV, de 1714 até 1830) mudaria de forma radical, e o legado desses escritores e pensadores tomaria papel central em sua genealogia do pensamento irlandês. Swift é, inclusive, importante presença, ainda que espectral, na peça *The words upon the window pane* (1934).³⁷⁷ Para o jovem Yeats, no entanto, as obras dos escritores da aristocracia anglo-irlandesa,

³⁷⁶ “On the other hand, does his definition cover a single one of the books selected from Ussher and Swift and Berkeley, which he desired us to consider our national literature? He named none but admirable books, certainly, but ‘Gulliver’s Travels’ and ‘Tristram Shandy’ will be substitutes for the books I have named only when the books of Hume are considered Scotch literature in the same sense as the books of Burns and Barrie, or when the writings of Welshmen like Mr George Meredith and Mr William Morris are thought as full of the spirit of Wales as the triads of Taliesin. Professor Dowden must have been dreaming, or very eloquent, which comes to much the same thing, or he would never have included in the same speech so admirable a definition, so irrelevant a list”.

³⁷⁷ O seminal *W. B. Yeats & Georgian Ireland*, de Donald T. Torchiana (1966), discute as mudanças da relação de Yeats com seus predecessores e com as tradições georgiana e anglo-irlandesa e é um dos volumes clássicos da história dos estudos do autor. Seu quarto capítulo, “Imitate him if you dare”, trata perceptivamente da evolução do tratamento de Yeats à figura icônica de Swift.

apesar das qualidades literárias que as colocariam firmemente no cânone da literatura de língua inglesa, não figuram de forma muito confortável na lista de Dowden, por não captarem ou expressarem os humores dominantes da literatura verdadeiramente nacional.

A ressalva feita ao discurso do professor é de que, a despeito da lista “irrelevante”, ele teria trazido à tona uma “admirável” definição da literatura nacional. A reflexão sobre a definição de Dowden, no entanto, introduz várias emendas:

Disse que uma literatura nacional irlandesa “deve ser baseada nas antigas lendas celtas, deve vir do povo celta do campo, deve ter como base e inspiração a raça e a tradição racial, e não pode nem deve estar separada da filosofia e das influências da religião católica”. Com algumas óbvias correções, que, acredito, o Prof. Dowden aceitará de imediato, esta Irlanda não é completamente celta, da mesma forma que a Inglaterra não é completamente saxã, nem é completamente católica, da mesma forma que a Inglaterra não é completamente protestante. Concordo com essa definição e afirmo que ela cobre todos os livros na minha lista³⁷⁸ (CL1, p. 448, 7E).

A insistência na diversidade de povos e religiões na Irlanda é central para o argumento de Yeats, já que a aderência estrita à definição do professor excluiria ele próprio, assim como muitos de seus colaboradores – além de não refletir a realidade demográfica da nação. Foi com grande tristeza que o escritor acompanhou o estreitamento das definições do que seria não só a literatura irlandesa, mas também o modo de vida irlandês, que, ao contrário de seu ideal ecumênico e mais inclusivo, concentrou-se na identidade católica e rural da nação, especialmente após o Tratado de 1922.³⁷⁹

Outra polarização análoga à questão religiosa, mas talvez, pelo menos no momento da escrita da carta ao *Daily Express*, menos espinhosa, era a questão da

³⁷⁸ “He said that a national Irish literature ‘must be based on the old Celtic legends, must come from the Celtic people of the country, must have the basis and inspiration of race and racial tradition, and must not and cannot be divorced from the philosophy and influences of the Catholic religion.’ With the obvious corrections, which Prof Dowden will at once accept, this Ireland is not wholly, Celtic any more than England is wholly Saxon, or wholly Catholic any more than England is wholly Protestant, I agree with this definition, and affirm that it covers every book upon my list”.

³⁷⁹ Uma das mais marcantes defesas do pluralismo religioso foi feita quando Yeats era parte do Senado do Estado Livre Irlandês, em 11 de junho de 1925. Reagindo contra a proposta de tornar o divórcio ilegal na Irlanda, o escritor argumenta que a indissolubilidade do casamento seria um dogma relevante apenas para os católicos, de modo que a discussão deveria ser levada por membros não católicos em separado. Não fazê-lo seria misturar questões religiosas com o fazer legislativo: “Isso quer dizer que estão a legislar em questões puramente teológicas e forçando a sua teologia a pessoas que não são de sua religião” (“That is to say you are to legislate on purely theological grounds and you are to force your theology upon persons who are not of your religion”. SS, p. 82). O divórcio só viria a ser descriminalizado na Irlanda em 1996, um processo que levou ainda mais tempo que a descriminalização da homossexualidade, alcançada em 1993.

língua. Em resposta a Dowden, Yeats toca no assunto apenas tangencialmente, já que o movimento em defesa da literatura irlandesa escrita em gaélico irlandês ainda não alcançara suficiente projeção para justificar uma defesa do inglês. Defendendo-se da crítica de que a maior parte dos livros incluídos em sua lista havia sido publicada naquele mesmo século, Yeats justifica que, embora “o papel e a tinta” de *Beside the fire* (1890) e *The love songs of Connaught* (1893), de Douglas Hyde, e *Silva Gadelica* (1892), de Standish O’Grady, fossem modernos, seus “conteúdos” eram antigos ou antiquíssimos, parte da tradição celta. As fontes irlandesas aparecem em relação a suas traduções:

Eu poderia, como o prof. Dowden certamente considerou, ter acrescentado inúmeras obras a essas traduções, mas traduções raramente configuram literatura satisfatória. Ao insistir na modernidade dos trabalhos que citei, ele desejava, suponho, mostrar como a literatura irlandesa brotou de um solo rasteiro, embora seja óbvio que a literatura de um país que mudou sua língua recentemente deva ser muito moderna³⁸⁰ (CL1, p. 448, 7E).

A desconfiança de Yeats em relação à literatura em tradução não se aplicaria às obras de Hyde e O’Grady, incluídas em sua lista, já que elas teriam também qualidades literárias – em elogiosa carta a Hyde, escrita em 23 de agosto de 1889, o poeta declara: “Somente você,³⁸¹ assim me parece, consegue preservar a exatidão e o sabor da [língua] viva”³⁸² (CL1, p. 182).

Paradoxalmente moderna e ancestral, o estudo da literatura irlandesa não se adaptaria bem aos padrões estéticos da literatura inglesa. Críticos que, como Dowden, guiavam-se pela tradição literária da Inglaterra não estariam equipados para perceber o que há de único na criação artística da Irlanda:

Creio, agora, ter discutido todos os argumentos do Prof. Dowden citados na Imprensa – e fi-lo porque é importante mostrar que a “nossa autoridade reconhecida” traz, quando o assunto condiz unicamente à literatura irlandesa, menos da lógica minuciosa, a exatidão escrupulosa, a compreensão solidária, que ele dedica às questões literárias inglesas; na verdade, Dowden não é nenhuma autoridade quando fala de poesia e lenda irlandesas, mas sim um partidário pronto a agarrar qualquer querela que lhe prometa uma vitória momentânea. Ele, de fato, cometeu aquele erro fatal que os

³⁸⁰ “I could, as Professor Dowden must have known, have added indefinitely to these translations, but translations are seldom satisfactory literature. By insisting on the modernness of the works I named, he wished I suppose, to show that Irish literature grew from a shallow soil, and yet it is obvious that the literature of a country which has recently changed its language must be very modern”.

³⁸¹ Lady Gregory e Synge logo ingressariam no seleto grupo de tradutores e escritores capazes, segundo Yeats, de preservar a vida da língua irlandesa.

³⁸² “You alone, it seems to me, preserve accuracy & the flavour of life”.

críticos que têm mais conhecimento que ímpeto têm propensão a cometer: postou-se ao lado da tradição acadêmica na eterna luta que esta trava contra o espírito criativo³⁸³ (CL1, p. 449, 7E).

Desfere-se assim o derradeiro golpe a Dowden, que acaba desautorizado como crítico, despido das qualidades que lhe haviam assegurado um lugar na universidade: lógica, precisão e empatia dariam lugar ao desejo prosélito de simplesmente defender aquilo em que já se acredita sem maiores reflexões.

Além de Dowden, sai vítima desse ataque toda a academia: não há dúvida de que, para Yeats, na “luta eterna” entre a “tradição acadêmica” e o “espírito criativo”, este último é mais merecedor de vitória. Buscando dissociar-se de forma ainda mais definitiva dessa veia “escolástica”, em sua explicação do elevado número de livros de autoria de O’Grady na lista, o poeta defende a escolha com certo desdém: “seus livros produziram um efeito mais poderoso que o de qualquer outro escritor irlandês, e a única forma de crítica que conheço é um impressionismo franco”³⁸⁴ (CL1, p. 449, 7E).

Tendo em vista toda a discussão teórica desenvolvida antes da declaração de que seus julgamentos seriam pouco mais que “impressionismo”, é necessário qualificá-la. Podemos considerar a declaração a respeito do “impressionismo” como parte uma estratégia retórica, talvez como forma de *litotes*, ou eufemismo de negação. O rigor volta a aparecer em sua última carta a tratar da lista, esta publicada no *United Ireland*, que havia republicado a lista de Yeats em sua edição de 9 de março de 1895 – reforçando a ideia do intercâmbio de conteúdos e preocupações entre diversos periódicos. A lista levava o editor a reclamar não só de que os livros eram muito recentes e ainda não haviam sido lidos pela maioria dos leitores, mas também de que ela incluía um volume cuja publicação sequer tinha sido anunciada. Em vista disso, Yeats vê-se forçado a retomar a questão, revisando, inclusive alguns de seus critérios de exclusão:

³⁸³ “I have now, I think, dealt with every argument of Professor Dowden’s which was quoted in the Press, and I have done so, because it is important to show that ‘our acknowledged authority’ brings to a merely Irish literary matter something less than that careful logic, that scrupulousness accuracy, that sympathetic understanding, which he brings to an English literary question; in fact that he is no authority at all when he speaks of Irish verse or Irish legend, but a partisan ready to seize upon any argument which promises a momentary victory. He has indeed made that fatal mistake which critics who have more knowledge than impulse are ever prone to, he has set himself upon the side of academic tradition in that eternal war which it wages on the creative spirit”.

³⁸⁴ “[...] his books have affected one more powerfully than those of any other Irish writer, and I know of no other criticism than a candid impressionism”.

PREZADO SENHOR – Concordeo perfeitamente com o senhor quanto à falta de sabedoria que foi incluir um livro não publicado em uma lista dos “30 melhores livros irlandeses”. O fato é que eu vi “prévias” de “Story of Early Gaelic Literature”, do Dr. Hyde, há algum tempo, de modo que quando escrevi minha carta para o Express, fui induzido por um parágrafo nos jornais a pensar que ele já havia sido publicado. A seção histórica da minha lista é, como o senhor diz, bastante escassa, porém é menos excêntrica quando lida juntamente aos comentários explicativos. Se eu não estivesse decidido excluir todos os livros de forte conotação política, bem como todos os livros que não são trabalhos de imaginação, ou fontes de pesquisa, ou mesmo que possam auxiliar o leitor a entender as imaginações da Irlanda, a lista provavelmente teria sido a seguinte –³⁸⁵ (CL1, p. 452, 7F, incluindo a lista).

Podemos conjecturar que a admissão do acesso às cópias do livro de Hyde teria dois efeitos distintos no público leitor: primeiramente, o efeito negativo de sugerir que Yeats estaria advogando em causa própria ou melhor, pela causa conjunta a que se dedicavam ele e seus amigos próximos, e a cujos manuscritos e versões preliminares ele teria acesso. O efeito positivo, todavia, seria indicar sua posição como resenhista de importância, para quem editoras mandariam cópias antecipadas para que suas análises figurassem em contracapas e outros paratextos, assim como em suas contribuições em periódicos nos quais ele publicava ensaios.

Por ser contribuidor frequente do *United Ireland* e conhecedor de sua linha editorial, Yeats permite-se incluir livros que não constam da lista no conservador e unionista *Daily Express*. Os “comentários explicativos” são uma admissão de que algumas obras que os leitores nacionalistas do *United Ireland* certamente esperavam estar incluídas na lista não estavam ali por causa do critério de exclusão do que manifestasse “forte sentimento político”.

Encerra-se assim o período de maior atividade da “Guerra dos Livros”, durante a qual Yeats desenvolve a suas habilidades como escritor epistolar de cartas abertas a jornais, mostrando-se atento tanto ao editorial dos jornais – e consequentemente seu público leitor – quanto às formas de se manter em destaque nas controvérsias com que se engaja.

³⁸⁵ “DEAR SIR – I perfectly agree with you about the unwisdom of including an unpublished book in a list of ‘The Best Thirty Irish Books.’ The fact is that I saw ‘advanced sheets’ of Dr Hyde’s ‘Story of Early Gaelic Literature’ some little time ago, and when writing my letter to the Express was deceived by a paragraph in the papers into the belief that it was already out. The historical section of my list is, as you say, rather meagre, but is less eccentric when read with the explanatory comment. Had I not avowedly excluded all books of strong political feeling, and all books which are neither works of imagination, or books of research, helping one to understand the imaginations of Ireland, it would probably have been as follows”.

CONCLUSÃO

A multiplicidade da correspondência de um indivíduo pode relacionar-se a toda a gama de estados de espírito humanos. Em termos de temas, tons e estratégias retóricas, cada escritor de cartas varia significativamente de si mesmo. [...] A variedade das cartas de um poeta, organizadas em edições completas, normalmente excede em muito a de seus poemas completos, porque a correspondência engloba um espectro muito mais amplo de funções, tanto para remetentes quanto para destinatários.³⁸⁶

(SPACKS, 1988, p. 51)

Dado o imenso espectro de possibilidades que a pesquisa sobre correspondências abre aos estudos literários, a presente tese buscou indagar as cartas de W. B. Yeats para além de seu conteúdo exposto e ressaltar aspectos de sua complexidade literária – na medida em que eles se originam tanto de qualidades textuais das missivas, como as estratégias retóricas ou o tom, quanto do seu dialogismo constitutivo, dentro de um contexto de *co-respondência* com interlocutores reais e/ou projetados.

Foi nosso objetivo propor uma análise que levasse em consideração os desenvolvimentos teóricos e metodológicos discutidos em uma gama de trabalhos sobre as potencialidades do estudo de cartas e sobre a correspondência de outros autores, das tradições anglófona, francófona ou lusófona, de acordo com a sua disponibilidade e a relevância para o *corpus* desta tese. Em suma, buscou-se uma abordagem capaz de atender os requisitos delineados pela editora e estudiosa de correspondências Liz Stanley (2004, p. 212):

O que é necessário, por conseguinte, é uma abordagem analítica que seja capaz de abarcar a totalidade das questões epistemológicas, conceituais e teóricas [...] relativas a questões textuais, e que, ao mesmo tempo, reconheça a referencialidade essencial das cartas, devidamente considerando as formas como essa referencialidade é mediada textualmente e mantida ao longo do tempo.³⁸⁷

³⁸⁶ “The multifariousness of an individual’s letters may correspond to the whole range of human moods. In theme, in tone, in rhetorical strategy, individual letterwriters vary wildly from themselves. [...] The variety of a poet’s collected letters will typically far exceed that of his or her collected poems because letters serve a far greater spectrum of purposes for senders and recipients alike”.

³⁸⁷ “What is required, consequently, is an analytic approach that is fully responsive to the epistemological, conceptual and theoretical issues [...] concerning textual matters, and which at the same time recognizes the referentiality that characterizes letters and pays due attention to the ways this is textually mediated and maintained over time”.

Desenvolvida no contexto da construção do conhecimento dentro de uma universidade pública brasileira e buscando a divulgação para além dos confins da área de Estudos Irlandeses ou mesmo de literaturas de língua inglesa, a questão da referencialidade, ou seja, toda a conjuntura “real” a que se reportam as cartas constitui parte importante de nossa análise. No entanto, toda elucidação acerca de fatos e interpretações das realidades histórica, social ou literária da Irlanda ou do Reino Unido veio, acreditamos, temperada por considerações que a relacionavam às suas representações nas cartas.

A presente Conclusão realizará, primeiramente, uma avaliação do alcance da pesquisa em relação a seus objetivos, sua abordagem e seu recorte específicos, para então discutir os resultados de cada capítulo, buscando apoio teórico a fim de verificar sua validade dentro das perspectivas propostas. Por fim, tentaremos derivar de toda a discussão as principais características da correspondência pública de Yeats no período tratado e o que elas revelam sobre a prática epistolar do autor. O estudo encerra-se com uma consideração de suas limitações e sugestões para o desenvolvimento de pesquisas posteriores, seja dentro de um panorama maior dos Estudos Irlandeses, seja no caso específico do poeta.

Além de toda a variedade descrita por Patricia Sparks na epígrafe – ou talvez justamente em função dela –, foi possível concluir, ainda nos estágios iniciais da pesquisa, que o estudo da correspondência completa de W. B. Yeats, disponibilizada na edição crítica de John Kelly como *The collected letters of W. B. Yeats*, demandaria profunda reflexão teórica sobre o gênero epistolar. A surpresa de não havermos encontrado nenhum outro estudo especificamente sobre as cartas do autor em nossa extensa pesquisa bibliográfica tornou-se menos inusitada mediante a constatação de que o tratamento da correspondência como objeto de investigação literária ainda é muito menor que seu uso como fonte para estudos guiados por outros interesses, sejam eles biográficos, históricos ou mesmo de história literária: as cartas figuram, normalmente, como uma entre várias fontes, documentais ou não, que sustentam argumentos desenvolvidos a partir de perguntas que escapam à natureza do texto epistolar. Trata-se de uma realidade ainda mais notável no caso de Yeats, cujas recepção e crítica sempre tiveram um forte viés biográfico.

Embora a orientação biográfica não seja, de forma alguma, em si um problema para o tipo de estudo que propusemos, a sua adoção significaria uma normalização do uso da correspondência que, embora jamais confira à escrita

epistolar o mesmo *status* da escrita “criativa”, torna seu uso de certa forma indiscriminado – nos dois sentidos do termo. Não há dúvida de que o recurso ao *epistolarium* (na acepção de Liz Stanley) do autor, seja pelo acesso direto aos originais, como fizeram os pioneiros Joseph Hone e Richard Ellmann, seja por meio das diversas edições discutidas, moldou o entendimento da obra e da figura de Yeats desde os primórdios da hoje imensa indústria crítica dedicada ao autor, assegurando à correspondência um lugar quase sempre garantido, mas sempre periférico.

Não é incomum encontrarmos as cartas na periferia: é normalmente lá que as encurralamos. Brigitte Diaz oferece uma sóbria reflexão sobre as razões desse paradoxo que resume bem o caso da correspondência de Yeats, mesmo em pleno século XXI:

As cartas tornam-se, assim, objetos literários muito paradoxais: embora fervorosamente colecionadas, editadas, divulgadas, comentadas, assim como obras em pleno direito, foram reduzidas ao *status* subalterno de dados biográficos para servir à escrita da história da um homem e, eventualmente, de uma obra³⁸⁸ (DIAZ, 2002, p. 5).

Resenhas feitas por eminentes críticos quando da publicação de todos os quatro volumes das *Collected letters* revelam quão pouco mudou a recepção desse material riquíssimo, de 1986 (v. 1) a 2005 (v. 4); aguardamos ansiosamente a publicação do quinto volume, prevista para 2015.

Em relação à fortuna crítica que se utiliza das cartas, é crucial que se reconheça a sofisticação da leitura feita por diversos autores. Estudos de grande relevância usam-nas como fonte de forma refinada e parecem guiar-se, ainda que implicitamente, por considerações centrais ao presente estudo e a outros que se debruçam sobre as cartas como objeto. Descrevendo as competências do leitor da carta, José-Luiz Diaz elenca as perguntas que devem orientar sua análise:

O receptor não deve tão somente decifrar a “mensagem”, mas se colocar toda espécie de questões auxiliares que põem em jogo a materialidade do documento: qual o lugar de emissão? qual data? que selo? que papel? que escritura? que tamanho? antes de mais nada, por que esta carta? qual a ligação entre esta carta e a última

³⁸⁸ “Les lettres sont alors devenues des objets littéraires très paradoxaux: tout en étant collectionnées avec ferveur, éditées, diffusées, commentées, exactement comme des œuvres à part entière, elles ont été réduites au statut subalterne de données biographiques pour servir à l’histoire d’un homme, et, éventuellement, d’une œuvre”.

recebida? [...] O leitor de cartas é, então, naturalmente semiólogo, psicólogo, grafólogo e... geneticista (DIAZ, 2007, p. 143).

O afã da busca de informações, especialmente para “amostras de conveniência” e citações eufônicas, muitas vezes significa que uma parcela grande dessas considerações seja relegada a segundo plano – especialmente a questão da sequência, a ligação de uma carta com as outras que a precedem e a seguem, seja na troca epistolar com o mesmo correspondente, seja com outros correspondentes. Para além da materialidade da carta, ressaltada por Diaz, um dos riscos que se corre pela descontextualização do conteúdo de cartas é justamente a aceitação da aparência de imediatismo, intimidade e sinceridade da carta como necessariamente verdadeira:

Este tratamento [de ordem principalmente documental ou psicológica] de correspondências genuínas baseia-se no pressuposto de [...] que as cartas são reflexos puros e sem distorções da vida. Tal convicção limita não apenas as maneiras como as correspondências verdadeiras podem ser lidas, mas também leva a julgamentos históricos e psicológicos pouco confiáveis³⁸⁹ (MacARTHUR, 2014, p. 117).

Ao isolarmos certos temas e, em particular, certas *controvérsias* em que Yeats participa por meio de cartas públicas enviadas a jornais, podemos desenvolver uma abordagem que leva em consideração a evolução dos termos das discussões e dos próprios argumentos do autor. Além disso, ao relacionarmos tais missivas a seus outros escritos, seja sua correspondência privada, seja produções em outros gêneros, como poesia, ensaios críticos e mesmo autobiografias, é possível revelar a ressonância de conceitos e preocupações em todo o pensamento yeatsiano – e como a expressão desses conceitos e dessas preocupações varia de acordo com gênero e público/destinatário.

A escolha da “situação epistolar especial”, como descreveu Luiz Felipe Baêta Neves (vide Introdução), das cartas a jornais criou o perigo da dificuldade de generalização de algumas de nossas observações, dado que se trata de um caso em que a relação entre remetente e destinatário(s) é especialmente complexa. Buscamos, sempre que possível, caracterizar tanto os editores de jornais (destinatário nominal da carta) quanto o perfil geral da maior parte do leitorado, com

³⁸⁹ “This treatment [primarily as a historical or psychological document] of genuine correspondences is based on the assumption [...] that letters are pure, undistorted reflections of life. Not only does this assumption limit the ways in which real correspondences can be read, it also leads to unreliable historical and psychological judgments”.

base em afiliações políticas, circulação, políticas editoriais e demais informações disponíveis tais veículos. Tal caracterização fez-se necessária por entendermos a relevância do público para a definição da relação que Yeats buscava estabelecer com os leitores como destinatários *de facto* das cartas abertas. Em certas instâncias, como no caso da “Lista dos 30 melhores livros irlandeses”, era possível incluir no nacionalista *United Irishmen* títulos que exporiam a lista como um todo a um grande risco de rejeição no *Daily Express*, onde ela foi originalmente publicada.

Por meio da consideração das variáveis dos destinatários, pretendemos minimizar a especialização excessiva em apenas um subtipo de carta que porventura poderia não ser representativo. No entanto, consideramos que, devido à função essencialmente interpelativa e polêmica dos exemplares que guiaram este estudo, foi possível extrapolar muitas de nossas reflexões. Encontramos suporte para essa percepção também entre especialistas do campo:

Cartas para jornais (sejam elas verdadeiras ou falsas, publicadas ou não) formam um grupo distinto dentro da produção epistolar. Todavia, não são radicalmente diferentes de certos tipos de correspondência entre indivíduos que igualmente visam a divulgação, ampliação de seu leitorado, eficácia política ou sucesso pessoal³⁹⁰ (POUBLAN, 1996, p. 22).

Os objetivos elencados pela autora como pontos de confluência entre certos tipos de carta privada e as cartas ao editor inscrevem-se justamente na esfera do político que desde o início interessou a esta pesquisa. Julgamos, portanto, que a escolha das epístolas que Yeats envia e publica em jornais como fio condutor para nossa análise foi excepcionalmente adequada aos objetivos propostos.

Paralelamente à escolha do *corpus* primário, constatou-se a necessidade de delimitar a extensão cronológica do estudo. Há, primeiramente, uma limitação de ordem prática: embora disponível no banco de dados eletrônico *InteLex Past Masters*, o *epistolarium* das *Collected letters* ainda não recebeu a editoração e publicação em sua forma impressa, podendo ser acessado somente pela assinatura de um serviço cuja aquisição institucional se mostrou inviável para a Universidade de São Paulo. Embora a consulta ao material tenha sido possível durante o ano de estágio de pesquisa na Universidade de Oxford, entre outubro de 2013 e outubro de

³⁹⁰ “Les lettres aux journaux (vraies ou fausses, publiés ou non) forment un groupe original au sein de la production épistolaire. Mais elles ne sont pas radicalement différentes de certaines correspondances entre particuliers qui visent, elles aussi, la divulgation, l’élargissement de leur lectorat, l’efficacité politique ou la réussite personnelle”.

2014, decidimos contra a inclusão de todo o universo da correspondência nesta tese: primeiramente por uma questão de acesso, já que o material continua indisponível para grande parcela dos pesquisadores; em segundo lugar, e em decorrência da primeira condição, porque nos interessava também ver a recepção das edições, algo que fica bastante limitado quando não se trata de um material publicado; por fim, porque, na medida em que a pesquisa avançava, percebemos que a metodologia proposta funcionava melhor no nível da microanálise, o que inviabilizaria o exame de toda a correspondência de Yeats, dono de uma longa e profícua carreira. Dada a originalidade da pesquisa proposta, focar em um período específico significou uma exploração mais profunda das potencialidades da análise.

Para além do atual estado da publicação das *Collected letters*, discutimos também na Introdução o interesse pela correspondência de juventude de escritores como uma característica marcante dos estudos sobre a escrita epistolar, especialmente pela crítica francesa. É possível agora constatar que muitas das conclusões de estudos como o pioneiro volume de Geneviève Haroche-Bouzinac sobre Voltaire (1992), da própria Brigitte Diaz sobre Stendhal (1998) e, mais recentemente, de Amélie Schweiger sobre Flaubert (2012) também se aplicam ao desenvolvimento da arte da escrita pelo jovem Yeats – desde que o conceito de jovem seja um pouco estendido no caso do poeta irlandês, que só deixa a casa dos pais aos 30 anos de idade, em outubro de 1895.

Embora tenhamos nos concentrado de forma mais intensa no período até 1895, estabelecer como ponto de corte o ano 1900 permitiu a convergência com uma delimitação temporal dada pelo próprio Yeats em suas autobiografias. Bastante simbólica para além da vida do escritor irlandês, sendo o ano da morte de Oscar Wilde e o último ano do reinado da rainha Victoria, a virada do século é vista, contemporânea e retrospectivamente, como tendo grande significância na história literária, e os anos que a precederam ainda parecem deter o monopólio da expressão *fin-de-siècle*, embora a década de 1890 não seja, obviamente, o único “fim de século” merecedor dessa distinção.

De cunho cronológico, esse recorte, comparavelmente à escolha pelo subgênero “carta aberta”, revelou-se adequado, uma vez que permitiu a abordagem de temas centrais para o desenvolvimento de Yeats como escritor e agente político. Em vista do elevado número de cartas enviadas a periódicos até 1900, ponto de partida para a análise aqui proposta, é possível concluir que esse tipo de escrita

epistolar merece o destaque que lhe demos. A hipótese de que a função polêmica da carta aberta ofereceria um espaço privilegiado para a exposição das preocupações políticas de Yeats confirmou-se pela profundidade das discussões que os exemplos específicos trazem. Dono de opiniões que fugiam do senso comum da época, as cartas abertas do autor confirmaram-se como exemplo de cartas típicas do Romantismo:

No Romantismo, a carta sugere uma correspondência entre as experiências pública e privada, sendo que tal correspondência reexamina – e desestabiliza – imagens ou narrativas fixas. O que o indivíduo escreve as massas leem; a experiência é traduzida a partir do particular para o domínio público, e vice-versa³⁹¹ (FAVRET, 2004, p. 9).

A publicação em jornais permitiu também que se acompanhassem as respostas às cartas, de modo que se fez notar o movimento pendular do privado/público pelas reações que as cartas provocaram em outros leitores, descrevendo, inclusive, um número ainda maior de alternâncias do que a descrita por Favret: o pensamento inicialmente privado de Yeats toma um contorno público na escrita da carta aberta, que é de fato publicada e lida, “invadindo”, via jornal, o espaço íntimo da casa dos leitores e mesmo o âmbito mais privado de suas convicções – o suficiente para ativar neles o desejo da réplica, que por sua vez passa por um processo similar ao da missiva a que responde. E assim por diante.

As réplicas e tréplicas comprovam também o interesse que as controvérsias geravam. Mais do que ensaios, a carta aberta enseja o convite à resposta – um convite que se vê frequentemente aceito no caso dos assuntos tratados. Em uma comparação com outras formas de escrita disponíveis para escritores aprendizes, Brigitte Diaz afirma: “A esse furor [de investigação e autoprojção] – esse ‘eretismo’, como diria Stendhal – que se manifesta nas correspondências de juventude falta, no entanto, um objeto próprio no qual se exercer”³⁹² (DIAZ, 2002, p. 78). Embora não fosse mais exatamente o caso de Yeats, cuja influência após 1889 (ano da publicação de seu primeiro volume de poesia) garantir-lhe-ia certa latitude em alguns periódicos como ensaísta, a

³⁹¹ “The letter in Romanticism hints at a correspondence between public and private experience, and that correspondence continually revises – and disrupts – fixed images or narratives. What the individual writes, the masses read; experience is translated from the private to the public domain, and back again”.

³⁹² “Cette fureur [d’investigation et projection de soi] – cet ‘érétisme’, dirait Stendhal –, qui se manifeste dans les correspondances de jeunesse, manque cependant d’objet propre sur lequel s’exercer”.

frequência do uso da seção de correspondências como “palanque” demonstra, se não uma dependência, certamente uma preferência por esse espaço. O estudo detalhado da continuação dessa prática – que notamos minguar durante o século XX, a não ser em reação a eventos específicos (como a controvérsia pública acerca da rejeição da peça *The silver tassie*, de Sean O’Casey, iniciada, note-se, pelo dramaturgo e não por Yeats) – poderá revelar outras razões além da nossa hipótese do amadurecimento e reconhecimento de Yeats como escritor e o consequente aumento da viabilidade da publicação em espaços mais autorais.

Após apresentar os pressupostos teóricos que guiaram o nosso estudo da correspondência de Yeats, esta tese analisou o histórico de publicação e recepção da correspondência do autor, ressaltando as escolhas editoriais e os princípios que guiaram as diversas seleções. Objetivou-se, com essa exploração, entender as relações entre a disponibilização desse material e o desenvolvimento da indústria crítica de Yeats, salientando-se as possibilidades exploradas e as áreas de maior interesse – partindo do pressuposto de que a leitura crítica da correspondência é moldada e, por sua vez, também molda as abordagens críticas que a utilizam.

A separação por tipo de correspondência (passiva, cruzada e ativa) fundamentou a consideração das edições em função do binômio remetente/destinatário e as relações que cada tipo ressalta. A tensão entre os princípios de inclusividade e representatividade faz-se notar especialmente dentro das limitações da correspondência passiva e cruzada, sendo que na primeira buscam-se formas de devotar um espaço a ambos, ou seja: incluir uma variedade de cartas que indique a riqueza da correspondência e também honrar os tipos mais comuns de cartas. Contrariamente a esse objetivo, os editores também tendem a selecionar cartas de correspondências esparsas mas que incluam figuras importantes, como no caso de James Joyce. Já a correspondência cruzada exige um recorte temático ou cronológico mais exclusivo, e, no caso de *Theatre business*, um princípio organizador dentro da lógica da “rede de sociabilidade”, focada em uma figura principal como originadora das trocas.

Ressaltamos a riqueza do aparato crítico das edições, incluindo introduções, notas, apêndices, minibiografias, entre outros, ao início de determinados intervalos de tempo como mais do que um paratexto para a contextualização das cartas. Inicialmente pensados dentro do princípio da explicação fatural, tal aparato em edições como as *Collected letters* e a

correspondência familiar de W. B., George e seus filhos torna-se uma fonte riquíssima de pesquisa para estudiosos da área. Em última instância, o paratexto acaba por influenciar a própria leitura das cartas, uma situação que o estudioso deve considerar cuidadosamente.

Embora a organização não tenha sido cronológica, é possível depreender do capítulo uma evolução das formas de edição para um ideal cada vez mais “cientificista”, em que se tenta uma maior aproximação com a forma do original, preservando-se os erros de ortografia e indicando-se deleções e inserções posteriores, ao mesmo tempo que se apendem uma gama cada vez maior de informações extrínsecas na forma do aparato editorial.

A comparação com os outros materiais disponíveis, ademais, serviu para ressaltar o seu grandíssimo valor das *Collected letters* como fonte de pesquisa para estudos de cartas devido às qualidades relativas à sua exaustividade, atenção à cronologia, fidelidade ao original (entendida como práticas de transcrição cuidadosamente detalhadas e justificadas) e excelência das anotações, com frequente inclusão de respostas e outros materiais que compõem a sequência em que uma dada carta se insere.

A título de revisão da fortuna crítica, pudemos constatar que nossa hipótese inicial da ausência de estudos sobre a escrita epistolar de Yeats era fundamentada, e que, a despeito da ampla utilização desse material em diversas abordagens (biográfica, histórica e mesmo de crítica genética), as reflexões sobre especificidades genéricas das cartas raramente é explicitada – o que efetivamente esconde os princípios que guiam seu uso. Não é por estarem implícitos que tais princípios não geram leituras extremamente perceptivas como as de Foster, mas a ausência da discussão dificulta o entendimento, por parte do leitor, da rejeição do “verismo” no gênero epistolar.

Foram incluídas as primeiras cartas que Yeats envia a periódicos e que demonstram sua tentativa de estabelecer, para si e para os outros, um lugar na literatura. Questões de influência, plágio, discussões sobre fontes e sobre o processo criativo aparecem como forma de examinar uma tradição literária e a posição do poeta dentro dela. Nesse primeiro momento, interessa muito a Yeats declarar sua filiação à tradição de “Davis, Mangan e Ferguson”, e a repetição desses nomes em listas, não só na correspondência mas em outros escritos, tem o propósito de reprisar e difundir cada vez mais a informação.

As cartas que tratam da criação também ressaltam a prática do “amiguismo” e a associação a uma “escola” de poetas, fazendo com que essas cartas assumam uma importante função elocutória, já que tal escola não existia de forma organizada até ter sua abordagem definida pela correspondência. É também de grande relevância a relação entre Yeats e a amiga Katharine Tynan, com quem o poeta estabelece uma relação especular a partir da qual ele busca delimitar o seu campo de ação conjunto (como movimento) e também suas diferenças individuais.

Progredindo da autoidentificação e da exploração de qualidades individuais, analisaram-se as formas de ação em sociedades literárias a partir das quais Yeats busca a divulgação de seu projeto. A primeira carta revela a importância do debate como forma de construção de conhecimento para o escritor, confirmando a percepção da técnica da “vacilação”, muito usada em sua poesia, e parte constitutiva do diálogo epistolar.

O debate dentro das sociedades também aparece em contraponto à prática dos jornais e jornalistas em geral, frequentemente criticados por Yeats por seu preconceito e sua ignorância – dominados por um discurso repleto de retórica vazia. O espaço alternativo dessas aglomerações aparece como um local onde a discussão sobre a literatura e sobre seu papel na sociedade é realizada de maneira mais bem informada.

A controvérsia da Biblioteca da Irlanda/Nova Biblioteca Irlandesa transfere-se das conversas de comitê e de negociações particulares para a esfera pública por meio da ação de Yeats, que se vê em posição desfavorável frente à influência de Gavan Duffy. Trata-se de um último recurso, e Yeats busca o apoio popular como tentativa de reverter uma batalha que já havia perdido. Embora o controle da publicação tenha permanecido nas mãos de Duffy, em suas cartas públicas Yeats encontra expressão para preocupações que definem a sua esfera de atuação política, como a relação entre literatura e nacionalidade, conceitualizada a partir dos polos do leitor e do escritor. Observamos também o amadurecimento de sua escrita epistolar, com o recurso não só a elementos semificcionalizados como a anedota (discutida em mais detalhe a seguir), mas também a alusões cuidadosamente plantadas no argumento – em sua crítica a Duffy, a menção ao desafeto John Mitchel é especialmente astuta.

Yeats também demonstra seu domínio do engajamento com interlocutores em cartas públicas nas suas trocas de farpas com J. F. Taylor. O

diálogo em que se insere esse engajamento cria uma situação epistolar interessante, já que o poeta se vê lidando com uma multiplicidade de destinatários: além do destinatário nominal – o editor do jornal –, ele responde aos ataques de Taylor sem perder de vista seu público final, os leitores do jornal a quem ele busca convencer.

Central a essencialmente toda a discussão desenvolvida na presente tese, a questão do cânone dominou um capítulo inteiro. Em suas cartas públicas, escritas em resposta à reação negativa após a publicação de sua antologia de contos de Carleton, o poeta ressalta o impacto de questões que dividem a sociedade irlandesa na recepção da literatura, especialmente o preconceito, dessa vez focado no sectarismo religioso. Yeats prega a simbiose entre escritores, leitores e críticos como parte de um projeto para a expansão da leitura de obras literárias na Irlanda, sempre tendo em mente o “adágio” de que não há nacionalidade sem literatura ou literatura sem nacionalidade – unindo assim a política e a arte.

Em contraponto a uma visão que ele considera propagandista, Yeats defende a necessidade de critérios estéticos rigorosos para a avaliação da produção nacional. A dificuldade de balancear o incentivo à difusão da literatura popular e o juízo de sua qualidade aparece de forma incipiente nessas cartas e tornar-se-ia mais premente após a instituição do Abbey. Podemos ver retratado nessas cartas, no entanto, um momento em que a preocupação com a popularização ainda alcança primazia no pensamento yeatsiano.

Consideramos a controvérsia iniciada com a crítica às palavras e à figura de Dowden como o auge do engajamento de Yeats com os periódicos no período retratado, em função do *timing*, da interlocução que ela engendra e da habilidade em criar um *momentum* para a inclusão da lista e a divulgação do recém-publicado *A book of Irish verse* (março de 1895).

Argumento fundamental em sua caracterização da impropriedade da escolha de Gavan Duffy como único editor da Nova Biblioteca Irlandesa, de que tratamos no Capítulo 5, a questão geracional reemerge na crítica do poeta, então aos seus 30 anos, ao professor do Trinity College Dublin Edward Dowden. O movimento a que Yeats pertence (e efetivamente encabeça, nesse momento) é definido em sua novidade e por comparação ao foco, considerado antiquado, dos “escolásticos do TCD”. O jovem escritor consegue uma maior precisão dos termos e

objetivos nesse contexto em comparação a outros, e é relevante que isso se dê por uma negativa que se contrapõe a uma tradição anterior.

A “resolução” da controvérsia se dá por meio da incitação a outros leitores para que publiquem suas listas de melhores livros, assim encorajando o debate público sobre os méritos da literatura irlandesa. A própria lista de Yeats é bastante idiossincrática em suas divisões de gênero, mas tal hibridismo parece marcar muito de sua própria produção. Para Yeats, é importante que haja uma separação entre o cânone irlandês e o cânone “maior” da literatura inglesa, no qual as obras irlandesas estariam mal representadas. Para Yeats, é necessário considerar especificidades da “voz” irlandesa, ou a capacidade dos escritores em captar e traduzir os humores (*moods*) da expressão nacional.

Em todos os capítulos em que se analisam as cartas públicas de Yeats, percebemos um destaque para aquelas que de alguma forma levantam a relação entre a literatura e sua produção e consumo por membros da sociedade. Essa era, sem dúvida, uma das maiores preocupações de Yeats, que encontrava nos jornais um veículo extremamente adequado para a difusão de suas ideias para um público maior. O interesse desse público se confirma, ademais, na existência de um real diálogo que toma corpo nas páginas de correspondência dos periódicos, principalmente os irlandeses.

O *corpus* das cartas abertas, escritas por Yeats e publicadas em periódicos de língua inglesa durante o século XIX, incluiu um total de quase 60 cartas, a maior parte delas enviadas a periódicos irlandeses, especialmente o *United Ireland* e o *Daily Express* de Dublin, com 14 e 12 missivas, respectivamente. Tal distribuição permite concluirmos que, a despeito de sua então residência em Londres, Yeats estava mais atento do que nunca aos acontecimentos culturais e políticos de seu país natal. Encontramos paralelos entre sua situação de emigrante e aquela de diplomatas como Manuel de Oliveira Lima, estudado por Teresa Malatian (2011, p. 211):

Além disso, a correspondência constitui um importante recurso para contrabalançar a vida errante dos diplomatas, como se eles fossem âncoras lançadas entre os continentes com fios invisíveis conduzindo uma trama de sociabilidades vitais para o sentimento de identidade e para sua atuação profissional desempenhada em legações espalhadas pelos continentes.

O poeta inscreve-se num contexto análogo ao dos diplomatas no sentido do desejo de manutenção da “trama de sociabilidade” com os compatriotas, unindo não somente os membros que permanecem na Irlanda, mas também aqueles que, como Yeats, vivem em situação de exílio – lembre-se que o motivo principal para a mudança da família para Londres foram as dificuldades financeiras do pai, John B. Yeats, que acreditava, acertadamente, haver um mercado mais aberto para seus desenhos e suas pinturas na capital inglesa. As viagens de Yeats à Irlanda eram frequentemente adiadas ou impedidas por compromissos profissionais em Londres, os quais ele não podia deixar de honrar devido à constante falta de fundos. Além dos dois países, a rede se estendia a residentes da França, como Maud Gonne, e da Escócia, como William Sharp, importante aliado da causa “pan-celta”.

Foi possível perceber, ademais, que os temas abordados em periódicos ingleses tendiam a ser mais tópicos ligados ao processo criativo, a fontes usadas ou a correções, ou então bastante especializados, como no caso das respostas enviadas ao *Folk-lore* ou ao *Light*. No entanto, o menor número de cartas publicadas em jornais e revistas ingleses não significa que Yeats não tenha tido presença em suas páginas. Muito pelo contrário, parecem confirmar a observação de Foster e outros a respeito das diferenças na aceitação do *status* do escritor em Londres e em Dublin: escrito em carta enviada ao *United Ireland* (CL1, p. 397), seu comentário acerca das escolhas de Gavan Duffy para a Nova Biblioteca Irlandesa parece tripudiar sobre o fracasso de vendas da empreitada – ou pelo menos seria interpretado dessa forma pelos inimigos do poeta. Já sua contribuição enviada à revista inglesa *The Bookman* deu-se na forma de uma resenha, descrita a John O’Leary como um “artigo severo” (CL1, p. 392), uma forma que certamente põe seu escritor em uma posição de maior autoridade que a carta. Afinal de contas, “qualquer um” pode escrever para o editor de um jornal, pois se trata de um fórum, como vimos, virtualmente aberto a todo tipo de contribuição, por mais que caiba ao editor selecionar o que é de fato publicado; já resenhas geralmente são escritas por colaboradores especializados ou, no caso de Yeats e o *Bookman*, frequentes. Nesse caso, a impessoalidade da resenha em comparação à carta tempera uma possível interpretação da crítica como vingança particular.

Entre as características particulares da correspondência que Yeats escreve a periódicos nesse período, gostaríamos de ressaltar o uso de anedotas. Em dois casos as anedotas são parte crucial da retórica utilizada na missiva. Os dois

casos fazem referências a populares, no primeiro caso um pescador e no segundo uma costureira. Embora, no caso da mulher, os editores das *Collected letters* arrisquem um palpite sobre sua identidade, o pescador parece ser uma figura fictícia ou um tipo mais do que uma pessoa real. No entanto, pouco importaria a identificação, já que a anedota não tem uma função referencial na lógica textual da carta. Logo, o sucesso da estratégia não depende de sua aceitação como verdade. A percepção dessa característica ajuda a entender a diferença entre um tipo de estudo ontológico das cartas e a indagação de cunho mais epistemológico que esta pesquisa buscou apresentar:

O outro aspecto da carta, mais convincente quanto à verdade que ela expressa, é que nela se contam histórias mais verdadeiras do que no romance. [...] No entanto, os diversos elementos discursivos da carta não são todos considerados como igualmente verdadeiros: não se dá a anedotas, datas, nomes e interpretações dos acontecimentos descritos o mesmo grau de verdade. [...] A questão da autenticidade da carta é, ainda, uma questão ontológica (o que pretende aquele que escreve?) e moral (diz-se a verdade? é honesto?), em vez de uma questão epistemológica (que tipo de conhecimento produz a correspondência? onde se produz esse conhecimento?)³⁹³ (BRUNET, 1994, p. 31).

Ao privilegiarmos as questões epistemológicas, demos primazia à textualidade, quiçá à literariedade, do texto epistolar como discurso que busca o convencimento do outro. Não que a questão moral seja desinteressante, mas ela não pode marcar o ponto de partida da leitura. Margaretta Jolly e Liz Stanley sugerem termos mais produtivos para entender a questão da verdade nas cartas:

não é caso de se dizer que as cartas são mentiras deliberadas, embora há de se suspeitar do pressuposto de que são manifestações espontâneas do “verdadeiro eu”. Em vez disso, precisamos atentar para o intercâmbio sutil entre fantasia, escrita e relacionamento³⁹⁴ (JOLLY; STANLEY, 2005, p. 93).

Quanto mais controle sobre esse intercâmbio tiver o escritor epistolar, mais competente será sua escrita. No caso de Yeats, pudemos ver como suas

³⁹³ “L’autre aspect de la lettre, le plus convaincant quant à la vérité exprimée dans la lettre, est qu’elle raconte des histoires plus vraies que celles du roman [...] Cependant, les éléments discursifs de la lettre ne sont pas tous considérés comme aussi vrais les uns que les autres: anecdotes, dates, noms et interprétations des événements relatés ne reçoivent pas tous le même degré de vérité [...] La question de l’authenticité de la lettre reste encore une question ontologique (que prétend être celui qui l’écrit?) et morale (et dit-il vrai? Est-il honnête?) plutôt qu’une question épistémologique (quel type de connaissance la correspondance produit-elle? et où est-elle produite?)”.

³⁹⁴ “[...] is not necessary to say that letters are deliberate lies, although we might want be suspicious of the assumption that they are the spontaneous outpourings of the true self. Rather, we need to see a subtle interchange between fantasy, writing, and relationship”.

estratégias foram se tornando progressivamente mais sofisticadas, ao ponto de ele conseguir orquestrar controvérsias como a crítica a Dowden e a consequente publicação de sua lista de melhores livros – uma tática que ele viria a reutilizar em outras ocasiões, especialmente em conexão com o início da temporadas do Abbey Theatre.

A ausência desse enorme feito artístico e político que foi o Abbey Theatre sugere a principal limitação desta tese: a circunscrição ao período tratado. Tentamos, sempre que relevante, apontar as direções que certas preocupações emergentes nas cartas viriam a tomar em momentos posteriores da vida e da carreira de Yeats, mas por definição essas considerações não poderiam ser mais do que isso: apontamentos. É importante ressaltar que, embora muito ativo em sua juventude, as maiores realizações do poeta ainda estavam por vir, incluindo o seu mandato como senador. Afinal de contas, a despeito do papel político que as cartas buscam desempenhar, sua eficácia política é necessariamente menor que aquela potencialmente depositada na figura de um ator político:

O poder das cartas (ou a ilusão de poder) dá-se por delegação. Importuna-se, informa-se, aconselha-se, incentiva-se, auxilia-se ou desmente-se aquele que possui autoridade, alguém cujas palavras podem ser confiscadas e suas ações monitoradas, mas que, em última instância, continua a ser o ator principal³⁹⁵ (POUBLAN, 1996, p. 17).

Diferentemente do poder “por delegação” que ele busca com as cartas abertas, assim como com cartas enviadas diretamente a políticos (outro recorte possível para uma consideração do papel político das cartas, por tipo de destinatário), nos anos 1920 ele se vê efetivamente como legislador do recém-criado Estado Livre Irlandês. Pudemos, no entanto, notar uma coincidência de preocupações entre alguns de seus discursos, como o famoso argumento sobre o divórcio, mencionado em nota no Capítulo 7, e a questão da diversidade religiosa na Irlanda, discutida em uma de suas réplicas a colocações de Dowden (7E).

Como sugestão para outros estudos, apresentamos um tipo especial de correspondência justamente relacionado à experiência de Yeats no Senado irlandês. Trata-se de um caso, entre vários, de uma carta usada como parte da obra do autor,

³⁹⁵ “Le pouvoir dans les lettres (ou l’illusion du pouvoir) s’exerce par délégation. Celui qui dispose de l’autorité est sollicité, informé, conseillé, stimulé, secondé ou désavoué, sa parole peut être confisquée et ses actions surveillées, mais en dernier ressort il reste l’acteur principal”.

publicada como introdução, apresentação ou mesmo parte do conteúdo de livros que contêm poesia, teatro ou prosa.

Publicado separadamente em edição limitada da Cuala Press em 1929, *A packet for Ezra Pound* é um volume bastante híbrido, contendo o que parecem extratos de um diário de viagem escrito na cidade de Rapallo, onde morava Ezra (a quem o casal Yeats visitava em busca do clima ameno da Itália), poemas, ensaios e por fim a carta. A essência epistolar do material já se insinua no título: trata-se de um pacote enviado ao amigo e acompanhado de uma carta de apresentação endereçada a ele. Nela, Yeats expressa a sua insatisfação com o *status quo* da política irlandesa, assunto que também faria parte de muitos poemas do recém-publicado volume *The tower* (1928). No entanto, o binarismo entre poeta/arte e rei/política data de muito antes, tendo encontrado sua mais clara expressão na peça *The King's threshold* (1904), mencionada no Capítulo 6. Na carta a Pound, Yeats expressa sua opinião a respeito do papel da imprensa na formação do pensamento do público leitor e da classe governante, reconhecendo que o político muitas vezes tem seu “pensamento moldado por jornais e comícios” (AV, p. 26), uma crítica não muito diferente das que vimos nas cartas abertas aqui tratadas.

Para além desse tipo de carta inserida no conteúdo de livros, é frutífero também considerar a representação do gênero epistolar na obra do autor. Essa possibilidade é apontada pelo próprio John Kelly em sua introdução geral à coleção por meio de citação do romance *John Sherman* (1891) e poderia ser explorada em outros textos da prosa ficcional e da poesia de Yeats, como “The gift of Harun Al-Rashid”, escrito em forma de carta.

Por fim, apesar da dificuldade de ser o primeiro estudo dessa natureza sobre a correspondência do autor, propomos sua continuação para as cartas escritas no século XX, de modo, inclusive, a contemplar os períodos de grande atividade pública do autor, como durante os protestos contra as peças de J. M. Synge, a já aludida campanha pela criação da Galeria Municipal de Dublin ou mesmo sua atividade durante anos em que estava efetivamente morando na Irlanda.

Circunscrito ao período da juventude do poeta, a presente tese buscou aprofundar a análise da prática epistolar de Yeats em sua correspondência publicada em páginas de periódicos. A escolha do período partiu de decisões metodológicas que levaram em consideração o papel central da escrita epistolar no período de juventude de escritores – uma suposição teórica que se confirmou

mediante a maior frequência de cartas a jornais no início da carreira do autor, em comparação a outros estágios de sua longa vida. O foco original nas cartas por si só e especificamente nas cartas abertas revelou-se bastante profícuo e possibilitou uma exploração detalhada das interações entre as concepções yeatsianas de leitores, escritores e críticos, centrais não só a seu pensamento, mas também à sua atividade como intelectual engajado em questões de repercussão na política cultural irlandesa.

BIBLIOGRAFIA

Apresentam-se a seguir as referências e mais importantes obras consultadas, com seções separadas para W. B. Yeats. Livros de autoria de Yeats são apresentados em ordem cronológica de publicação original, sem inclusão de seu nome a menos que haja outros editores/organizadores. Coleções são agrupadas por editora. De acordo com *Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP: documento eletrônico e impresso*: Parte I (ABNT). Disponível em: http://www.biblioteca.fflch.usp.br/sites/biblioteca.fflch.usp.br/files/caderno_estudos_9_pt_1.pdf

Obras de Yeats

Edições críticas com variantes:

ALLT, Peter; ALSPACH Russell K. (Eds.). **The variorum edition of the poems of W. B. Yeats**. London: Macmillan 1957.

ALSPACH, Russell K. (Ed.). **The variorum edition of the plays of W. B. Yeats**. London: Macmillan 1966.

Coleções de ensaios

Ideas of good and evil. London: A. H. Bullen, 1903.

The cutting of an agate. London: Macmillan, 1919.

Per amica silentia lunae. London: Macmillan, 1918.

Essays. London: Macmillan, 1924.

Letters to the new island. REYNOLDS, Horace (Ed.). Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1934.

On the boiler. Dundrum: Cuala, 1939.

Uncollected prose. FRAYNE, John; JOHNSON, Colton (Eds.). 2 v. Macmillan; Columbia University Press, 1970, 1975.

_____. **The senate speeches of W. B. Yeats.** London: Prendeville, 2001.

Escritos autobiográficos:

Reveries over childhood and youth. Dundrum: Cuala Press, 1914.

The trembling of the veil. London: T. Werner Laurie, 1922.

Autobiographies. London: Macmillan, 1926.

The bounty of sweden. Dundrum: Cuala Press, 1925.

A Packet for Ezra Pound. Dundrum: Cuala Press, 1929.

Autobiographies. London: Macmillan, 1955.

Filosofia

A Vision: An Explanation of Life Founded upon the Writings of Giraltus and upon Certain Doctrines Attributed to Kusta ben Luka. London: T. Werner Laurie, 1925.

A Vision. London: Macmillan, 1937.

Antologias editadas por Yeats e outros

YEATS, W. B.; ROLLESTON, T. W.; O'LEARY, John. **Poems and Ballads of Young Ireland.** Dublin: M. H. Gill & Son, 1888).

YEATS, W. B. (Ed.). **Fairy and Folk Tales of the Irish Peasantry.** London: Walter Scott, 1888.

Stories from Carleton. London: Walter Scott, 1889.

Representative Irish Tales, compiled, with an introduction and notes by W. B. Yeats. London: T. Fisher Unwin, 1892.

The book of the Rhymers' Club. Edited by W. B. Yeats. London: 1892. YEATS, W. B.; ELLIS, Edwin J. **The Works of William Blake.** London: Bernard Quaritch, 1893.

A Book of Irish Verse: Selected from Modern Writers with an Introduction. London: Methuen, 1895.

Twenty One Poems by Katharine Tynan. Dublin: Dun Emer, 1907.

The Oxford Book of Modern Verse. Oxford: Clarendon Press 1936.

Edições das obras de Yeats em coleções

Macmillan & Co.

Collected poems of W. B. Yeats. London: Macmillan, 1950.

Collected plays of W. B. Yeats. London: Macmillan, 1952.

Autobiographies. London: Macmillan 1955

Mythologies. London: Macmillan 1959

Essays and introductions. London: Macmillan, 1961

Explorations. London: Macmillan, 1962.

Memoirs, Autobiography: A First Draft & Journal, transcribed. & ed. by Denis Donoghue. London: Macmillan 1972.

Scribner and sons

Vol. 1: **The poems.** FINNERAN, Richard (Ed.). New York: Scribner, 1989.

Vol. 2: **The plays.** CLARK, David R.; CLARK, Rosalind E. (Eds.). New York: Scribner, 2001.

Vol. 3: **Autobiographies**. O'DONNELL, William H.; ARCHIBALD, Douglas N. (Eds.). New York: Scribner, 2002.

Vol 4: **Early Essays**. FINNERAN, Richard J.; BORNSTEIN, George (Eds.). New York: Scribner, 2007.

Vol. 5: **Later Essays**. O'DONNELL ed. William H. (Ed.). New York: Scribner, 1994.

Vol. 6: **Prefaces and Introductions**. O'DONNELL ed. William H. (Ed.). New York: Scribner, 1989.

Vol. 7: **Letters to the New Island**. BORNSTEIN, George; WITEMEYER, Hugh (Eds.). New York: Scribner, 1989

Vol 8: **The Irish dramatic movement**. FITZGERALD, Mary; FINNERAN, Richard (Eds.). New York: Scribner, 2003.

Volume 9: **Early Articles and Reviews Uncollected Articles and Reviews Written Between 1886 and 1900**. Frayne, John P.; MARCHATERRE, Madeleine (Eds.). New York: Scribner, 2004.

Vol. 10: **Later Articles and Reviews**. JOHNSON, Colton (Ed.). New York: Scribner, 2003.

Vol. 12: **John Sherman and Dhoya**, ed., R. J. Finneran (London: Macmillan; NY: Scribner's & Sons 1992), 144pp.;

Vol 13: **A vision, the original 1925 version**. PAUL, Catherine E.; HARPER, Margaret Mills (Eds.). New York: Scribner, 2008. *Edições de correspondências passiva, ativa e cruzada de Yeats*

Edições de correspondência ativa, passiva e cruzada de Yeats

BAX, Clifford (Ed.). **Florence Farr, Bernard Shaw, W. B. Yeats letters**. New York: Dodd, Mead & Company, 1942.

BRIDGE, Ursula (Ed.). **W. B. Yeats and T. Sturge Moore**: their correspondence 1901-1937. London: Routledge & Kegan Paul, 1953.

CHAKRAVARTY, B. (Ed.). **Poets to a poet, 1912-1940**: letters from Robert Bridges, Ernest Rhys, W. B. Yeats, Thomas Sturge Moore, R. C. Trevelyan, and Ezra Pound to Rabindranath Tagore. Calcutta: Visva-Bharati, 1998.

FINNERAN, Richard J.; HARPER, George Mills; MURPHY, William M. (Ed.). **Letters to W. B. Yeats**. London: Macmillan, 1977. 2 v.

HONE, Joseph (Ed.). **J. B. Yeats**: letters to his son, W. B. Yeats, and others, 1869-1922. London: Faber and Faber, 1944.

KELLY, John (Ed.). **The collected letters of W. B. Yeats**. Oxford: Clarendon Press, 1986-2005. 4 v.

KELLY, John (Ed.). **The collected letters of W. B. Yeats**. Charlottesville: IntelLex Corporation, 2002.

McHUGH, Roger (Ed.). **Ah, sweet dancer**: W. B. Yeats and Margot Ruddock, a correspondence. London: Macmillan, 1970.

_____. **Letters to Katharine Tynan**. Dublin: Clonmore and Reynolds, 1953.

SADDLEMYER, Ann (Ed.). **The collected letters of John Millington Synge**. 2 vols. Oxford: Clarendon Press, 1983-1984.

_____. **Lady Gregory, fifty years after**. Gerrards Cross: Colin Smythe, 1987.

_____. **Theatre business**: the correspondence of the first Abbey Theatre directors: William Butler Yeats, Lady Gregory, and J.M. Synge. Gerrards Cross: Colin Smythe, 1982.

_____. **Some letters of John M. Synge to Lady Gregory and W. B. Yeats**. Dublin: Cuala Press, 1971.

_____. **W. B. Yeats and George Yeats**: the letters. Oxford: Oxford University Press, 2011.

WADE, Allan (Ed.). **Some letters from W. B. Yeats to John O'Leary and his sister**. New York: New York Public Library, 1953.

_____. **The letters of W. B. Yeats**. London: Rupert Hart-Davis, 1954.

WELLESLEY, Dorothy. **Letters on poetry from W.B. Yeats to Dorothy Wellesley**. London: Oxford University Press, 1940.

WHITE, Anna Macbride; JEFFARES, Norman A. (Eds.). **The Gonne-Yeats letters, 1893-1938: always your friend**. London: Hutchinson, 1992.

Bibliografia geral

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

ALLISON, Jonathan (Ed.). **Yeats's political identities: selected essays**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1996.

ALTMAN, Janet G. **Epistolarity: approaches to a form**. Columbus: Ohio State University Press, 1982.

_____. Espace public, espace privé: la politique de la publication de lettres sous l'ancien régime. **Revue Belge de Philologie et d'Histoire**, Brussels, v. 70, n. 3, p. 607-623, 1992.

_____. The letter book as a literary institution 1539-1789: toward a cultural history of published correspondences in France. **Yale French Studies**, New Haven, n. 71, p. 17-62, 1986.

ANDRADE, Maria Lúcia de Cunha Victório de Oliveira. Cartas do editor em revistas brasileiras: marcas do envolvimento. In PRETI, Dino Fioravante (Org.). **Oralidade em diferentes discursos**. São Paulo, Humanitas, 2006, p. 129-60.

ANDRADE, Mario de. **Tudo está tão bom, tão gostoso**: postais a Mário de Andrade. Organização, estudo e notas por Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Edusp; Hucitec, 1993.

ARMSTRONG, Charles I. The "intimate enemies": Edward Dowden, W. B. Yeats and the formation of character. **Nordic Journal of English Studies**, Göteborg, v. 13, n. 2, p. 23-42, 2014.

ARRINGTON, Lauren. **W. B. Yeats, the Abbey Theatre, censorship, and the Irish state: adding the half-pence to the pence**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

ASSOCIATION INTERDISCIPLINAIRE DE RECHERCHE SUR L'ÉPISTOLAIRE. **La lettre et le politique**: actes du Colloque de Calais, 17-19 septembre 1993. Textes rassemblés et présentés par Pierrette Lebrun-Pézerat et Danièle Pouban. Paris: H. Champion, 1996.

AUDEN, W. H. The public vs. the late Mr. William Butler Yeats. **Partisan Review**, New York, v. 6, n. 3, p. 46-51, 1939.

BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa dos Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). **Destinos das letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2002.

BEUGNOT, Bernard. Débats autour du genre épistolaire: réalité et écriture. **Revue d'Histoire Littéraire de la France**, Paris, v. 74, n. 2, p. 195-202, 1974.

_____. Style ou styles épistolaires? **Revue d'Histoire Littéraire de la France**, Paris, v. 78, n. 6, p. 939-957, 1978.

BLAKE, William. In: STEVENSON, W. H. (Ed.). **Blake**: the complete poems. 3rd ed. Harlow: Pearson Longman, 2007.

BLOOM, Harold. **Yeats**. New York: Oxford University Press, 1970.

BONNAT, Jean.-Louis; BOSSIS, Mireille (Dir.). **Écrire, publier, lire les correspondances**: problématique et économie d'un "genre littéraire". Actes du Colloque international "Les Correspondances". Nantes: Université de Nantes, 1983.

BORNSTEIN, George. Resenha. The Collected Letters of W. B. Yeats: Volume IV 1905–1907. John Kelly and Ronald Schuchard, eds. Oxford and New York: Oxford University Press, 2005. Pp. lxxvii + 1111. \$175.00 (cloth). **Modernism/modernity**, v. 14, n.1 156-158, 2007.

_____. Yeats and Romanticism. In: HOWES, M. E. et al. (Ed.). **Cambridge companion to W. B. Yeats**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 19-35.

BOSSIS, Mireille; PORTER, C. A. **L'épistolarité à travers les siècles**: geste de communication et/ou d'écrite. Stuttgart: Franz Steiner, 1990.

BOSWELL, James. **Boswell's life of Johnson**: together with Boswell's journal of a tour to the Hebrides and Johnson's diary of a journey into North Wales. Oxford: Clarendon Press, 1934.

BOWER, Anne. **Epistolary responses**: the letter in 20th-century American fiction and criticism. London: University of Alabama Press, 1997.

BRADFORD, Curtis. **Yeats at work**. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1965.

BRADLEY, Anthony. **Imagining Ireland in the poems and plays of W. B. Yeats**: nation, class, and state. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

BRAKE, Laurel; JONES, Aled; MADDEN, Lionel (Ed.). **Investigating Victorian journalism**. London: Macmillan, 1990.

BRAVEHEART. Director: Mel Gibson. London: Twentieth Century Fox Home Entertainment, 1995. 1 DVD (177 min.), son., color.

BRAY, Bernard. Espaces épistolaires. **Études Littéraires**, Québec, v. 34, n. 1-2, p. 133-151, 2002.

_____. Quelques aspects du système épistolaire de Mme de Sévigné. **Revue d'Histoire Littéraire de la France**, Paris, v. 69, n. 3-4, p. 491-505, 1969.

O'BRIEN, Conor Cruise. **Passion and cunning**: and other essays. London: Weidenfeld and Nicolson, 1988.

BROWN, Lucy. The growth of a national press. In: BRAKE, L.; JONES, A.; MADDEN, L. (Ed.). **Investigating Victorian journalism**. London: Macmillan, 1990. p. 133-140.

BROWN, Terence. **The life of W. B. Yeats**: a critical biography. Oxford: Blackwell, 1999.

BRUNET, Manon. La réalité de la fausse lettre: observations pour une épistémologie appliquée de l'épistolarité. **Tangence**, Québec, n. 45, p. 26-49, 1994.

_____. Réseau, lettre et édition critique: pour une anthropologie littéraire. **Tangence**, Québec, n. 74, p. 71-96, 2004.

BRUNET, Manon.; FORTIER, F.; BAUDOUIN, D. La réalité de la fausse lettre: observations pour une épistémologie appliquée de l'épistolarité. **Tangence**, Québec, n. 45, p. 26-49, 1994.

BULFINCH, Thomas. **The age of fable**. London: J. M. Dent, 1912.

BURKE, Sean. **Authorship**: from Plato to the postmodern: a reader. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1995.

_____. **The death and return of the author**: criticism and subjectivity in Barthes, Foucault and Derrida. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1998.

CABRAL, André da Costa. **Escritores brasileiros na correspondência passiva do crítico literário Plínio Barreto**. São Paulo, 2009. Dissertação.

CAMPOS, Augusto de. *Linguaviagem*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

CHARTIER, Roger. *et al.* (Dir.). **La correspondance**: les usages de la lettre au XIXe siècle. Paris: Fayard, 1991.

CHAUDHRY, Y. M. **Yeats, the Irish literary revival and the politics of print**. Cork: Cork University Press, 2001.

CHENET-FAUGERAS, F. "L'Univers" et l'Université. In: ASSOCIATION INTERDISCIPLINAIRE DE RECHERCHE SUR L'ÉPISTOLAIRE. **La lettre et le politique**: actes du Colloque de Calais, 17-19 septembre 1993. Textes rassemblés et présentés par Pierrette Lebrun-Pézerat et Danièle Pouban. Paris: H. Champion, 1996. p. 249-260.

THE CHIEFTAINS. Brian Boru's March. In: _____. **The Chieftains 2**. Dublin: Claddagh 1969. 1 CD.

COOK, Elizabeth H. **Epistolary bodies**: gender and genre in the eighteenth-century republic of letters. Stanford: Stanford University Press, 1996.

CORR, Chris. Matthew Arnold and the younger Yeats: the manoeuvrings of cultural aesthetics. **Irish University Review**, Edinburgh, v. 28, n. 1, p. 11-27, 1998.

CULLINGFORD, Elizabeth. **Gender and history in Yeats's love poetry**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

_____. **Yeats, Ireland and fascism**. London: Macmillan, 1981.

_____. **Yeats, poems, 1919-1935**: a casebook. London: Macmillan, 1984.

DALTON, Susan. **Engendering the republic of letters**: reconnecting public and private spheres in eighteenth-century Europe. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2003.

DANSON, Lawrence. **Wilde's intentions**: the artist in his criticism. Oxford: Clarendon Press, 1997.

DAUNTON, M. J. **Royal mail**: the Post Office since 1840. London: Athlone Press, 1985.

DECKER, W. M. **Epistolary practice**: letter writing in America before telecommunications. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1998.

DIAZ, Brigitte. "Chronique d'une gloire attendue": la question de la gloire dans le journal et la correspondance de jeunesse de Stendhal. **Textuel**, Paris, v. 34, 1998.

_____. **L'épistolaire, ou, La pensée nomade**: formes et fonctions de la correspondance dans quelques parcours d'écrivains au XIXe siècle. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

_____. Morales de la lettre: la correspondance de jeunesse de Manon Phlipon, 1770-1980. In: HAROCHE-BOUZINAC, G. (Ed.). **Lettre et réflexion morale, la lettre miroir de l'âme**. Paris: Klincksieck, 1999.

DIAZ, José-Luiz. Qual genética para as correspondências? **Manuscritica: Revista de Crítica Genética**, São Paulo, n. 15, p. 119-161, 2007.

DUCHÊNE, Roger. Du destinataire au public, ou les métamorphoses d'une correspondance privée. **Revue d'Histoire Littéraire de la France**, Paris, v. 76, n. 1, p. 29-46, 1976.

_____. **Écrire au temps de Mme de Sévigné**: lettres et texte littéraire. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1981.

_____. Le lecteur de lettres. **Revue d'Histoire Littéraire de la France**, Paris, v. 78, n. 6, p. 977-993, 1978.

_____. Lettres et gazettes au XVIIIe siècle. **Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine**, Paris, v. 18, n. 4, p. 489-502, 1971.

_____. **Madame de Sévigné et la lettre d'amour**. Paris: Bordas, 1970.

_____. Réalité vécue et réussite littéraire: le statut particulier de la lettre. **Revue d'Histoire Littéraire de la France**, Paris, v. 71, n. 2, p. 177-194, 1971.

EDGEWORTH, Maria. **Castle Rackrent**. London: Oxford University Press, 1964. (Oxford English Novels, 3).

EDWARDS, J. **Yeats's prose and its engagements with certain aspects of Victorian science**. 1999. Thesis (Ph.D.) – University of Cambridge, 1999.

ELIOT, T. S. Tradition and the individual talent. In: _____. **The sacred wood: essays on poetry and criticism**. London: Methuen & Co., 1920. p. 42-53.

ELLMANN, Richard. **Eminent domain: Yeats among Wilde, Joyce, Pound, Eliot and Auden**. New York: Oxford University Press, 1967.

_____. He had it bad for Molly Allgood. **The New York Times**, New York, 15 de janeiro de 1984.

_____. **The identity of Yeats**. 2nd ed. New York: Galaxy, 1964.

_____. **Yeats: the man and the masks**. New York: Norton, 1978.

ENGELBERG, E. **The vast design: patterns in W. B. Yeats's aesthetic**. Washington, D.C: Catholic University of America Press, 1988.

FAHERTY, M. **The poetry of W. B. Yeats**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005.

FAVRET, Mary A. **Romantic correspondence: women, politics and the fiction of letters**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

FITZPATRICK, David. **Oceans of consolation: personal accounts of Irish migration to Australia**. Cork: Cork University Press, 1994.

FOSTER, R. F. **Modern Ireland, 1600-1972**. London: The Penguin Press, 1988.

_____. **Paddy and Mr Punch: connections in Irish and English history**. London: Faber, 2011.

_____. **Vivid faces: the revolutionary generation in Ireland, 1890-1923**. London: Allen Lane, 2014.

_____. **W. B. Yeats: a life.** 2 vols. Oxford: Oxford University Press, 1997-2003.

_____. **Words alone:** Yeats and his inheritances. Oxford: Oxford University Press, 2011.

FREADMAN, R. **Threads of life:** autobiography and the will. Chicago; London: University of Chicago Press, 2001.

FRIEL, Brian. **Translations.** London: Faber & Faber, 1981.

GALVÃO, Walnice; GOTLIB, Nadia. (Eds.). **Prezado senhor, prezada senhora:** estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GILROY, Amanda *et al.* **Epistolary histories:** letters, fiction, culture. Charlottesville; London: University Press of Virginia, 2000.

GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história.** Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

GOTHOT-MERSCH, Christine. Sur le renouvellement des études de correspondances littéraires: l'exemple de Flaubert. **Romantisme**, Paris, n. 72, p. 5-29, 1991.

O'GRADY, Standish H. E. **Silva Gadelica, a collection of tales in Irish, with extracts illustrating persons and places.** London: Williams and Norgate, 1892.

GRAHAM, Colin. Literary historiography, 1890-2000. In: KELLEHER, Margaret; O'LEARY, Philip (Eds.). **The Cambridge History of Irish Literature.** Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

GRASSI, M.-C. **Lire l'épistolaire.** Paris: Armand Colin, 2005.

GREGORY, Augusta P. **Hugh Lane's life and achievement, with some account of the Dublin galleries.** London: John Murray, 1921. With illustrations.

_____. **Mr. Gregory's letter-box, 1813-1835.** 2nd ed. Gerrards Cross: Colin Smythe, 1981.

_____. **Our Irish theatre:** a chapter of autobiography. Gerrards Cross: Colin Smythe, 1972.

O'HARA, Daniel T. **Tragic knowledge**: Yeats's autobiography and hermeneutics. New York: Columbia University Press, 1981.

HARWOOD, John. **Olivia Shakespear and W. B. Yeats**: after long silence. Basingstoke: Macmillan, 1989.

HOLDEMAN, David. **The Cambridge introduction to W. B. Yeats**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

HOLDEMAN, David; LEVITAS, Ben (Eds.). **W. B. Yeats in context**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

HOLMES, Richard. **Footsteps**: adventures of a romantic biographer. London: Hodder and Stoughton, 1985.

HONE, Joseph. **W.B. Yeats, 1865-1939**. London: Macmillan, 1942.

HOWES, Marjorie. E. **Yeats's nations**: gender, class, and Irishness. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

HOWES, Marjorie E.; KELLY, John (Eds.). **The Cambridge companion to W. B. Yeats**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

HYDE, Douglas. (Ed.). **Abhráin grádh chúige Connacht or Love songs of Connacht**. Baile-Átha-Cliath: Gill & Son, 1893.

_____. **Beside the fire**: a collection of Irish Gaelic folk stories. London: D. Nutt, 1890.

JACKSON, Kenneth Hurlstone (Ed.). **Aislinge Meic Con Glinne**. Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies, 1990.

JEFFARES, A. Norman. **A new commentary on the poems of W. B. Yeats**. London: Macmillan, 1984.

_____. **W. B. Yeats**: a new biography. London: Hutchinson, 1988.

_____. **W. B. Yeats**: man and poet. London: Routledge & Kegan Paul, 1949.

JOHNSON, Samuel. **The letters of Samuel Johnson & Boswell's life of Johnson**. Charlottesville: InteLex, 2006.

_____. **The Rambler**. By Samuel Johnson, LL.D. 4 v. London: A. Law, W. Millar, J. Buckland, and T. Davis, 1798.

JOLLY, Margaretta; STANLEY, Liz. Letters as/not a genre. **Life Writing**, v. 2, n. 2, p. 91-118, 2005.

JOVICIC, Jelena. **L'intime épistolaire (1850-1900)**: genre et pratique culturelle. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars, 2010.

JOYCE, James. **Dublinenses**. Tradução de José Roberto O'Shea. São Paulo: Hedra, 2012.

KAUFFMAN, Linda. S. **Special delivery**: epistolary modes in modern fiction. Chicago; London: University of Chicago Press, 1992.

KAUFMANN, Vincent. **L'équivoque épistolaire**. Paris: Éditions de Minuit, 1990.

KEATS, John. **Selected letters of John Keats**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2002.

KELLEHER, Margaret. Prose writing and drama in English, 1830-1890: from Catholic emancipation to the fall of Parnell. In: KELLEHER, Margaret; O'LEARY, Philip (Eds.). **The Cambridge History of Irish Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 449-499.

KELLEHER, Margaret; O'LEARY, Philip (Eds.). **The Cambridge History of Irish Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

KELLEHER, Margaret.; MURPHY, James H. **Gender perspectives in nineteenth-century Ireland**: public and private spheres. Dublin: Irish Academic Press, 1997.

KELLY, John **A W. B. Yeats chronology**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2003.

_____. Aesthete among the athletes: Yeats's contributions to *The Gael*. **Yeats Annual**, Ithaca, n. 2, p. 98, 1984.

KENNER, Hugh. **A colder eye**: the modern Irish writers. London: Allen Lane, 1983.

KERMODE, Frank. **Romantic image**. London: Routledge & Kegan Paul, 1957.

_____. Sacrifice. **London Review of Books**, London, v. 14, n. 2, p. 11-12, 1992.

KIBERD, Declan. **Inventing Ireland**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1995.

_____. Yeats and criticism. In: HOWES, Marjorie; KELLY, John (Eds.). **The Cambridge companion to W. B. Yeats**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

LEE, Hermione. **Body parts**: essays on life-writing. London: Pimlico, 2008.

LIEBREGTS, P.; KAMP, P. (Ed.). **Tumult of images**: essays on W. B. Yeats and politics. The Literature of Politics, the Politics of Literature – Proceedings of the 1991 Leiden IASAIL. Amsterdam: Rodopi, 1995.

LONGLEY, Edna. **Yeats and modern poetry**. New York: Cambridge University Press, 2013.

MacARTHUR, Elizabeth Jane A. **Extravagant narratives**: closure and dynamics in the epistolary form. Princeton: Princeton University Press, 2014.

MADDOX, Brenda. **George's ghosts**: a new life of W. B. Yeats. London: Picador, 1999a.

_____. **Yeats's ghosts**: the secret life of W. B. Yeats. New York: HarperCollins, 1999b.

MALATIAN, Teresa. Cartas: narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 195-221.

MARCUS, Phillip. L. **Yeats and the beginning of the Irish renaissance**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1970.

_____. **Yeats and the beginning of the Irish renaissance**. 2nd ed. Syracuse, NY: Syracuse University Press, 1987.

McDIARMID, Lucy. **The Irish art of controversy**. Dublin: Lilliput, 2005.

McGARRY, James. P. **Place names in the writings of William Butler Yeats**. Gerrards Cross: Smythe, 1976.

McKENZIE, Alan T. (Ed.). **Sent as a gift**: eight correspondences from the eighteenth century. Athens: University of Georgia Press, 1993.

MCMAHON, Timothy G. **Grand opportunity**: the Gaelic revival and Irish society, 1893-1910. Syracuse, NY: Syracuse University Press, 2008.

MILNE, Esther. **Letters, postcards, email**: technologies of presence. New York: Routledge, 2010.

MORAES, Marcos Antônio de. Edição da correspondência reunida de Mário de andrade: histórico e alguns pressupostos. **Patrimônio e memória**. Assis: v.4, n.2, p. 115-128, 2009

_____. **Orgulho de jamais aconselhar**: a epistolografia de Mário de Andrade. São Paulo: Edusp, 2007.

MUTRAN, Munira. **Álbum de retratos**: George Moore, Oscar Wilde e William Butler Yeats no fim do século XIX: um momento cultural. São Paulo: Humanitas, 2002.

_____. Oscar Wilde e o homem fatal. In: GALVÃO, W.; GOTLIB, N. (Ed.). **Prezado senhor, prezada senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 89-94.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. **As máscaras da totalidade totalitária**: memória e produção sociais. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

OLNEY, James E. **Autobiography**: essays theoretical and critical. Princeton: Princeton University Press, 2014.

_____. **Memory & narrative**: the weave of life-writing. Chicago; London: University of Chicago Press, 1998.

_____. **Metaphors of self**: the meaning of autobiography. Princeton: Princeton University Press, 1972.

_____. **The rhizome and the flower**: the perennial philosophy, Yeats and Jung. Berkeley: University of California Press, 1980.

PARKINSON, Thomas Francis **W. B. Yeats, self-critic**: a study of his early verse. Berkeley: University of California Press, 1951.

PAŠETA, Senia. **Before the revolution**: nationalism, social change and Ireland's Catholic elite, 1879-1922. Cork: Cork University Press, 1999.

PETHICA, James. **A dialogue of self and service**: Lady Gregory's emergence as an Irish writer and partnership with W. B. Yeats. 1988. Thesis (Ph.D) – University of Oxford, 1988.

_____. Patronage and creative exchange: Yeats, Lady Gregory and the economy of indebtedness. In: TOOMEY, D. (Ed.). **Yeats and women**. 2nd ed. Basingstoke: Macmillan, 1997. p.168-204.

_____. Yeats, folklore, and Irish Legend. In: HOWES, Marjorie E.; KELLY, John (Ed.). **The Cambridge companion to W. B. Yeats**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 129-143.

PIERCE, David. **W. B. Yeats**: critical assessments. Mountfield: Helm Information, 2000. 4 v.

PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.

PLAINEMAISON, Jacques. Les provinciales: unité diversité. **Les Lettres Romanes**, v. 61, n. 3, p. 171-183, 2007.

POLLARD, M. **Dublin's trade in books, 1550-1800**. Oxford: Clarendon, 1989.

POUBLAN, Danièle. Introduction. In: ASSOCIATION INTERDISCIPLINAIRE DE RECHERCHE SUR L'ÉPISTOLAIRE. **La lettre et le politique**: actes du Colloque de Calais, 17-19 septembre 1993. Textes rassemblés et présentés par Pierrette Lebrun-Pézerat et Danièle Pouban. Paris: H. Champion, 1996. p. 11-24

POUND, E. **Literary essays of Ezra Pound**. London: Faber & Faber, 1954.

RADCLIFFE, Evan. Yeats and the quest for unity: "Among school children" and unity of being. **Colby Quarterly**, Waterville, v. 21, n. 3, p. 13, 1985.

REDFORD, B. **Designing the life of Johnson**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Confissões**. Tradução livros I a X Rachel de Queiroz livros XI a XII José Benedicto Pinto. Bauru: Edipro, 2008.

SACKVILLE-WEST, Vita; TAYLOR, C. L. Wellesley, Dorothy Violet, duchess of Wellington (1889-1956). In: OXFORD Dictionary of National Biography. MATTHEW, H. C. G.; HARRISON, B. Oxford: Oxford University Press, 2004.

SADDLEMYER, Ann. **Becoming George**: the life of Mrs W. B. Yeats. Oxford: Oxford University Press, 2002.

SCHWEIGER, Amélie. **Flaubert en toutes lettres**: l'écriture épistolaire dans la correspondance et dans l'œuvre. Mont-Saint-Aignan: Publications des Universités de Rouen et du Havre, 2012.

SIEGERT, Bernhard. **Relays**: literature as an epoch of the postal system. Stanford: Stanford University Press, 1999.

SIRINELLI, J.-F. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. (Ed.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003. p. 231-270.

SKELTON, Robin. **The world of W. B. Yeats**. Rev. ed. Seattle: University of Washington Press, 1967.

SMALL, Helen (Ed.). **The public intellectual**. Oxford: Blackwell, 2002.

SOUZA, Eneida M. **Janelas indiscretas**: ensaios de crítica biográfica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SOUZA, Eneida M.; MIRANDA, W. M. **Crítica e coleção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SOUZA, Eneida M.; TOLENTINO, E. C.; MARTINS, A. B. **O futuro do presente**: arquivo, gênero e discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SPACKS, Patricia M. Forgotten genres. **Modern Language Studies**, Selinsgrove, v. 18, n. 1, p. 47-57, 1988.

STALLWORTHY, Jon. **Between the lines**: Yeats's poetry in the making. 2a. edição. Oxford: Clarendon Press, 1965.

_____. The poet as archeologist: W. B. Yeats and Seamus Heaney. **The Review of English Studies**, Oxford, v.33, p. 130, 1982.

_____. **Vision and revision in Yeats's Last poems**. Oxford: Clarendon Press, 1969.

STANLEY, Liz. **Documents of life revisited**: narrative and biographical methodology for a 21st century critical humanism. Farnham: Ashgate, 2013.

_____. **The auto/biographical I**: the theory and practice of feminist auto/biography. Manchester: Manchester University Press, 1992.

_____. The epistolarium: on theorizing letters and correspondences. **Auto/Biography**, v. 12, n. 3, p. 201-235, 2004.

_____. The epistolary gift, the editorial third-party, counter-epistolaria: rethinking the epistolarium. **Life Writing**, v. 8, n. 2, p. 135-152, 2011.

STANLEY, Liz.; SALTER, Andrea; DAMPIER, Helen. The epistolary pact, letterness, and the Schreiner epistolarium. **a/b: Auto/Biography Studies**, v. 27, n. 2, p. 262-293, 2012.

STEAD, C. K. **Pound, Yeats, Eliot, and the modernist movement**. Basingstoke: Macmillan, 1986.

_____. **The new poetic**. London: Hutchinson University Library, 1964.

SURETTE, Leon. **Dreams of a totalitarian utopia**: literary modernism and politics. Montréal; London: McGill-Queen's University Press, 2011.

_____. **Pound in purgatory**: from economic radicalism to anti-semitism. Urbana: University of Illinois Press, 1999.

SYNGE, J. M. **The complete plays**. London: Methuen, 1981.

_____. **Letters to Molly**: John Millington Synge to Maire O'Neill, 1906-1909. Ed. SADDLEMYER, Ann. Cambridge, MA: Belknap Press of Harvard University Press, 1971.

TERESA: REVISTA DE LITERATURA BRASILEIRA. São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 8-9, 2008.

THE IRISH TIMES. 15 Jan. 1895, p. 5.

TIMM, E. F. **W. B. Yeats**: a century of criticism. Columbia: Camden House, 1990.

TORCHIANA, David T. **W. B. Yeats & Georgian Ireland**. Evanston: Northwestern University Press, 1966.

TURNER, Grame. **Understanding Celebrity**. Londres: SAGE, 2004.

TYNAN, Katharine. **Twenty-five years**: reminiscences. London: Smith, Elder & Co, 1913.

UNTERECKER, John. **A reader's guide to William Butler Yeats**. Syracuse, NY: Syracuse University Press, 1996.

_____. **Yeats**: a collection of critical essays. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1963.

URE, Peter. **Yeats and Anglo-Irish literature**: critical essays. Liverpool: Liverpool University Press, 1974.

VAN DIJK, T. A. **Discourse and literature**. Amsterdã: John Benjamins, 1985.

WADE, Allan; ALSPACH, Russell K. **A bibliography of the writings of W. B. Yeats**. 3rd ed. London: Hart-Davis, 1968. 514 p.

WATSON, G. Introduction. In: EDGEWORTH, M. **Castle Rackrent**. London: Oxford University Press, 1964. p. vi-xxv.

WHITMAN, W. **Leaves of grass**. Auckland: The Floating Press, 1855.

_____. **Intentions**. The decay of lying. Pen, pencil and poison. The critic as artist. The truth of masks. London: James R. Osgood McIlvaine & Co., 1891.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Letters written during a short residence in Sweden, Norway, and Denmark**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2009.

WORDSWORTH, William. **The poems of William Wordsworth**: collected reading texts from the Cornell Wordsworth series. Penrith: Humanities-Ebooks, 2011. v.

YEATS ANNUAL. Edited by R. J. Finneran and Warwick Gould. London: Institute of English Studies, 1982-.

APÊNDICE A – Cartas traduzidas

Código:

3A

Destinatário: Editor do *The Gael*

Data: 1887-11-23

Tradução

PREZADO SENHOR – Escrevo para corrigir um erro. Aquele curioso poema em sua 19a edição não foi escrito por mim, mas pelo tipógrafo, que é, comprovadamente, um imitador de Browning. Felicito-o pelo maravilhoso discernimento com o qual capturou parte das confusões do seu mestre. Tenho interesse no assunto pois tenho um poema com o mesmo título ainda não publicado.

Atenciosamente,
W B Yeats

Descrição e proveniência

Irish Monthly, julho de 1891, 295. *L*, 55-6.

Código:

3B

Destinatário: Editor do *The Spectator*

Data: 1889-07-29

Tradução

Senhor, – em cordial nota sobre o meu volume de poemas, o seu resenhista indaga onde consegui os materiais para “The wonderings of Oisín”. As primeiras páginas são baseadas em um belíssimo poema antigo, escrito por um dos inúmeros poetas gaélicos quase esquecidos que viveu na Irlanda no século passado. Nas disputas entre o santo e o guerreiro cego, utilizei as sugestões dos diversos diálogos em forma de balada entre Oisín e São Patrício, publicados pela Sociedade Ossiânica. As páginas que lidam com as três ilhas, incluindo a segunda citação do seu resenhista, são inteiramente minhas, não tendo nenhuma base na tradição, exceto a ideia camponesa irlandesa de que Tir-u-au-oge (o País dos Jovens) é composto por três ilhas fantasmas. – Atenciosamente, Senhor, etc.,

W B YEATS

Descrição e proveniência

Carta impressa, *The Spectator*, 3 de agosto de 1889 (143). *L*, 132.

Código:

3C

Destinatário: Editor do *The Speaker*

Data: 1897-05-18

Tradução

PREZADO SENHOR, — Em função de viagens que tenho feito, somente agora recebi o THE SPEAKER de 8 de maio com resenha de “The Secret Rose.” Espero que o resenhista não me considere ingrato se eu responder seus elogios generosos e esclarecer uma ou duas de suas ressalvas com alguns fatos. Ele critica minhas descrições dos monges irlandeses em “The crucifixion of the outcast” e diz que “os antigos monges irlandeses representavam a gentileza e a paz em uma época cruel e selvagem.” “The crucifixion of the outcast” fundamenta-se em um romance irlandês do século XI e é bastante fiel a esse original. Além deste antigo romance, tenho aqui ao meu lado o testemunho de Giraldus Cambrensis, que fala da ferocidade de nossos próprios santos, compreensível mediante a grande dificuldade que tinham para preservar suas propriedades em terra tão violenta. O resenhista também não está correto em dizer que quando faço o personagem de “The prior” buscar seu “julgamento junto a um santo, em vez de recorrer ao Rei dos Santos” eu cometo “o erro de um protestante irlandês”. Estou longe de meus livros e por isso não pode citar minhas autoridades, mas é certamente verdade que o cristianismo irlandês perdeu sua simplicidade original no século antes da vinda dos dinamarqueses, e que muitas das comunidades religiosas recorreram a seus fundadores para serem julgadas, o que pode ter levado, em alguns lugares, esses fundadores a praticamente ocuparem uma posição de deuses locais. Afirmo aqui que “The crucifixion of the outcast” é uma representação bastante verdadeira de certas coisas e emoções naquele tempo de decadência, embora recontar a história não seja parte do meu propósito. O conto é apenas uma das várias narrativas em meu livro sobre santos e monges irlandeses, e o único em que o enredo, e o simbolismo que está no coração desse enredo, me obriga a enfatizar a ferocidade dos santos e monges, em vez de seu êxtase e piedade. —

Sinceramente,
W B Yeats

Descrição e proveniência

Carta impressa, *Speaker*, 22 de maio de 1897 (574). L, 285.

Código:

3D

Destinatário: Editor do *United Ireland*

Data: 1892-09-10

Tradução

PREZADO SENHOR, – Duas ou três das resenhas a meu livro “Countess Kathleen” estão equivocadas quanto à minha declaração de que as rimas seriam consideradas “iguais às de Davis, Mangan, Ferguson”, sendo que uma dessas resenhas tomou como base este equívoco para reprovar a minha suposta falta de modéstia. Não tive a mínima intenção de alegar igualdade de eminência – nem o contexto permite tal leitura – mas tão somente nossa comunhão ao tratar de assuntos irlandeses seguindo uma abordagem irlandesa. Envio-lhe esta carta já que o assunto é do interesse dos meus leitores nacionalistas, se é que seja do interesse de alguém, e talvez um pouco dos leitores dos jornais que fizeram o comentário. – Atenciosamente,
“W B Yeats”

Descrição e proveniência

Carta impressa, *United Ireland*, 10 de setembro de 1892 (1). L, 213.

Código:**3E****Destinatário:** Editor do The Academy**Data:** 1890-10-02**Tradução**

O Rev. Percy Myles, em resenha a *Ancient cures, charms, and usages*, de Lady Wilde (ACADEMY, 27 de setembro), faz elogiosa menção à minha pequena compilação, *Fairy and folk tales of the Irish peasantry*. Ele, no entanto, interpretou erroneamente o que eu disse sobre folcloristas científicos na Introdução. Eu não quero que o coletor de contos de fadas nos diga “o que ele pensa ter ouvido, ou o que ele acha que seu público gostaria de ouvir”. No entanto, fico extremamente desapontado quando leio algum folclorista que seja meramente científico e não possua a necessária e sutil simpatia imaginativa para contar bem suas histórias. Há inúmeros floreios e frases pitorescas que, na boca de um camponês, transmitem parte do sentido e, muitas vezes, todo o encanto. O homem das ciências é muito frequentemente alguém que troca a alma por uma fórmula; e quando ele coleta narrativas folclóricas, apesar de todo o seu empenho, pouco lhe resta além de uma coisa infeliz e sem vida, sua lanugem extirpada e um alfinete atravessando-lhe o corpo, outrora tão vivo. Oponho-me ao “folclorista honesto”, não porque suas versões sejam precisas, mas porque são imprecisas, ou melhor, incompletas. Qual amante da sabedoria celta nunca se viu cheio de ira sagrada ao se deparar com uma estória sublime, prezada desde sua infância, registrada em um inglês jornalístico e sob a alcunha de ciência? Para mim, o folclorista ideal é o Sr. Douglas Hyde. Uma história contada por ele é tão precisa quanto a versão de qualquer pessoa “científica”; porém, no uso do dialeto, entre outras coisas, ele toma o cuidado de nos dar a versão mais pitoresca, poética, humorística que ouviu. Também tendo a pensar que concentrar e elaborar o dialeto em pequenas medidas é algo aceitável desde que não afete a essência da história. Trataria-se apenas de um equivalente justo dos gestos e voz do camponês contador de história. Mr. Hyde, acredito, fez isso em sua maravilhosa *Teig O’Kane*, resultando numa história mais repleta das características do verdadeiro folclore irlandês do que todas as páginas que vejo periodicamente dedicadas à Irlanda no *Folk-lore Journal*.

W. B. YEATS.

Carta impressa, The Academy, 11 de outubro de 1890 (320). SE I. 173-5.

Descrição e proveniência

Carta impressa, The Academy, 11 de outubro de 1890 (320). UP1 173-5.

Código:

3F

Destinatário: Editor do Gael (New York)

Data: 1899-08-01

Tradução

O SENHOR W. B. YEATS escreve-nos de Gort, no condado de Galway, a respeito de nosso artigo sobre ele:

“Agradeço muito pelo o artigo no GAEL. Fico ainda mais satisfeito porque muitas pessoas a quem respeito não reconhecem que sempre escrevi como um autor irlandês e com a Irlanda em minha mente. Comecei a estudar o gaélico novamente e embora saiba que jamais terei o domínio do idioma, espero ser capaz de desenvolver alguma sensibilidade para a língua ... Permanecerei na Irlanda até terminar de compor um longo poema ... Devo estar em Dublin em fevereiro para a estreia do Teatro Literário Irlandês.”

Descrição e proveniência

Carta impressa, Gael (New York), dezembro de 1899 (256). L, 328.

Destinatário: Editor do United Ireland

Data: 1892-12-17

Tradução

PREZADO SENHOR — Concordo com cada palavra que o Senhor disse semana passada sobre a palestra do Dr. Hyde, e, como muitos outros, sou profundamente grato por sua reedição da mesma no último número. Sem me exaltar ao nível dos mais entusiasmados membros da audiência do Dr. Hyde, que, segundo ouço, a consideram-na o pronunciamento mais importante desta natureza desde [18]48, digo que a palestra me parece o melhor augúrio possível para o sucesso do movimento que estamos tentando criar. O conhecimento, a profunda sinceridade, a convicção apaixonada que nela havia são uma promessa de que pelo menos o Presidente da Sociedade Literária Nacional estará do nosso lado até o fim, faça chuva ou faça sol. Ao mesmo tempo, uma boa parte da palestra do Dr. Hyde teria me entristecido se eu estivesse de acordo com ela. Hyde parecia basear o grosso de suas expectativas com relação à “desanglicização” da Irlanda pela restauração, ou, no mínimo, pela preservação da língua gaélica, ao mesmo tempo em que afirma ser “impossível encontrar os homens ou o dinheiro” para levar a cabo justamente o único esquema que ele julga ser capaz de atingir tal efeito. Ai de nós, temo que ele tenha dito a verdade e que a língua gaélica em breve não mais seja ouvida, exceto aqui e acolá, em aldeias remotas e nas costas fustigadas pelo vento em Connaught. Será, então, que não resta nenhuma esperança para a desanglicização do nosso povo? Será que não somos capazes de construir uma tradição nacional, uma literatura nacional, que seja irlandesa em espírito ainda que inglesa no idioma? Não somos capazes de dar continuidade à vida da nação, não tentando fazer o que o Dr. Hyde afirmou ser praticamente impossível, mas traduzindo-a ou recontando-a em inglês um que terá uma característica irlandesa indefinível de ritmo e estilo, tudo o que há de melhor na literatura antiga? Não somos capazes de escrever e persuadir outros a escreverem histórias e romances sobre os grandes homens gaélicos do passado, desde o filho de Nessa a Owen Roe, até que tenha sido construída uma ponte dourada entre o antigo e o novo? A América, sem ter um passado digno de menção, uma mera recém-chegada entre as nações, está criando uma literatura nacional que, em seus produtos mais característicos, difere da literatura inglesa quase tanto quanto a literatura da França. Walt Whitman, Thoreau, Bret Harte e Cable, para citar apenas alguns, são bastante americanos, ainda que a América tenha outrora sido uma colônia inglesa. Deveria ser mais fácil para nós, que temos em nossas veias o sangue celta selvagem, a coisa menos inglesa da terra, produzir semelhante literatura. Se fracassarmos, não será porque nos faltam os materiais, mas sim porque nos falta o poder de usá-los. Mas não estamos fracassando. O Sr. Hyde, Lady Wilde em seus livros recentes, e o Sr. Curtin, assim como o editor do recém-publicado “Visions of M’Comaile”, estão a servir perante nós uma mesa com estranhas frutas gaélicas, de cuja fartura um grupo crescente de criadores de canções e histórias alimentarão suas altas. Tampouco nos faltam artistas criativos. A senhorita Tynan não nos deu suas “Legends and Lyrics”, Miss Barlow, seu “Irish Idylls”, Miss Lawless, sua “Grania” e o Sr. O’Grady, seu maravilhoso e incomparável “Fin and his Companions”, apenas nos dois último anos? Tornemos esses livros e os livros dos nossos escritores mais antigos conhecidos pelo povo e faremos mais para a desanglicização da Irlanda do que recordando a língua gaélica e as neves do passado. Sem dúvida, façamos o possível para prevenir a ruína dessa língua e para preservá-la entre nós como uma língua culta e fonte da

nacionalidade em nosso meio, mas não depositemos nela nossas esperanças para a nação. Quando nos lembrarmos da majestade de Cuchullin e da beleza da triste Deirdre, não esqueceremos que é aquela majestade e aquela beleza que são imortais e não a língua moribunda que as transmitiu pela primeira vez.

Atenciosamente,

W B Yeats

Descrição e proveniência

Carta impressa, United Ireland, 17 de dezembro de 1892 (1). UP1 254-6.

Código:

3H

Destinatário: Editor do The Academy

Data: 1892-03-16

Tradução

"Father Gilligan"

16 de março

Prezado senhor,

Agradeço a seu correspondente anônimo por me dar esta oportunidade de explicar que a balada de "Tristram St. Martin" e a minha própria têm uma origem comum, embora eu só tenha visto "He sent his angel" pouco depois de ter escrito "Father Gilligan". O próprio autor de "Christ in London" contou-me a história em que se baseiam ambos os poemas como uma curiosa lenda folclórica relatada por um amigo. Embora tenha escrito "Father Gilligan" logo depois e por saber que o próprio "Tristram St. Martin" pretendia escrever uma balada sobre o tema, guardei o poema por um tempo a fim de lhe dar a "cortesia" da vantagem de publicar primeiro. Quando finalmente o publiquei, há aproximadamente dois anos no "The National Observer", contei-lhe que o tinha feito e dei-lhe a data do jornal; desde então, jamais me foi dito, por ele ou qualquer outra pessoa, até onde sei, que ele se considerava injustiçado. Nunca reivindiquei a história como minha e, tanto no "The National Observer" quanto no "The book of the Rhymers' Club", creditei-a a seus devidos autores, no caso, os camponeses de Castleisland, Kerry. As passagens citadas por seu correspondente são, quase palavra por palavra, a história conforme a ouvi.

Pode ser, porém, que sirva de consolo a "Um amante da originalidade" saber que ainda que tivesse lido a balada de "Tristram St. Martin" antes de escrever a minha e nunca tivesse ouvido a história a não ser em tal balada, ainda assim eu teria me considerado perfeitamente no direito de me apropriar de uma história que não pertence a nenhum de nós dois, mas ao povo irlandês. "Tristram St. Martin" escreveu uma balada <toleravelmente> interessante, mas não penso que ele seja tão triunfalmente bem-sucedido no presente caso a ponto de ter tornado a história sua para todo o sempre. Estou até mesmo inclinado a dizer que ele é, na verdade, "mal-abençoado" por ter um defensor tão ardoroso ao ponto de oferecer citações que certamente não mostram um entendimento muito sutil das peculiaridades do folclore irlandês. Em outros assuntos ele se mostra mais entendido e mais digno de citação.

Att

W B Yeats

Descrição e proveniência

ALS Texas. Impresso em The Academy, 19 de março de 1892 (280). L, 206-7.

Código:

4A

Destinatário: Editor do Light

Data: 1889-12-28

Tradução

SENHOR, – Um correspondente na sua edição do fascículo 21 menciona a recepção extremamente hostil dada ao Coronel Olcott por vários oradores no Clube de Bedford Park, relatada no fascículo 7. Não foi o caso de forma alguma.

Moro no Park e é raro o dia em que não tome conhecimento de alguém extremamente indignado com os oradores, ou melhor, com dois deles; os outros não são nem mais hostis nem mais amigáveis do que os que se encontram em qualquer reunião com o intuito de propagar novas ideias – políticas, religiosas ou de outro tipo.

W. B. YEATS

Descrição e proveniência

Carta impressa, Light, 28 de dezembro de 1889 (619).

Código:**4B****Destinatário:** Editor do Daily Express (Dublin)**Data:** 1892-06-02**Tradução**

SENHOR — O povo irlandês tem orgulho de se considerar um povo mais imaginativo que o inglês e, no entanto, não lê mais do que alguns poucos livros de canções e histórias de segunda categoria. Muitos bons conhecedores acreditam que a culpa não é tanto do povo irlandês, mas sim da grande dificuldade de fazer circular livros em uma nação onde não há órgãos reconhecidos de opinião literária, e na qual as pessoas estão espalhadas aqui e ali, longe das livrarias e das “perguntas centrais” e do “culto literário” da vida instruída. Na época da Jovem Irlanda, livros como “Ballad poetry of Ireland”, de Duffy, circulavam aos milhares. Eles o faziam através da dupla instrumentalidade do jornal The Nation e das Salas de Leitura pela Revogação [da União]. Não seria possível encontrar um meio semelhante de fazer um trabalho similar na Irlanda hoje? Um grande número de irlandeses na Irlanda e na Inglaterra, e alhures, estão fazendo a mesma pergunta e propondo uma tentativa de fazer circular uma nova “Biblioteca da Irlanda” através das sociedades literárias existentes e criando novos órgãos para esse propósito. Eles propõem, também, propagar a influência educativa da biblioteca por meio de palestras e discussões bem organizadas, sobre figuras e épocas notáveis da história irlandesa, assim como os problemas e dificuldades do presente. Tais livros e palestras serão de caráter nacional, mas não simplisticamente políticos, em qualquer sentido estrito da palavra. Objetivar-se-á tornar o patriotismo daqueles que leem os livros mais profundo e esclarecido, apresentando-os aos heróis nacionais e lendários, conforme sua manifestação nas mentes de estudiosos e pensadores. O sucesso ou fracasso desse projeto depende da circulação que conseguirmos organizar. Como passo inicial, pretendemos formar uma robusta “Sociedade Literária Nacional” em Dublin que se comunicará com as sociedades literárias de toda a Irlanda. Manifestações de apoio chegam de todos os lados e novos membros somam-se rapidamente. Para tornar nossos propósitos mais amplamente conhecidos, pretendemos realizar uma reunião na Rotunda em 9 de junho. Esta reunião não será, de maneira alguma, uma reunião da Sociedade Literária Nacional, que ainda não existe de fato, mas uma reunião para explicar nossos objetivos e propósitos para os membros da meia (dúzia) de sociedades literárias de Dublin e simpatizantes em geral. A reunião será presidida por Ashe King, Conde Plunkett, Dr. Sigerson, Srta. Maud Gonne, eu e outros. O Sr. Kelly, Pembroke Terrace 1, Dundrum, terá o prazer de enviar bilhetes e circulares para quem quer que simpatize com os nossos objetivos.

Atenciosamente,
W B Yeats

Descrição e proveniência

Carta impressa, Daily Express (Dublin), 2 de junho de 1892 (6).

Destinatário: Editor do United Ireland

Data: 1893-12-23

Tradução

PREZADO SENHOR — O escritor do artigo intitulado “Um crítico sincero” admite que não esteve presente na palestra dada pelo Sr. King na semana passada sob os auspícios da Sociedade Literária Nacional. Este foi um duplo infortúnio, pois o fez perder uma das palestras mais brilhantes que já ouvi e ser muito injusto para com o Sr. King. O Sr. King não disse que a política arruinou o intelecto irlandês, mas sim que a política partidária o fez. Ele chegou ao ponto de afirmar que tudo que foi ganho para a Irlanda foi ganho através da política. É claro que é difícil dizer onde termina a política do partidário e onde começa política do patriota, mas existe tal linha divisória, e o político que não a encontra abre aos berros um caminho rumo ao caos. Parece-me aos meus olhos, pelo menos, que a política se torna partidária quando os grandes princípios da demanda nacional são postos em menor evidência do que o que se consideram as falhas dos oponentes. Ao meu ver, parece-me, pelo menos, que a política se torna partidária quando os grandes princípios da demanda nacional são postos em menor evidência do que o que se consideram as falhas dos oponentes; e o grau de perfeição com que esse tipo de coisa estraga o sentido de proporção no qual a literatura se constrói pode ser verificado por qualquer um que ler “Valentine M’Clutchy”. Carleton era um homem genial, mas seu hábito de dividir os homens em ovelhas e cabras para fins de política partidária fez grande estrago no que poderia ter sido um grande romance. Carleton tornou-se tão enfeitado pela veemência partidária que se esqueceu de lembrar como os homens se aliam a toda e qualquer causa pelo melhor dos motivos. Esqueceu que o cruzado, se tiver qualquer dignidade, deve estar preparado para encontrar muitos tolos e interesseiros entre seus aliados e muitos sábios e justos entre seus adversários. Creio poder acrescentar que os jornais se tornam partidários quando dão colunas para um certo cavalheiro, exaltado e trivial, que explica que seu adversário, seja o Sr. John Redmond, o Sr. John Dillon ou Cel. Saunderson, conforme o caso, é imensamente fraudulento e desesperadamente perverso. Fazem isso ao passo que não podem dedicar mais do que algumas poucas linhas para uma palestra, escrita por um dos nossos mais eloquentes e brilhantes literatos, sobre alguns dos problemas importantes na vida de uma nação. Tampouco podem repelir a acusação, alegando que as pessoas têm fome e sede de as palavras do mais trivial vereador e do mais acalorado parlamentar, e se sentirem indiferentes ao pensamento sério e cuidadoso do homem de letras, pois foram eles que alimentaram as bocas abertas com o vento leste até terem destruído todo o gosto por comida melhor. O UNITED IRELAND, porém, sempre fez o que pôde, bravamente perseverando nessa nobre batalha. “I Olkryn” escreveu para o Senhor uma carta muito bonita. A forma sutil como ela mal interpreta o meu próprio discurso jamais teria me levado a quebrar o silêncio se não eu tivesse sido forçado a fazê-lo pelo artigo que o Senhor escreveu sobre o Sr. King. Eu não disse que o homem das letras deveria ficar fora da política — lembro-me dos exemplos de Hugo, Milton e Dante — mas apenas que ele deveria, por mais fortes que sejam seus interesses políticos, envidar todos os esforços para se tornar um mestre em seu ofício e para ter sempre cuidado de manter a retórica, ou a tendência de pensar no seu público em vez de pensar no Perfeito e no Verdadeiro, fora de sua escrita. É, no entanto, um prazer ser mal-entendido quando o mal-entendido resulta em uma carta tão bela. —

Atenciosamente,

W B Yeats
Descrição e proveniência
Carta impressa, United Ireland, 23 de dezembro de 1893 (5). UP1. 305-7.

Código:

4D

Destinatário: Editor do United Ireland

Data: 1897-03-20

Tradução

PREZADO SENHOR — Para evitarmos que o artigo, em tudo mais admirável, assinado “p/ Fuathna-Gall” e publicado no UNITED IRELAND do dia 13 de março, leve o leitor menos atento a imaginar que eu e o Sr. Frank Hugh O’Donnell fomos enviados à reunião na Câmara Municipal por um órgão político seu identificado por seu correspondente como o “Executivo Irlandês da Grã-Bretanha”, esclarecemos que fomos enviados meramente pelo “Comitê Central do Centenário da Grã-Bretanha”, com o único intuito garantir a representatividade da celebração, já que acreditamos que a memória dos homens de ‘98 é Nacional e não pretence a nenhum partido.

Atenciosamente,
W B Yeats

Descrição e proveniência

Carta impressa, United Ireland, 20 de março de 1897 (2).

Código:

4E

Destinatário: Editor do United Ireland

Data: 1893-12-30

Tradução

PREZADO SENHOR — Em minha carta da semana passada, lidei com o ataque do Sr. King à política partidária, mas tenho ainda algumas palavras a dizer a respeito de sua condenação, não menos vigorosa, da devoção, de toda a nossa nação, à oratória. O Sr. King encontrou um aliado no Sr. Standish O’Grady, o primeiro irlandês, creio eu, a tentar escrever a história da Irlanda para além de mera crônica de leis e batalhas ou análise árida da dialética partidária. O Sr. O’Grady, tendo dito como a pequena nobreza da Irlanda foi subornada e bajulada até aprovar do Ato de União, continua da seguinte forma: “Acredito que eles ficaram entorpecidos pela oratória excessiva. No último quarto do século [XVIII], eles se renderam ao prazer inebriante de fala refinada. Esta foi a era de Grattan, Flood, Hussey Burgh e outros famosos retóricos, que encantaram os seus ouvidos e confundiram sua capacidade de discernimento com tropos e figuras de ridícula sublimidade, tão diferentes da fala direta e honesta de Swift e Berkley. A oratória, como a soberba, precede a ruína, uma afirmação que a história universal corrobora”. Bem, não possuo conhecimento suficiente a respeito do período e de sua oratória para saber se o Sr. O’Grady tem ou não razão e portanto não me sinto nem mais nem menos inclinado a concordar com a visão dele do que com a descrição que o Sr. King faz da oratória como uma “arte de charlatães”. Porém, sinto, por outro lado, que historiadores como o Sr. O’Grady não fazem afirmações como essa sem fortes motivos. Acredito que o motivo, neste caso, é que o Sr. O’Grady, como o Sr. King, viu que, embora o gosto pela oratória seja inevitável e necessário num país como a Irlanda, ele é, mesmo assim, perigoso e causador de muitos males. Por isso, ele permitiu que seus medos em relação ao presente tingissem suas impressões do passado. É da própria natureza da oratória que o orador dê aos ouvintes a sensação de que está certo do que diz. Ele corre, portanto, sempre o risco de adotar, para melhor efeito, um ar de sinceridade e convicção veemente, ou, o que é pior, de se tornar realmente sincera e veementemente convicto de coisas sobre as quais não sabe o suficiente. No mundo que Deus fez não há senão probabilidades, e, como canta o poeta persa, um fio de cabelo separa o falso do verdadeiro; mas com demasiada frequência não há nada exceto certezas no mundo do orador. Quando uma nação fica completamente entorpecida por esse tipo de oratória, ela perde todo o senso de proporção, todo o senso de realidade, pois não ficaria ela incapacitada de perceber que seus oradores podem convencer a si mesmos e a ela de qualquer coisa em poucos minutos, e conduzir ambos, pelo agradável caminho de uns poucos símiles e alguns gestos veementes, a um nível de certeza que o acadêmico leva anos de pesquisa para alcançar, e o filósofo, toda uma vida de reflexão? Uma vez neste caminho, a nação sofrerá a ruína da qual o Sr. O’Grady fala, pois mais nada lhe parecerá fora do alcance ou remoto, nada digno de torná-la realmente desconfortável. Convicções serão baratas e comuns em tal mundo, e, se algumas forem prejudicadas ou castigadas por um preço, bastará pedir para se ter muitas outras. Somos uma nação de oradores, e, como tal, temos que aguentar as desvantagens dessa nossa característica de bom grado; mas logo mergulharíamos na irreabilidade se homens como o Sr. King e o Sr. O’Grady não estivessem sempre prontos a levantar uma bandeira vermelha em nossa frente. Ultimamente, não tem a oratória feito o papel do diabo para nós na vida pública? Pois não vimos vários de nossos políticos afirmarem, com todos os sinais de uma sinceridade ardente, que o sr.

Parnell era o único líder possível para, algumas horas depois e com igual veemência, afirmarem que ele era um líder impossível? E os nossos jornais, com suas marés diárias de oratória escrita, não nos fazem lamentar, “Oh, Deus, se isso é sinceridade, dê-nos um pouco de insinceridade, um pouco do autocontrole que se encontra numa mentira consciente”. A nossa vida social não está, por um acaso, arruinada pela pessoa do orador? Não importa se ele discute os pecados dos parnellitas ou dos antiparnellitas, segurança, legislação para bebidas alcólicas, literatura ou filosofia, toda conversa digna e respeitável morre quando ele adentra o recinto. Nós todos conhecemos a sua veemente intolerância – pois como ele poderia ser tolerante se seu mundo não contém nada além de certezas? – suas opiniões exageradas – pois como pode ser moderado aquele que sempre precisa ter uma convicção profunda? – seu escárnio pela áreas cinzentas e pela beleza discreta –, pois como há de entender que os mansos herdarão a terra aquele que está sempre fazendo afirmações e declarações? Mas qual é o remédio para isso tudo? Quando uma nação fica completamente entorpecida por esse tipo de oratória, ela perde todo o senso de proporção, todo o senso de realidade, pois não ficaria ela incapacitada de perceber que seus oradores podem convencer a si mesmos e a ela de qualquer coisa em poucos minutos, e conduzir ambos, pelo agradável caminho de uns poucos símiles e alguns gestos veementes, a um nível de certeza que o acadêmico leva anos de pesquisa para alcançar, e o filósofo, toda uma vida de reflexão? Ouvi até mesmo parnellitas dizerem que o Sr. Healy tinha razão, do ponto de vista do seu partido, porque seus artigos e discursos, vulgares e mentirosos, ajudaram mais do que qualquer outra coisa a mudar os rumos da opinião irlandesa. E, sobretudo, ataquemos a raiz desses males e eduquemos o nosso povo por meio da filosofia e da literatura, pois estas ensinam que há uma verdade e uma beleza que, por não serem feitas por mãos, estão acima de todos os expedientes, acima de todas as nações; e, primeiramente, como uma pequena ajuda para atingirmos essa educação, não mais brademos “Anglófilo!” sempre que um palestrante fala de nossas ameaças e fraquezas nacionais, não sejamos cegos para o que é verdadeiro em sua crítica por causa de um excesso de ênfase ocasional, um fortuito exagero de expressão.

Atenciosamente,
W. B. Yeats.

P.S. — Ao mesmo tempo que agradeço o Senhor por sua gentil resenha de “The Celtic Twilight”, aproveito a oportunidade de dizer que ele não é “baseado em fatos”, como diz seu comentário, mas é, com exceção de uma ou duas mudanças de nome e lugar, literalmente verdadeiro. O seu resenhista duvida da existência de “feitiçaria” na Irlanda. Ele deveria ler uma série de cartas de um pintor de vidros de Dublin publicadas nas memórias do Dr. Adam Clark. Ele encontrará lá muito mais “sensação” do que qualquer coisa na minha obra. Elas se referem a acontecimentos testemunhados pelo pintor de vidros, de cuja boa fé o Dr. Clark, um célebre teólogo, como se recordarão, parece não ter tido nenhuma dúvida.

Descrição e proveniência

Carta impressa, United Ireland, 30 de dezembro de 1893 (1). UP1 307-10.

Código:

4F

Destinatário: Editor do United Ireland

Data: 1892-07-30

Tradução

SENHOR – O Sr. Rolleston, salvo um deslize dos repórteres, afirmou na reunião inaugural da Sociedade Literária Irlandesa de Londres, sábado passado, que a sociedade esperava ter sucursais na “Inglaterra, Irlanda, América e nas Colônias”. Creio que esta afirmação gerou certa insatisfação entre os membros da Sociedade Literária Nacional, que desejam manter perfeitamente claro que tal sociedade é totalmente distinta da de Londres. Tenho certeza de que, dadas as circunstâncias, o Sr. Rolleston há de me perdoar por dizer que o centro de atividade literária irlandesa só pode existir na Irlanda e é necessariamente impossível para a Sociedade de Londres, assim como qualquer outra organização, se propor a abrir “sucursais” na Irlanda. Quando, no fim do outono passado, propus a fundação da “Sociedade Literária Irlandesa de Londres”, fi-lo com o objetivo direto de federá-la à sede na Irlanda, e não foi minha culpa, nem culpa do comitê provisório, que as circunstâncias impediram-nos de realizar tal intenção. – Muito cordialmente,

W B Yeats

53 Mountjoy-square, Dublin

Descrição e proveniência

Carta impressa, United Ireland, 30 de julho de 1892 (4). UP1 230-1.

Código:

5A

Destinatário: Editor do United Ireland,

Data: 1892-05-14

Tradução

Senhor, — Numa noite de ventania, vi um pescador cambaleando pelo píer de Howth, muito bêbado e, aos berros, dizendo a alguém que ele não era um cavalheiro porque não fora educado no Trinity College Dublin. Se fosse inglês, teria baseado sua definição de “cavalheiro” em dinheiro; se ele fosse não só inglês, mas também um cockney, na excelência do jantar que supunha que seu inimigo teria comido naquele dia. Meu pescador bêbado tinha um profundo respeito pelas questões da mente e, mesmo assim, é altamente provável que jamais tenha lido sequer um livro na vida e que até os jornais lhe fossem quase desconhecidos. Ele não passa de um típico irlandês nesse quesito. O povo da Irlanda respeita as letras e não lê nada. Consideram nobres as palavras “poeta” e “pensador” e, mesmo assim, não compram livros. Têm orgulho de ser um povo mais criativo que o inglês e ainda assim forçam seus próprios escritores criativos a procurar audiência além-mar. Certamente, há alguma causa para tudo isso e algum remédio, se ao menos pudéssemos encontrá-lo. Não creio que sejamos uma nação de hipócritas. Não seria a principal causa a grande dificuldade de trazer livros, assim como os movimentos e as “questões prementes” da vida culta às portas de um povo espalhado por aldeias e cidades pequenas, ou salpicado sobre encostas solitárias, e de fazê-lo de maneira persistente o suficiente para ganhar uma audiência em meio ao tumulto político? O povo nunca aprendeu a ir à livraria, nem tem revistas e periódicos literários de excelência para lhe despertar o interesse no pensamento e na literatura; e ainda que os tivesse, não os leria. No entanto, com certeza é possível encontrar algum método de chegar até ele. O The Nation encontrou um método e “revigorou o ânimo da Irlanda”, algo que hoje precisamos talvez ainda mais. A Irlanda está entre a cruz e a espada – entre a influência da América e a influência da Inglaterra; qual das duas está nos desnacionalizando mais rapidamente é difícil dizer. Mesmo que ainda tenhamos de enfrentar um longo período de luta, ou que finalmente cheguemos à terra prometida, precisamos de todo o nosso fogo central, toda a nossa nacionalidade. Foi com o desejo de fazer o que estivesse ao nosso alcance para conter essa desnacionalização que fundamos a “Sociedade Literária Irlandesa de Londres”, e não para fazer algo tão absurdo e impossível quanto tornar Londres “o centro intelectual da Irlanda”. E é com esse desejo em mente que agora apelo para as quatro ou cinco sociedades literárias de Dublin para que façam o que puderem para nos ajudar. O terceiro objetivo da nossa sociedade, sendo os primeiros dois de interesse puramente local, é “assistir a publicação, em formatos populares, de obras aprovadas sobre temas irlandeses”. Pretendemos fazê-lo organizando uma circulação, e “não incorrendo”, para citar mais uma vez o prospecto, “os riscos de uma empreitada editorial”. Temos, no entanto, um esquema definitivo, que será posto em prática em boa hora, e estamos convocando todas as sociedades literárias irlandesas da América para se comunicarem conosco em prol deste esquema. Que as sociedades de Dublin se unam de alguma forma entre si – a constituição proposta da “Liga da Jovem Irlanda” um pouco modificada servirá muito bem – sem a necessidade de abrirem mão da individualidade de cada uma, e que em seguida se comuniquem com as sociedades de todo o país. Quando o tiverem feito, nós e eles veremos o que pode ser feito para criar e circular uma biblioteca de livros irlandeses como a velha “Biblioteca da Irlanda”, “Baladas de Duffy”, “O espírito da nação”, “O’Neill” de Mitchel, e todas as nobres séries que se disseminaram pela Irlanda com a ajuda das Salas de

Leitura pela Revogação – e parece não haver nenhuma razão pela qual as sociedades da Jovem Irlanda e as presentes sociedades literárias não possam servir uma comum finalidade. O aparecimento periódico de tais livros geraria novo interesse em seus debates e em novos temas para suas palestras. Também faria com que se sentissem parte de um grande grupo de colegas-trabalhadores – e não meros clubes locais de debates. Escritores eminentes já nos oferecem sua ajuda. Tenho aqui diante de mim uma lista de livros prometidos sobre assuntos que vão do fenianismo à Questão da Educação, de Oisín a Robert Emmet; com um pouco de energia e organização, seremos capazes de circular pela Irlanda uma série de livros que não serão apenas um mero eco da literatura de 48, mas que radiarão o coração dos autores irlandeses do presente. Autores irlandeses que se viram forçados a tornar suas canetas subservientes a uma literatura estrangeira e a inspirações estrangeiras virão com prazer à nossa ajuda e, ao fazê-lo, alcançarão um maior status, pois nenhum homem que deserta sua própria literatura para o outro pode esperar os mais altos graus. O berço dos maiores escritores é balançado entre as cenas que virão a celebrar. À Irlanda não falta talento, mas seu talento é semeado no vento de todo o mundo e se volta para qualquer propósito que não o irlandês. Até que se reúna-o novamente e se aplique-o às necessidades da Irlanda, todo esse talento jamais fará algo de grandioso na literatura. “Aquele que saboreia um pedaço de pão”, escreveu Paracelso de Hoenheim, “prova de todas as estrelas e todos os céus”, e aquele que estuda as lendas, a história e a vida de seus próprios compatriotas poderá lá encontrar todos os temas da arte e da música. Que se torne o trabalho das sociedades literárias ensinar, por um lado, os escritores e, por outro, os leitores, que não há nacionalidade sem literatura, nem literatura sem nacionalidade. No passado, quando Davis cantava, não havia necessidade de ensiná-lo, pois Apolo tangia sua lira com a uma ponta de lança, mas agora ele atirou lança e lira ao mar. -- Atenciosamente, etc.,
W B Yeats
Londres, maio de 1892.

Descrição e proveniência

Carta impressa, United Ireland, 14 de maio de 1892 (1-2). UP1 222-5.

Código:**5B****Destinatário:** Editor do The Freeman's Journal and National Press**Data:** 1892-09-06**Tradução**

É quase certo agora que a Companhia Editorial Nacional conseguirá as £3.000 que solicitou. A pergunta agora não é mais se ela conseguirá começar a publicar, mas sim se publicará livros certos sobre os assuntos certos – e se o fizer, se será capaz de colocá-los nas mãos de um número suficiente de leitores irlandeses. Seu sucesso ou seu fracasso dependerão, em grande parte, da capacidade da empreitada de se manter em contato com os jovens da Irlanda a quem deseja influenciar, com aqueles que os representam e com as várias organizações já formadas ou em processo de formação por todo o país. Seria fácil para homens de importância e de conhecimento literário publicar uma excelente série de livros mas que seria, ainda assim, inadequada para a Irlanda de hoje. Cabe aos acionistas desse empreendimento evitar que isso aconteça. A nenhum homem, por mais profundo que seja o seu conhecimento da Irlanda de quarenta anos atrás, por mais eminente que seja o seu nome, deve ser dado todo o poder. A Irlanda é uma nação complexa, com muitas necessidades e muitos interesses, e nenhum homem, sobretudo nenhum homem que tenha ficado muito tempo fora da Irlanda, tem condições de amparar, em suas próprias mãos, todas essas necessidades e interesses. Sir Charles Gavan Duffy pediu para ser o editor-chefe da nova “biblioteca da Irlanda” proposta, a fim de que possamos garantir que os livros permaneçam livres de qualquer teor sectário ou seccional. No entanto, a devoção a um grande nome e a uma grande carreira não deve induzir os acionistas a sujeitarem a um homem de idade, segundo ele próprio, um tanto cansado deste mundo e de suas preocupações, tal carga de responsabilidade e poder, superior àquela que ele, em benefício da empresa, sentiu-se compelido a pedir. Sir Gavan Duffy expressou sua vontade de trabalhar juntamente a uma comissão editorial sediada em Dublin; tal comitê deve ser constituído o quanto antes, a fim de que os escritores sejam escolhidos e comecem a trabalhar, pois bons livros não são escritos da noite para o dia. As orientações devem permanecer majoritariamente a cargo da comissão, em melhores condições de conhecer sua própria geração e do que tal geração precisa e é capaz de fazer. É provável que apenas uma pequena proporção dos livros publicados por tal “biblioteca” nos seja oferecida espontaneamente, pelo menos durante os primeiros meses. Será preciso procurar escritores e colocá-los a escrever sobre os assuntos para os quais estão mais preparados. O próprio Sir Gavan Duffy descobriu John Mitchel desta forma e o pôs para escrever a vida de Hugh O'Neill. De fato, pode ser que haja, neste exato momento, homens tão desconhecidos quanto era Mitchel até ser descoberto pelo editor do The Nation, capazes de produzir histórias e biografias igualmente pitorescas e comoventes. Minha experiência considerável com a organização de livros baratos – já produzi cinco, alguns dos quais tiveram milhares de exemplares vendidos – e com os editores e escritores de tais livros, bem como os métodos utilizados em várias “bibliotecas” e “séries” nas quais os volumes aparecem, convenceu-me da certeza do fracasso dessa empreitada caso os acionistas persuadissem Sir Charles Gavan Duffy, obrigado a residir fora da Irlanda, a se tornar o único editor. Deve ser formado um comitê de, digamos, uns cinco, e esta comissão deve ser selecionada dentre homens como o Sr. Richard Ashe King, o Dr. Douglas Hyde, o Dr. Sigerson, o Sr. Robert Donovan, o Conde Plunkett, o Sr. Magrath, o Sr. George Coffey, cujo conhecimento arqueológico seria da maior importância, e o Sr.

John O'Leary, cujo conhecimento inigualável da literatura irlandesa do passado ajudaria muito caso surja a questão de reedições. Uma "biblioteca" editada de tal forma seria verdadeiramente nacional e mereceria a confiança de todas as seções e partes da raça irlandesa. Temos agora uma grande oportunidade e devemos prosseguir com cautela, pois ela pode não ocorrer novamente. Se agora fracassarmos na tentativa de interessar o povo da Irlanda por assuntos intelectuais, dando-lhes os tipos de livros que desejam, se fracassarmos em angariar a simpatia dos jovens que construirão a Irlanda de amanhã, poderemos retroceder em muitos anos o desenvolvimento intelectual deste país.

W B Yeats

Descrição e proveniência

Carta impressa, Freeman's Journal, 6 de setembro de 1892 (6). UP1 239-42.

Código:**5C****Destinatário:** Editor do The Freeman's Journal and National Press**Data:** 1892-09-07**Tradução**

PREZADO SENHOR – Descobri através do Freeman desta manhã que o senhor aconselha “que os acionistas da proposta Companhia Editorial Irlandesa não aceitem a proposta do Sr. Yeats de se formar uma comissão para assistir Sir Charles Gavan Duffy em sua tarefa de editor”. O senhor deve ter se esquecido de pelo menos um acionista muito distinto – refiro-me ao próprio Sir Charles Gavan Duffy –, que explicou a um representante do Evening Telegraph, há umas semanas, que aceitaria com prazer tal assistência. Tampouco expressou ele qualquer temor de que “a nova empresa venha a ser utilizada como uma máquina propagandista de ideias e princípios sectaristas”. Gavan Duffy evidentemente considerou que sua posição de “editor-chefe” seria ampla garantia da natureza inofensiva dos livros. O restante do seu artigo lida com opinião em vez de fatos, e não lhe dedicarei nenhum comentário exceto que a discussão aberta da questão deve, necessariamente, buscar o melhor e ajudar a prevalecer a opinião mais correta. Lamento ver o tom da carta do Sr. Taylor, para quem a discussão é menos bem-vinda do que é para mim; e lamento sinceramente, pelo bem da sua própria reputação, que ele tenha se sentido impelido a escrever tal carta – carta esta que não pede outra resposta além de que entrei em contato com vários acionistas que me garantem que Taylor não fala por eles. Tentei, em vão, compreender a relevância de seu extraordinário último parágrafo para a presente questão, ou por que ele traz tais assuntos para uma discussão que eu, pelo menos, tenho levado com cortesia e bom humor. – Atenciosamente,
W B Yeats

Descrição e proveniência

Carta impressa, Freeman's Journal and National Press, 8 de setembro de 1892 (5). UP1 242-3.

Código:

5D

Destinatário: Editor do The Freeman's Journal and National Press

Data: 1892-09-09

Tradução

PREZADO SENHOR – Encontro-me cercado por duas dificuldades ao tentar responder ao Sr. Taylor. Não desejo rebaixar-me ao tipo de golpe que ele considerou compatível com sua dignidade nem posso entrar em uma discussão do que se passou em reuniões do comitê e conferências privadas, como ele fez. Para fazer ruir o castelo de personalidades e insinuações que ele construiu, basta-me apenas dizer que não tomei uma medida sequer acerca da Companhia Editorial sem consultar meus amigos e companheiros de trabalho e, ainda, que todo o meu esforço foi dirigido para se chegar a um acordo entre aqueles que se opõem completamente à predominância de Sir Charles Gavan Duffy e aqueles que desejam que tal predominância seja absoluta. Mas agora basta desse Sr. Taylor. Não vou mais lhe responder.

O senhor pede, na edição de quinta-feira, que eu e meus amigos garantamos não estarmos tentando tornar a empresa um porta-voz do grupo. É com muito prazer que lhe dou essa garantia e é com satisfação que acrescento que a questão foi resolvida da maneira como sugeri, com o consentimento de Sir Charles Gavan Duffy em trabalhar com uma comissão que irá consultá-lo e lhe oferecer conselhos, sem de forma alguma passar por cima de suas decisões. –
Atenciosamente,
W B Yeats

Descrição e proveniência

Carta impressa, Freeman's Journal and National Press, 10 de setembro de 1892 (6). UP1 243-4.

Código:

5E

Destinatário: Editor do United Ireland

Data: 1892-09-24

Tradução

SENHOR, — Queira, por gentileza, publicar a circular anexa que estou divulgando acerca do Esquema das Bibliotecas da Sociedade Literária. — Atenciosamente,
W B Yeats

“Prezado Senhor,

Nas cidades pequenas da Irlanda existem poucas livrarias e poucos livros. Existe uma sociedade literária aqui e outra ali, algumas das quais já disponibilizam salas de leitura onde, na maioria dos casos, não há nada para ler exceto jornais; e, nas poucas onde há livros, cada um já foi lido três ou quatro vezes. A Sociedade Literária Nacional pretende remediar tal situação e disponibilizar pequenas bibliotecas de empréstimo nos locais onde já existem salas de leitura ou onde quer que haja um comitê local disposto a abrir uma. A quantidade de séries baratas de livros do tipo padrão tornou possível comprar, por quatro ou cinco libras, coleções capazes de representar razoavelmente bem as literaturas irlandesa e geral. A sociedade propõe organizar conferências relacionadas ao esquema e enviar palestrantes, em intervalos programados, para as sociedades locais que concordem com tal operação. Pretendemos iniciar o programa de imediato e uma quantia suficiente de fundos foi angariado para tal. No entanto, para que o trabalho seja realizado em escala maior, muito mais dinheiro será necessário. Pequenas doações, em livros ou espécie, podem ser enviadas para o Tesoureiro Honorário da Comissão da Biblioteca, Conde Plunket, na Rua Upper Fitzwilliam, 25, Dublin; ou para mim mesmo, na Rua Russell, 2, Dublin. — Atenciosamente,

W B YEATS, Secretário Honorário”

Descrição e proveniência

Carta impressa, United Ireland, 24 de setembro 1892 (4). UP I. 244-5.

Código:**5F****Destinatário:** Editor do United Ireland**Data:** 1894-09-01**Tradução**

“PREZADO SENHOR — Em nada adianta nos iludirmos sobre as vendas de ‘Patriot Parliament’. Sabemos perfeitamente que o primeiro volume de qualquer série muito comentada certamente será de grande aporte, independentemente de seus méritos, de modo que as dez ou quinze mil cópias vendidas não são nada de excepcional. Resta saber se o livro ajudou ou não os outros volumes vindouros, e eu sei de inúmeros camponeses que se recusaram a comprar ‘The Bog of Stars’ por ser tão enfadonho o seu antecessor. Na crença de que a literatura é, possivelmente, a maior influência capaz de moldar toda uma nação, reconheço, com profundo pesar e alguma raiva, que a ‘Nova Biblioteca Irlandesa’ é, até o momento, o mais grave empecilho ao nosso movimento, pois afasta de nós as classes bem educadas que desejamos recrutar e dá aos nossos adversários provas viáveis de que nos faltam erudição, qualquer precisão digna de mérito e equilíbrio mental – qualidades indispensáveis à literatura. Quiçá uma crítica honesta, que dispense a proclamação de ‘um grande dia para Irlanda’, possa ainda salvar a série de ser levada por uma maré de insipidez irrelevante, evitando, assim, que a maior oportunidade a surgir nessas muitas décadas seja desperdiçada por panfletários e amadores. Necessitamos de livros escritos por literatos competentes e que tratem de assuntos de interesse nacional atuais, romances de escritores de talento reconhecido, antologias selecionadas das obras de homens como De Vere, Allingham e Fergusson, assim como biografias imparciais e pitorescas de Emmet, Tom Wolfe, Mitchel e, talvez, O’Connell. Se não conseguirmos encontrá-los, curvemo-nos em silêncio e não falemos mais de renascimento literário, pois assim, pelo menos, deixaremos de ser impostores. Uma releitura de meus comentários no Bookman sobre ‘The Patriot Parliament’ revelará que dei por certos seus méritos históricos, em vez de criticá-los, e que o considerei um bom livro para os anais de uma sociedade erudita. Não fiz nenhuma outra crítica exceto que era ‘insípido’ enquanto o senhor prefere dizer que o livro ‘não é brilhante’ ou ‘não é agradável de ler’. Aceito as suas correções com prazer e ficamos novamente de acordo.

Atenciosamente,
W B Yeats.”

Descrição e proveniência

Carta impressa, United Ireland, 1 de setembro de 1894 (1). UP1 339-40.

Código:**5G****Destinatário:** Editor do Freeman's Journal**Data:** 1899-04-05**Tradução**

PREZADO SENHOR – Uma carta em uma de suas edições mais recentes relatou que eu teria “menosprezado” Thomas Davis, e um amigo acaba de me dizer que foram também publicadas cartas e notas no “Evening Telegraph” baseadas na suposição de que eu teria “atacado” Davis. Não fiz nada disso e acho que tenho o direito de pedir aos meus críticos em Dublin, para que, de agora em diante, tenham suas críticas a partir do que escrevo e não de relatórios condensados e portanto inexatos do que eu teria falado. O único comentário que fiz recentemente sobre a obra de Thomas Davis foi na Sociedade Literária Irlandesa há algumas semanas. Um dos oradores reclamou que o palestrante não havia mencionado em uma lista de poemas jacobinistas um dado poema de Thomas Davis, que o orador considerava “o mais belos de todos os poemas irlandeses.” O que eu disse, entre muitas outras observações sobre assuntos totalmente diversos, eu apreciava este poema específico de Thomas Davis menos do que outros de seus poemas e que se tratava de pura retórica, mesmo que uma retórica que servia a um propósito elevado e patriótico, ou algo nesse sentido. Algum repórter malicioso deve ter feito chocar desta crítica inofensiva um ataque a Thomas Davis. Tenho, como o resto de meus compatriotas, uma profunda admiração pelo homem que, mais do que todos os outros, moldou o que há de melhor no nacionalismo irlandês; entretanto, reivindico aqui para a crítica literária, a mesma liberdade dada em outros países a seus literatos, e receio que os jornais que fazem de tudo para limitar essa liberdade prejudicam de forma ainda mais grave a vida intelectual da Irlanda. - Sinceramente, W. B. Yeats

Descrição e proveniência

Carta impressa, Freeman's Journal, 5 de abril de 1899 (4)

Código:

6A

Destinatário: Editor do The Nation

Data: 1890-01-03

Tradução

PREZADO SENHOR — Acabo de ler crítica sobre minhas “Stories from Carleton,” no The Nation do dia 28 último. Gostaria de saber se o seu crítico conhece bem Carleton. Receio que ele tenha feito escárnio de ler um escritor tão “venenoso”, preferindo gritar “renegado” e usar a velha calúnia, perpetuando-a. Carleton mudou-se para Dublin ainda jovem, na idade em que opiniões mudam. A literatura que a Irlanda tinha até então era protestante; o proselitismo e as letras também haviam, recentemente, se mesclado no mais estranho matrimônio. A tradição dos grandes oradores protestantes da Irlanda ainda era recente. A mente deste jovem camponês do norte ainda estava por se formar, e o brilhantismo, a cultura, o iluminismo, todos pareciam ter se unido em aliança contra a sua antiga Fé. Ele mudou seu credo. Não há sequer um vestígio de prova de que ele não tenha se convertido por motivos sinceros, ou que “ele escrevia para o mercado”, como o crítico coloca. Por alguns pouquíssimos anos, ele zelou muito por suas novas opiniões — ardor esse que foi diminuindo cada vez mais. Com o passar do tempo, Carleton cancelou trechos e mais trechos de fervor religiosos de suas histórias quando de sua reimpressão — as mais equivocadas ele nunca voltaria a publicar. Quando do ápice de seus talentos, ele se descobriu ainda mais ferozmente oposto ao a todo tipo de proselitismo, o proselitismo protestante mais do que qualquer outro. Mostrou, em livro após livro, que seu coração estava totalmente dedicado à fé de sua infância. A “Igreja da Irlanda” foi objeto de sátira por um homem de gênio somente uma vez desde Swift: esse homem foi William Carleton.

Tenho aqui ao meu lado, coletadas do Christian Examiner e encadernadas em volume único, as histórias anti-católicas de sua infância. Eu, e não Carleton, as coletei. Se ele tivesse escrito para o mercado, não as teria deixado dormindo nas páginas empoeiradas de uma revista antiga, pois elas têm um certo poder em abundância. Elas formaram, no fim, um volume fino; não pesa muito em gênio ou avoirdupois. Além disso, há alguns trechos dispersos em “Shane Fadh”, uma história de amplitude e poder quase Chaucerianos, e em um ou dois outros do “The traits and stories”. No outro prato da balança, Carleton jogou todas as obras de seu auge — a defesa feroz de “M’Clutchy”, as muitas cenas acaloradas de vida inteiramente Católica de “The black prophet” e “Ahadara”. A partir de alguns anos antes da publicação de “M’Clutchy”, em 1846, até a sua morte em 1870, escreveu livro após livro em enorme profusão, quase todos contendo algum elogio, defesa ou descrição carinhosa da fé de sua infância. No entanto, bom crítico do Senhor não tem para ele nenhuma palavra além de “renegado”; nenhuma menção ao seu gênio ao invés de “rancoroso”. A Escócia abandonou Burns ao Fisco; o mundo já zombou dela por isso. O próximo século acharia muito estranho olhar para trás, muitos anos depois de nosso grande Burns da prosa ter apodrecido no túmulo e todos os outros leitores terem aprendido a honrá-lo, e ver que, no seu próprio país, não se encontra quem honre sua memória além daquilo que seu crítico tem o prazer de chamar “o pelourinho literário”. A posteridade acharia que estamos inteiramente entregues à ignorância e à noite eterna. E, no entanto, o catolicismo pode muito bem se dar ao luxo de ser generoso; nenhum católico precisa manifestar o fanatismo de um pobre sectário qualquer. Cansei-me do vosso crítico. Entristeço-me por completo ao pensar que qualquer compatriota de Carleton torne uma carta deste tipo necessária. No entanto, não há entre o nosso povo tal medo do nome de

Carleton. O povo é mais generoso do que aqueles que pretendem educá-lo e não se esquecerá deste grande escritor do interior de seu próprio país, um homem que permaneceu para sempre camponês como eles, com toda a sua paixão, todos os seus sentimentos. Bem perto de mim, aqui em Londres, mora uma velha costureira, muito pobre e devota, que se lembra de como Carleton costumava jantar na cabana do pai – um camponês em meio a camponeses. É tarde demais para gritar “renegado” e, felizmente, o “pelourinho literário” não está sob o comando de nenhum articulista. Fariam muito melhor os jornalistas irlandeses se se dedicassem a conseguir a republicação dos grandes romances de Carleton. É culpa das editoras católicas da Irlanda que “Black prophet” e “Fardorougha the miser” – juntamente a “Castle Rackrent”, da Srta. Edgeworth, nossas maiores obras de ficção – estejam esgotados, enquanto os primeiros contos, semeados discretamente com trechos anticatólicos, assim como os romances católicos medíocres de sua decadência, estejam disponíveis em inúmeras livrarias. Podem-se comprar apenas em bancas de livros usados as grandes obras de sua maturidade, nas quais ele derramou a luz da imortalidade sobre o camponês e a Irlanda católica. Atenciosamente, etc.,
W. B. YEATS.

Descrição e proveniência

Carta impressa, The Nation (Dublin), 11 de janeiro de 1890 (5). UP1 167-9.

Código:

6B

Destinatário: Editor do The Bookman

Data: 1892-11-01

Tradução

A única grande dificuldade que recai sobre toda a especulação acerca de quem deve ser o Laureado é que, por um motivo ou outro, os únicos homens claramente dignos do título são, provavelmente, também os últimos a quem este será oferecido, ou que o aceitariam caso fosse. O Sr. Swinburne não enterrou tão fundo suas velhas convicções, e nem esqueceu por completo seus nobres versos sobre “o pintarroxo piando no pulso de reis”, para assumir um cargo oferecido pela Corte; nem o Sr. William Morris estaria pronto para trocar as aulas em Kelmscott House por canções sobre matrimônios reais, por maior o tonel de xerez que lhe oferecessem na barganha. Quando os requisitos atrelados a um posto destinado ao maior poeta de uma época são tais que o tornam impossível para os dois únicos homens para ele qualificados, tanto pelo gênio quanto pela aclamação do público mais distinto de sua época, é porque, sem dúvida, chegou a hora dessas condições serem revistas. Se elas não forem revistas, pois o fim de algo tão venerável e ilustre como a Laureamento deve estar fora de questão, acabaremos por ver o supremo artista que se foi sucedido por alguma mediocridade ilegível, ou um fluente mercador de banalidades com a garganta ainda rouca de tanto se propagandear. Todos os oficiais públicos, do primeiro-ministro para baixo, foram oficiais da Corte; no entanto, eles agora respondem à nação e tão-somente à nação. Certamente, também é hora de transformar o Laureamento e de deixar de esperar que um laureado, em troca de sua pensão e seu xerez, não faça nada além de celebrar questões de importância nacional, grandes batalhas – se as julgar travadas por uma causa justa – as mortes de homens famosos por suas ações ou seu intelecto, e a luz sempre vindoura, e que nunca vem, desse ideal de paz e liberdade rumo à qual todas as nações caminham tropeçadamente na escuridão – a menos que ele assim deseje, afinal de contas as musas pouco se prestam à função de servas. Nos velhos tempos, a imaginação do mundo sair-se-ia mal sem seus reis e nobres, pois naqueles tempos, quando poucos sabiam ler e as distâncias entre duas pinturas estendiam-se por milhas, eles mantinham perante a mente dos homens um ideal mais refinado e amplo da vida do que era possível para o pequeno chefe em sua torre tomada por junco ou para o camponês em seu rústico chalé. Mas agora ninguém pode dizer que a vida apresenta-se sob as melhores condições entre a realeza e nobreza, já que requinte e uma vida ampla espalharam-se por estradas e ruelas, e o Laureado deveria segui-los e ser seu mestre de cerimônias. Certamente a maioria de nós, qualquer que seja nossa afiliação política, sente que “Os idílios do rei” é um pouco prejudicado pelas dedicatórias para o príncipe consorte e para a rainha, e não necessariamente porque eles não merecessem os mais altos elogios, mas porque nenhum dos dois representa para nós o tipo mais completo e mais bonito de vida do que é possível para qualquer um de seus súditos, e porque a tentativa de fazê-lo, ainda que nas mãos de tão poderoso poeta, acaba por diminuir a importância dos grandes tipos criativos como Arthur e Guinevere, e imprime ao maior poema romântico do século um certo grau de absurdo. Mal podemos tolerar a comparação que Spenser faz da Rainha das Fadas com a Rainha Elizabeth, pois mesmo naquela época tais comparações já se tornavam obsoletas, mas dificilmente podemos perdoar o prejuízo que o nosso atual poeta da corte causou ao poeta laureado do povo. Não seria isso razão suficiente, ainda que todas as outras razões não existissem, para nacionalizar o Laureamento? Uma vez que isso seja feito de modo proeminente, o

posto se tornará a maior honra que qualquer país pode conferir a um homem de letras – e nem o Sr. Swinburne ou o Sr. Morris encontrarão razões para rejeitá-lo. Qualquer um dos dois seria um sucessor digno de Wordsworth e Tennyson, Morrison sendo o mais merecedor dos dois, talvez, uma vez que ele ainda produz uma obra nem um pinga menos tocante do que eram as canções e histórias de sua juventude, ao passo que o Sr. Swinburne tem mostrado, já há algum tempo, se considerarmos estritamente seus versos, demasiado cuidado com o som e demasiado descuido com o sentido. Esta minha missiva tratou de assuntos muito distantes da crítica literária e é um tanto discursiva, mas desconheço melhor momento para um homem ser discursivo e dizer o que pensa, da forma que bem entender, do que quando está a sugerir algo que sabe não ter a menor chance de ser feito. Além disso, se eu não tivesse falado um pouco das coisas em geral, acabaria por ter discutido as pretensões de pessoas perfeitamente absurdas, e até mesmo ter levado a sério aquele de quem se diz que se auto-intitula ‘de Penbryn’, para ser diferenciado do seu homônimo do Parnasso.

Descrição e proveniência

Carta impressa, The Bookman, Novembro de 1892 (53). Wade, 218-20.

Código:**6C****Destinatário:** Editor do United Ireland**Data:** 1894-11-10**Tradução**

“Prezado Senhor,

Em uma crítica do inteiramente interessante e parcialmente encantador libreto do Sr. M’Call, o Senhor menciona “que os americanos não se importavam com os críticos de Londres” e aponta a moral afirmando que “uma indiferença adamantina ao julgamento’ de todos os públicos, exceto o da Irlanda, é ‘a única posição honrosa a ser tomada por um livro irlandês”. Receio que a história da América dificilmente esteja de vosso lado, pois Walt Whitman, o mais nacional de seus poetas, era tão negligenciado e perseguido que talvez tivesse se silenciado, não fosse a admiração e a ajuda de um pequeno grupo de artistas e literatos irlandeses e ingleses, enquanto inúmeras pessoas insípidas reproduziram, em versos rasos e mediante o clamor de aplausos americanos, as tendências de outros países e o sentimentalismo do seu próprio. A verdade é que o público da América era ignorante e ocioso, da mesma forma como o público da Irlanda ainda o é. Por isso era frequentemente necessário para um escritor americano original, e muitas vezes para o escritor irlandês original, apelar primeiramente não aos seus compatriotas, mas àquele pequeno grupo de homens criativos e estudados espalhados por muitas terras e cidades, além de confiar na sua própria influência e na influência de seus companheiros para construir, na plenitude do tempo, um público instruído no país em que ele vive e trabalha. A verdadeira aspiração deve ser tornar a crítica tão internacional, e a literatura tão Nacional, quanto possível. Uma ambição contrária seria, na Irlanda, particularmente perniciosa, pois poderia por as opiniões dos nossos jornais diários acima das dos grandes estudiosos, transformando um público vazio e pouco instruído em padrões dos homens de intelecto.

“Escrevo esta carta porque os comentários do Senhor me parecem representar uma opinião comum e que acabará adiando o dia em que escritores a quem o Senhor admira tanto quanto eu — a Srta. Barlow, a Sra. Lawless, o Dr. Hyde e o Sr. O’Grady — cujo memorável “Coming of Cuchullin” encontra-se na minha mesa — entre outros, terão tanta influência em questões puramente intelectuais quanto, digamos, parlamentares, vereadores e outros personagens ilustres, porém não muito literários. — Atenciosamente,

“UM ESTUDANTE DE LITERATURA IRLANDESA”

Descrição e proveniência

Carta impressa, United Ireland, 24 de novembro de 1894 (1). L, 238-9.

Código:**6D****Destinatário:** Editor do United Ireland**Data:** 1894-12-01**Tradução**

“PREZADO SENHOR, — Sei perfeitamente bem o que Emerson escreveu a respeito da “sagacidade e sabedoria” de “Folhas de Relva”, mas não consigo entender como seu louvor altera o fato de que, enquanto o Sr. W. M. Rossetti publicava uma seleção inglesa dos poemas de Whitman e o Sr. Ruskin e George Elliot celebravam o poder e beleza deles, o público americano enxotava seu autor de um cargo no governo por causa da suposta imoralidade dos poemas. Tampouco entendo como, quando em sua velhice, a despeito das honras que toda a Europa reservava a seu nome, as principais revistas de seu país ainda não se envergonhavam de recusar suas contribuições. Whitman, como toda mente grandiosa e honesta, exercia um apelo grande não à maioria ignorante, seja inglesa, seja americana, mas àquele público, “próprio embora escasso”, que é mais importante do que qualquer nação, uma vez que se constitui de pessoas escolhidas dentre todas, e é esse público que, através das palavras de George Elliot, Ruskin e Emerson, o honrou e o coroou entre os imortais.

No entanto, suspeito de que estejamos meramente contrapondo palavras, pois concordo com o Senhor que, se quisermos ter um público leitor na Irlanda, precisaremos ter uma crítica irlandesa para dizer-lhe o que ler e o que evitar. Não acredito, todavia, que estaremos mais próximos dessa meta ao exigir que os escritores irlandeses desenvolvam “indiferença adamantina ao julgamento de todos os públicos exceto o do público da Irlanda” como “a única posição honrosa” a se assumir. Essa não é, de maneira alguma, uma questão que deva envolver escritores, mas sim jornalistas, editores e donos de jornais da Irlanda. Se críticas de qualidade forem escritas em jornais irlandeses, a elas se dará a devida importância, tanto entre os escritores quanto entre o público. Porém, enquanto os críticos irlandeses continuarem forçados a criticar livros irlandeses em jornais ingleses, ninguém dará ouvidos a nenhuma crítica feita na Irlanda. Um ou dois dos nossos jornais estão fazendo um pouco, muito pouco, mas no geral o amadorismo reina supremo e os poucos artigos que demonstram algum conhecimento, e aquela qualidade – ainda mais rara – o discernimento, passam despercebidos e perdem-se em meio a um ritual vazio de convenções e preconceito.

Atenciosamente,

“UM ESTUDANTE DE LITERATURA IRLANDESA”

Descrição e proveniência

Carta impressa, United Ireland, 1 de dezembro de 1894 (1). L, 241-2.

Código:

6E

Destinatário: Editor do United Ireland

Data: 1895-02-16

Tradução

SENHOR – Vejo na edição de sábado passado que o Festival Musical Nacional será realizado, se possível, no aniversário do nascimento de Moore; e, pelo que percebi do tom geral do artigo, será uma espécie proclamação anual da grandeza do compositor. Peço encarecidamente ao comitê, se assim for, que levem em consideração a mudança na apreciação de críticos eminentes em relação à maior parte das obras dele. À medida que a fama de Keats, Shelley e Wordsworth vem crescendo, a fama de Southey, Campbell e Moore vem declinando, e se tal mudança de opinião for de fato justificada, um “Festival Musical” permanentemente ligado ao nome de Moore haverá de repelir, a cada ano, muitas pessoas instruídas que poderia estar atraindo; pois não é possível celebrar a contribuição inquestionável dele à música irlandesa sem também celebrar sua mais questionável contribuição à literatura. O autor do artigo a que me refiro parece considerar que somente a opinião inglesa e a opinião dos irlandeses que desprezam a literatura irlandesa – pelo menos é assim que eu entendo – recusam a Moore o título de grande poeta. O Senhor pode resolver a questão de uma maneira que certamente será interessante, ao mesmo tempo que ajudará a chamar a atenção para o projeto do Festival, se pedirdes aos irlandeses que vêm alcançando fama tanto na criação quanto na crítica da literatura criativa – o Sr. O’Grady, o Sr. Stopford Brooke, o Sr. King, o Sr. Johnson, o Sr. Graves e seus companheiros de trabalho – que enviem uma pequena amostra de suas opiniões para serem publicadas no United Ireland.

Naturalmente, é possível, embora sempre improvável, que as pessoas cultas de uma certa época possam estar erradas, mas a única corte de apelação de seu julgamento é o tempo. Caso o veredito deles for contra Moore, seria fácil encontrar alguma outra data, como o aniversário da morte de Carolan – caso seja conhecida – ou a morte de um dos antigos músicos gaélicos, que poderia ser repleta de simbolismo nacional e não perpetuaria nenhum entusiasmo acrítico. Somente insisto nesse assunto porque acredito que a literatura irlandesa, ao conseguir desvencilhar-se da artificialidade e da insinceridade, conquistará, nos próximos anos, penetração em todas as classes [sociais] da Irlanda, trazendo um pouco de fogo patriótico até mesmo aos cantos obscuros da anglofilia. Cada uma das pequenas nacionalidades da Europa passou pela mesma luta que agora enfrentamos; e em quase todos os casos, a literatura e a história nacionais é que instigaram o patriotismo nas classes instruídas, ao passo que, em nenhum caso, puderam fazê-lo antes de aprender a colocar a verdade acima da glória nacional Atenciosamente,
UM ESTUDANTE DE LITERATURA IRLANDESA

Descrição e proveniência

Carta impressa, United Ireland, 16 de fevereiro de 1895 (1). Essa carta teria aparecido em I. 439.

Código:

7A

Destinatário: Editor do Daily Express (Dublin)

Data: 1895-01-26

Tradução

SENHOR – O Prof. Dowden diz que a literatura irlandesa tem muitos problemas, o que, de fato, é óbvio; nem poderia ser diferente tratando-se de uma literatura ainda jovem, uma literatura experimental, uma literatura comprometida com materiais nunca antes explorados e que busca um público majoritariamente entre pobres e ignorantes. A única questão a se debater é se a melhor maneira de superar esses problemas seria peneirar e revelar o que há de excelente, como o Sr. Stopford Brooke, o Sr. Rolleston, o Dr. Hyde, o Sr. Ashe King, o Sr. Alfred Perceval Graves, o Sr. Lionel Johnson e os outros líderes do “Movimento Literário Irlandês” vêm tentando fazer; ou fazer como o Prof. Dowden, que diz uma ou outra banalidade vaga sobre retórica, sentimentalismo e técnica ruim. Não nos interessa debater se essa literatura é importante ou não, mas apenas se ela é ou não nova. Se for nova, nenhum homem vivo pode calcular sua importância ou dizer para onde soprarão seus ventos no futuro, não apenas na Irlanda mas também fora dela. E penso eu que qualquer homem incapaz de ver uma qualidade distinta em “Outlaw of Loch Lene”, de Callanan, em “Mairgreod Ni Chealleadu”, de Walsh, em “Marriage” e “Plea for love”, de Davis, em “Ode to The Maguire” and “Woman of three cows”, de Magan, em “A Cushla Gal ma Chree”, de Doheney, em “Winding banks of Erin”, de Allingham, em “Conary”, de Ferguson, em “Wedding of the clans”, de Vere, e em inúmeros outros poemas que não são nem retóricos nem sentimentais, nem possuem flacidez técnica, deva ser preconceituoso ou algo destituído de sensibilidade artística. Tenho certeza de que se o Professor Dowden não percebe essa qualidade distinta, só pode ser porque não deu ao assunto a devida atenção. E se a percebe, pergunto, então se considera ter feito seu dever para com esse novo impulso criativo. Não é possível isolar Ferguson e dizer que apenas ele tem o que é necessário, pois todos os homens que mencionei escreveram algo tão distinto, tão repleto de pathos, tão característico quanto qualquer um dos poemas de Ferguson. Faltam-lhes o propósito épico e a excelência continuada de Ferguson, mas em certos momentos o superam em delicadeza e no domínio do que Blake descreveu como “palavras minuciosamente apropriadas.” O Professor Dowden é, há anos, nosso crítico representativo e durante esse tempo fez pouco pela reputação de Ferguson, a quem ele admira, e nada pela reputação dos outros que citei, a quem Ferguson admirava. Nosso “movimento”, por outro lado, existe apenas há três ou quatro anos, e durante cujo período tem denunciado a retórica com uma veemência mais ardorosa do que o Prof. Dowden jamais o fez. O movimento tem exposto o sentimentalismo e a técnica flácida com mais eficiência do ele, com seu conhecimento imperfeito da literatura irlandesa, seria capaz de fazer. Ao mesmo tempo, porém, tem persuadido os homens e mulheres irlandeses a lerem o que há de excelente na literatura irlandesa do presente e do passado, além de ter acrescentado a essa literatura livros de folclore, livros de história, livros de ficção e livros de versos, os quais, quaisquer que sejam seus defeitos, ainda sim são expressões do mesmo humor dominante, do mesmo impulso criativo que inspirou Ferguson e os poetas que mencionei. Tampouco é um esforço constrangido de se criar uma literatura, mas sim a expressão espontânea de um impulso que vem ganhando poder há décadas e que se faz ouvir na calmaria dos nossos tumultos políticos. Não vi nenhuma menção nas resenhas da palestra de Hon Roden Noel ao fato de que ela foi dada originalmente na Sociedade Literária Irlandesa de Londres, sendo, portanto, um exemplar do nosso

trabalho. – Atenciosamente,
W B Yeats

Descrição e proveniência

Carta impressa, Daily Express (Dublin), 26 de janeiro de 1895 (5). UP1, 347-8.

Código:

7B

Destinatário: Editor do Daily Express (Dublin)

Data: 1895-01-30

Tradução

SENHOR – O Prof. Dowden nos disse o quanto ele ama moderação e precisão – e eu imediatamente reconheço que as críticas dele geralmente exemplificam ambas as qualidades – , mas receio que a introdução do seu livro prestes a ser lançado terá muito pouco das duas virtudes. O professor agora admite que uma grande parte da retórica calorosa da introdução foi escrita há mais de onze anos; ele, no entanto, estás prestes a republicá-la como crítica a um movimento que não existia então, movimento este tem feito tudo ao seu alcance para por fim aos mesmos vícios que o Professor condena. Não é possível também parabenizá-lo pela civilidade e justiça da última frase de uma de suas curiosas cartas – pois em nenhuma parte do mundo é considerado autopromoção, ou medo de crítica, responder a um ataque feito a um movimento público, especialmente quando tal ataque é marcadamente ardoroso, e – o Prof. Dowden há de me perdoar por assim dizer – interpenetrado com inexatidão pelas próprias condições nas quais foi escrito.

Atenciosamente,

W B Yeats.

Sligo, 30 de janeiro.

Descrição e proveniência

Carta impressa, Daily Express (Dublin), 31 de janeiro de 1895 (4).

Código:

7C

Destinatário: Editor do Daily Express (Dublin)

Data: 1895-02-07

Tradução

SENHOR – Acaba chegar até mim uma prova divertida da falta de fundamentos de uma das acusações do Prof. Dowden contra o movimento literário irlandês. No mesmíssimo momento em que o professor enviava a introdução para publicação, dizendo que elogiamos exageradamente tudo o que é irlandês e saímos por aí “cobertos de trevos e delirando com Brian Boru”, um certo periódico oferecia a hospitalidade de suas páginas a uma longa carta anônima que fazia uma acusação diretamente contrária. O autor da carta acusou alguns dos membros da Sociedade Literária Irlandesa de desestimular “trabalhadores dignos no campo”, de empenhar-se na substituição da busca pela “arte elevada” pelos dias antigos e despreocupados, nos quais todo escritor patriota era tão bom quanto o seu próximo. Ele nos acusa até mesmo de fazer alegações contra os méritos literários do Partido da Jovem Irlanda. Os sentimentos dele com relação a um membro, que fora bastante ativo na crítica, apoderaram-se dele tão completamente que o professor pôde apenas dizer que esse membro andava de maneira deselegante, seus hábitos pessoais eram questionáveis e seu rosto, sujo; mas disse tais coisas com uma eloquência tão exuberante que contra ela eu nem tentarei competir. Não vou fazer propaganda do tal periódico revelando-lhe o nome, mas terei muito prazer em mandar a minha própria cópia ao Prof. Dowden, embora seja uma das minhas posses mais estimadas; arrisco dizer que, com um pouco de empenho, posso lhe encontrar muita coisa semelhante em outros periódicos. Fossem necessárias provas do grau de dominação dos ideais escolásticos – ou, melhor ainda, ideais de sala de aula – sobre Dublin, o Sr. Colles forneceria tais provas ao opinar que é “um disparate” um jovem escritor como eu apresentar uma “objeção séria” a algumas das opiniões e métodos de um literato mais velho e mais famoso. Por acaso, o Sr. Colles esqueceu que toda revolução literária que o mundo já viu foi feita pela disposição dos jovens de se revoltarem contra o que Walt Whitman chamou da “audácia infundável das pessoas eleitas”?

Atenciosamente,
W. B. Yeates [sic]

Descrição e proveniência

Carta impressa, Daily Express (Dublin), 7 de fevereiro de 1895 (5). UP1, 348-9.

Código:

7D

Destinatário: Editor do Daily Express (Dublin)

Data: 1895-02-27

Tradução

SENHOR

Durante nossa recente controvérsia com o Prof. Dowden, alguns dos meus vizinhos aqui no oeste da Irlanda me indagaram quais livros irlandeses deveriam ler. Como não tenho dúvida de que outras pessoas em outros lugares tenham feito indagação semelhante, envio-lhe uma lista de trinta livros, na esperança de que o Sr. O'Grady, o Sr. Rolleston, o Sr. Ashe King, ou outro literato irlandês preencha as lacunas. Excluí todos os livros de forte cunho político, de modo a não desagradar ninguém desnecessariamente, e incluí apenas livros de imaginação ou livros que me parecem necessários para o entendimento da imaginação irlandesa e que possam agradar a mim e aos leitores em geral. Desse modo, é possível que eu tenha me aproximado mais do que interessará ao próximo século do que se tivesse enumerado volumes substanciais "que não podem faltar na biblioteca de nenhum cavaleiro". Pois é possível que as pessoas, dentro e fora da Irlanda, ainda estarão cantando –

"Tis my grief that Patrick Loughlin is not Earl of Irrul still,
And that Brian Duff no longer rules as lord upon the hill;
And that Colonel Hugh O'Grady should be lying cold and low,
And I sailing, sailing swiftly from the county of Mayo"

quando os excelentes livros de crítica, pesquisa acadêmica e história que ensinamos em nossas escolas e universidades, e que celebramos em nossos jornais diários, já tiverem chegado ao paraíso. Pois mesmo o melhor livro argumentativo e erudito é como uma invenção mecânica: quando deixa de conter os mais recentes desenvolvimentos, passa a valer, como a maioria das coisas, menos que uma velha canção. Pois o livro mais argumentativo e erudito é como uma invenção mecânica: quando deixa de conter os mais novos progressos, torna-se, como a maioria das coisas, sem valor algum. Eis, então, minha lista, e prometo ao Senhor que não há nela nenhum livro que "endeuse Brian Boru", que nem de perto corresponda ao que Burns faz com Bruce e Wallace ou que inclua um "patuá intelectual" mais "forte" que as características escocesas em Scott e Stevenson.

ROMANCES.

1. Castle Rackrent: de Miss Edgeworth.
2. Father Tom and the Pope: de Sir Samuel Ferguson (Em "Tales from Blackwood").
3. Fardarougha, the Miser: de William Carleton (esgotado).
4. The Black Prophet: de William Carleton (esgotado).
5. Traits and Stories of the Irish Peasantry: de William Carleton.
6. The Nolans: de John Banim (esgotado).
7. John Doe: de John Banim (em volume único, juntamente com "Crohore").
8. The Collegians: de Gerald Griffin.
9. Barney O'Reirdan: de Samuel Lover (Em "Legends and Stories of the Irish Peasantry").

10. Essex in Ireland: de Miss Lawless.
11. Charles O'Malley: de Charles Lever.
12. The Bog of Stars: de Standish O'Grady (Nova Biblioteca Irlandesa).
13. Ballads in Prose: de Miss Hopper.

FOLCLORE LENDAS BÁRDICAS.

14. History of Ireland — Heroic Period: de Standish O'Grady (esgotado).
15. The Coming of Cuchullin: de Standish O'Grady.
16. Fin and his Companions: de Standish O'Grady.
17. Old Celtic Romances: de P W Joyce.
18. Silva Gadelica: de Standish Hayes O'Grady.
19. Beside the Fire: de Douglas Hyde.
20. Teig O'Kane: de Douglas Hyde (Em "Fairy and Folk Tales of the Irish Peasantry").
21. History of Early Gaelic Literature: de Douglas Hyde (Nova Biblioteca Irlandesa).
22. Mythologie Irlandaise: de Darbois Joubainville.

HISTÓRIA.

23. The Story of Ireland: de Standish O'Grady.
24. Red Hugh's Captivity: de Standish O'Grady (esgotado).
25. A Short History of Ireland: de P W Joyce.

POESIA

26. Irish Poems: de William Allingham.
27. Conary: de Sir Samuel Ferguson (Em "Poems").
28. Lays of the Western Gael: de Sir Samuel Ferguson.
29. Love Songs of Connacht: de Douglas Hyde (segunda edição em impressão).
30. Ballads and Lyrics: de Mrs Hinkson.

"The Nolans" e "Fardarougha the Miser" e "The Bog of Stars" são provavelmente os mais memoráveis entre os mais trágicos, provavelmente os mais memoráveis entre os mais trágicos, "Castle Rack-rent" entre os meio-trágicos e meio-cômicos, e "The Traits and Stories", "Charles O'Malley", "Father Tom and the Pope" e "Barney O'Reirdan", entre vários outros contos cômicos. Creio que não há na ficção moderna criação mais singular, apaixonada e melancólica do que o velho avarento Fardarougha, nem nada mais assombroso do que a descrição da casa do fidalgo esbanjador nos primeiros capítulos de "The Nolans", ou o relato, um pouco mais adiante, do "padre mimado" tirando a porta das dobradiças para repousar sobre ela o corpo de sua amante e dos velhos que trouxeram sua caridade. Esses livros viram-se impedidos de alcançar seu lugar em meio à grande literatura porque a tradição literária irlandesa era, quando Carleton e Banim estavam ativos, tão subdesenvolvida que um romancista, por mais genial que fosse, não encontrava convenções adequadas com que trabalhar, tampouco público exigente que o proibisse de misturar barulhentos melodramas a suas revelações. A Inglaterra pode dar-se ao luxo de se esquecer desses livros, mas nós não, pois apesar de todas as suas imperfeições, eles contêm os registros mais memoráveis já feitos com base nos hábitos e paixões irlandeses. "Charles O'Malley", "Father Tom and the Pope", "Barney O'Reirdan" e "The Traits and Stories" também são, de certo modo, registros verdadeiros, mas dispensam recomendação, pois o público sempre recebeu calorosamente todo livro que o entretém e que não exige que levem a Irlanda a sério, enquanto "Castle Rackrent", que o público começou a esquecer, ainda é – e será ainda por muitas gerações – um clássico entre os sábios. Incluí, ainda que com muito receio, "Essex in Ireland" porque, apesar de sua intensidade deficiente, quando lido juntamente com o dramático e apaixonado "Bog of Stars", ele ajuda o leitor a imaginar a Irlanda elisabetana, além de certamente conter uma cena

memorável na qual a multidão trucidada na guerra irlandesa se levanta em protesto. E com pesar excluí os “Irish Idylls” da Srta. Barlow porque, apesar do talento que ela possui para registrar a externalidade da vida camponesa na Irlanda, não sinto que ela atinge o âmago da questão. Eu, de fato, sempre acho que tanto a Srta. Lawless quanto a Srta. Barlow diferem dos grandes romancistas irlandeses pelo fato de observarem o caráter irlandês por fora e não criá-lo por dentro. É possível que elas tenham se curvado à falácia do nosso tempo, segundo a qual a fonte da arte é a observação, quando na verdade é, quase inteiramente, a experiência. As criações do grande escritor não passam dos humores e paixões do seu próprio coração, que recebem nomes próprios e são enviados para andar pelo mundo. “Ballads in Prose” é, por outro lado, uma criação absoluta, um livrinho encantador e sensível, cheio de estilo e melancolia avassaladora. Também contém muitos versos simples e engenhosos sobre deuses e fadas, que provavelmente viverão mais que as histórias estimáveis e críticas copiosas que vão humilhar os orgulhosos. Os livros mais memoráveis na seção de folclore e contos bárdicos são “History of Ireland: heroic period”, do Sr. O’Grady, e “Coming of Cuchullin” e “Fin and His Companions”, também dele. Mas já que ele, assim como os homens que moldam as sagas islandesas em sua presente forma, reconta os antigos contos à sua própria maneira, ele deveria ser lido juntamente com “The History of Early Gaelic Literature” e, se possível, com a “Silva Gadelica”. Porém, não será a esses livros indispensáveis e eruditos que a imaginação retornará inúmeras vezes, mas sim à descrição que [O’Grady] faz em “The coming of Cuchullin”, em que Cuchullin caça o cervo encantado de chifres de ferro, tomado pela fúria da batalha, ou àquele capítulo na “History” no qual o herói está morrendo, escorado em um pilar de pedra, lontras a seus pés, bebendo-lhe o sangue; ou ao relato em “Fin and his companions” dos sete velhos que recebem Fin no topo da montanha e servem-lhe sete pedaços de uma cotovia em um prato, para então comentarem entre si, ao verem Fin em prantos por causa da pobreza deles, que “Os jovens têm tristezas que os velhos desconhecem”. “Ancient Legends”, de Lady Wilde, é a coleção mais imaginativa de folclore irlandês, mas deve ser lida juntamente com o mais acurado e acadêmico “Beside the Fire”, do Dr. Hyde. Lady Wilde conta suas histórias na linguagem costumeira da literatura, mas o Dr. Hyde, com um instinto mais verdadeiro, toma tanto cuidado em retratar a moda dos contadores de história camponeses que, nas raras ocasiões em que não consegue usar as palavras exatas, ele escreve a história em gaélico e depois a traduz para o inglês. Se o leitor tiver uma predileção por folclore, ele pode em seguida ler a coleção copiosa do Sr. Larminie ou os dois livros do Sr. Curtis, ou os vários livros e artigos do falecido Patrick Kennedy. Eu acrescentei um livro de um escritor estrangeiro, “Mythologie Irlandaise” pois é quase impossível entender a sabedoria popular e bárdica irlandesa sem o relato vívido e preciso, feito por esta obra, sobra a antiga mitologia pagã da Irlanda e da queda das fadas e espíritos brincalhões dos deuses da escuridão e decadência da Antiguidade, bem como da queda das pessoas belas e bondosas das fortificações e árvores espinhentas dos deuses da luz e da vida. “Story of Ireland” e “Red Hugh”, do Sr. O’Grady, são as únicas histórias irlandesas puramente artísticas e não-retóricas que temos, mas por serem limitadas, como toda obra de arte, pelo temperamento do seu autor, e por mostrarem todos os eventos a uma espécie de tocha resplandecente, elas devem ser lidas com o volume cuidadoso, imparcial e sóbrio do Dr. Joyce. Para o leitor que está se familiarizando com a poesia irlandesa, eu sugeriria “Irish Poems”, de Allingham, e “Love Songs of Connacht”, do Dr. Hyde, pois neles encontrará a flor mais cativante do caráter irlandês. Em seguida, ele deveria ler as medidas épicas de “Conary” e “The Lays of the Western Gael”; e não deixe de ler “Ballads and Legends”, pois a Sra. Hinkson deu uma expressão distinta a tudo há de mais característico no catolicismo irlandês. A maior parte da poesia irlandesa é, porém, constituída de baladas e líricas avulsas escritas por Mangan, Davis, Doheney, Casey, Callanan, Walsh, Reynold, Moore, Fox e outros entre os mortos, e pelos Srs. Aubrey de Vere, Johnson e Rolleston, Dr. Todhunter, e “AE”, entre os vivos; e desses não há sequer uma antologia excelente. A menos que o leitor aceite uma antologia a ser lançada por mim, terá, na maioria dos casos, de procurar os melhores versos irlandeses em velhos livros de baladas, contentando-se em

encontrar um ou dois bons poemas em cada volume. Existem, porém, alguns livros além dos de balada, como os Poemas de Mangan (a pequena edição de três pence), “Innisfael”, de De Vere, e “Songs by the Way”, de “AE” – um livro notável, mas não notavelmente irlandês no conteúdo –, além de dois livros de baladas, “National Poetry”, de Gavan Duffy e “Irish Love Songs”, da Sra. Hinkson, o qual não perde a agulha no palheiro. “The Irish Song Book” (New Irish Library) também conta com alguns bons versos, mas, como foi compilado mais ela música do que pelo verso, exclui muitos dos melhores versos e inclui muitos do que, embora muito cantáveis, possuem pouco êxtase e precisão da boa poesia. Muitos dos melhores livros de minha lista podem ser encontrados apenas em livrarias de segunda mão, ao passo que livros de pior qualidade dos mesmos escritores são constantemente reimpressos. A verdade é que o sucesso ou o fracasso dos livros irlandeses têm sido decididos até o momento pelo acaso, pois uma das metades da Irlanda recebe tudo o que é irlandês com um louvor acrítico, e a outra metade, com indiferença acrítica. Fundamos a Sociedade Literária Nacional [em Dublin] e a Sociedade Literária Irlandesa de Londres para dar fim a ambos os vícios e para encontrar um público para o que houver de mais excelente na literatura, nova ou antiga, da Irlanda. O fanatismo político tornou a opinião literária da Irlanda artificial, e, contrariamente ao que diz um de seus correspondentes, não é culpa nossa se o remédio também pareça artificial. Nossa absolvição vem das vendas cada vez maiores de livros irlandeses e da crescente inteligência demonstrada pela crítica irlandesa. – Atenciosamente,
W B Yeats

Descrição e proveniência

Carta impressa, Daily Express (Dublin), 27 de fevereiro de 1895 (5). L, 246-51.

Código:

7E

Destinatário: Editor do Daily Express (Dublin)

Data: 1895-03-08

Tradução

SENHOR – Eu já teria respondido aos meus críticos não fosse pela minha dificuldade em encontrar o que o mais importante deles – o Prof. Dowden – disse ou deixou de dizer. Os relatos que eu encontrei nos jornais matutinos do discurso dele na “The Historical” eram muito escassos para que eu pudesse responder. Porém, acabo de receber de um amigo o Herald de sábado com uma justa e completa exposição dos argumentos do professor. Ele começou acusando-nos de dizer às pessoas que “boicotem a literatura inglesa” e gastou muita de sua eloquência, excessivamente elaborada e irrelevante, com essa acusação absurda. Em seguida, tornando-se por um momento o crítico sério com quem estamos acostumados, deu uma definição admirável para a literatura nacional irlandesa. Teceu, então, alguns comentários sobre a minha lista que mostram, não posso deixar de notar, menos da exatidão escrupulosa de outrora, apresentando, depois, sua própria lista. Disse que uma literatura nacional irlandesa “deve ser baseada nas antigas lendas celtas, deve vir do povo celta do campo, deve ter como base e inspiração a raça e a tradição racial, e não pode nem deve estar separada da filosofia e das influências da religião católica”. Com algumas óbvias correções, que, acredito, o Prof. Dowden aceitará de imediato, esta Irlanda não é completamente celta, da mesma forma que a Inglaterra não é completamente saxã, nem é completamente católica, da mesma forma que a Inglaterra não é completamente protestante. Concorro com essa definição e afirmo que ela cobre todos os livros na minha lista. “Beside the Fire”, “Coming of Cuchullin” e “Fin and his Companions” não são “baseados nas antigas lendas e literatura celtas”? Por um acaso não são “as baladas e letras” da Sra. Hinkson “repletas de filosofia, influência e inspiração da religião católica”? “Fardarougha the Miser”, “The Nolans” e “Castle Rackrent” não são imbuídas com a inspiração da nossa “tradição racial”? Por outro lado, será que a definição do Prof. Dowden abrange ao menos algum dos livros selecionados, de Ussher e Swift e Berkeley, os quais o professor gostaria que consideremos nossa literatura nacional? Cita apenas livros admiráveis, sem dúvida, mas “As viagens de Gulliver” e “Tristram Shandy” apenas poderão ser considerados substitutos dos livros por mim citados quando as obras de Hume forem consideradas literatura escocesa da mesma forma que as de Burns e Barrie, ou quando os escritos de galeses como o Sr. George Meredith e o Sr. William Morris forem considerados tão repletos do espírito galês quanto as triades de Taliesin. O Prof. Dowden devia estar sonhando, ou se sentindo muito eloquente, o que no fim é a mesma coisa, ou jamais teria incluído no mesmo discurso uma definição tão admirável e uma lista tão irrelevante. Ele também afirmou que todos os livros do Sr. Yates foram produzidos no presente século e fundados nesse suposto fato, algum argumento que o relator parece ter esquecido. Se ele se referia à impressão e ao jornal, ou mesmo aos comentários do editor e coisas do tipo, ele estava certo; mas caso tenha se referido, como creio que tenha feito, ao conteúdo, então estava enganado, pois “Beside the Fire”, “The Love Songs of Connaught” e a “Silva Gadelica”, uma coleção de muitos livros sob a nossa ampla abrangência, são traduções de histórias e versos todos de antes deste século, alguns deles de grande antiguidade. Eu poderia, como o prof. Dowden certamente considerou, ter acrescentado inúmeras obras a essas traduções, mas traduções raramente configuram literatura satisfatória. Ao insistir na modernidade dos trabalhos que citei, ele desejava, suponho, mostrar como a literatura irlandesa brotou de um solo

rasteiro, embora seja óbvio que a literatura de um país que mudou sua língua recentemente deva ser muito moderna. Creio, agora, ter discutido todos os argumentos do Prof. Dowden citados na Imprensa – e fi-lo porque é importante mostrar que a “nossa autoridade reconhecida” traz, quando o assunto condiz unicamente à literatura irlandesa, menos da lógica minuciosa, a exatidão escrupulosa, a compreensão solidária, que ele dedica às questões literárias inglesas; na verdade, Dowden não é nenhuma autoridade quando fala de poesia e lenda irlandesas, mas sim um partidarista pronto a agarrar qualquer querela que lhe prometa uma vitória momentânea. Ele, de fato, cometeu aquele erro fatal que os críticos que têm mais conhecimento que ímpeto têm propensão a cometer: postou-se ao lado da tradição acadêmica na eterna luta que esta trava contra o espírito criativo.

Outros se opõem a eu ter dado seis livros do Sr. Standish O’Grady, preferindo que eu tivesse posto “History of Ireland”, de Haverty, os romances de Lefany ou os versos de Griffin no lugar deles. Eu não teria feito nada que não fosse dar ao Sr. O’Grady a fatia do leão, posto que seus livros produziram um efeito mais poderoso que o de qualquer outro escritor irlandês, e a única forma de crítica que eu conheço é o impressionismo franco. Acredito que eles são livros ideais em seu gênero, livros de genialidade, mas mesmo que não fossem, eles ainda teriam em si mais lendas e circunstâncias antigas do que qualquer outro.

Atenciosamente,

W. B. Yeats.

Descrição e proveniência

Carta impressa, Daily Express (Dublin), 8 de março de 1895 (7). UP1, 351-3.

Código:

7F

Destinatário: Editor do United Ireland

Data: 1895-03-16

Tradução

PREZADO SENHOR – Concordo perfeitamente com o Senhor quanto à falta de sabedoria que foi incluir um livro não publicado em uma lista dos “Trinta melhores livros irlandeses”. O fato é que eu vi “prévias” de “Story of Early Gaelic Literature”, do Dr. Hyde, há algum tempo, de modo que quando escrevi minha carta para o Express, fui induzido por um parágrafo nos jornais a pensar que ele já havia sido publicado. A seção histórica da minha lista é, como o Senhor diz, bastante escassa, porém é menos excêntrica quando lida com os comentários explicativos. Se eu não estivesse decidido a excluir todos os livros de forte cunho político, bem como todos os livros que não são nem trabalhos de imaginação, ou livros de pesquisa, que auxiliam o leitor a entender as imaginações da Irlanda, a lista provavelmente teria sido a seguinte:

“History of Ireland in the Eighteenth Century”, de Lecky.

“Red Hugh” e “Story of Ireland”, de O’Grady.

“Short History of Ireland”, de Joyce.

“Ireland Under the Tudors”, de Bagwell.

“Jail Journal”, de Mitchel.

“Autobiography”, de Wolfe Tone.

O Senhor não faz nenhum comentário na seção poética, mas me permitirá dizer que omito alguns dos melhores poetas tão somente porque as edições dos seus poemas são muito pouco críticas para figurar entre os nossos melhores livros. Incomodo-o com esta missiva porque preferiria ser possuído por um demônio, até mesmo por “Modo” ou “Mahu”, do que pelo odioso demônio “Flibbertigibbert”. – Atenciosamente,
W B Yeats.

Descrição e proveniência

Carta impressa, United Ireland, 16 de março de 1895 (3). UP1 355-6.